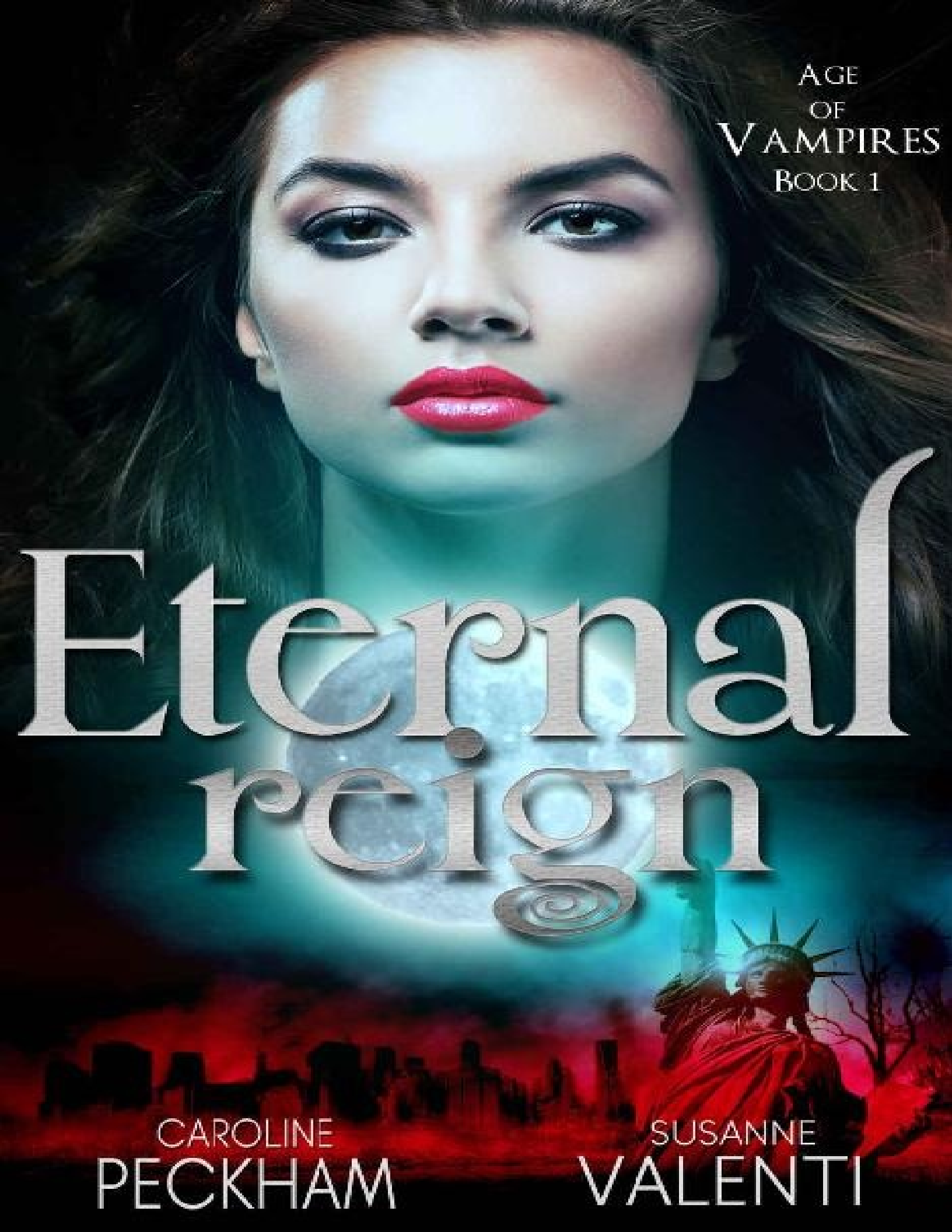

Age
of
Vampires
Book 1
Eternal
reign
Caroline
Peckham
Susanne
Valenti

Índice

Capítulo 1: Callie
Capítulo 2: Montana
Capítulo 3: Callie
Capítulo 4: Montana
Capítulo 5: Callie
Capítulo 6: Montana
Capítulo 7: Callie
Capítulo 8: Montana
Capítulo 9: Callie
Capítulo 10: Montana
Capítulo 11: Callie
Capítulo 12: Montana
Capítulo 13: Callie
Capítulo 14: Montana
Capítulo 15: Callie
Capítulo 16: Montana
Capítulo 17: Callie
Capítulo 18: Montana
Capítulo 19: Callie
Capítulo 20: Montana
Capítulo 21: Callie
Capítulo 22: Montana
Capítulo 23: Callie
Capítulo 24: Montana
Compre o livro 2 AGORA!
Crítica Eternal Reign
Livros de Caroline Peckham
Livros de Susanne Valenti

TAMBÉM POR CAROLINE PECKHAM

NOVELAS DOS JOGOS DE VAMPIROS
A GAME OF VAMPIRES (PREQUELA DA SÉRIE)
– GRÁTIS AO SE INSCREVER NA MINHA LISTA DE CORREIO!
CLIQUE AQUI PARA ASSINAR

OS JOGOS DE VAMPIROS: TEMPORADA 1
JOGOS V
V GAMES: FRESCO DO TÚMULO
V GAMES: MORTO ANTES DO AMANHECER

OS JOGOS DE VAMPIROS: TEMPORADA 2
JOGOS DE LOBO
JOGOS DE LOBO: ILHA DA SOMBRA
JOGOS DE LOBO: DESTINOS SEVEROS

OS JOGOS DE VAMPIROS: TEMPORADA 3
ENSAIOS DE CAÇADORES
HUNTER TRIALS: INTO THE DARK (EM BREVE)

SAGA ERA DOS VAMPIROS

REINADO ETERNO

SOMBRA ETERNA

MALDIÇÃO ETERNA

A SÉRIE A ASCENSÃO DE ISAAC
SOMBRA RASTEJANTE
NEVE SANGRANDO
MARÉ MUDANDO
CÉU LAMENTANTE
LUZ FALTA

A ASCENSÃO DAS NOVELAS DE ISAAC
FOGO CAINDO (PARTE UM)
FOGO CAINDO (PARTE DOIS)

Se você quiser ficar atualizado sobre meus próximos lançamentos, adoraria que você se juntasse à minha lista de e-mails VIP.
LIVRO GRÁTIS AO SE INSCREVER!

Clique aqui para assinar

Clique aqui para encontrar as últimas informações e muito mais em www.carolinepeckham.com

C venha e diga oi no **Facebook**

Ou **me siga no Twitter @carolinepeckham**

Ou dê uma olhada na minha página no Goodreads

TAMBÉM POR SUSANNE VALENTI

SAGA GAIOLA DE MENTIRAS

Acorrentado

Ligado

Quebrado

Vinculado

Livre

NOVELAS GAIOLA DE MENTIRAS:

Vidro cortado

Brasas

SAGA DA TERRA CONTAMINADA:

Aflito

Alterado

Adaptado

Avançado

Descubra as últimas informações sobre novos lançamentos e muito mais em

www.susannevalenti.com

Visite Susanne no Facebook

Adicione os livros dela à sua lista de leitura no Goodreads

CONTEÚDO

Capítulo 1: Callie
Capítulo 2: Montana
Capítulo 3: Callie
Capítulo 4: Montana
Capítulo 5: Callie
Capítulo 6: Montana
Capítulo 7: Callie
Capítulo 8: Montana
Capítulo 9: Callie
Capítulo 10: Montana
Capítulo 11: Callie
Capítulo 12: Montana
Capítulo 13: Callie
Capítulo 14: Montana
Capítulo 15: Callie
Capítulo 16: Montana
Capítulo 17: Callie
Capítulo 18: Montana
Capítulo 19: Callie
Capítulo 20: Montana
Capítulo 21: Callie
Capítulo 22: Montana
Capítulo 23: Callie
Capítulo 24: Montana
Compre o livro 2 AGORA!
Crítica Eternal Reign
Livros de Caroline Peckham
Livros de Susanne Valenti

Este e-book é um material protegido por direitos autorais e não deve ser copiado, reproduzido, transferido, distribuído, alugado, licenciado ou executado publicamente ou usado de nenhuma forma, exceto conforme especificamente permitido por escrito pelos autores. Qualquer distribuição ou uso não autorizado deste texto pode ser uma violação direta dos direitos dos autores e os responsáveis podem ser responsabilizados legalmente.

Publicado por Caroline Peckham e Susanne Valenti 2019

Direitos autorais 2019 Caroline Peckham e Susanne Valenti
Todos os direitos reservados
Caroline Peckham e Susanne Valenti reivindicaram seu direito, sob a lei de direitos autorais, desenhos e patentes de 1998, de serem identificadas como autoras deste trabalho.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é mera coincidência.



CAROLINE PECKHAM

SUSANNE VALENTI

AGE OF VAMPIRES
BOOK 1



A warrior born but monster made,

Changes fates of souls enslaved.

Twins of sun and moon will rise,

When one has lived a thousand lives.

A circle of gold shall join two souls,

And a debt paid rights wrongs of old.

In a holy mountain the earth will heal,

Then the dead shall live and the curse will keel.





Eu reprimi um estremecimento quando uma gota gelada caiu na minha nuca e desceu pela minha espinha.

Meu coração batia mais rápido enquanto eu lutava contra a vontade de tremer. Qualquer movimento poderia me entregar. Eu não podia arriscar ser pego. Não se eu quisesse que minha família sobrevivesse ao inverno. Tudo dependia disso.

A chuva caía constantemente, batendo no telhado de metal acima do meu esconderijo no prédio em ruínas. Gotas de chuva congelantes faziam seu caminho através de buracos no telhado enferrujado. Eu tentei o meu melhor para ignorá-las, mas uma segunda gota rolou por baixo da minha gola, roubando o pouco calor ao qual meu corpo se agarrava. Eu não ajustei minha postura, no entanto.

Eu posso ter ficado desconfortável, mas eu estava esperando nas vigas por um motivo. E eu não estava prestes a revelar minha localização por causa do frio.

Olhei para o pátio do lado de fora do prédio. Quatro andares abaixo de mim, os restos de uma fonte decorativa estavam desmoronando no centro do espaço aberto, mas tudo estava tão molhado devido à chuva torrencial que mal se destacava.

Eu havia trançado meu cabelo loiro firmemente para mantê-lo longe dos meus olhos, mas sentia falta do calor dele ao redor das minhas orelhas enquanto o vento frio soprava implacavelmente pelo meu esconderijo.

Assim como eu esperava, Thomas entrou no pátio e foi em direção à fonte. Ele parou, puxando a gola mais para cima em volta do pescoço.

A satisfação tomou conta de mim como se fosse algo vivo e me permiti um sorriso triunfante.

Eu respirei fundo, desejando que meu coração parasse de acelerar. Se eu estivesse certo sobre isso, então tudo poderia estar prestes a mudar para nossa família. Qualquer coisa que Thomas pudesse fazer, eu tinha certeza de que poderia fazer melhor.

Ele ficou na chuva torrencial, olhando ao redor nervosamente enquanto ela alisava seu cabelo castanho-lamacento para sua testa e obscurecia seus olhos. Eu entendi sua necessidade de segredo. Se alguém descobrisse o que ele estava fazendo, eles o seguiriam como eu planejei ou pior... eles o entregariam aos vampiros.

Outra gota escorregou pela minha espinha e seu toque congelante escorregou para minhas veias. Eu já ansiava pelo fim do inverno e ele mal tinha começado.

Com lenha quase insuficiente para todos e comida mais escassa do que nunca, estava se preparando para ser uma temporada bem horrível. A menos que eu conseguisse fazer isso.

Finalmente confiando no fato de que estava sozinho, Thomas atravessou o pátio. Foi até onde consegui rastreá-lo até agora. Eu sabia que ele vinha a este pátio regularmente, mas, pela minha vida, não tinha ideia de para onde ele ia a partir daqui.

O aviso da minha irmã soou no fundo da minha cabeça. *Ele pode estar pegando de um vampiro. Pelo que sabemos, ele pega vendendo o resto de nós.* Mas meu instinto me disse que não era isso. Ele pode ser um verme, mas eu não imaginei que Thomas fosse um rato. Não. De alguma forma, ele estava entrando e saindo do Reino. Sem ser detectado. Até agora, pelo menos.

Sorri para mim mesmo quando ele passou por cima da parede parcialmente quebrada da fonte e caminhou pelas águas mais profundas além dela.

Ele olhou por cima do ombro uma última vez antes de escalar o muro mais alto do outro lado e descer além dele. Eu conseguia ver o topo de sua cabeça enquanto ele se abaixava e um som surdo chegou aos meus ouvidos como algo pesado sendo arrastado sobre concreto.

O barulho parou e Thomas se levantou novamente, examinando a área. Eu me mantive firme em minha posição sombreada nas vigas, apesar da cãibra crescendo em meus músculos. Eu sabia que ele não podia me ver, mas meu coração pulou quando seu olhar varreu meu esconderijo. Ele nem mesmo deu uma segunda olhada em minha localização, mas se virou para olhar o que quer que estivesse aos seus pés e então sumiu de vista.

Minha respiração ficou presa e eu me inclinei um centímetro para frente. O vento jogava a chuva forte no meu rosto e eu apertei os olhos para tentar ver para onde ele tinha ido. Não adiantou. Ele não reapareceu.

A indecisão me congelou no lugar. Se essa fosse outra tentativa de expulsar alguém que o estivesse seguindo, então sair me entregaria. E se ele me pegasse espionando-o, ele nunca mais cometeria o erro de me deixar fazer isso. Essa era minha única chance. Se eu não fosse logo, eu o perderia.

"Dane-se", murmurei enquanto agarrava a borda da viga grossa em que estava apoiado e me balançava para fora do meu esconderijo.

Fiquei pendurado na madeira por alguns segundos e usei meus dedos para sentir a borda da parede abaixo de mim. Meu estômago se contraiu de medo enquanto eu lutava para encontrá-la e meus braços começaram a tremer. Com uma onda de alívio, minha sola direita se conectou com a alvenaria em ruínas e eu me balancei em direção a ela até que ambas as minhas botas a encontraram. Assim que recuperei o equilíbrio, soltei minha pegada na viga e me agachei no topo da parede.

Um guincho agudo me avisou meio segundo antes de um morcego preto quase colidir com meu rosto. Consegui conter meu grito de surpresa enquanto cambaleava para trás, quase perdendo o equilíbrio. Meu estômago embrulhou e meu braço direito girou descontroladamente por um momento antes de eu conseguir agarrar a alvenaria novamente.

A pequena criatura girou para longe de mim, cruzando o céu em um borrão de movimento enquanto eu tentava acalmar meus nervos. Olhei para o pátio em

que eu quase tinha sido coberto por todo o lugar e soltei um suspiro trêmulo.

Bom trabalho, Callie; por que não se joga para a morte porque uma criatura do tamanho da sua palma te fez pular? Patético.

Forcei minha mente a parar de me repreender mentalmente e olhei de volta para o prédio em ruínas.

Desci pela parte interna da parede onde metade do segundo andar ainda estava intacta e pousei nas tábuas do assoalho com um baque suave. A madeira parecia elástica sob meus pés. Não exatamente reconfortante. Ignorando o piso pouco confiável, corri em direção à escada.

Quatro degraus pendiam suspensos acima do nada e o resto jazia em uma pilha despedaçada abaixo. Os restos sujos de um carpete cobriam o que restava do primeiro andar. Duas décadas de chuva caindo não fizeram nenhum favor.

O buraco que costumava ser uma escada se estendia até o chão. A corda que usei para escalar o prédio horas atrás ainda estava pendurada no lugar onde eu a deixei. Arranquei meu gancho improvisado das tábuas macias do piso e procurei por outra coisa para prender minha corda.

Não havia realmente nenhuma escolha além do corrimão grosso que marcava o topo da escada decadente. Eu o chutei, tentando avaliar sua estabilidade. Ele se moveu ligeiramente, o que não era o ideal. Era isso ou perder meu gancho, no entanto, e o pedaço de metal enferrujado era praticamente inestimável para mim. Certamente insubstituível.

Joguei o gancho na pequena bolsa que carregava nas costas e amarrei a corda no corrimão.

Aqui vai nada.

Eu me joguei sobre a borda e comecei a descer rapidamente. Um tremor percorreu a corda e um rangido pesado soou acima de mim.

“Merda!” Meu coração trovejou em meus ouvidos.

Minhas palmas ficaram escorregadias enquanto o pânico tomava conta de mim. Desisti de balançar e me deixei deslizar. A corda queimou minhas palmas e a dor as atravessou.

Passei pelo segundo andar e estava no mesmo nível do primeiro antes que o som de madeira lascada ecoasse acima de mim e a corda afrouxasse.

Meu estômago disparou e um grito cresceu em meu peito. Bati forte no chão de costas, o ar saindo violentamente dos meus pulmões. Pisquei de dor e avistei o corrimão voando em minha direção.

Rolei para o lado, jogando os braços sobre a cabeça antes que ele pudesse me achatar e o chão vibrasse quando ele caiu no chão.

Espiei por baixo dos braços a devastação que criei. Não havia chance de passar despercebida. Os malditos sugadores de sangue sabiam de tudo. *Quase* tudo, pelo menos. Mas não havia regras sobre ficar longe das ruínas, mesmo tão perto da borda do Reino. Não havia nem regras sobre não destruir coisas aqui. Quem se importaria, afinal? Então, um corrimão inútil caiu em um prédio inútil. Não importava.

Eu me levantei, ignorando a dor nas costas e ombros. Eu tinha certeza de que teria alguns hematomas impressionantes amanhã. Eu teria que ter cuidado para cobri-los perto do papai. Embora se isso desse certo, eu tinha certeza de que ele concordaria que valia a pena o risco. Talvez.

Eu só tinha que esperar que Thomas não tivesse me ouvido. Ou se afastado demais. Eu *tinha* que localizá-lo novamente.

Corri para fora do prédio na chuva. Desejei que meu casaco tivesse um capuz. Ele tinha um buraco no bolso direito e uma bainha desfiada ao longo das costas do material vermelho-sangue. Apesar disso, era considerado um casaco muito bom para os padrões da maioria das pessoas.

Mas eu vi o que os vampiros usavam. Casacos de inverno deveriam ser grossos e quentes e ter capuzes. O pior era que *eles* não precisavam se manter aquecidos. Eles não podiam sentir frio, mas não nos deixavam ter casacos assim e eles sabiam muito bem que podíamos sentir o beijo gelado da estação. Todo inverno as pessoas morriam congeladas. Alguns até se voluntariavam para o banco de sangue em vez de encarar a lenta inevitabilidade desse destino. Pobres idiotas.

Eu corri pelo pátio e subi na fonte. A água lavou o topo das minhas botas e encharcou meus pés. *Perfeito* .

Escalar a parede dos fundos levou duas tentativas; ela estava na altura do meu queixo e escorregadia com água da chuva. Do outro lado, eu acertei na loteria. Thomas tinha levantado uma tampa de drenagem revelando um buraco escuro que levava... bem, para onde quer que ele tivesse ido. Para fora do Reino, sem dúvida.

Olhei ao redor nervosamente. Não havia sinal de ninguém entre as ruínas próximas. Se os vampiros me pegassem saindo do Reino... *não havia tempo para pensamentos covardes.* Mordi o lábio e caí no ralo.

Caí agachado e apertei os olhos enquanto eles se ajustavam à escuridão.

Todos os drenos foram escavados ao longo das bordas do Reino para impedir que exatamente isso acontecesse, e ainda assim, eu conseguia ver luz à frente.

Cautelosamente, comecei a me mover em direção a ele. Não havia sons no túnel, então imaginei que isso significava que Thomas tinha ido embora. Não importava de qualquer maneira. Se isso me tirasse de lá, eu poderia fazer o que precisasse e voltar sem que ele soubesse que eu tinha descoberto seu segredo. A menos que ele fosse tão observador quanto eu.

Notei que ele tinha mais para negociar recentemente, embora ele tivesse tomado cuidado para se espalhar entre muitos vendedores. Também notei o rubor saudável que sua família tinha nas bochechas. E a sutil atualização em suas roupas. Ele estava sendo inteligente sobre isso. Mas não havia muita coisa que me passou despercebida. Especialmente quando eu tinha certeza de que outro inverno rigoroso poderia matar minha família. Não havia como eu deixar isso acontecer.

Com certeza, quando me aproximei da luz, me deparei com a parte desabada do túnel. Alguns dos escombros tinham sido removidos. Apenas o suficiente para permitir que um homem grande rastejasse por ele. O que significava que era mais do que grande o suficiente para mim.

Subi até o buraco e hesitei. Se eu fizesse isso, estaria oficialmente infringindo a lei. Deixar o Reino poderia me levar para o banco de sangue. Se eu fosse pego e me mandassem para lá, isso destruiria minha família. Papai e Montana eram tudo com que eu me importava neste mundo e a ideia de ser tirado deles congelou meus membros no lugar.

Mas se eu não fizesse isso, não tinha certeza se sobreviveríamos. Eu estava pulando o café da manhã há semanas, permitindo que os dois tomassem um pouco mais sem perceber. Eu saía do apartamento primeiro de manhã e já estava fora antes que eles acordassem. Tudo o que eu tinha que fazer era deixar uma tigela secando no escorredor para parecer que eu tinha comido minha porção do mingau antes de sair. E mesmo com esse sacrifício, eu podia dizer que eles não estavam comendo o suficiente.

As rações que recebíamos diariamente estavam diminuindo lentamente. Pouco a pouco, estávamos recebendo menos comida conforme as semanas passavam. Minhas costelas já apareciam muito claramente através da minha pele e meus quadris se projetavam de uma forma que falava das refeições que eu tinha perdido. Precisávamos de mais comida.

Se eu tivesse que arriscar o banco de sangue para garantir que sobreviveríamos, que assim fosse.

Respirei fundo para me acalmar e rastejei pelo buraco.

Não há mais volta agora . Eu tinha acabado de cruzar uma linha da qual não poderia voltar. Eu tinha quebrado a lei e deixado o Reino. Eu só tinha que esperar que valesse a pena.

Olhei para frente e avistei a fonte da luz. Outro dreno estava aberto acima de mim e rapidamente escalei a escada.

Espiei acima da borda do bueiro e parei. Era isso. Se eu escalasse para fora, então eu definitivamente tinha, cem por cento quebrado a lei e deixado nosso Reino. Embora eu provavelmente já tivesse feito isso quando rastejei pelo buraco nos escombros, não havia muito sentido em continuar me preocupando com isso... Hesitei por mais alguns segundos e então escalei para fora.

A rua era muito parecida com aquela em que eu estava minutos atrás, só que do outro lado das cercas elétricas que nos mantinham presos em nosso Reino. Com um sobressalto, percebi que nunca tinha estado tão longe de casa. Minha vida inteira tinha sido conduzida e contida dentro daquele espaço. Cinco milhas quadradas. Era isso, sempre. Vinte e um anos vividos dentro de limites claros. *Até agora* .

Eu sorri enquanto começava a descer a rua, a antecipação apertando meu coração. Não havia sinal de Thomas e eu esperava que continuasse assim. Eu sabia do segredo dele, mas preferiria poder guardar essa informação para mim. Não há necessidade de ele saber que eu sabia. Eu preferiria que ele não fosse capaz de me dedurar para os vampiros se eles suspeitassem. E se eles o pegassem, eles o fariam falar. De jeito nenhum ele morreria para me proteger.

Os blocos de apartamentos mais próximos tinham sido destruídos por qualquer bomba que tivesse destruído as ruínas em que eu estava escondido, então eu os pulei. Nada de bom sobreviveria em um prédio sem paredes.

Corri pelo comprimento do quarteirão e virei para o leste. Um bloco de apartamentos intacto me cumprimentou e eu fui direto para a entrada.

A porta giratória gemeu em protesto sem óleo enquanto eu a forçava para permitir minha entrada. Uma vez lá dentro, parei. A excitação pulsava em minhas veias. Eu não sabia por onde começar.

Um corredor se afastava de mim para a minha esquerda, então eu o peguei. A primeira porta que encontrei estava entreaberta e eu a empurrei, prendendo a

respiração.

O movimento da porta fez a poeira rodopiar à minha frente quando entrei. O apartamento parecia intocado. Duvidei que alguém tivesse entrado lá desde *antes* ...

A vida sem vampiros sempre soou como um conto de fadas para mim. Minha irmã gêmea Montana e eu tivemos o azar de nascer no ano em que eles assumiram, então qualquer coisa antes *deles* não era nada que eu jamais saberia.

Entrei mais no apartamento e encontrei um quarto. O armário sussurrava doces promessas para mim e eu me aproximei, abrindo bem a porta. Fiquei de boca aberta. Eu me senti um completo idiota, mas lá estava; fiquei de boca aberta enquanto olhava para o tipo de roupa com que eu sempre sonhei. Casacos grossos de inverno com *capuz.* Estendi a mão com fome, arrancando um casaco branco do cabide e trocando o meu por ele o mais rápido que pude.

Foi melhor do que eu poderia ter imaginado. Como estar envolto em uma nuvem que acariciava cada parte de mim. Puxei o capuz peludo sobre minha cabeça e o abracei perto do meu rosto. Meus olhos caíram em um espelho de corpo inteiro e eu fiquei imóvel. Não havia como trazer isso de volta. Não havia como explicar.

Fiquei envolto em seu calor por mais cinco segundos antes de tirá-lo de volta. Meu coração se partiu sobre o item perfeito enquanto eu cuidadosamente o pendurava de volta onde ele veio e recuperava meu casaco puído do chão.

Tentei ignorar o frio do material úmido enquanto a decepção se enrolava em meu intestino. Suspirei enquanto procurava o resto das coisas penduradas no armário. No fundo, encontrei algo que eu poderia levar. Conjuntos de roupas íntimas grossas e térmicas estavam dobrados cuidadosamente em uma prateleira fina. Peguei dois conjuntos femininos para mim e minha irmã e um conjunto masculino para o papai.

Dobrei-os cuidadosamente na mochila e dei as costas para os casacos que poderiam ter feito tanta diferença para nós. Meu olhar pousou no edredom grosso que cobria a cama e tive que me forçar a não chorar. Tudo isso estava aqui, tão perto e ainda assim completamente fora de alcance. Tudo o que a população humana do nosso reino poderia ter desejado. Que diferença fazia para os vampiros esconder isso de nós? Eles claramente não queriam e deixá-lo apodrecer aqui, a poucos metros da fronteira do nosso Reino era mais do que cruel.

Fiquei pensando se eles riam de nós enquanto tremíamos. Se encontrar pessoas congeladas até a morte em suas camas era divertido para eles. O ódio percorreu meu corpo mais prontamente do que o normal enquanto eu pensava nisso.

Minhas unhas cravaram nas palmas das mãos com força suficiente para tirar sangue e eu sibilei de dor enquanto me obrigava a flexionar os dedos. Não havia sentido em me preocupar com as coisas que eu não conseguia suportar. Eu precisava me concentrar naquelas que eu *conseguia.*

Corri para a cozinha e comecei a abrir os armários. Eu já estava aqui há mais tempo do que deveria e precisava voltar.

Havia várias latas de comida que enfiei na mochila. Não perdi tempo tentando decifrar os rabiscos nos rótulos que sem dúvida me diziam o que havia dentro

deles. As fotos me deram uma boa ideia e, embora eu não dissesse que não *sabia* ler, também não podia exatamente dizer que sabia.

Não era como se eu tivesse precisado de qualquer forma. Papai tentou nos ensinar, mas eu nunca tive paciência para isso como Montana. Além disso, eu não via como ler poderia ser de muita utilidade para mim.

O último armário que verifiquei continha pilhas de pratos e tigelas, mas, espiando por trás deles, avistei uma embalagem marrom.

Peguei o pedaço de comida embrulhado em plástico e franzi a testa para ele. Eu não tinha ideia do que estava olhando, mas as crianças retratadas na embalagem estavam sorrindo enquanto comiam. A curiosidade levou a melhor e eu rasguei o canto do pacote. Depois de abrir mão das minhas rações de café da manhã, meu estômago estava pateticamente vazio e roncava de antecipação enquanto eu lambia meus lábios.

A comida lá dentro estava marrom. Torci o nariz, pensando que tinha estragado, mas um cheiro delicioso chegou até mim. Levantei-o para mais perto do nariz e cheirei novamente. O cheiro era *bom.*

Quebrei um quadrado com cuidado e coloquei na boca.

A coisa mais deliciosa que eu já tinha provado começou a derreter na minha língua e eu soltei um gemido de puro prazer. Eu nunca tinha comido nada parecido antes e não tinha certeza se eu conseguiria ter o suficiente. Fechei meus olhos para saborear o gosto enquanto ele se dissolvia lentamente na minha língua.

Cuidadosamente dobrando o embrulho de volta para baixo, coloquei a comida deliciosa na minha bolsa antes de fechá-la e jogá-la por cima do meu ombro. Era isso. Eu não aguentava mais e a peguei de volta sutilmente. Era mais do que tínhamos comido em muito tempo. Teríamos uma boa refeição esta noite e algo para nos manter aquecidos enquanto dormíamos. Isso era mais do que eu esperava quando decidi seguir Thomas.

Eu sorri com esse pensamento enquanto me dirigia para a saída. As coisas seriam muito melhores agora que eu tinha esse segredo.



Callie *, sua idiota. Eu sei exatamente o que você está fazendo.*

Fiquei na fila para receber nossas rações diárias, puxando minha gola para mais perto do pescoço. Era de pelo. Bem, mais ou menos. O material coçava e metade da penugem manchada tinha caído ao longo dos anos. Mas era melhor isso do que deixar a chuva gelada entrar.

A lama estava funda sob meus pés, onde as pessoas estavam na fila a manhã toda. A estrada nesta parte do reino havia se desgastado há muito tempo e várias tempestades severas neste inverno deixaram o solo encharcado. Olhei por cima do ombro para os blocos de apartamentos à distância, apenas algumas formas cinzentas e enormes, de aparência tão miserável quanto o céu.

Cheguei mais tarde do que o normal, tendo tentado convencer Callie a não seguir Thomas para Deus sabe onde. As pessoas não saíam do Reino. Isso era um fato simples. Mas Callie se recusou a acreditar em mim. Isso não significava que eu estava feliz em me resignar aos limites deste lugar pelo resto da minha vida, mas minha irmã estava arriscando seu pescoço. E eu não suportaria vê-la pega e acorrentada pelos guardas. Chicoteada e acorrentada. Ou pior: levada para o banco de sangue...

Meu estômago se contorceu enquanto eu me arrastava atrás de Bert e Martha na minha frente. O cabelo de Bert tinha sido reduzido a alguns tufos grisalhos acima das orelhas e Martha mantinha seus cachos ralos escondidos sob um chapéu puído. Como de costume, nos cumprimentamos com acenos curtos e conversas educadas.

"O tempo está ruim hoje."

"Provavelmente vai chover o mês todo como no ano passado."

Eram as coisas não ditas que me assombravam. O clima era um assunto seguro, um ao qual a maioria das pessoas se apegava. Mas seus olhos fundos falavam de noites sem dormir, do medo de ficar um ano mais velho. Bert e Martha tinham quase sessenta anos. E os membros mais velhos da sociedade às vezes simplesmente... desapareciam. Ninguém sequer mencionava isso. Um dia eles estariam aqui, no outro já não estavam mais. E todos agiriam como se nunca os tivessem conhecido.

Eles se viraram para encarar a fila e eu me arrastei atrás deles. O Empório era o único prédio que tinha algum tipo de manutenção regular no Reino. Paredes brancas se destacavam nitidamente contra a chuva e um telhado inclinado carregava a água pelas bordas em torrentes.

Abaixei minha cabeça em volta de Bert, tentando dar uma olhada *neles* . Os

vampiros me fascinavam. Claro, eu os odiava até os ossos, mas havia algo neles que sempre fazia meu pulso acelerar. E era mais do que medo. Era sua pele perolada e seus olhos convidativos. Eles eram tão atraentes que não pude deixar de encará-los. Além disso, eles forneciam a única dica disponível de um mundo além deste. Suas roupas eram bem-feitas. Novas. O que falava de um lugar fora do Reino que não tínhamos ideia. Uma cidade? Uma cidade?

Tudo o que eu sabia era que os vampiros não viviam na miséria como nós, mas eu mal conseguia imaginar como seria aquele lugar. A maioria dos livros de *antes* tinha sido queimada há muito tempo. Ainda tínhamos alguns escondidos debaixo de nossas camas em casa, mas a principal fonte de informação que eu tinha sobre uma vida além deste lugar era meu pai.

Ele contou histórias de belas cidades, prados extensos e um mar azul brilhante. O que minha mente conjurou em resposta provavelmente estava errado, mas me manteve seguindo em frente do mesmo jeito. Algo para sonhar neste lugar era um presente precioso.

Coloquei meus longos cachos atrás das orelhas. Callie e eu éramos gêmeas não idênticas. Eu herdei o cabelo ébano do papai e os olhos igualmente escuros, enquanto Callie era como a mamãe, com seus olhos azuis claros e cabelos dourados. Essa era praticamente a única coisa que eu lembrava da nossa mãe. Ela morreu muito antes de eu ter idade suficiente para ter uma conversa de verdade com ela. Mas isso não me impediu de sentir falta dela. Havia um buraco no meu peito onde ela pertencia, e nada jamais o preencheria.

“Próximo,” um vampiro latiu à frente. A frente do Empório tinha um balcão e enquanto Bert e Martha pegavam sua pequena sacola de linho com rações, eu corri para baixo do abrigo da varanda, me aproximando do vampiro.

"Nome", ele exigiu, seus olhos cinza-claros movendo-se do meu cabelo encharcado de chuva para o meu pescoço.

“Montana”, eu disse. “Da família Ford.”

“Ford,” ele rosnou meu sobrenome, olhando para uma lista diante dele, digitada, não escrita. Ele riscou o nome assim que o encontrou.

Eu não conseguia ler muito bem, mas papai tinha me falado sobre a tecnologia de *antes* . A única vez que eu tinha testemunhado isso foi aqui no Empório. Além do vampiro, havia uma série de telas que eram alimentadas por imagens ao vivo de todo o Reino. Os lugares públicos eram monitorados de perto, mas isso ainda não explicava como os vampiros sempre sabiam *de tudo* .

O vampiro jogou uma sacola de linho na minha frente e meu nariz franziu. Era pequena. Menor do que o normal. Abri-a, dando uma olhada lá dentro. "Só um pedaço de pão? Somos uma família de três, hum, senhor." Minha coragem era mais forte quando se tratava da nossa família. E reduzir nossas rações era uma ameaça a eles.

O vampiro olhou para minhas roupas com desdém óbvio. “Cortes,” ele anunciou, então olhou por cima do meu ombro. “Próximo.”

Fiquei paralisado no lugar, meus dedos tremendo enquanto eu agarrava a bolsa. "Estamos mal conseguindo sobreviver", eu disse, tentando manter meu tom de voz nivelado. Levantar a voz para um vampiro era uma ofensa punível. Nós deveríamos abaixar a cabeça para todos os seus caprichos, mas até *eles* devem ter sabido que nos matar de fome era se ferrar também. Eles precisavam

da única coisa que fornecíamos. O único valor da nossa existência. Sangue.

"Seja grata pelo que lhe foi dado, garota", o vampiro rosnou para mim, com um aviso em seus olhos.

A raiva subiu em mim como ácido. Eu não queria causar problemas, mas a última coisa de que precisávamos neste inverno rigoroso era menos comida do que já nos era dada.

Quando o vampiro baixou o olhar para a lista e alguém tentou se aproximar do balcão, bati minha mão embaixo do nariz dele.

“Precisamos de mais do que isso”, exigi.

Cuidado, Montana.

Minha cabeça quente já me colocou em problemas antes. Mantê-la sob controle garantiu que eu estivesse seguro. Mas se minha família ficasse fraca demais para funcionar, todos nós seríamos enviados para o banco de sangue. E eu simplesmente não podia deixar isso acontecer.

O lábio superior do vampiro se curvou para trás. “Afaste-se, garota.”

Um nó forte cresceu na minha garganta. Alguém tentou passar por mim de novo, mas eu não me mexi.

“Por favor”, abaixei meu tom enquanto as pessoas que esperavam na fila começaram a murmurar.

Ao meu pedido, os lábios do vampiro se arrastaram em um sorriso irônico enquanto ele desembainhava um relógio brilhante em seu pulso. "Você sabe o que é isso?", ele ronronou e meu coração bateu mais forte com seu tom aveludado.

“Um relógio?”, adivinhei. Eu já os tinha visto antes e nos era permitida a dignidade de relógios em nossas casas.

“Sim... E este relógio é a diferença entre você e eu. Ele tem valor. Como eu tenho. Como todos da minha espécie têm. Mas você...” Ele se inclinou para mais perto e o cheiro de linho fresco encheu meu nariz. Um cheiro que eu só conhecia por causa deles. “Você é *comida* . Gado vagando. Quando as plantações não florescem, os animais têm que passar fome. E as plantações não estão florescendo, humano.” Ele me conduziu para longe e meu pulso subiu tanto que eu podia sentir que estava chegando ao ponto de ruptura.

Alguém tocou meu braço e eu me virei, encontrando minha vizinha Lilien ali. Ela era um ano mais velha que eu e tão magra, eu sabia que ela estava passando fome para alimentar seus três filhos. Fomos encorajados a *procriar* . Mas uma das poucas coisas sobre as quais eu tinha controle era meu corpo. E a última coisa que eu faria neste mundo era trazer crianças para ele; mais bolsas de sangue para os vampiros sugarem até secar.

“Deixa isso, Montana. Vai para casa,” Lilien insistiu.

Em seus olhos lacrimejantes, encontrei minha determinação. Estávamos indo melhor do que sua família. Um pão e a quantidade miserável de queijo e frutas secas seriam o suficiente para nós.

Eu assenti, olhando feio para o vampiro por cima do ombro e me afastando pelo terreno lamacento.

Eu andei três pés antes que algo se cravasse nas minhas costas e o que pareceu mil volts de eletricidade explodisse através de mim. Eu bati no chão molhado, minha visão estampada com estrelas brancas enquanto eu me sacudia e me

contorcia contra a dor.

Espere, espere só mais um segundo. Nenhuma dor dura para sempre.

Eu estava prestes a vomitar minha desculpa patética para um café da manhã quando a tortura parou. Meus olhos se desanuviaram e me vi olhando para o vampiro do Empório. Ódio visceral arranhava meu intestino. Eu cerrei meu maxilar, me forçando a não dizer mais nenhuma palavra, apesar da torrente de maldições que eu ansiava por lançar nele.

Seu rosto se contorceu em um sorriso faminto. “Você faria bem em manter essa sua boca esperta bem fechada. Mais um dedo do pé fora da linha e eu vou te enforcar e drenar para todo o Reino ver.”

Estremeci sob ele, minhas veias congelando enquanto a poça ao meu redor encharcava minhas roupas.

Era uma ameaça vazia. Pessoas raramente eram mortas pelos vampiros. Nosso sangue era precioso demais. Mas havia muitas maneiras de eles me machucarem sem acabar com minha vida.

Cerrei os dentes, engoli meu orgulho e acenei para ele.

Ele se afastou, jogando mais lama em mim enquanto andava. Rolei para ficar de joelhos, encontrando o saco de ração afundando na lama, metade do conteúdo esvaziado no chão.

Engoli novamente os palavrões que estavam na minha língua e recolhi a comida estragada, sabendo que tinha piorado muito a situação da minha família.

Por que você nunca consegue ficar quieto e aceitar o que lhe é dado?

Porque se eu fizer isso, eu vou morrer por dentro. Eu vou me tornar como os outros que perderam a luz nos olhos.

Se havia uma coisa que papai fazia por nós diariamente, era atiçar as chamas dos nossos corações para que nunca desistíssemos. Não importa o quão sem esperança as coisas se tornassem.

Enquanto eu serpenteava pelas fileiras monótonas de blocos de apartamentos, avistei meu pai correndo pela calçada rachada em minha direção. Seu casaco era grande demais - mas grande demais era sempre melhor do que pequeno demais. Seus olhos disparavam para a esquerda e para a direita enquanto ele corria os últimos passos em minha direção.

“O que aconteceu?” Ele olhou para minhas roupas enlameadas e meu cabelo desgrenhado.

“Nada. Eu caí”, menti, não querendo colocar o fardo sobre ele da minha estúpida mini-revolta no Empório. Meu coração pesava de vergonha e decepção. Nós iríamos para a cama com as barrigas roncando esta noite por causa das rações patéticas. E não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

“Onde está Callie?” ele perguntou.

"Ela ainda não voltou?" Eu engasguei, então o calor atingiu minhas bochechas quando percebi que havia revelado que sabia exatamente onde ela estava.

“De onde?” Papai rosnou, seu tom de voz era raivoso, mas seus olhos revelavam medo.

“Ela foi à lavanderia”, menti rapidamente. Era o único lugar no Reino onde havia água doce e era possível tomar um banho semi-decente. Mas só podíamos entrar lá uma vez por semana e eu tentava mentalmente lembrar se Callie já tinha visitado.

Papai pareceu relaxar e meus ombros também caíram.

“Eles cortaram nossas rações”, eu disse, abrindo a bolsa e revelando o conteúdo lamacento.

A testa do papai franziu de preocupação. “Nós ficaremos bem. Tenho algumas guardadas de ontem.”

Ele colocou o braço sobre meus ombros, me guiando de volta para o bloco de apartamentos que chamávamos de lar. Papai abriu a porta de madeira que havia inchado na chuva, certificando-se de que ela emperrasse toda vez que alguém a usasse. Entrando na escada gelada, subimos as escadas de pedra úmidas em direção ao primeiro andar.

Ao entrar em nosso apartamento, congelei. Um sino estava tocando por todo o Reino, alto e penetrante. O medo penetrou em meu peito e fez um lar ali. Aquele som significava uma coisa.

Uma vez por ano – embora nunca soubéssemos quando – um grupo de vampiros de Elite vinha ao Reino e testava o sangue das pessoas. Eles iam de porta em porta aleatoriamente, então levavam quem quer que eles considerassem passar no "teste". Ninguém sabia para onde eles iam, e ninguém queria descobrir.

Até agora, Callie e eu não tínhamos sido testados. Mas toda vez que o sino tocava, parecia ameaçador, como uma tempestade se aproximando.

“Entre”, papai murmurou e eu me apressei em obedecer.

Coloquei o saco de linho sobre a única bancada da cozinha; o cômodo ocupava metade do nosso espaço de convivência, além dos pequenos quartos.

Minha espinha formigava de nervosismo enquanto o sino continuava a tocar, sem parar. E só havia uma coisa em que eu conseguia pensar.

Callie, traga sua bunda magra de volta aqui.



Eu tinha feito isso. O sorriso no meu rosto ficaria lá até amanhã, no mínimo.

Comeremos bem esta noite .

Não era algo que eu tinha certeza há meses. Só o pensamento fez meu estômago parar de roncar pela primeira vez em muito tempo. A energia correu pelos meus membros por causa do doce que eu tinha devorado e eu corri pelo ralo animadamente. Eu mal podia esperar para chegar em casa com meu saque.

Cheguei até a escada e rapidamente subi nela. Eu queria correr o caminho todo para casa e mostrar ao papai e a Montana o que eu tinha encontrado. Minha irmã ia surtar. Eu *contei* a ela o que Thomas estava aprontando e ela não acreditou em mim. Ela poderia engolir suas palavras junto com sua refeição.

Soltei uma risada de pura satisfação presunçosa assim que cheguei ao topo da escada e saí na chuva.

"Puta!" Eu mal reconheci Thomas antes que seu punho fizesse contato com meu queixo. Eu voei para trás, aterrissando pesadamente de lado e batendo meu cotovelo no concreto. Eu cambaleei com o ataque repentino, piscando através da confusão dos meus pensamentos e das gotas de chuva batendo em meu rosto.

Rolei, me levantando sobre minhas mãos e joelhos, mas seu pé atingiu meu estômago antes que eu pudesse me levantar. Gritei de dor enquanto caía de volta no concreto e rolei para longe antes que ele pudesse me chutar novamente.

Minha mochila pesada ficou presa no meu ombro, e uma das latas atingiu minhas costelas dolorosamente.

"Espere", eu suspirei, levantando a mão para afastá-lo.

Thomas avançou para mim novamente, a raiva brilhando em seus olhos. Eu sempre o imaginei um bastardo malvado, mas o subestimei. Ele era mais do que apenas malvado; aquele olhar me fez pensar que ele poderia simplesmente me matar.

Eu me arrastei para trás, mantendo-me fora do alcance dele enquanto ele avançava. Eu não tinha arma; éramos proibidos de carregar qualquer coisa que pudesse ser usada como uma. Ele tinha metade da minha altura e era duas vezes mais pesado. Se ele quisesse me matar, eu estava morta. *Por que diabos eu o deixei me pegar?*

Cuspi um pouco de sangue da minha boca e consegui me levantar, recuando ainda mais.

"Não vou contar a mais ninguém", jurei, estendendo uma mão defensivamente. Fiquei satisfeito que ela não estivesse tremendo, apesar do medo lambendo meu caminho pela espinha.

“Você não vai conseguir quando eu terminar com você,” ele rosnou. “Como você descobriu?”

“Você não é tão inteligente quanto pensa.” Deslizei minha bolsa das costas enquanto ele diminuía a distância entre nós, pegando-a com minha mão direita. “Foi fácil descobrir o que você estava fazendo assim que comecei a prestar atenção.”

O lábio de Thomas se curvou para trás enquanto ele se lançava em minha direção, mas dessa vez eu estava pronto. Eu me abaixei para o lado e usei meu impulso para balançar minha mochila em sua cabeça. Ela acertou com um baque sólido. Onze latas de comida bateram na lateral de seu crânio e o derrubaram como um saco de merda.

Olhei para ele em choque, o silêncio em meus ouvidos perfurado pelo tilintar das gotas de chuva batendo no cimento. Thomas estava deitado em uma poça crescente de sangue que se infiltrava nas poças turvas ao redor dele. Soltei minha mochila e ela caiu ao meu lado, espirrando água em minhas botas.

Meu coração batia forte no peito. *Eu o matei. Puta merda.*

Comecei a recuar, mas parei. Se eu realmente o tivesse matado, teria que confessar. Se os vampiros o encontrassem... eles odiavam cadáveres, sangue desperdiçado. Talvez eu pudesse inventar uma desculpa ou algo assim. Dizer a eles que ele me atacou ou... *Se recomponha, Callie. Verifique o pulso dele.*

Lutei contra meu medo e me aproximei do corpo caído de Thomas. Inclinei-me lentamente, afastando a ponta da minha bota do sangue ao lado de sua cabeça. Meus dedos tremeram levemente enquanto os estendia em direção ao seu pescoço.

A pele dele estava quente sob meus dedos frios. Não consegui sentir nada no começo, mas então a batida fraca de seu pulso ganhou vida sob eles. Eu me afundei em alívio. Ele era um babaca e eu teria que pisar com muito cuidado perto dele de agora em diante, mas é melhor um babaca vivo do que um morto.

Ele gemeu e se mexeu embaixo de mim, me fazendo tropeçar para longe. Eu recuei rapidamente e tropecei na minha mochila no chão, mas consegui ficar de pé.

Thomas abriu os olhos ao ouvir o barulho e eu o encarei enquanto ele encontrava meu olhar.

“Eu sei seu segredo e agora ele é meu também,” eu disse mais corajosamente do que eu me sentia. “Então apenas mantenha sua boca fechada e eu também ficarei. Eles nunca saberão.”

Seu rosto se contorceu de raiva, mas não lhe dei a chance de responder. Peguei minha mochila na poça ao meu lado e me virei para correr para longe.

As latas chacoalhavam ao bater umas nas outras e, apesar do gosto de sangue que eu sentia no meu lábio cortado, eu ainda sabia que tinha valido a pena.

Continuei correndo em direção à parte ocupada do Reino. Não havia regras contra explorar as ruínas, mas quase ninguém se importava de qualquer maneira. Não havia nada deixado ali que valesse a pena levar e a maioria das pessoas não via sentido em desperdiçar energia. Eu gostava das ruínas, no entanto. Era o único lugar que eu podia ir onde era realmente silencioso.

Eu corri, mas de repente o barulho da chuva não era o único som. Um toque agudo vinha do centro da cidade. Eu conhecia aquele som. E isso significava que

eu tinha que ir para casa *agora mesmo.*

Aumentei meu ritmo e comecei a correr. A mochila nas minhas costas de repente pareceu muito mais visível. Não sabia se deveria tentar escondê-la antes de voltar ou se era melhor escondê-la na segurança da nossa casa.

O toque ficou mais alto conforme eu chegava aos arredores da cidade. As estradas estavam desertas. Todos já tinham voltado para suas casas. Não havia tempo para eu tentar esconder meu pacote precioso. Eu só tinha que levá-lo de volta para o nosso apartamento.

Corri rua após rua abandonada, o vazio me arrepiava. Eu estava atrasado. Não sabia o que isso significaria se eles batessem na nossa porta, mas não podia ser bom.

Finalmente cheguei ao cruzamento da nossa rua e virei para ela. Parei de repente, minhas botas derrapando na lama quando avistei um grupo de vampiros indo direto para as portas do nosso bloco de apartamentos.

Eu não me movi. Eu nunca os tinha visto vagando pelo Reino daquele jeito. Não em grupo. Eram cinco; quatro estavam em uma espécie de formação ao redor do que estava no centro. Todos se moviam com a graça de um gato. Não era natural.

Os quatro guardas usavam casacos grossos forrados com fios dourados, as bainhas arrastando na lama. Eles tinham espadas longas amarradas nas costas, mas pareciam mais decorativas do que práticas. Não era como se eles precisassem de armas para nos dominar de qualquer maneira.

A pele deles quase brilhava na luz do sol que atravessava as nuvens de chuva. Eu sabia que não era o suficiente para machucá-los, mas se as nuvens simplesmente se dissipassem, *puf.* Ou talvez não puf, talvez fosse mais uma queimadura lenta. Eu não tinha certeza de como exatamente isso os mataria, mas suspeitava que sim. A única coisa da qual podíamos ter certeza era que eles não poderiam enfrentar a luz solar direta. Se o sol estivesse brilhando, nunca os víamos. Não que houvesse muita esperança disso durante esta tempestade.

Como se tivesse sentido minha atenção nele, o vampiro no centro do grupo parou e se virou para mim. Seus movimentos eram tão anormais. Quando ele congelou, ele literalmente parou de se mover. Eu nem pensei que ele estava respirando. *Eles realmente precisam respirar?* Seu olhar azul-gelo travou com o meu e sua boca perfeita demais se curvou em um sorriso zombeteiro.

Eu sabia que ele era um da Elite sem precisar que me dissessem. Eu não tinha visto muitos deles na minha vida, mas mesmo entre os outros vampiros eles se destacavam como algo... mais.

A beleza deles era mais do que atraente; quase roubava seu fôlego. Tudo sobre eles te atraía para mais perto, mas uma sensação no fundo do meu estômago sempre me alertava para ficar longe também. Era como se eu pudesse *sentir* o quão perigosos eles eram. Como se alguma parte primitiva arraigada da minha constituição reconhecesse o predador que jazia sob seu exterior deslumbrante.

Suas roupas eram como algo de uma das histórias do nosso pai. Ele estava usando uma capa. Uma capa esmeralda. *Que diabos?* Seria quase engraçado se eu não pudesse ver minha morte brilhando em seus olhos.

Os vampiros que o guardavam deram um passo à frente e ele se afastou de

mim enquanto eles o guiavam para dentro.

Como se um feitiço tivesse sido quebrado, recuperei o uso dos meus membros e voltei pelo caminho que vim. Não tinha como segui-los para dentro, mas eu conseguiria entrar pelos fundos.

As caçambas atrás do prédio estavam transbordando como sempre e eu pulei na mais próxima. A escada de incêndio estava pendurada um metro acima da minha cabeça e eu pulei, agarrando-me a ela. Meus ombros latejavam de dor, me lembrando dos muitos ferimentos que sofri hoje, mas não tive tempo de ouvir os protestos do meu corpo.

Eu me levantei na escada e comecei a subir. Cheguei ao topo e à passarela de metal que marcava o primeiro andar. Atravessei-a rapidamente e desci do outro lado, agarrando-me a uma fina borda de concreto que cobria a alvenaria enquanto me arrastava em direção à nossa janela.

Bati nele com urgência quando o alcancei e o rosto preocupado de Montana apareceu através do vidro um momento depois. Ela empurrou a janela para cima e eu quase caí para dentro.

"Callie, o que-" ela começou, mas eu a silenciei enquanto me virava para trancar a janela novamente.

“Olha”, sussurrei animadamente enquanto tirava a bolsa das costas e a abria para revelar o conteúdo.

Seus olhos brilharam quando ela viu a carga de comida e roupas, mas antes que ela pudesse me perguntar mais alguma coisa, uma batida forte soou na porta da frente.

Nós dois congelamos, olhando horrorizados para a porta do nosso quarto. Nunca havíamos sido testados antes. Por que eles viriam atrás de nós agora? Eu esperava que não tivesse nada a ver com minha viagem para fora do Reino.

Meu coração começou a disparar e Montana arrancou a bolsa de mim, jogando-a debaixo da cama antes de puxar o cobertor gasto para cobri-la.

"O que diabos aconteceu com seu rosto?" ela sussurrou urgentemente e eu levantei meus dedos até meu lábio cortado, culpada.

“Eu explico depois. Quão ruim parece?”

Ela deu de ombros e mordeu o lábio, me deixando saber que era bem horrível. Rapidamente tirei minha jaqueta e chutei minhas botas cobertas de lama enquanto ouvia papai indo em direção à porta da frente.

Montana pegou uma camisa limpa do meu armário e jogou em mim enquanto eu jogava a minha encharcada no chão. Repetimos o processo com calças limpas e eu chutei minhas roupas encharcadas para um canto antes de me mover para ficar ao lado dela na nossa porta. Era a barreira final entre nós e algo que eu realmente não queria enfrentar.

O som do papai deslizando a tranca para fora do lugar sacudiu o silêncio, enchendo minha mente com imagens dos vampiros que estavam esperando além dela. O olhar azul-gelo da Elite havia queimado sua marca em minhas retinas e eu não gostava da perspectiva de encará-lo novamente.

Com uma respiração profunda, eu me movi para o lado de Montana e nós andamos em direção à porta, prontos para encarar nosso destino juntos. Se qualquer coisa que eu tivesse feito hoje tivesse colocado minha família em perigo, então eu não hesitaria em aceitar qualquer punição que os vampiros

exigissem de mim. Eu só tinha que esperar que não chegasse a isso.



“As filhas de Ford serão testadas hoje. Traga-as para mim imediatamente,” a voz exigente encheu nossa casa, enviando um tremor através do meu coração.

Olhei para Callie, enrolando uma mão em volta do seu pulso enquanto pressionávamos nossos ouvidos na porta do quarto. Embora nenhum de nós tenha expressado nossos medos, eu sabia que ambos estávamos adiando a ida para lá.

“Claro”, meu pai respondeu em um tom neutro. “Por favor, fiquem confortáveis, temo que só temos três cadeiras, mas tenho certeza de que algumas de suas bundas Elite ficarão bem confortáveis nelas.”

Jesus, por que o papai estava cutucando eles? Nenhuma resposta veio dos vampiros e eu me perguntei se eles ao menos sabiam o que era humor.

Os passos do papai ecoaram em nossa direção e Callie e eu assentimos, abrindo a porta antes que ele tivesse que nos chamar.

Fiquei cara a cara com meu pai, cuja boca estava esticada em uma linha dolorosamente fina.

“Meninas...” Ele não terminou a frase quando a voz do vampiro cortou o ar em pedaços novamente.

“Aqui fora. Agora.”

Callie lançou um olhar para o quarto antes de passarmos pelo papai e entrarmos na cozinha.

Meu coração tropeçou ao ver três vampiros diante de nós. A porta da frente era larga, revelando mais dois parados em cada lado da entrada.

O líder óbvio estava vestido com uma túnica esmeralda e tinha um brilho perigoso nos olhos enquanto eles balançavam entre Callie e eu. Seu cabelo escuro estava bem cortado e seu maxilar afiado estava perfeitamente barbeado. Um bastardo lindo e mortal. Não havia dúvida de que ele era um Elite.

Nenhum deles aceitou a oferta de assento do papai – o que não é de surpreender. Mas duas cadeiras foram puxadas para a frente da pequena mesa da cozinha, evidentemente esperando por nós.

“Sente-se,” o líder ordenou e nós nos sentamos nas cadeiras lado a lado, nossas mãos entrelaçadas sob a mesa. “Fora,” ele cuspiu para o papai e eu me forcei a não olhar para ele enquanto seus passos ecoavam para fora da sala.

Os olhos do vampiro deslizaram entre nós, examinando, calculando. “Eu sou o General Wolfe da Elite de Nova York. Você sabe o que isso significa?”

Dei de ombros e Callie balançou a cabeça.

“Significa que eu sou seu dono. Cada maldito cabelo da sua cabeça e cada

célula sanguínea nas suas veias. E eu não vou tolerar desobediência durante o teste, entendeu?”

"Sim", Callie respondeu e eu cerrei o maxilar enquanto concordava.

Este vampiro não era como os guardas que patrulhavam as cercas. Ele emanava poder. E quando ele disse que nos possuía, não tive dúvidas de que ele estava falando a verdade.

Ele olhou para Callie com os olhos semicerrados. “O que aconteceu com seu rosto?”

Callie tocou seu lábio inchado e eu apertei sua mão com mais força, meu coração batendo forte em meus ouvidos.

Deite-se bem, Callie.

“Eu caí”, ela disse facilmente e eu relaxei um pouco.

“Hm,” Wolfe resmungou, evidentemente satisfeito. Virando-se, ele gesticulou para os vampiros de túnica escura ao lado dele e um deles produziu uma seringa com uma agulha fina na ponta.

Callie foi a primeira e nem sequer se encolheu quando o guarda tirou um grande frasco de sangue de seu antebraço. Quando o guarda se moveu para o meu lado com uma seringa limpa, um arrepio desceu em cascata pela minha espinha como água fria. Dobrei minha manga, oferecendo a pele pálida do meu antebraço a ele. Meus olhos permaneceram na agulha o tempo todo. Uma beliscada forte seguiu uma sensação vil de arrastamento em minhas veias.

Em seguida, eles cortaram uma pequena mecha do nosso cabelo e colocaram em sacos separados, molharam nossos dedos em tinta e tiraram nossas impressões digitais.

A casa estava ensurdecedoramente silenciosa. As ordens afiadas de Wolfe foram seguidas por nossa ascensão e os movimentos silenciosos de seus guardas.

Eles embrulharam tudo o que colheram de nós em uma bainha de couro que Wolfe colocou dentro de suas vestes.

“Você será notificado com seus resultados em vinte e quatro horas”, disse Wolfe, indo em direção à saída.

Levantei-me do meu assento, meu coração batendo freneticamente enquanto minha cadeira rangia para trás no chão.

“O que acontece se passarmos no teste?” As palavras saíram dos meus lábios antes que eu tivesse tempo de repensá-las.

Wolfe olhou por cima do ombro com um olhar ameaçador. “Você só vai descobrir isso se e quando passar.”

“E se falharmos?” Callie exigiu e a tensão se espalhou pelo ar.

Wolfe ficou assustadoramente imóvel, seu olhar escuro passando rapidamente entre nós. “Perguntas são para seres sencientes. Mas infelizmente para você, a lei não reconhece humanos como tais.”

A raiva explodiu em minhas veias, quente e rápida. Dei um passo à frente, mas uma mão bateu em meu ombro. Um rápido olhar me informou que papai havia retornado.

“Obrigado, General”, papai falou alto e claro, forçando a conversa a terminar.

Wolfe olhou para ele com desdém antes de sair de casa e deixar a porta aberta enquanto navegava com seus guardas a reboque.

Papai correu ao nosso redor, batendo a porta da frente e pressionando suas

costas contra ela. Seu maxilar estalou enquanto ele olhava entre nós, o estresse evidente em sua postura rígida. "Você vai passar... Eu simplesmente sei disso." Ele pressionou seus dedos em seus olhos e Callie e eu corremos para seus braços.

Ele nos abraçou forte, depositando um beijo em cada uma de nossas cabeças. “Devemos estar preparados.”

“O que acontece se passarmos?”, perguntei.

“Você será levado embora”, suspirou papai.

“Para onde?” Callie sussurrou.

"Um lugar de onde vocês não vão voltar." Papai murmurou, nos abraçando com mais força.

Se ele sabia mais ou não, ele não deixou transparecer enquanto começava a resmungar sobre suprimentos e a patrulha ao cair da noite. Quanto mais eu ficava ali em seus braços, mais medo se apoderava de mim. Se papai estava com medo, eu sabia que nós também deveríamos estar.

"Podemos não passar", Callie ofereceu e papai assentiu, com um brilho triste no olhar.

“Claro.” Ele assentiu firmemente. “Agora vá para o seu quarto, preciso pensar um pouco.”

Callie e eu voltamos para o nosso quarto em silêncio tenso, nos fechando. Nossas duas camas de solteiro estavam praticamente se tocando no pequeno espaço. Apenas um pequeno caminho entre elas levava até a janela solitária. Empoleirados na única mesa do quarto havia uma vela meio queimada e um copo de água parada. Ontem à noite, Callie e eu mantivemos a vela acesa por mais tempo do que o normal, contando histórias uma à outra e imaginando uma vida além do Reino. A fantasia era a melhor maneira de escapar deste mundo, mas a realidade era que estávamos presos aqui. E nossos sonhos conjurados de segurança tinham acabado de ser completamente eliminados.

Eu me joguei na minha cama e Callie sentou na dela, nossos joelhos quase se tocando. O quarto parecia mais monótono do que o normal, até mesmo o cabelo dourado da minha irmã parecia mais escuro.

“Onde você conseguiu a comida?”, sussurrei, meu coração ainda batendo fora do ritmo do nosso encontro com Wolfe e sua gangue assustadora.

“Há uma saída. Eu disse que Thomas estava pegando suprimentos além das cercas.” Seus olhos brilharam com malícia enquanto ela alcançava debaixo da minha cama, extraindo a bolsa e despejando o conteúdo no colchão. Um monte de comida enlatada e algumas roupas íntimas térmicas estavam no meio do carregamento.

“Meu Deus,” eu respirei enquanto a realização me apunhalava no peito. “Se eles descobrirem, Callie, eles vão-”

“Eles não vão descobrir”, ela insistiu. “Thomas tem entrado e saído furtivamente por meses.”

“Não vai passar despercebido para sempre.” Puxei a gola da minha camisa, sentindo calor demais de repente. O teste, Wolfe, e agora isso. Estávamos em sérios apuros de uma forma ou de outra.

“Talvez não fiquemos aqui para sempre.” A boca de Callie se abriu em um sorriso. “Poderíamos ir embora. Pegue o papai e saia daqui.”

“Não podemos *ir embora* ”, eu engasguei, um tremor me percorrendo. “Não conseguiríamos andar duzentos metros antes que nos pegassem. E então eles nos jogariam no banco de sangue.” Minhas mãos tremiam com a mera ideia disso. Durante toda a nossa vida, nós cuidamos uns dos outros. Nós três. Agora nossa segurança parecia uma ilusão. Mas ir embora era apenas outra maneira de nos enforcarmos e nos drenarmos.

Callie entrelaçou as mãos, pensando nisso. “Talvez haja um mundo melhor além das cercas, Monty.”

Eu me encolhi com o apelido que ela sabia que eu odiava, mas ela continuou, ignorando minha expressão.

“Nós sempre sonhamos com isso quando éramos crianças. E se ainda houver lugares lá fora como os das histórias do papai? E mesmo que não haja, você realmente quer passar a vida inteira no Reino?”

Meu estômago se arrepiou. Eu não queria isso. Ninguém queria isso. Doações regulares de sangue podem ter nos tornado valiosos para os vampiros agora, mas todos nós sabíamos o que acontecia quando ficávamos velhos, inúteis, fracos.

Uma dor cresceu em meu peito. “Claro que não”, suspirei. “Mas as patrulhas serão extra apertadas enquanto a Elite ainda estiver aqui. Os guardas sempre tentam impressioná-los com o quão vigilantes eles são.”

Callie assentiu em concordância. “Então esperamos até amanhã de manhã-”

"E espero que o sol esteja brilhando", terminei para ela e ela solidificou nossa decisão com um aceno firme.

O quarto pareceu clarear novamente enquanto raios de sol atravessavam meu peito. Nós poderíamos realmente fazer isso. Realmente nos livrar deste lugar.

Alguém bateu na porta e papai entrou, uma expressão sombria apertando suas feições. Seus olhos caíram sobre o carregamento ao lado de Callie e sua testa franziu em confusão.

“Eu sei uma saída,” Callie anunciou, levantando o queixo. Nós nunca escondemos nada do papai. Ele provavelmente era mais rebelde do que nós às vezes.

Papai balançou a cabeça com uma risadinha. “Por que isso não me surpreende? É melhor você nos mostrar onde fica, Callie, porque não vou deixar aqueles sanguessugas levarem minhas filhas para lugar nenhum.”

Meu coração inchou e algo floresceu dentro de mim que eu não sentia há muito, muito tempo.

Ter esperança.



dormi naquela noite. Não havia como desligar os pensamentos rodopiantes que corriam pelo meu cérebro. Estávamos deixando o Reino. Não sabia se seria a coisa mais emocionante que já fiz ou a mais aterrorizante. As duas coisas, imaginei.

A maior questão que eu continuava me deparando era para onde iríamos quando saíssemos. Papai se lembrava do mundo antes dos vampiros, mas os lugares que ele conhecia tinham sido quase todos destruídos na Guerra Final. Mesmo que ele conseguisse descobrir um lugar para irmos, não havia como saber se era seguro. Ou mesmo se ainda existia.

Estaríamos caminhando em direção a uma esperança e um sonho. O que realmente não era muito reconfortante. *Pare de ser tão negativa, Callie.*

Rolei pela centésima vez e considerei expressar minhas preocupações para Montana. Nós conversamos até ficarmos roucos quando finalmente nos deitamos para dormir e eventualmente caímos no silêncio, mas eu tinha certeza de que ela ainda estava acordada também.

De alguma forma, quebrar a ilusão do sono não me agradou. Prometemos ao papai que tentaríamos descansar um pouco antes da viagem e começar outra conversa parecia quebrar minha palavra.

Não era como se houvesse algo que ela ou eu pudéssemos dizer de qualquer maneira. Estávamos indo para o desconhecido. Os planos não importariam nem um pouco quando passássemos pelas cercas. Não sabíamos nada do mundo além do Reino, além das histórias que papai nos contara. Eu nem sabia se eram todas verdadeiras. Ele nos contou tantos mitos e lendas quantos ele tinha memórias de como o mundo costumava ser.

Eu poderia muito bem ter confundido algumas delas na minha mente. Talvez realmente houvesse trolls escondidos sob pontes e fossem as sequoias gigantes que ele visitou com a mamãe que não existiam. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais meu cérebro doía.

Pelo menos eu tinha ido para a cama com o estômago cheio. Não nos seguramos em destruir os suprimentos que eu tinha encontrado. Papai tinha pensado que precisaríamos de força para amanhã e eu não iria argumentar contra uma refeição decente. Nós planejamos pegar mais comida e roupas do bloco de apartamentos que eu tinha invadido quando chegamos tão longe de qualquer maneira. Eu tinha meu coração voltado para aquele jaleco branco.

Existe mesmo alguma maneira de sobrevivermos a isso? A voz negativa no fundo do meu crânio não seria silenciada pela promessa de um casaco quente. Suspirei alto e pressionei meu travesseiro fino sobre meu rosto, resistindo à

vontade de gritar nele.

Talvez não devêssemos arriscar correr. Havia uma boa chance de não passarmos no teste deles e poderíamos continuar vivendo aqui. Eu teria que me levantar e seguir meu padrão normal de me esconder nas ruínas e evitar interações com as pessoas que viviam perto de nós. Ficar sozinho para não ter que correr o risco de sentir a dor da perda quando alguém desaparecesse. Assistir lentamente minha família morrer de fome enquanto os vampiros respiravam em nossos pescoços, apenas esperando por uma desculpa para nos levar e nos sangrar até secar...

O pensamento sozinho foi o suficiente para fazer meu coração afundar. Embora a ideia de fuga fosse aterrorizante, era também a realização de um sonho que eu nunca ousei acreditar antes.

A vida no Reino não era vida nenhuma. A única vez em que me senti livre foi quando escapei para a falsa realidade de uma das histórias do papai e sempre tive que voltar para a miséria de nossas vidas quando ela terminava. Esta poderia ser nossa única chance de verdadeira liberdade. E não importa o quão fugaz ela pudesse acabar sendo, tínhamos *que* aproveitá-la. Mesmo um dia de liberdade valeria qualquer punição que nos dessem por isso.

Minha mente vagou para o banco de sangue e me perguntei se era realmente o caso. As histórias sobre o que aconteceu com as pessoas que foram enviadas para lá eram tão horrendas que eu lutava para acreditar que eram verdadeiras. Mas às vezes, à noite, quando o vento soprava na direção certa, podíamos ouvir os gritos vindos daquele lugar.

Nem estava em nosso Reino. O enorme edifício ficava no topo de uma grande colina quilômetros ao sul e nos foi apontado em várias ocasiões. Fumaça preta saía da chaminé gigante e, embora estivesse muito longe para realmente sentirmos o cheiro, às vezes eu acordava com o gosto de cinzas na língua. Como um aviso sobre o que aconteceria comigo se eu acabasse lá. Era para lá que íamos se não seguíssemos suas leis. Era o que acontecia com qualquer um que os desobedecesse. Ninguém que era enviado para lá voltava.

Um arrepio percorreu minha espinha e as dúvidas se infiltraram novamente. *Valeu a pena o risco?* Tinha que valer; minha alma ansiava por ser livre e eu tinha que abraçar a chance de sair dali.

Meu coração palpitava como uma borboleta presa em um pote, doendo para que a tampa fosse levantada. Liberdade. Era como um sussurro no escuro e eu doía por isso. Eu nunca quis nada do jeito que ansiava por aquela doce promessa. Ninguém a quem responder, ninguém para tirar meu sangue de mim para seu próprio sustento. Ser mais do que apenas uma fonte de alimento para um bando de parasitas. Uma vida própria.

Um sorriso surgiu em meus lábios e o medo recuou como uma maré recuando.

Nossa persiana danificada era inútil para proteger nossa janela e eu observava enquanto o espaço além dela lentamente clareava para um novo dia.

Desisti de qualquer pretensão de dormir e me levantei para olhar para fora adequadamente. Entre minhas preocupações durante a noite, desejei desesperadamente por um dia ensolarado para ajudar em nossa fuga, mas a sorte não estava do nosso lado. Não havia sinal do sol além das espessas nuvens

cinzentas que bloqueavam o céu. Pelo menos não estava chovendo. Mas eu teria dado qualquer coisa por um céu azul e um sol escaldante.

"Você realmente acha que isso vai funcionar?" Montana perguntou da cama ao meu lado. Olhei em volta e encontrei seus olhos arregalados me encarando por baixo do cobertor. Não a culpei por ficar parada; a temperatura tinha caído abaixo de zero durante a noite e meus dedos já estavam começando a ficar dormentes, apesar das meias grossas.

"Tem que ser", respondi com mais coragem do que me sentia.

Ela não expressou mais dúvidas, embora eu pudesse vê-las escritas em suas feições. Eu tinha certeza de que uma centena das minhas próprias estavam pintadas em meu rosto para ela ver também. Não importa quanta fachada nós colocássemos, nunca fomos capazes de mentir um para o outro. Nós éramos duas metades do mesmo todo. Gêmeos não conseguiam guardar segredos um do outro, mesmo se tentássemos.

Segurei seus dedos entre os meus e os segurei com força.

"Nós vamos ser *livres,* Monty," eu sussurrei, sorrindo para ela. Ela nem protestou contra o apelido que odiava, pois um sorriso também tomou conta de suas feições.

"Livre", ela sussurrou em concordância e eu pude ouvir a mesma admiração em sua voz que eu sentia.

Nós dois nascemos prisioneiros aqui, o conceito de liberdade não era algo que nenhum de nós conseguia entender completamente. E ainda assim ele chamou nossos nomes no silêncio das noites frias. Sussurrou para nós sobre o ronco de nossos estômagos vazios. Era a voz que nunca ousamos ouvir antes, mas agora que estávamos, ela gritava nossos nomes.

Passei meus braços em volta dela e dei-lhe um aperto forte antes de ir para o banheiro.

A lâmpada tremeluziu acima da bacia rachada quando entrei no pequeno espaço. Estremeci e corri para escovar os dentes na água gelada.

Quando terminei, me examinei no pequeno espelho, esperando banir um pouco do medo que brilhava em meus olhos azuis antes de ter que sair. O espelho estava manchado e tinha uma rachadura irregular no centro, então eu nunca tinha realmente visto um bom reflexo do meu rosto. Eu me perguntava como eu parecia para as outras pessoas. Elas veriam o medo que eu estava tentando esconder? Pior do que isso, elas veriam a verdade? Se alguém adivinhasse que iríamos fugir, eles poderiam contar aos vampiros. Entregar traidores lhe dava rações extras, roupas novas. Eu não podia esperar nenhuma lealdade do resto dos humanos no Reino. Eles tinham suas próprias famílias para se preocupar. Eles não pensariam duas vezes antes de nos entregar.

As notícias sobre nossos testes já teriam se espalhado. Tínhamos que pelo menos comparecer para nossas tarefas antes de escapar. Se não mostrássemos nossos rostos, o alarme seria dado muito mais cedo.

Comecei a escovar meu cabelo loiro, desembaraçando os nós causados pela minha noite agitada. Ele caía até minha cintura em cachos soltos e retorcidos. Eu sabia que seria mais prático cortá-lo curto, mas não consegui me obrigar a fazer isso. Era a única coisa que herdei da nossa mãe. Sempre que pensava nela, tinha dificuldade em lembrar muito sobre suas feições, além de seus longos cabelos

dourados e olhos azuis brilhantes. Era reconfortante de alguma forma carregar aquela pequena lembrança dela aonde quer que eu fosse, mesmo que fosse difícil cuidar dela.

Depois de remover os nós, trancei meu cabelo habilmente nas costas para mantê-lo sob controle. Raramente o deixei solto durante o dia, apesar do quanto eu o amava. Ele chamava muita atenção e eu preferia passar despercebido.

Uma complicação que eu não precisava na vida era a atenção dos homens. Pelo menos nada sério. Relacionamentos apenas lhe davam outra pessoa para amar e perder. Já era difícil o suficiente se preocupar com Montana e papai o tempo todo sem adicionar mais ninguém à mistura. Perder mamãe quase matou papai e eu ainda conseguia ver a dor da perda dela se escondendo sob a superfície quando ele pensava que não estávamos olhando. Mesmo depois de todos esses anos.

Assim que terminei, fui até a cozinha e comecei a fazer uma grande porção de panquecas. Eu estava pulando a primeira refeição do dia ultimamente para preservar nossas rações, mas não voltaríamos aqui e não havia sentido em deixá-la para trás. Além disso, uma grande refeição era exatamente o que precisávamos para nos preparar para o dia que estava por vir.

Papai apareceu ao sentir o cheiro da comida enquanto eu servia o primeiro lote. Seu cabelo era escuro como o de Montana e mais fino do que costumava ser. Ele sorriu entusiasticamente para a refeição enquanto eu a empurrava para ele, mas ela não alcançava seus olhos.

“Você está pronto?” ele perguntou sério.

“Não,” respondi honestamente. “Mas como eu poderia estar pronto para fugir de tudo que já conheci? Estou animado, se isso não for loucura.”

"Não é." Ele sorriu calorosamente. Posso não ter herdado sua aparência, mas tínhamos o mesmo espírito. Enquanto Montana sempre amou as histórias que ele nos contava por causa do romance e da magia nelas, eu sempre as amei pela aventura. Embora eu nunca tenha pensado que seria capaz de ver o que o mundo guardava além do nosso Reino, eu sonhava com isso todas as noites, desde que me lembrava. Eu queria ser Jasão liderando os Argonautas para encontrar o Velocino de Ouro ou Hércules lutando contra a Hidra. De uma forma assustadora, todos os meus desejos estavam se tornando realidade.

“E se algo der errado? E se os vampiros nos pegarem?”, perguntei, embora já tivéssemos superado isso.

“Não podemos estar muito pior do que estamos agora, de qualquer forma. Se vocês não tivessem encontrado essa saída do Reino ontem, poderíamos muito bem ter morrido de fome ou congelado neste inverno. A única coisa que podemos enfrentar é uma morte um pouco mais rápida. E se realmente conseguirmos escapar deles, podemos até viver vidas reais de nossa própria escolha. Esta é a oportunidade pela qual esperei por muito tempo. Sonhei em tirar vocês, garotas, deste maldito lugar e finalmente está acontecendo.” Seus olhos brilharam com esperança suficiente na possibilidade de que eu colocasse meus medos firmemente de lado. Eu precisava me concentrar neste plano e em nos tirar daqui. Não havia sentido em desperdiçar energia com a ideia de que não funcionaria.

Montana saiu do banheiro com o cabelo escuro escovado e as bochechas

coradas de lavar o rosto na água fria.

"Estamos prontos para fazer isso então?" ela perguntou enquanto aceitava um prato de panquecas e eu levei as minhas para a pequena mesa para me juntar à minha família e devorá-las.

“Vamos dar o fora daqui, meninas”, respondeu papai com entusiasmo.

Todos nós sorrimos um para o outro ansiosamente enquanto a realidade do que estávamos prestes a fazer se instalava sobre nós. Sim, seria perigoso, mas se tudo desse certo, então seríamos realmente livres. Pela primeira vez na minha vida e na de Montana, seríamos capazes de escolher nossos próprios destinos.

Eu caí em minhas panquecas vorazmente, afastando a pontada de culpa que eu sempre sentia quando comia bem. Pela primeira vez, não estávamos sendo frugais e eu estava confiante de que poderíamos obter comida mais do que suficiente fora do Reino, nos prédios abandonados.

Quando terminamos nosso café da manhã, tirei do bolso o pacote marrom que encontrei ontem e o levantei para mostrar a eles. "Esperem só até vocês experimentarem isso", eu disse ansiosamente enquanto quebrava a comida marrom em três pedaços iguais.

“O que é isso?” Montana perguntou enquanto pegava sem entusiasmo.

“Confie em mim, o sabor é melhor do que a aparência”, prometi.

“Faz muito tempo que não vejo chocolate”, disse papai enquanto virava seu pequeno pedaço entre os dedos. “Sua mãe adorava. Eu costumava pegar uma barra toda sexta-feira à noite no caminho do trabalho para casa e nós a compartilhávamos enquanto assistíamos TV de baixa qualidade.”

“A coisa da caixa de imagens?”, perguntei. Papai tinha explicado sobre os tipos de tecnologia que eles tinham antes dos vampiros chegarem, mas quase nada disso era permitido no Reino mais. A única TV que eu já tinha visto eram os monitores de CFTV no Empório e eu realmente não conseguia me imaginar querendo passar horas assistindo aquilo.

“Sim”, ele riu.

“Bom, se fosse o favorito da mamãe...” Montana deu uma mordida hesitante, parecendo que já tinha decidido que não iria gostar, mas quando o chocolate atingiu suas papilas gustativas, seu rosto se transformou. “Oh, uau.”

Sorri para ela e rapidamente segui seu exemplo, dando uma mordida no meu próprio chocolate e fechando os olhos por um momento enquanto me perdia no gosto dele. Não fiquei surpreso que fosse o favorito da mamãe. Não conseguia imaginar alguém comendo um pouco dele e não querendo mais.

Quando terminamos de comer, papai pegou nossos pratos e os colocou no balcão ao lado da pia. Ele não os lavou, no entanto, e me deu um sorriso cúmplice enquanto se afastava da bagunça. Não precisaríamos deles novamente de qualquer maneira.

Voltei para o nosso quarto e peguei minha mochila. Não podíamos levar muita coisa conosco ou levantaria suspeitas, mas cada um de nós podia carregar uma pequena bolsa sem ser notado. Não era como se eu tivesse muita coisa que valesse a pena trazer de qualquer maneira. Joguei um pequeno esboço que nossa mãe tinha desenhado de uma águia voando. Os cantos da página estavam enrugados e marcados por anos que eu a segurei, mas eu sempre amei olhar a maneira como ela capturou o movimento do pássaro. Papai tinha outras peças

que ela tinha desenhado, mas tinha sido difícil encontrar os suprimentos de que ela precisava para sua arte, então não havia tantos quanto deveria. Os vampiros até tiraram isso dela.

Fora isso, não havia nada pessoal que eu quisesse levar, então coloquei uma muda de roupa e minha escova de dentes na bolsa e fechei o zíper.

Vesti a roupa íntima térmica que encontrei ontem e cobri com um par de jeans desbotados e uma camisa de manga comprida que provavelmente era de um tom de verde muito mais brilhante quando era nova. Coloquei minhas botas e casaco vermelho escuro para finalizar e fui para a porta novamente.

Montana abriu antes que eu chegasse e me deu um sorriso tenso enquanto pegava sua própria bolsa da cama. Ela estava vestida com suas melhores roupas também, embora não fossem nada de especial; jeans escuro, botas e seu próprio casaco bem usado. Eu esperava que pudéssemos melhorar nossas roupas superusadas rapidamente quando saíssemos do Reino.

Passamos todas as noites de nossas vidas neste quarto e a ideia de deixá-lo para trás era um pouco assustadora, mas também era libertadora.

“É estranho que eu não sinta falta deste lugar?”, perguntei a ela enquanto dávamos uma última olhada no quarto.

“Este pode ser o único lugar onde já vivemos, mas nunca foi nosso lar”, ela respondeu.

“Então está na hora de irmos e encontrarmos um lugar para chamar de lar de verdade”, papai disse alto atrás de nós e eu pulei um pouco ao som de sua voz. Ele passou os braços ao nosso redor e todos nós nos apertamos com força. “Vocês dois se lembram do plano? Façam o que for preciso para garantir que ninguém suspeite de nada e então todos nos encontraremos fora do Reino em uma hora.”

Eu assenti em seu peito e Montana murmurou um sim. Eu expliquei como sair do Reino ontem à noite e concordamos que seria melhor nos encontrarmos do outro lado da cerca. Se algum de nós fosse visto rondando o ralo, isso poderia alertar os vampiros sobre nossa saída. Melhor não ficarmos parados onde poderíamos ser vistos.

“Vamos indo então.” Papai nos soltou e todos nós saímos do quarto juntos em silêncio. Eu não olhei para trás. Eu não me importava em deixá-lo para trás e esperava nunca mais vê-lo.



O medo apertou meu coração.

Em menos de algumas horas, poderíamos estar correndo para a liberdade e deixando esse lugar esquecido por Deus para trás. Eu meio que queria poder ver a expressão nos rostos dos vampiros quando percebessem que tínhamos ido embora.

Callie foi embora primeiro, depois papai a seguiu. Callie ia circular pela cidade e visitar o poço como ela sempre fazia de manhã e papai ia pegar lenha no Empório.

Eu já tinha esperado vinte minutos e, em menos de uma hora, todos nós iríamos até a fonte de pedra nas ruínas e nos encontraríamos do outro lado do túnel.

Simples. Fácil.

Só que não era. Era a coisa mais assustadora do mundo.

Andei de um lado para o outro no corredor silencioso, com meu pulso de alguma forma mais alto que meus passos.

Meu plano era simples: ir para o canto leste do Reino e pegar a trilha ao lado das cercas em direção às ruínas. Eu costumava andar pelo Reino como um tigre enjaulado, era a única coisa que me mantinha sã. E isso me beneficiaria agora, porque ninguém piscaria para mim dando um dos meus passeios matinais habituais. Meus deveres normalmente não começavam antes do meio-dia, quando eu assumia o lugar de algumas das mulheres na casa de banho, então ninguém faria falta até então.

Agarrando a maçaneta da porta, lancei um último olhar para a pequena cozinha e disse o adeus mais certo da minha vida.

No segundo em que abri a porta, quase bati em nossa vizinha Lilien e o bebê em seus braços chorou de surpresa. O choro continuou e Lilien o balançou para cima e para baixo, tentando fazê-lo ficar quieto.

“Desculpe incomodá-lo, Montana. Você poderia cuidar das crianças para mim? Preciso ir ao Emporium e Hamish não voltou ontem à noite. De novo. Os garotos Briar estão fazendo vodca com batatas e ele prefere passar a noite lá bêbado do que ajudar com sua maldita família.”

O rosto de Lilien estava ficando vermelho de estresse e meu coração disparou com o obstáculo imediato no meu plano.

"E-er... não posso, Lilien, estou ocupado." Tentei passar por ela, fazendo o bebê gritar novamente quando ela não se moveu.

“Por favor, Montana”, ela implorou. “Não posso levá-los comigo, eles vão

causar um caos. Não vou demorar mais de uma hora se a fila estiver curta.” Seus olhos brilharam e eu podia dizer que ela mal tinha dormido. Meu estômago se contorceu de culpa por saber que eu estava deixando ela e sua família para trás. Mas não podíamos contar a ninguém o que estávamos fazendo, era muito arriscado.

Eu balancei a cabeça. Não tinha como fazer isso.

“Desculpa Lilien. Outra hora, ok?”

Ela olhou para mim como se eu tivesse acabado de pegar fogo. Com o coração palpitando, aproveitei sua surpresa momentânea e disparei para a escada.

“Montana! O que deu em você?!” ela gritou atrás de mim.

Eu cerrei os dentes, me odiando por abandoná-la em seu momento de necessidade. Mas se eu não encontrasse papai e Callie em uma hora, eles pensariam que eu tinha sido pego.

O choro do bebê me seguiu até a rua e eu lutei contra o nó que crescia na minha garganta.

Sinto muito, Lilien.

Corri pela estrada esburacada, querendo colocar alguma distância entre Lilien e eu, caso ela começasse a correr atrás de mim.

Virando à esquerda em um beco lamacento, respirei fundo para acalmar meus nervos.

Ela não sabe de nada. Ela só acha que você foi rude. E em uma hora, não vai importar o que ela pensa de você porque você terá ido embora para sempre.

As paredes sujas pareciam pressionar em ambos os lados de mim. O dia sombrio não fez nada para aliviar minha ansiedade. Por que não poderia estar ensolarado, só por hoje? Só por esta única manhã?

Olhei para o céu, silenciosamente amaldiçoando nossa sorte. Esperançosamente, essa seria a única má sorte que teríamos hoje.

O beco bifurcava-se em um caminho de pedra que seguia a linha de apartamentos. Diminuí o passo para uma caminhada casual, enfiando as mãos nos bolsos do casaco, tentando agir como normalmente fazia.

Não havia muita gente por perto, mas os poucos que passavam acenavam ou diziam olá. Ninguém me parou.

As ruínas surgiram à distância e dei mais algumas voltas passando pelas casas até finalmente encontrar a trilha coberta de mato que marcava o caminho até a primeira cerca elétrica.

A estática crepitou em meus ouvidos quando cheguei lá e olhei para a grama que crescia alta e fazia cócegas no fio de metal.

Atrás dela havia outra cerca, depois outra. Um casaco rasgado na primeira fileira de farpas era um lembrete constante de alguém que tentou escapar e falhou. O cadáver havia sido removido, mas o dia em que o garoto tentou correr ficou gravado permanentemente em minha memória.

Os vampiros tinham descarregado sua fúria na cidade inteira. Sem rações por uma semana. Espancamentos aleatórios e crianças desaparecendo à noite. Eles queriam espalhar terror em nossos corações e conseguiram. Aquele casaco me assustou mais hoje do que em muitos anos. O que aconteceria com as pessoas do Reino quando os vampiros descobrissem que havíamos escapado?

Não consegui focar nisso. Tentar sair desse lugar era melhor do que

permanecer nele. Tinha que ser...

O vento me arrepiou os ossos e me forcei a diminuir a velocidade novamente.

Não muito rápido. Só vá com calma.

A primeira casa destruída surgiu à vista, apenas um pedaço de pedra sob o céu escuro. Papai disse que bombas caíram sobre o mundo durante a Guerra Final. Aquela que os humanos de ambos os lados lutaram tanto para vencer. Mas ninguém poderia prever esse resultado. Os vampiros estavam espreitando nas sombras, esperando que cometêssemos um erro. Para destruir apenas o suficiente de nós mesmos para que eles tivessem a vantagem. Eu suponho que a imortalidade lhes deu a paciência que não podíamos pagar.

Um barulho me fez gritar e me amaldiçoei pela minha idiotice quando avistei o vidro quebrado sob minha bota.

Olhei para a esquerda e para a direita, verificando se ninguém tinha me ouvido.

Uma sombra surgiu na minha visão periférica.

Virei-me rapidamente, mas não havia ninguém lá.

Mantenha-se firme, Montana. Ninguém vai sair por aqui.

Eu me senti exposta enquanto me enrolava pelo labirinto de pedras quebradas e argamassa caída. Por que Callie gostava de vir a este lugar era um mistério para mim. Era um lembrete constante da guerra que nos havia jogado neste inferno.

Avistei a fonte à frente e a esperança me envolveu como vapor quente. Talvez Callie e papai já estivessem no subsolo me esperando.

Parei diante dos restos destroçados do recurso hídrico, movendo-me lentamente ao redor dele e procurando na grama alta por sinais de uma escotilha. Meus olhos pousaram em uma placa de metal no chão. Musgo agarrado a ela, mas as bordas estavam limpas, provando que ela havia sido movida recentemente.

Curvando-me, cravei meus dedos nas ranhuras e arrastei-o para o lado. Um buraco escuro olhou de volta para mim e o cheiro de mofo chegou ao meu nariz.

Curvando-me, pendurei minhas pernas sobre a borda antes de encontrar o degrau de metal de uma escada. Cuidadosamente, me abaixei, contando minhas respirações enquanto descia, descia, descia até não poder mais ver o Reino.

O gosto da liberdade encontrou minha língua na forma de ar úmido e eu o devorei. Levantando a mão, puxei a capa de volta para o lugar e um gongo metálico soou por todo meu corpo.

Minhas palmas estavam escorregadias enquanto eu descia na escuridão, me amaldiçoando por não ter acendido um fósforo primeiro.

Quando cheguei ao fundo, procurei um na bolsa, mas um barulho de arranhão seguiu um chiado e um fósforo acendeu diante dos meus olhos.

O rosto sorridente do papai apareceu. “Ei, Monty.”

“ *Pai* ,” eu reclamei. Eu odiava esse maldito nome.

“Vem cá.” Ele me arrastou para um abraço e então me puxou junto, levantando o fósforo mais alto para iluminar nosso caminho adiante. O velho túnel não era nada além de entulho e sujeira, mas à frente um vislumbre da luz do dia brilhava como uma estrela guia.

Quando o fósforo se apagou, meu pai o largou e começou a andar pelos

escombros, usando as mãos para se firmar.

“Onde está Callie?” perguntei.

“Bem ali na frente. Eu disse para ela se esconder em um dos prédios.”

Caso fôssemos pegos , acrescentei na minha cabeça. Mas papai tinha feito a coisa certa. Não adiantava arriscar todos os nossos pescoços quando não precisávamos.

Eu segui papai pelas pedras, caindo de quatro quando ficou muito irregular. Finalmente, o túnel se abriu novamente e uma escada apareceu, iluminada por um feixe circular de luz.

Nós corremos até lá e papai se virou para mim, segurando minha bochecha. “Eu vou primeiro, espere até eu dizer para você seguir. Se eu não fizer isso, então corra de volta para o Reino. Não perca um segundo.”

“Papai-” eu reclamei, mas ele balançou a cabeça para me silenciar.

“Faça o que eu digo,” ele insistiu e eu cedi, apertando seu braço. Mas não havia a mínima chance de eu realmente deixá-lo.

"Te amo", ele sussurrou e eu sussurrei de volta enquanto ele subia a escada e saía do ralo.

Esperei, esticando o pescoço para tentar avistá-lo, mas tudo o que eu conseguia ver era o céu sombrio. Coloquei meu pé no primeiro degrau, meu coração batendo forte contra minha caixa torácica.

"Tudo limpo", sua voz chegou até mim e suspirei de alívio, subindo rapidamente a escada.

Quando cheguei ao topo, papai empurrou a mão para baixo para me puxar para fora. Minha cabeça rompeu o buraco e o ar correu para meus pulmões. Apesar de estar a cem metros do Reino, foi a respiração mais fresca que já tomei.

A sombra de um pássaro voou sobre nós e papai se endireitou. Ele inclinou a cabeça em direção às cercas elétricas e eu imediatamente senti que algo estava errado.

Um grito chegou até nós do Reino e tentei descobrir de onde vinha.

"Ver!"

Meu coração bateu forte na garganta.

Lilien estava além das cercas cercada por *oito* vampiros. Um deles estava vestido com vestes verdes e o medo me atingiu quando o reconheci. *General Wolfe*.

Empurrei meu pai para fazê-lo se mover e começamos a correr enquanto o terror tomava conta de mim.

O caminho estava cheio de escombros das ruínas e quase tropecei mais de uma vez, mas nunca paramos, nunca olhamos para trás. Eu não desistiria. Estávamos muito perto da liberdade para que ela fosse arrancada de nós agora.

“Continue!”, gritou papai, derrapando até parar.

“Pai, o que você está fazendo?!” Girei nos calcanhares, avistando-o correndo de volta na direção dos vampiros. Eles saíram do ralo como formigas, avançando em sua direção em um ritmo feroz.

“Não!” Eu corri atrás dele.

“Eu amo vocês, meninas!” Papai rugiu ao colidir com a primeira, algo brilhando em sua palma. A vampira o levou ao chão em um instante, mostrando

suas presas.

A raiva guiou minhas ações e eu me abaixei para pegar uma pedra antes de jogá-la o mais forte que pude. Ela atingiu o rosto do vampiro que o segurava. Foi o suficiente apenas para distrair a fera, mas seus olhos se voltaram para mim em vez de para meu pai. Num piscar de olhos, ela correu em minha direção e uma onda de medo atingiu meu peito.

“Montana, cuidado!” Callie gritou de algum lugar próximo.

Eu não podia deixar o papai. Eu não faria isso.

O vampiro colidiu comigo. Eu bati no chão e o ar foi forçado para fora dos meus pulmões. A adrenalina surgiu através de mim como lava derretida. Meu braço se agitou ao meu lado enquanto eu caçava uma arma. Meus dedos se fecharam em torno de um pedaço quebrado de concreto e eu gritei minha raiva enquanto o batia em sua têmpora.

Sangue escorria do ferimento, mas ela não reagiu.

Ela começou a rir, seus cabelos ruivos caindo para frente, cercando seu lindo rosto.

“Sai fora!”, gritei, levantando meu braço para bater nela novamente. Ela agarrou meu pulso, batendo-o no chão e arrancando a pedra da minha mão. Eu gemi enquanto suas unhas cravavam em minha pele.

" *Puta* ", eu sibilei.

Com força sobre-humana, ela me rolou para baixo dela e arrastou meus braços para trás das costas, prendendo-os com algemas de metal.

Olhei para o grupo de vampiros cercando meu pai, forçando-o a se deitar no concreto.

Pai, meu Deus, pai.

Uma lágrima de arrependimento escorreu pela minha bochecha. Eu não pude ajudá-lo. Eu não era forte o suficiente para ajudá-lo.

“Para onde ela foi?” uma voz fria gotejou sobre mim. Minha cabeça foi puxada para trás, me forçando a olhar para o General Wolfe enquanto ele se aproximava.

O ódio tomou conta de mim como nunca havia sentido antes.

Minhas veias vibravam de fúria, terror. Eu nunca desistiria da minha irmã. *Nunca* .

Eu enrolei meu lábio superior para trás. “Vai se foder,” eu rosnei.

Sua bota colidiu com a lateral da minha cabeça e a escuridão me engoliu por inteiro.



Fiquei boquiaberto de horror enquanto olhava para meu pai correndo em direção a oito vampiros enquanto empunhava uma velha faca de cozinha.

Montana hesitou por um momento, o medo a dominando quando percebeu o que ele estava fazendo. Ela pegou uma pedra dos escombros aos seus pés e atirou no rosto do vampiro que prendia papai. Meu coração pulou de orgulho, mas o momento se dissolveu em um piscar de olhos quando a vampira ruiva mudou sua atenção para minha irmã.

Saí do prédio em ruínas onde estava escondido e comecei a correr em direção a ela pelo beco estreito.

"Montana, cuidado!" Eu gritei, incitando-a a agir enquanto o vampiro corria em sua direção. Meu aviso foi inútil, ela não teve chance de fazer nada antes que o vampiro colidisse com ela, fazendo-a cair no chão.

Os vampiros restantes se aglomeraram em volta do meu pai como uma maré quebrando contra uma rocha. Montana tentou lutar contra seu agressor, mas não adiantou. Os vampiros eram como estátuas que ganharam carne. A força deles era inigualável e o monstro que a segurava riu quando ela levou um golpe na cabeça.

Meu coração batia desesperadamente enquanto o pânico me atravessava e eu corri mais rápido para tentar ajudar. Eu não sabia o que poderia fazer para salvá-los, mas eu tinha que fazer *alguma coisa*.

Cheguei ao fim do beco, mas antes que eu pudesse sair, alguém agarrou meu braço, me puxando de volta para as sombras.

Eu ia gritar, mas antes que pudesse, uma mão enorme bateu na minha boca e me silenciou.

Tentei lutar, chutando e socando com meu braço livre, mas era como se os golpes que eu desferia nem fossem registrados. Meu agressor me girou, me jogando contra a parede de pedra fria de um bloco de apartamentos.

Seus dedos cravaram-se em minha bochecha enquanto sua mão fechava minha boca, me impedindo de fazer qualquer som.

Eu só conseguia assistir horrorizada enquanto o vampiro amarrava minha irmã e meu coração parecia que poderia se partir em dois. Eu lutei para me libertar, mas ele apertou seu aperto, seu volume me imobilizando completamente.

"É tarde demais para eles", ele sussurrou em meu ouvido.

Tentei de tudo para me afastar dele, mas estava totalmente dominado e mal conseguia me mover um centímetro. Com um solavanco de surpresa, percebi que ele não era um vampiro. O calor que irradiava de seu corpo, onde estava

pressionado contra minhas costas, me dizia o contrário.

Eu não conseguia entender por que ele estava fazendo isso comigo. Que diferença fazia para ele me segurar enquanto minha família precisava de mim?

Lágrimas corriam livremente pelas minhas bochechas enquanto eu assistia horrorizada enquanto os vampiros tiravam minha família de mim. Um gemido suave escapou da minha garganta enquanto meu mundo inteiro desabava e eu senti a tensão do meu captor aumentar com o som.

O vampiro que estava restringindo Montana se afastou dela e começou a olhar ao redor para os prédios ao redor. Prendi a respiração, o medo percorrendo meu corpo enquanto seu olhar passava pelo beco em que eu estava escondido. Estávamos bem no fundo das sombras, mas por um momento pensei que ela tinha me visto. Seu olhar varreu, porém, e meus pulmões se lembraram de como funcionar novamente.

Outro vampiro levantou o corpo inconsciente de Montana em seus braços como se não pesasse nada. O General Wolfe o direcionou de volta para o Reino e ele a carregou para longe, caindo no ralo e fora de vista.

Tentei gritar, um som abafado mal conseguiu passar pela mão que esmagou minha boca. Seu aperto aumentou dolorosamente, seus dedos cravando em minha bochecha com tanta força que eu podia sentir o hematoma.

Minha tentativa lamentável de emitir um som foi abafada pelos apelos do meu pai, que implorava aos vampiros para não tirarem seu filho dele.

“Ela só estava me seguindo!” ele gritou. “Eu pedi para ela me ajudar a procurar comida aqui fora - me leve em vez disso!”

“Não se preocupe,” o General respondeu, um sorriso cruel distorcendo suas belas feições. “Nós não nos esquecemos de você. Suas filhas têm um preço por suas cabeças. Onde está a outra?”

“De volta ao Reino,” meu pai mentiu para mim e meu coração se partiu em mil pedaços quando o vampiro o atingiu. O golpe pareceu quase casual, mas fez meu pai voar para o chão. Um corte se abriu em sua bochecha, derramando sangue no pavimento.

“Não minta para mim , *humano,”* General Wolfe alertou. “Você vai nos contar tudo o que queremos saber eventualmente, de qualquer forma.”

"Prefiro morrer a trair meus filhos", meu pai sibilou enquanto lutava para se levantar.

O vampiro o empurrou para trás e meu pai caiu no chão como se tivesse sido atingido por um taco de beisebol. Ele derrapou para trás no concreto, sua jaqueta cinza rasgando com o impacto.

O monstro com rosto de anjo avançou, estendendo a mão para roçar os dedos ao longo do ferimento sangrento na bochecha do meu pai. Ele levantou a mão até a boca e lambeu o sangue dela, fechando os olhos enquanto saboreava o gosto.

O ácido queimou minha garganta enquanto a repulsa tomava conta de mim.

Os vampiros menores se moviam como talos de milho na brisa enquanto observavam a interação. Eu podia praticamente sentir a fome deles. Um arrepio passou pela minha pele enquanto a excitação deles aumentava.

“Eu sempre preferi minhas refeições... *frescas* ,” o General sibilou enquanto abria os olhos. O olhar insípido havia sido banido deles e um brilho perigoso

brilhava desesperadamente atrás de suas pupilas. Ele pareceu levar um momento para tentar se conter, mas desistiu e saltou para frente, esmagando meu pai no chão.

Papai gritou quando o demônio mordeu seu pescoço, mas o vampiro agarrou seus braços, prendendo-o no lugar tão facilmente como se ele fosse uma criança em vez de um homem adulto.

Lutei ainda mais contra o aperto do meu captor e ele grunhiu enquanto se pressionava contra mim com mais firmeza, me impedindo de correr para ajudar meu pai.

O General soltou meu pai e sentou-se, sangue escorrendo pelo queixo enquanto virava a cabeça para o céu e suspirava de satisfação. Meu pai levantou dedos trêmulos para o ferimento em seu pescoço enquanto o vampiro saía de cima dele e voltava a ficar diante dele como se nada tivesse acontecido.

“Onde está sua outra filha?” Wolfe perguntou novamente, inclinando a cabeça para o lado em um gesto que parecia tudo menos humano. Meu pai se levantou antes de responder e mais lágrimas se acumularam em meus olhos enquanto ele cambaleava com o esforço de fazê-lo.

“Vá para o inferno.” Meu pai recuou e cuspiu direto no rosto do General.

O vampiro olhou feio para meu pai enquanto limpava o chumaço de saliva de sua bochecha. "Seria rude da minha parte não compartilhar minha refeição", ele disse friamente e levei um momento para perceber o que ele queria dizer.

Os seis vampiros menores entenderam mais rápido do que eu e todos pularam em cima do meu pai, animados, derrubando-o no chão.

Ele rugiu de dor quando seis conjuntos de dentes encontraram sua carne e eu gritei perto dos dedos do meu captor enquanto os membros do meu pai se debatiam violentamente sob o ataque.

“Não o matem,” o General Wolfe acrescentou depois que mais alguns momentos agonizantes se passaram. “Ele ainda precisa nos dizer para onde sua outra filha foi.”

Os vampiros menores relutantemente pararam de comer e se afastaram do corpo do meu pai. Ele não estava se movendo. Eu podia ver anéis de marcas de dentes sangrando em ambos os braços, assim como um em sua perna, onde os vampiros rasgaram suas calças em seus esforços para devorá-lo vivo.

Meu estômago se contraiu e revirou diante daquela visão, a bile encheu minha boca enquanto eu lutava contra a vontade de vomitar.

O General Wolfe suspirou impacientemente ao perceber que meu pai havia perdido a consciência. "Traga-o." Ele estalou os dedos para o vampiro que estava mais perto dele. "Ele responderá minhas perguntas quando acordar. O resto de vocês, procurem a garota neste lugar. Ela não pode ter ido longe, mas não se esqueçam que os Royals a querem. Ela não deve ser mordida."

Os cinco vampiros restantes se viraram e seguiram para as ruas ao redor dos prédios como cães caçando um cheiro. Felizmente, nenhum deles foi em nossa direção.

“Temos que nos mudar,” o homem que me segurava sibilou em meu ouvido. Eu lutei contra seu aperto novamente enquanto meu pai era arrastado para longe. Eu não me importava com os vampiros que estavam me procurando, eu só queria impedi-los de levar minha família embora.

O homem pareceu perceber que eu não planejava ir a lugar nenhum com ele e mudou seu aperto em mim para que ele pudesse me virar para encará-lo.

Ele era enorme; mais de 1,80 m de altura e construído com mais músculos do que eu já tinha visto em um homem. Ele tinha cabelos longos e pretos soltos sobre os ombros e seu rosto estava sombreado com uma barba por fazer que era quase longa o suficiente para ser chamada de barba. Suas roupas eram escuras e grudavam em seu corpo largo, parecia que eram feitas de couro.

Mas o que mais chamava a atenção nele eram os olhos; eram dourados e quase brilhavam, apesar do beco escuro em que estávamos escondidos.

Ele manteve a mão pressionada firmemente sobre minha boca e olhou para mim. Eu me senti encolhendo sob seu olhar aquecido.

“Não podemos ficar aqui”, ele insistiu. “Mas se você vier comigo, eu vou te ajudar a resgatar seu pai. Eu sei para onde eles estão indo.”

Eu queria recusar, me afastar do seu alcance e correr atrás da minha família antes que os vampiros pudessem ir muito longe, mas uma pequena parte derrotada de mim sabia que eu não poderia ajudá-los. Eu só seria pego.

Meus olhos deslizaram de volta para o pátio que agora estava vazio. Wolfe tinha seguido o vampiro carregando meu pai de volta para o Reino. A única outra opção que eu tinha era persegui-los, mas e depois? Era suicídio e eu sabia disso. Eles me capturariam tão facilmente quanto capturaram minha família e então não teríamos chance de escapar. Se esse homem realmente soubesse para onde eles estavam sendo levados, então talvez eu tivesse uma chance. Embora pequena...

Com uma onda de determinação que partiu meu coração em dois, eu assenti.

Ele me observou por vários segundos como se eu fosse um animal encurralado e lentamente tirou a mão da minha boca.

Eu o empurrei para trás e o encarei. Não importava a ajuda que ele estava me oferecendo agora, ele tinha me impedido de ir para minha família quando eles mais precisavam de mim.

“Como você sabe para onde eles estão levando?”, sussurrei com raiva. Eu não iria simplesmente seguir cegamente um estranho e confiar em suas promessas de ajuda.

“Venha,” ele instruiu em um sussurro enquanto se virava e começava a andar. Amarradas em suas costas estavam duas lâminas pesadas e douradas, seus punhos cobertos por letras estranhas. Eu me irritei com seu total desrespeito à minha pergunta.

“Quem é você?”, sibilei, permanecendo exatamente onde ele me deixou. Eu nunca o tinha visto antes, tinha certeza. Ninguém no Reino era tão grande quanto ele ou tão intimidador.

"Silêncio", ele instruiu ferozmente e eu recuei e então me amaldiçoei por isso.

Olhei de volta para a rua onde minha família estava minutos antes e me perguntei se eu deveria ir atrás deles eu mesmo. *Esse cara pode ser um psicopata, pelo que eu sei.*

Ele deu três passos largos em minha direção, me encurralando contra a parede novamente. Eu me forcei a ficar ereta e inclinei meu queixo para segurar seu olhar. Eu esperava parecer mais corajosa do que me sentia.

“Se você não seguir, eles vão te caçar e te matar ou pior. Eu vou libertar os humanos que eles levaram. Venha comigo ou não. A escolha é sua.”

“Não há muita escolha,” murmurei com raiva. Ele olhou para mim e se virou sem olhar para trás para ver se eu estava seguindo.

Olhei de relance para o ralo que levava de volta ao Reino. Eles tinham levado papai e Montana de volta para dentro, mas eu sabia que não os devolveriam para o nosso antigo apartamento. Segui-los só serviria para me pegar também.

Eu não tinha chance de libertá-los naquele momento, mas se esse homem realmente soubesse o destino deles, eu poderia ter uma chance.

Ninguém esperaria que outro humano estivesse fora do Reino. E mesmo sabendo que eu tinha escapado, eles nunca esperariam que eu fosse atrás deles. Eles esperariam que eu fosse para o sul e continuasse correndo até que o sol escaldante os impedisse de seguir. Mas eu não iria a lugar nenhum sem minha família.

O General disse que os Royals nos queriam para alguma coisa, o que eu imaginei que significava que tínhamos passado no maldito teste deles. O que quer que eles quisessem de nós, não podia ser bom. Eu nem sabia que os vampiros *tinham* Royals, mas não importava. Eles podiam enfiar uma coroa em suas cabeças de mortos-vivos ou enfiar uma em suas bundas, não fazia diferença para mim. Eu não me curvaria aos desejos deles, eu faria o que fosse preciso para afastar minha família deles.

Talvez eles tivessem decidido que nosso sangue era particularmente delicioso e quisessem nos servir como prato principal em um banquete. Talvez no leste, onde havia rumores de que a Elite vivia, eles gostassem de beber seu sangue fresco; mordendo a carne como o General fez com meu pai. O pensamento de suas presas afiadas perfurando minha pele enviou uma onda de medo rolando sobre mim. A agonia presente nos gritos do meu pai quando eles o morderam me disse tudo o que eu sempre quis saber sobre a dor que isso causaria.

Hesitei novamente e então xinguei enquanto corria para alcançar meu companheiro inesperado. Por mais que eu não quisesse admitir, ele parecia minha melhor chance de sobrevivência por enquanto. No mínimo, ele seria uma refeição mais apetitosa para os sugadores de sangue se eles nos encontrassem. E enquanto eles estivessem lidando com ele, eu teria uma chance de escapar.

Ele rapidamente me levou para longe, revezando-se entre os prédios tão rapidamente que ele devia estar familiarizado com a rota. Eu me esforcei para acompanhar seu passo largo e rápido.

“Espere”, ele disse de repente, levantando uma mão para enunciar seu ponto. “Um deles nos encontrou. Espere aqui.” Ele saiu do beco que estávamos ocupando, segurando as duas lâminas sobre os ombros e puxando-as para fora de suas bainhas.

“Espera, o que você quer dizer?” Corri atrás dele e então cambaleei até parar quando avistei a vampira parada na estrada a menos de quinze metros de distância. Ela se virou para nós com um sorriso triunfante, seu cabelo escarlate se enrolando em volta de seu rosto devastadoramente lindo em uma brisa que eu não conseguia sentir.

“Aí está você, doce menina”, ela ronronou.

Meu estômago se contraiu em pânico enquanto eu me perguntava como ela conseguia ignorar o homem-montanha que vinha em sua direção com um par de espadas em meu favor.

"Se você a quiser, terá que passar por mim", ele rugiu enquanto se aproximava dela.

A vampira finalmente voltou sua atenção para ele e seus olhos se estreitaram enquanto ela puxava sua própria espada das costas. "Matador", ela rosnou. "Nós começamos a pensar que vocês estavam todos mortos."

“Você pensou errado.” Ele se virou em direção a ela tão de repente que quase perdi o movimento. Sua lâmina varreu baixo, mirando em seu estômago, mas de alguma forma ela pulou acima dele, aparando sua segunda lâmina com a dela.

O choque de metais colidindo fez meu coração disparar no peito, mas meus pés estavam presos no chão.

Eles dançavam para frente e para trás, combinando golpe por golpe em movimentos tão graciosos que quase pareciam coreografados. O homem-montanha se movia muito mais rápido do que eu teria acreditado ser possível para alguém do seu tamanho. Cada vez que ela saltava sobre ele, ele estava pronto para ela e a empurrava de volta para a defesa.

Dei um passo para trás, me perguntando se deveria estar fugindo, mas incapaz de tirar o olhar da batalha diante de mim. Meu pé prendeu em algo pesado e olhei para baixo para encontrar um tijolo quebrado ao meu lado. Abaixei-me e agarrei-o, sentindo-me melhor por ter algo vagamente parecido com uma arma na mão.

A vampira percebeu meu movimento, sua cabeça se virando em minha direção enquanto seus olhos brilhavam. Ele tomou sua distração momentânea como um presente e balançou para frente violentamente. Sua lâmina cortou direto seu pescoço fino como se não fosse nada além de papel e sua cabeça caiu de seu corpo com um baque molhado.

Eu respirei fundo.

Ele rolou em minha direção, deixando um rastro de sangue no concreto, e senti minha boca abrir em uma mistura de horror e admiração.

Passos pesados me fizeram desviar o olhar do seu rosto, que estava congelado em um momento de compreensão confusa.

“O que é isso?”, ele perguntou, apontando para o tijolo que eu agora segurava com tanta força que pensei que poderia estar cortando minha palma. Eu o deixei cair envergonhado. Ele fez barulho alto ao atingir o chão.

“Você matou um”, eu disse. Nenhuma outra palavra parecia relevante. Eu sonhava em matar uma dessas coisas todos os dias da minha vida, mas nunca acreditei que isso fosse realmente possível.

Ele olhou para o corpo decapitado como se quase tivesse esquecido que ele estava ali. "Não exatamente." Ele girou uma de suas lâminas na palma da mão e a enfiou no coração do vampiro.

Um som como o de gotas de chuva caindo encheu o ar e eu observei fascinado enquanto seu corpo se desintegrava em milhares de pequenos pedaços, como grãos de areia.

Um pouco disso pegou na brisa e girou em minha direção. Prendi a respiração e dei um passo para trás. *Quem sabe o que aconteceria se eu respirasse pó de*

vampiro?

"Você nunca viu um ser morto?" ele perguntou franzindo a testa.

Balancei a cabeça fracamente.

"Comecei a me perguntar se isso seria possível", sussurrei.

Sua carranca se aprofundou e ele olhou ao redor para os arredores como se os estivesse vendo pela primeira vez. "Em que ano estamos?", ele perguntou lentamente.

Fiquei pensando por que ele estava fazendo uma pergunta tão estranha, mas quando olhei em seus olhos dourados, pude ver que ele realmente precisava ouvir a resposta. "É vinte e um trinta e três. Por quê?"

Seu olhar ficou nublado e ele se virou para olhar para o céu cinza. "Perdoe-me, irmão", ele murmurou e eu pude ouvir dor crua em sua voz. "Eu dormi demais."



Isso era um pesadelo, tinha que ser. Mas a caixa fria de aço em que eu estava preso só podia ser real. Eu nunca tinha visto nada assim no Reino para sequer imaginar que existisse. Eu estava acorrentado a um banco de metal duro, minhas mãos e pés algemados.

Pensei em Callie, rezando para que ela tivesse chegado em segurança. Mas mesmo que ela tivesse escapado, isso realmente a tornava segura?

Contaram-nos histórias sobre o mundo devastado além das cercas elétricas do Reino. Um sol implacável e um deserto escaldante onde pássaros esperavam para tirar a carne dos seus ossos. Isso era ao sul. Mas ao leste? Quem sabia? Dizia-se que a Elite vinha de lá. Era para lá que eu estava sendo levado? Ou meu destino era mais óbvio do que isso? O banco de sangue.

Meu estômago revirou. Papai estava lá? Por que ele não estava comigo se era para lá que eu estava sendo levado?

Pensei nele pendurado, quase morto, mantido em soro para não morrer, mas continuando a produzir sangue. Se fôssemos livres no Reino, então o banco de sangue era a versão dos vampiros de agricultura intensiva.

Deus, não lá. Em qualquer lugar, menos lá. Por favor, fique bem, pai.

Eu estava sendo empurrado de um lado para o outro e o movimento me fez pensar que eu estava em um veículo, algo que meu pai tinha me falado. Uma van, talvez.

Gritei para quem estava dirigindo, mas não obtive resposta. Então, bati e chutei o chão de metal, fazendo o máximo de barulho que pude. Isso não fez nada além de aliviar um pouco da energia ansiosa que fluía em minhas veias.

O veículo fez um barulho estrondoso e eu me virei para o lado quando ele parou de se mover.

“Fronteira estadual, deixe-me ver seus documentos”, uma voz cortou o ar além das paredes de metal.

“Ei!”, chamei instintivamente. “Ei – quem está aí?”

A voz silenciou, então outro tom masculino profundo soou da frente do veículo. “Tenho uma na parte de trás do Realm G. Ela está indo para NYC.”

"Você está indo para o campo de aviação?", o homem perguntou e eu comecei a bater meus pés no chão novamente, fazendo uma cacofonia de barulho.

Bastardos, todos eles. Como eles puderam me tirar das únicas pessoas que eu tinha no mundo?

“Deixe-me sair!” Eu exigi, mas ninguém respondeu.

“Abra, vamos dar uma olhada nela.”

Meu coração tropeçou quando passos se fecharam nas duas portas na parte de trás do veículo. Quando elas se abriram, a luz do dia caiu sobre mim, mas não era muito mais do que um brilho vago entre as nuvens escuras. Uma garoa pairava no ar ao redor dos dois homens parados ali.

Não, não homens. Vampiros. Ambos eram atraentes e construídos com músculos magros.

Fiquei em silêncio enquanto olhava para eles e o que estava de uniforme preto respirou pelo nariz.

“Delicioso,” ele suspirou e minha pele arrepiou. Apesar de saber que eu era uma fonte de alimento para esses nojentos, nunca fui olhado como se eu fosse uma refeição fumegante pronta e esperando para ser devorada.

Meus olhos deslizaram para uma estrada pavimentada atrás deles, cercada por uma floresta densa, tão verde e brilhante que tive certeza de que nunca tinha visto algo tão vívido na natureza antes.

“Para onde você está me levando?”, perguntei, mantendo meu tom forte.

"Ela ainda não descobriu", murmurou aquele que presumi ser meu motorista.

O outro riu. “Eles os mantêm estúpidos nos Reinos por um motivo.”

“Espere-” eu gritei, mas as portas bateram na minha cara novamente, abafando quaisquer outros protestos que eu pudesse ter sido capaz de conjurar. Lutar contra isso era inútil. Eles não me viam como um igual; eu era inferior a eles. Eles não me deixariam ir, não importa o quanto eu implorasse. Então eu só tinha uma opção restante: escapar.

Com minhas mãos e pés amarrados, isso não era uma possibilidade naquele momento. Mas eles tiveram que me soltar eventualmente. Não é mesmo?

Em algum momento, adormeci. Não sabia se era a calmaria da van ou a exaustão total rastejando em meus ossos que venceu no final.

Eu estava apenas meio consciente quando o veículo parou de se mover novamente e as portas se abriram. Noite. Meu pulso batia alto em meus ouvidos. Nós nunca saíamos depois de escurecer no Reino. Os vampiros estavam em seu elemento além do anoitecer... era quando as pessoas desapareciam.

Um holofote se destacou nitidamente atrás da figura escura subindo na van. Meu coração batia forte enquanto eu tentava dar uma boa olhada nele e meu motorista apareceu. Ele soltou a corrente que me prendia ao assento, mas minhas mãos e pés permaneceram amarrados enquanto ele me puxava em direção às portas. Com força sobre-humana, ele me levantou em seus braços e me jogou por cima do ombro.

A raiva tomou conta de mim e eu bati minhas mãos algemadas em suas costas repetidamente, mas sua única resposta foi uma risada musical.

Quando ele me plantou, eu estava virado para encarar uma coisa enorme e alada. Como um pássaro gigante e feio.

Outro homem se aproximou, vestido com um uniforme vermelho escuro com um emblema no bolso do peito.

Guarda Real. O que isso significa?

Meus olhos se ergueram para seu rosto sorridente. "Ela é a última." Ele pegou meu braço, me afastando do motorista e jogando para ele uma garrafa que brilhava vermelha ao luar.

Meu coração batia freneticamente enquanto o novo vampiro me puxava em direção ao pássaro gigante.

“O que é isso?”, perguntei enquanto nos aproximávamos de uma mulher de uniforme. Ela estava esperando no pé de uma escada de metal que levava até o pássaro, seu cabelo escuro preso em um coque elegante. Seus olhos brilhantes pousaram em mim e ela arrulhou. “Aww, tão fofo.” Ela deu um tapinha nos joelhos como se eu fosse um cachorro de rua e meu nariz enrugou de desgosto.

"Você é tão delicada, Maria", disse o homem que me segurava.

“Não sei por que não podemos mantê-los como animais de estimação.” Maria fez beicinho, gesticulando para o homem me levar escada acima.

"Porque não somos animais", cuspi para ela.

As sobrancelhas de Maria foram para o céu. “Oh, pequena humana desajeitada,” ela riu.

Olhei para ela enquanto o guarda me puxava escada acima. "O que é isso?", sussurrei e ele me olhou surpreso.

“Um aer-o-avião”, ele falou lentamente como se eu fosse idiota.

Eu reprimi um gemido. Minha mente faiscou com memórias da época em que meu pai me contou sobre os veículos voadores. Os aviões. Eu guardei essa palavra na minha mente enquanto me aproximava de uma fileira de assentos. Em cada um deles havia um humano, preso no lugar. Homens e mulheres em um estado semelhante ao meu, com roupas esfarrapadas e maçãs do rosto fundas.

A única característica que nos unia era a nossa juventude. A meu ver, ninguém ali tinha mais de vinte e cinco anos. O mais novo provavelmente tinha dezessete. O mais assustador era que eu não reconhecia nenhum deles. Callie e eu tínhamos imaginado que havia outros Reinos, embora os vampiros nunca tivessem confirmado isso. Mas eu conhecia todos no meu Reino, se não pelo nome, pelo menos de vista. Essas pessoas eram estranhas e isso indicava a escala da opressão dos vampiros.

Fui escoltado em direção a dois assentos vazios e algemado no lugar ao lado de um homem com uma cabeleira escura esfarrapada e uma barba espessa no rosto. Ele cheirava a suor e lama. Mas eu provavelmente também cheirava, então não estava prestes a reclamar.

Meus olhos viajaram para o assento vazio do meu outro lado e de repente juntei dois e dois. Devia estar reservado para Callie. Mas eles não a pegaram.

Um alívio tomou conta do meu peito.

Continue correndo, nunca deixe que eles te peguem, Callie.

O vampiro uniformizado olhou para todos, parecendo nos contar. Com um aceno rígido, ele bateu em uma porta atrás dele e gritou: "Tudo pronto para decolar!"

O motor roncou abaixo de nós e o guarda fechou a porta, trancando-a firmemente com uma grande alavanca vermelha.

O medo me percorreu enquanto o avião ganhava impulso até que estávamos avançando rapidamente na escuridão. A janela ao meu lado só permitia um

vislumbre dos holofotes enquanto passávamos por eles em alta velocidade.

Meu estômago se apertou. Meu pulso aumentou.

Olhei para o homem ao meu lado que parecia estar murmurando orações em voz baixa.

Fui empurrado de volta para o meu assento enquanto decolamos e o medo me devorava enquanto subíamos cada vez mais alto. Onde quer que eu fosse, estava deixando Callie e papai muito, muito para trás. E eu não sabia se os veria novamente.

Quando o avião nivelou, o guarda empurrou um carrinho pelo corredor, entregando a cada um de nós um pequeno copo de plástico cheio de um líquido laranja xaroposo. Minha garganta ardia por umidade, mas hesitei em beber, cheirando seu cheiro açucarado, tentando descobrir o que era.

“Bebam!”, exigiu o guarda quando todos tinham um copo na mão.

O homem ao meu lado levou o copo aos lábios e engoliu o conteúdo. “É melhor bebermos por escolha, hein?”, ele sussurrou para mim com um brilho triste nos olhos.

Suspirei, olhando para o xarope, certa de que ele estava certo. "Isso é realmente uma escolha?", murmurei, e ele estendeu a mão, apoiando-a no meu braço. Apesar de não conhecer esse homem, o gesto foi surpreendentemente reconfortante.

“Não, mas ajuda fingir.” Ele me deu um fantasma de sorriso e eu retribuí timidamente. “Eu sou Frank.” Ele piscou pesadamente enquanto eu desviei meu olhar do dele e olhei para minha xícara.

Por um segundo, pensei em não responder. Mas ninguém aqui sabia meu nome e eu não queria ser apenas mais um número na massa.

“Montana”, sussurrei.

Pegando minha xícara, engoli a coisa mais doce que já provei. Levou menos de um minuto para eu perceber que tinha acabado de me drogar sem querer. A tontura tomou conta de mim e minhas pálpebras pareciam pesadas como chumbo.

Enquanto a escuridão opressiva tomava conta de mim e me arrastava para um sono sem sonhos, senti o ombro de Frank pressionar o meu.

Se estou caminhando para um destino terrível, pelo menos não estou sozinho



EU não pude deixar de olhar para a paisagem aberta ao meu redor enquanto avançávamos por ela. Nosso Reino tinha pequenos pedaços de grama crescendo entre a lama, mas nada como isso. Minha mente vasculhou as histórias do papai até encontrar a palavra que estava procurando. *Prado* . Nunca tinha visto nada tão verde. Fiquei imaginando como ficaria no verão, quando as flores estivessem florescendo.

Meu companheiro silencioso continuou a liderar o caminho. Ele não falava desde que eu lhe disse que ano era e eu não era corajoso o suficiente para quebrar o silêncio que ele havia construído entre nós.

Tínhamos deixado as ruínas para trás horas atrás e, embora eu não pudesse deixar de olhar por cima do ombro várias vezes, eu estava começando a acreditar que realmente tínhamos conseguido escapar dos vampiros que estavam me caçando.

Eu não tinha certeza se deveria agradecer ao meu companheiro ou não. Ele certamente salvou minha vida do vampiro ruivo, mas eu ainda senti uma raiva ardente quando me lembrei da maneira como ele me prendeu no lugar enquanto minha família precisava de ajuda.

Eu estava começando a me perguntar se eu tinha errado em segui-lo. Eu não sabia nada sobre ele e quanto mais esse silêncio se estendia entre nós, mais desconfortável eu me sentia sobre minha decisão. E se ele estivesse errado sobre para onde os vampiros tinham levado minha família? E se ele fosse apenas um cara louco vivendo sozinho aqui fora que só queria minha companhia em seu barraco de cara louco?

Essa pode ser um pouco exagerada, Callie...

Minha mente voltou para o quão facilmente ele matou aquele vampiro e minhas preocupações diminuíram um pouco. Qualquer um que pudesse fazer isso certamente seria capaz de libertar minha família também. Mas eu nem sabia o nome dele...

Balancei a cabeça para banir os pensamentos preocupantes e tentei me concentrar no meu entorno. Eu nunca tinha estado fora do Reino e o mundo era muito maior do que eu jamais havia sonhado.

Tudo era novo para mim, da terra macia sob minhas botas ao som do vento sussurrando através dos galhos nus das árvores. Até o cheiro era diferente aqui; longe da pressão de milhares de corpos humanos, tudo era tão fresco. Eu nunca

tinha realmente sentido o cheiro rico vindo dos pinheiros que ladeavam nosso prado. Ou a fragrância limpa do ar que não havia passado por corredores de concreto.

O sol estava se pondo em direção ao horizonte e eu mordi meu lábio enquanto pensava no que isso significava. A noite era o momento em que os vampiros estavam mais fortes. Era o momento *deles* . Nenhum humano poderia ter chance contra eles sob a luz das estrelas.

Puxei meu casaco novo mais apertado em volta do pescoço. Embora não tivéssemos falado no tempo que passou desde que ele matou aquele vampiro, nós *saqueamos* um apartamento. Enquanto ele estocava comida, eu aproveitei a oportunidade para comprar roupas mais quentes. Não era o casaco branco que eu queria, mas comecei a pensar que era uma coisa boa; branco não era exatamente uma ótima cor para ficar fora de vista. O casaco grosso que eu agora usava era azul-escuro e ainda tinha o capuz forrado de pele com que eu sonhava.

O inverno já estava bem encaminhado e, conforme o sol se punha, a temperatura despencava. Eu nunca tinha tido algo como o casaco antes e o fato de eu não estar tremendo pra caramba provou sua eficácia. O homem-montanha vestiu uma capa cinza grossa forrada com pele, o que só aumentava sua aparência de gladiador.

Minha mente estava começando a fervilhar com perguntas não feitas. Eu estava com medo de abrir a boca, mas estava chegando ao ponto em que minha curiosidade iria superar meu medo. Estávamos caminhando pelo que parecia uma eternidade e eu só tinha uma promessa que ele tinha feito horas atrás para me fazer pensar que estávamos indo atrás da minha família. Eu precisava saber como ele sabia onde eles estariam. E como ele esperava tirá-los de lá.

De alguma forma, eu não conseguia expressar minhas preocupações. A tristeza que parecia preenchê-lo quando ele soube do ano era tão constante que eu quase senti isso também. Se eu não tivesse preocupações o suficiente para durar uma vida inteira, eu já teria perguntado a ele sobre isso, mas isso estava quebrando uma das minhas próprias regras. Nunca faça perguntas pessoais. Não forme laços desnecessários.

Ele desviou do nosso caminho e virou de lado, abrindo caminho entre as árvores que ladeavam o prado. Eu o segui cuidadosamente, respirando o aroma fresco e verde dos pinheiros.

Eu tinha tudo que sempre sonhei e meu pior pesadelo ao mesmo tempo. Por mais incrível que tudo isso fosse, não significava nada sem ter minha família aqui para compartilhar.

Caminhamos por entre as árvores por um curto período, as agulhas de pinheiro estalando suavemente sob minhas botas. Não pude deixar de olhar ao redor com admiração e até avistei uma coruja pulando entre as árvores, observando nosso progresso. Parei para olhar para o pássaro, um sorriso puxando meus lábios. Parecia tão despreocupado. Eu me perguntei por que ele nos achava tão interessantes e levantei minha mão em uma espécie de saudação a ele.

Um lampejo de movimento chamou minha atenção e uma pequena lâmina varreu o ar, derrubando a coruja da árvore e a fazendo cair morta no chão da floresta. Soltei um grito de horror e corri em direção à bela criatura.

“O que você fez?”, perguntei com raiva enquanto meu companheiro caminhava em minha direção.

Ele se abaixou para pegar sua faca, nem mesmo me oferecendo a cortesia de olhar para mim, muito menos respondendo à minha raiva. Antes que ele pudesse se virar, agarrei seu pulso e forcei seu olhar a encontrar o meu. Seus olhos dourados pareciam mais turvos do que antes, como se algo neles tivesse quebrado.

“Por que você fez isso?” Eu cuspi, a tristeza pela criatura alimentando minha raiva e me emprestando coragem extra.

“Era um Familiar,” ele respondeu, sua voz uniforme e condescendente. “Eu salvei sua vida novamente.”

“Um o quê?” O ponto onde eu agarrei seu pulso entre meus dedos estava ficando quente e eu o soltei enquanto olhava para o pássaro morto.

“Uma besta cuja alma está amarrada a um vampiro. Seu único propósito é ser seus olhos e ouvidos. Um espião vivo e respirando.” Ele continuou sua tarefa original de recuperar a faca e, enquanto a puxava do peito da coruja, o pássaro se dissolveu em pó, assim como o vampiro havia feito naquela manhã. Eu recuei em desgosto e a realização me inundou.

“É assim que eles sempre sabiam o que estava acontecendo no Reino, não é? Eles estavam de olho em nós o tempo todo.” Eu não conseguia acreditar que nunca tínhamos percebido. Havia ratos mais do que suficientes no Reino para eles estarem observando cada um de nós. Se eu adicionasse pássaros e outros animais à mistura, não era de se admirar que ninguém nunca tivesse conseguido esconder nada dos vampiros.

Ele apenas assentiu para mim antes de guardar a faca na bainha em seu quadril e continuar nossa jornada através das árvores.

Acho que voltamos a não nos falar então.

Eu o segui novamente, mas antes que eu pudesse questioná-lo sobre nosso destino, ele me levou para fora através de um último grupo de pinheiros e me apontou para uma caverna que era formada na cavidade de uma grande face rochosa. Assim que entrei, ele parou na soleira e usou uma de suas longas lâminas para desenhar runas na terra do lado de fora.

Quando ele terminou, uma onda de ar quente passou por mim e um arrepio correu pela minha espinha. Não foi desagradável, mas com certeza não parecia natural também.

“O que foi isso?”, perguntei, dando um passo para longe da entrada e mais para dentro do abrigo da caverna.

“Coloquei uma proteção na entrada deste lugar. Nenhum ser maligno nos encontrará ou poderá passar por ela.”

Senti meus olhos se arregalando em descrença, mas não pude negar a estranha pressão que senti quando ele esculpiu aquelas runas.

“O que é você?”, perguntei desconfiado. Ele com certeza não era do Reino.

“Algo que o mundo esqueceu e o tempo deixou para trás.” Ele se afastou de mim e começou a juntar lenha.

Dei um passo em direção a ele para ajudar, mas conforme me aproximava da enfermaria, tive uma forte vontade de voltar para a caverna. *Melhor ficar onde é seguro.* Sem realmente querer, me virei e voltei para dentro.

Balancei a cabeça, me perguntando como pude ter esquecido de ajudar a recolher a lenha e então me virei para a entrada. Quando me aproximei da enfermaria novamente, me afastei um pouco dela, a vontade de ficar lá dentro me agarrando ferozmente. *Fique lá dentro, é mais seguro.* O pensamento passou pela minha mente, mas era como ouvir outra pessoa falando. Eu não queria ficar lá dentro.

Cerrei o maxilar e cruzei o limiar apesar da crescente vontade de permanecer na caverna. Meus passos pareciam feitos em areia movediça enquanto cruzava a enfermaria e olhava para ela, de repente certa de que era a razão pela qual os pensamentos estranhos tinham se plantado em minha mente.

Eu me libertei do estranho controle que ele tinha sobre mim e rapidamente comecei a juntar lenha.

Enquanto eu enchia meus braços, notei o homem-montanha me observando e fiquei de pé para encará-lo. "Há algo errado?" Eu o desafiei quando ele não abaixou o olhar. A luz do entardecer iluminou a rica cor bronze de sua pele e acendeu um fogo em seus olhos dourados. Percebi que estava olhando e pisquei algumas vezes para quebrar a conexão entre nós.

"Por que você não ficou na caverna onde é seguro?" ele perguntou lentamente e eu fiquei tenso quando percebi que a voz em minha mente parecia a dele de alguma forma.

“Isso foi algum tipo de truque?”, perguntei. “Para tentar me fazer ficar lá dentro? Não quero você mexendo na minha cabeça.”

“Eu só queria mantê-la segura,” ele murmurou. “Perdoe a intrusão em seus pensamentos. A proteção era apenas para encorajá-la a permanecer sob a proteção do nosso abrigo. Estou surpreso que você estava ciente do efeito que isso tinha em você e ainda mais surpreso que você foi capaz de superá-lo.”

Eu fiz cara feia para ele por um momento. Quase soou como se ele estivesse sugerindo que tinha usado magia.

“Você é um feiticeiro?”, perguntei. Imagens das histórias do meu pai encheram minha mente de crianças indo para escolas de magia e velhos sábios que vagavam pela floresta. Ele não se parecia com nenhum dos dois e eu tinha certeza de que nenhum deles realmente existiu.

“Qualquer homem assim morreu antes do meu tempo. O que foi há muito tempo, de fato. Eu só usei o poder das proteções e ele tem muitas limitações.” Ele deu um passo à frente e pegou a pequena pilha de lenha dos meus braços, adicionando-a à sua própria pilha muito mais impressionante. Sem outra palavra, ele se virou e a carregou para dentro da caverna.

Olhei ao redor para a floresta escura e me perguntei se mais algum espião animal estaria me observando. Abracei meus braços firmemente ao redor do meu corpo e corri atrás dele. Enquanto cruzava a enfermaria novamente, senti seu poder me dando as boas-vindas. Eu não queria gostar, mas gostei.

“Eu sou Callie,” eu disse enquanto me movia para sentar ao lado da minha companheira que estava começando a acender o fogo. O silêncio se estendeu desconfortavelmente e eu soltei um bufo de irritação. “Esta é a parte em que você me dá seu nome,” eu estimulei.

“O nome de um homem tem muito poder.” Ele terminou de acender o fogo e começou a bater duas pedras de sílex para acendê-lo.

Eu fiz cara feia para ele e comecei a pensar em nomes para ele na minha cabeça. Se ele não quisesse me dar o nome dele, então eu mesma daria um. Como Idiota ou Aquele-que-não-fala ou Idiota-arrogante ou Phillip...

O fogo floresceu para a vida e ele se recostou para observá-lo. “Magnar Elioson, o primeiro dos Cruzados Abençoados. Significa guerreiro do sol. Eu era o Conde do meu clã antes de dormir.” Ele passou a mão pelos cabelos longos e suspirou como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros.

“O que isso quer dizer?”, perguntei confuso.

“Eu sou um caçador, talvez o último da minha espécie. Era nosso trabalho proteger os mortais da ira dos vampiros. Eles deveriam ter sido varridos deste mundo novecentos anos atrás, mas algo deu errado. Eu fui traído.”

“Você... traiu? O que quer dizer com novecentos anos atrás?” Em vez de sua resposta me ajudar, ela só pareceu me apresentar mais perguntas.

“Essa é uma história muito longa.” Seu olhar permaneceu nas chamas crescentes e eu me perguntei se ele planejava me contar ou não. “Há muito, muito tempo, a líder do Clã das Profecias previu a queda daqueles monstros. Ela me viu liderando a Cruzada do Matador contra eles e derrubando os Belvederes de uma vez por todas.”

“Desculpe, quem?” Eu não gostei de interrompê-lo, mas ele já tinha me perdido. Eu não tinha ideia de quem eram os Belvederes ou o que eles tinham a ver com os vampiros.

Magnar se virou para olhar para mim e percebi que ele estava mais do que um pouco surpreso com minha ignorância.

“Esse é o nome que os vampiros originais deram a si mesmos quando cruzaram o mar para esta terra. Eles são os que começaram tudo isso há mais de mil anos. Eles têm outro nome agora?” ele perguntou.

“Eu nunca ouvi falar deles, mas eu realmente não sei muito sobre o que acontece fora do Reino. Os vampiros nunca se incomodaram em nos contar sobre como as coisas são administradas.” Dei de ombros, desculpando-me.

Papai sempre disse que os vampiros nos mantinham ignorantes de propósito porque quanto menos soubéssemos sobre eles, menos provável seria encontrarmos uma maneira de nos rebelar contra eles. A maior fraqueza da humanidade era a ignorância. Mas a cura para a ignorância era o conhecimento e se ele sabia de algo que eu não sabia, então eu queria ouvir. Tudo.

“Suponho que eles não gostariam que você soubesse como chegaram ao poder”, disse Magnar pensativamente. “Mas meu povo sempre soube que derrubar os Belvederes seria a chave para a queda de toda a espécie vil. Nós os caçamos até os confins da terra até que eles foram forçados a se separar e se esconder de nós como os vermes que são. Não importa o quanto procurássemos, não conseguimos localizar nenhum deles. Mas então a profecia veio à tona.

Eles estariam juntos, reunidos no mesmo lugar pela primeira vez em um século. Eu deveria liderar a Cruzada dos Slayers contra eles com meu irmão ao meu lado. Nossa vitória estava escrita nas runas.

O único problema era que isso não aconteceria por cem anos e só havia uma maneira de eu estar lá para cumprir meu destino. Enquanto o resto dos clãs se preparava para a batalha e criava as próximas gerações prontas para lutar pela liberdade que o mundo merecia, eu deveria ser protegido da devastação do

tempo para que eu pudesse liderá-los. Meu irmão e eu fomos colocados em um sono rúnico por cem anos para que pudéssemos acordar prontos para liderar a cruzada e colocá-los de joelhos."

"Um sono rúnico?" Eu não tinha certeza se alguma coisa que ele estava dizendo fazia sentido. Parecia que ele estava alegando ter mil anos de idade e, embora eu soubesse que os vampiros eram imortais, nunca tinha ouvido falar de um homem humano compartilhando esse dom.

"Sim. Minha mãe era do Clã dos Sonhos, cujo povo tinha poder sobre o sono. Entre seus dons estava a habilidade de prender alguém em seus sonhos, prendendo-o no lugar com uma runa muito parecida com aquelas que esculpi do lado de fora desta caverna. Essas runas perdem seu poder com o tempo, mas minha mãe era poderosa o suficiente para poder escolher o momento exato em que seus efeitos acabariam. Se ela escolhesse prender alguém em um sonho por uma hora, um mês ou um ano, então eles ficariam lá sem nenhuma maneira de se libertar, a menos que ela os libertasse."

"E eles não envelheceriam durante esse tempo? Ou morreriam de sede?", perguntei com uma carranca. Mesmo se eu acreditasse no que ele estava dizendo, era difícil imaginar como alguém poderia sobreviver em tal estado.

"Essa parte exigiu uma ajudinha de uma deusa."

Abri a boca para negar a existência de qualquer ser assim. Meu pai nos contou tudo sobre as religiões antigas e eu conhecia pessoas no Reino que ainda oravam a Deus diariamente, mas eu nunca acreditei em nada assim. Que tipo de deus ficaria sentado assistindo a todas as coisas horrendas que estavam acontecendo com seus seguidores? Hesitei o suficiente para que Magnar captasse a essência dos meus pensamentos.

"Não se preocupe, amaldiçoar ou negar a existência dos deuses na minha presença não vai me ofender. Eu os amaldiçoo diariamente. Eles não oferecem aos mortais muito além de dor e sofrimento para sua própria diversão. Mas a deusa Idun ajudou os matadores muitas vezes ao longo dos séculos porque ela compartilha nosso ódio pelos vampiros."

"Por quê?", eu disse abruptamente, incapaz de me conter.

"Porque eles são imortais e esse presente nunca deveria ter sido dado a eles. Ela é a deusa da eterna juventude e ninguém além dela deveria ter sido capaz de conceder tal coisa. Isso a deixou um tanto amarga."

"Então se ela não os tornou imortais, quem os fez? E ela não pode simplesmente desfazer isso se está tão infeliz com isso? Qual é o sentido de ser a deusa da imortalidade se você não pode tirá-la daqueles que não a merecem?" Eu exigi.

"Sinta-se à vontade para perguntar a ela se ela alguma vez se dignar a falar com você. Os deuses parecem ser muito melhores em fazer bagunças do que em consertá-las. Ou talvez eles apenas se divirtam em nos observar enquanto lutamos para lidar com o que eles colocaram em movimento. Quem sabe?"

A ideia de deuses e deusas rindo da destruição que havia se abatido sobre o mundo fez meu sangue ferver e eu cerrei os dentes com raiva enquanto tentava desviar minha mente da ideia. Papai me disse que as pessoas que acreditavam em religião sempre o faziam cegamente de qualquer maneira. Então a história de Magnar sobre uma deusa o ajudando não poderia ser nada mais do que uma

fantasia da qual ele se convenceu. Embora se fosse esse o caso, então eu não tinha certeza de como explicar suas habilidades de salto no tempo e algo em meu intestino me disse que ele não estava mentindo sobre isso. Ele realmente tinha mil anos.

"O que deu errado então? Você disse que sua mãe sabia exatamente como definir as runas para que você pudesse dormir por cem anos. Ela estragou tudo de alguma forma?"

"Ela nunca teria cometido tal erro. Isso deve ter sido causado por outra pessoa. Alguém que nos traiu a todos," ele rosnou sombriamente.

"E é por isso que os vampiros ainda estão por aí, mas os caçadores não?", perguntei.

Ele assentiu tristemente. "Mil anos se passaram e eu acordei para um mundo governado por aqueles que eu desprezo e vazio de meus parentes." Ele se moveu ligeiramente, seu olhar nunca vacilando das chamas do prédio e eu senti sua tristeza como uma força física. Apesar de todas as novas perguntas que sua história apresentava, eu sabia no meu íntimo que ele estava dizendo a verdade.

Eu não tinha ideia do que dizer em resposta a tamanha dor. Minha família tinha sido tirada de mim, mas eu ainda tinha esperança. Havia uma chance, não importa quão pequena, de que eu pudesse recuperá-los. Magnar estava completamente sozinho.



Meus olhos se abriram e vi nuvens acima de mim, além da grade de uma gaiola de metal. O céu estava cinza e opressivo, sem nenhuma lasca de luz do sol, nem uma rachadura, nem um brilho.

O solavanco e o empurrão do meu corpo me informaram que eu estava em outro veículo. Tentei sentar-me ereto, mas uma tira em meu estômago me segurava. Levantei minha cabeça alto o suficiente para encontrar outros amontoados ao meu lado como sardinhas.

Estiquei o pescoço para conseguir ver além da gaiola e meu coração bateu forte na garganta diante da visão que se desenrolava ao meu redor.

Estávamos cruzando uma ponte sobre um rio brilhante, seus suportes de metal enferrujados se erguendo alto de ambos os lados. À frente, havia uma cidade. Tinha que ser. Era grande demais para ser uma cidade e os prédios eram assustadoramente altos. À distância, eu conseguia ver o que pareciam ser as ruínas bombardeadas dos subúrbios da cidade. Uma ponte demolida saía da água, os restos quebrados da estrutura retorcidos e dobrados. O que quer que tenha restado dessa parte da cidade claramente havia sido reconstruído.

O caminhão diminuiu a velocidade até parar e eu rapidamente me abaixei, fingindo estar inconsciente como os outros. Meu coração batia uma melodia frenética enquanto eu espiava por entre meus cílios, avistando dois vampiros com grandes espadas investigando a caçamba do caminhão.

Fiquei parado enquanto eles deram a ordem para o nosso motorista continuar e saímos em disparada da ponte, passando por um portão de ferro que se fechou com um barulho atrás de nós.

O vidro brilhante dos arranha-céus imponentes olhava para mim, alcançando tanto o céu que me deixou tonto.

Este lugar era lindo e imaculado, assim como os próprios vampiros. E quanto mais viajávamos, mais brilho e glamour brilhavam para mim. Quem quer que vivesse atrás dessas paredes brilhantes tinha o destino dos humanos em suas mãos. E um aperto forte nos esmagaria a todos.

Chegamos a um enorme muro de tijolos que se estendia acima de mim seis metros. Era pintado de branco e parecia recém-construído. Tentei levantar a cabeça para ver mais, mas os guardas cercaram o caminhão novamente, verificando-o.

Mantive meus olhos fechados até que começamos a nos mover, então vislumbrei um portão de ferro enquanto atravessávamos o muro. O cheiro de

grama recém-cortada e o correr de mil folhas sopradas pelo vento arrebataram meus sentidos.

Um leque de galhos se estendia acima de mim enquanto passávamos por uma estrada lisa, serpenteando pela floresta. Eu mal conseguia acreditar na visão espalhada de folhas coloridas, tornando-se marrons e profundamente douradas enquanto se preparavam para cair. Eu tinha visto a floresta na borda do Reino fazer isso uma centena de vezes. Suas folhas morrendo e caindo antes de retornar no próximo verão. O inverno parecia estar chegando um pouco mais tarde aqui – onde quer que fosse *aqui* . Mas as árvores perto do Reino estavam mortas há muito tempo, sua cor drenada do mundo.

Levantei a cabeça, desesperado para ver mais, mas apenas árvores e um mosaico de folhas douradas no chão me encaravam.

Eu cambaleei quando o caminhão bateu em um solavanco e alguém gemeu ao meu lado. Olhando para baixo, encontrei uma garota de cabelos dourados dormindo profundamente ao meu lado. Enquanto meus olhos percorriam as outras, percebi que eram todas mulheres. Algo me disse que não era coincidência, mas eu não conseguia descobrir o porquê.

Quando o caminhão finalmente parou, avistei uma torre entre as árvores. Uma bandeira estava no topo dela com listras vermelhas e brancas. Um canto continha um retângulo azul salpicado de estrelas brancas.

Enquanto vampiros uniformizados cercavam o caminhão mais uma vez, voltei a fingir dormir, não querendo ser drogado novamente... ou pior.

Mãos perto do meu estômago me fizeram enrijecer quando alguém se ajoelhou de cada lado de mim. Eu me recusei a tremer quando ele me desabotoou. A mudança de corpos revelou outros guardas subindo no caminhão e logo fui puxado para os braços de um vampiro, carregado sobre seu ombro enquanto ele descia do veículo com leve graça.

Enquanto ele caminhava silenciosamente, ousei abrir meus olhos mais uma vez, tentando dar uma olhada para onde eu estava sendo levado. Frustrantemente, meu cabelo velava minha visão e levantar uma mão para movê-lo teria alertado o vampiro sobre meu estado de vigília.

Uma sombra caiu sobre mim quando entramos em um prédio e um momento depois fui jogado em um chão vagamente úmido. Sem aviso, a água caiu sobre mim em uma torrente e eu gritei de surpresa. Ouvi as outras garotas acordando e rapidamente me levantei. Minha frequência cardíaca disparou quando me vi em uma sala metálica com ralos aos nossos pés. Contei outras quatorze garotas em pé sob o chuveiro que estava chovendo do teto.

Água morna e deliciosa correu sobre mim. Levei alguns momentos para registrar a sensação incrível dela. Nunca senti nada tão bom.

Diante de nós estavam três vampiros, todos homens e nos encarando com expressões impassíveis enquanto agarravam suas vestes pretas para longe da água. Um deles falou, levantando o queixo, seus olhos eram duas poças turvas de verde.

“Lave-se. Use o sabão fornecido. Tire suas roupas e jogue-as no lixo.” Ele apontou para um recipiente de metal em um lado da sala.

As meninas começaram a se despir e a recolher as barras de sabão que estavam empilhadas no fundo do chuveiro.

Virei as costas para os vampiros, tirando minhas roupas encharcadas. Estar nu enviou uma onda de vulnerabilidade através de mim, mas tentei não deixar que as batidas do meu coração me dominassem enquanto pegava uma barra de sabão e começava a esfregar. O cheiro de mel encheu meu nariz enquanto o sabão ensaboava. Quase cheirava bem o suficiente para comer.

A loira do caminhão estava ao meu lado, sua pele morena ficando mais brilhante enquanto ela lavava a sujeira do corpo.

"Ei", sussurrei, mas antes que ela pudesse responder, um dos guardas gritou: "Não fale!", e a loira se afastou de mim.

Cerrei os dentes enquanto recolhia minhas roupas, ia até a lixeira e as jogava lá.

Um dos vampiros se aproximou de mim e não deixei de notar a maneira como seus olhos deslizaram pelo meu corpo. Não havia luxúria em seu olhar, apenas curiosidade. Ele passou por mim, perto o suficiente para roçar meu braço e eu recuei por instinto.

Ele pressionou a mão em um painel ao lado de uma porta de metal, destrancando-a. Ela se abriu, revelando uma câmara circular de vidro e a sala branca que ficava além dela.

"Entre", ele me retrucou e eu o contornei, segurando as mãos sobre o peito enquanto entrava.

As portas de vidro se fecharam atrás de mim, trancando-me dentro do pequeno espaço.

“Mãos ao alto, cabelo também”, ordenou o guarda.

Fiz o que ele disse, prendendo meu cabelo acima da cabeça e franzindo as sobrancelhas.

Uma respiração, duas. Então um feixe de luz azul brilhante iluminou o chão aos meus pés, subindo pela minha pele. Eu engasguei com a sensação estranha que fez todos os pelos do meu corpo formigarem. Conforme a luz viajava mais para cima, eu vi os pelos das minhas pernas se acumulando aos meus pés. Meus pelos pubianos seguiram rapidamente, depois minhas axilas.

Ergui meu queixo com uma inspiração alarmante, mas o raio evaporou antes de atingir meu pescoço. Soltando um suspiro trêmulo, olhei para o brilho da minha pele onde o cabelo havia sido removido.

Que diabos..?

Água jorrou de buracos aos meus pés, lavando tudo. No segundo em que a água parou, uma lufada de ar quente transformou a câmara em um redemoinho. Eu gaguejei contra a ferocidade dela, cobrindo meu rosto do vento escaldante que golpeava cada centímetro de mim.

Quando o vento parou, meu cabelo caiu macio e sedoso sobre meus ombros.

A porta de vidro se abriu na minha frente e eu tropecei para fora da máquina, avistando uma fileira de vestidos brancos fofos pendurados em um corrimão. Peguei um e me enrolei nele, minhas bochechas ainda inundando de calor da estranha preparação que eu tinha acabado de experimentar.

Inclinei-me para a frente, deslizando uma mão sobre a maciez da minha panturrilha com um suspiro de confusão. Por que diabos eles estavam fazendo isso conosco?

Uma por uma, todas as meninas entraram na câmara e passaram pelo mesmo

processo. Eu assumi a responsabilidade de distribuir vestidos conforme elas entravam na sala, parecendo arregaladas e com medo.

A garota loira com quem eu tentei falar foi a última a chegar e eu segurei um roupão para ela poder vesti-lo rapidamente.

“Obrigada,” ela respirou e eu assenti, uma desculpa patética para um sorriso puxando meus lábios. “Eu sou Paige.”

“Montana”, eu sussurrei.

“ *Quieto* ,” um dos vampiros estalou enquanto marchava pela câmara seguido pelos outros. “Continue andando.” Ele apontou para o caminho à frente; um corredor branco levando para fora da vista.

Meu estômago se arrepiou de nervosismo. E se estivéssemos sendo levados para o matadouro? Estariam nos fazendo lavar para que nossos corpos estivessem limpos quando chegasse o machado do açougueiro?

Não, eles não vão nos matar. Vampiros não matam, eles drenam.

Meu estômago embrulhou e eu lutei para reunir coragem enquanto corria com as outras garotas para o corredor.

Fomos escoltados para outra sala onde cabides de vestidos ficavam em frente a uma parede de espelhos, todos iluminados por lâmpadas brilhantes. Vasculhei o lugar, confuso quando uma vampira apareceu além dos vestidos. Ela estava vestida com um macacão preto que exibia seus braços tonificados. Um par de saltos brilhantes espiava por baixo, clicando no chão de ladrilhos enquanto ela se movia.

“Olá, meu nome é Felicia. Estou aqui para cuidar de você,” ela disse em um tom suave e desarmante que eu me recusei a deixar me enganar. “Por favor, escolha uma roupa íntima e uma roupa e venha até mim quando estiver vestida. Você precisará estar com sua melhor aparência, então certifique-se de escolher algo que combine com o formato do seu corpo. Se precisar de algum conselho, é só me avisar.” Ela acenou com as mãos para os vampiros atrás de nós e eles relutantemente nos deixaram lá, fechando a porta atrás deles.

Algumas das garotas flutuaram em direção aos vestidos, mas eu permaneci no lugar, olhando feio para o vampiro.

“Para que serve isso?”, perguntei e ela me deu um sorriso doce.

“Você vai ver a família real.” Ela sorriu como se isso fosse um presente maravilhoso para todos nós.

Minha respiração engatou. As Elites pensavam tanto em si mesmas que realmente tinham uma família *real* ? Era uma piada. O que eles queriam conosco, afinal? Não éramos apenas um suprimento de comida? Eu não queria desfilar na frente deles com um vestido idiota.

As meninas continuaram a puxar os vestidos justos, alguns na altura do joelho e outros longos, mas decotados. Eu nunca tinha visto nada parecido com essas roupas. E era óbvio que nossa pele sem pelos era para ser exibida neles.

Aproximei-me de uma pilha de roupas íntimas e vesti a peça preta mais simples que consegui encontrar entre as rendas e sedas.

Quando terminei, enrolei meu vestido fofo de volta em volta de mim, olhando para as garotas em vestidos projetados para nos menosprezar ainda mais. Com um suspiro de decisão, virei-me para o vampiro. "Eu não estou usando um."

Os olhos de Felicia praticamente saltaram das órbitas. “Oh, minha querida,

mas você precisa! Venha aqui, talvez você se sinta melhor quando seu rosto estiver pronto."

"O quê?" Eu não tinha ideia do que aquilo significava, mas me aproximei dela mesmo assim, observando uma variedade de pós escuros e claros diante dela em uma mesa ao lado de alguns bastões coloridos.

"O que é isso?", perguntei, encolhendo-me diante daquilo.

"Fique parada", Felicia encorajou, passando um pincel em um prato com um líquido claro. Eu enrijeci quando ela o passou em minhas bochechas, a sensação estranhamente afetuosa enquanto ela continuava a pintar meu rosto.

Estranho, estranho, estranho.

Ela usou pós em seguida, então pegou um pincel mergulhado em líquido preto que ela cuidadosamente empurrou contra meus cílios. Quando ela passou um gloss vermelho sobre meus lábios, eu já estava farta, me afastando para o espelho mais próximo enquanto uma das outras garotas tomava meu lugar.

Eu podia contar nos dedos de uma mão a quantidade de vezes que eu tinha visto meu reflexo completo. Espelhos eram um luxo no Reino e o pequeno e rachado que minha família tinha dificilmente mostrava algo de nossos corpos. E por que eu me importaria em olhar para mim mesmo de qualquer maneira?

Agora... olhando para meu rosto pintado para esconder manchas e realçar minhas feições, fiquei com raiva.

Meu sangue ferveu, meu rosto coçou para remover a coisa grudada nele. Levantei a manga do meu robe e comecei a esfregar. Não saiu facilmente e me deixou com duas listras da coisa preta dos meus olhos sangrando pelas minhas bochechas.

Meu rosto estava uma bagunça, mas eu não dei a mínima. Lancei um olhar para Felicia, cujos olhos se arregalaram em alarme.

"Pelo amor dos deuses!" ela arfou. "O que você fez? Venha, deixe-me consertar." Ela me conduziu em sua direção e eu me encolhi.

"Não," eu rosnei. "Para que tudo isso? Por que você está nos vestindo e tentando nos fazer parecer como- como-" Eu me esforcei para encontrar o final daquela frase, mas então ela me atingiu como um ataque cardíaco. "Como *você." Como vampiros com seus cabelos brilhantes e pele perfeita.*

Paige finalmente falou. "Ela está certa, do que se trata?" Seu tom era forte e me deu esperança. Talvez eu ainda encontrasse uma aliada nela.

Mais perguntas murmuradas foram ouvidas pelas meninas até que Felicia bateu a mão na mesa para nos calar.

"Chega," ela sibilou. "Você será apresentado à realeza! Eles não ficarão satisfeitos se você não tiver feito uma quantidade apropriada de esforço."

O medo me tentou em direção aos vestidos, mas a rebeldia me manteve enraizada no lugar. Esses vampiros tinham me arrancado de casa, me tirado da minha família e agora esperavam que eu os *agradasse* ? Bem, eu com certeza não iria entrar na brincadeira.

Um barulho persistente de tambor soou além da sala e Felicia olhou para mim alarmada. "Não há mais tempo. Você terá que ir como está."

"Por mim está tudo bem", murmurei, entrando na fila atrás das outras garotas enquanto ela liderava o caminho através de uma porta.

Outro corredor. Mais paredes brancas.

O tamborilar ficou mais alto e o som de uma multidão se reuniu em meus ouvidos. Nervos rasparam minhas veias quando uma porta foi aberta e a luz do dia se derramou sobre nós.

Eu fui o último a sair e Felicia arrancou o roupão dos meus ombros quando passei por ela. Minhas bochechas queimaram quando ela bateu a porta atrás de mim.

Milhares de olhos me encaravam de uma enorme plataforma, bem acima do pátio de pedra para onde fomos jogados.

Em um pódio oposto à multidão estavam quatro vampiros vestidos com roupas reais. Três homens e uma mulher, todos sentados em tronos brancos como giz. A mulher de aparência jovem estava sentada entre os homens dolorosamente bonitos; sua cabeça estava coroada, sua pele brilhantemente pálida e seu cabelo como o próprio sol. Seu vestido era creme e esvoaçante, as dobras e faixas de seda se acumulando a seus pés.

Os homens eram de alguma forma ainda mais cativantes do que ela. Todos estavam vestidos com um uniforme azul-marinho profundo com capas pesadas penduradas em seus ombros da cor do céu noturno. Espadas estavam presas em suas cinturas e medalhas brilhavam em seus peitos. Apesar de suas roupas unificadas, eles eram todos tão diferentes, igualmente bonitos, mas em sua própria maneira única. Sobre suas cabeças havia coroas, mas nenhuma tão luxuosa quanto a da mulher, apenas anéis simples de metal preto.

O vampiro na extrema esquerda tinha cabelo loiro escuro que estava puxado para trás em um gole de menino, seu queixo quadrado e seus olhos duas piscinas profundas de um céu de verão. Ao lado dele estava um vampiro com uma juba de cabelo castanho puxado em um rabo de cavalo apertado na base do pescoço. Suas bochechas eram fundas e seu nariz era um retângulo cinzelado. Seus olhos eram dois poços escuros, mas eram claros em comparação com o vampiro final cujos olhos eram de ferro.

Ele estava na extrema direita da fila, seu maxilar contraído parecendo tão poderoso quanto uma arma. Seu cabelo negro estava puxado para trás de uma sobrancelha alisada em tédio e a barba por fazer grudava nas bochechas cortadas em vidro. Eu nunca tinha visto um vampiro sem barba e o olhar corajoso que isso dava a ele era mais punitivo do que bonito.

Fixei meus olhos em todos os quatro enquanto eles nos davam atenção.

Do que se trata?

Uma porta se abriu no lado oposto do pátio e homens saíram para se juntar a nós no pátio. Humanos, todos barbeados e com cabelos curtos que raramente eram vistos nos Reinos. Suas roupas eram a maior piada de todas. Ternos, quase tão finos quanto os dos vampiros. Com uma centelha de reconhecimento, avistei Frank entre eles, sua longa juba agora cortada curta. Quando seu olhar se fixou no meu, suas sobrancelhas se uniram. Sua boca se curvou para baixo no canto e ele me deu um pequeno aceno de reconhecimento. Algo em sua expressão plantou uma semente de coragem em meu coração.

Felicia apareceu no pódio a vários passos de distância dos chamados membros da realeza, levantando o queixo para falar. “Condessa Clarice do Novo Império, e Condes Miles, Fabian e Erik, apresento a vocês o melhor estoque humano dos Reinos deste ano.” Cada um dos Condes assentiu para seu nome, marcando-os

na ordem em que estavam, da esquerda para a direita.

Aplausos irromperam da multidão atrás de nós. Eu me recusei a me virar, me recusei a me encolher como algumas das garotas fizeram, ou mesmo me curvar como uma garota que estava em um vestido rosa-dourado.

Olhei para a realeza, carrancuda e abraçando a semi-nudez do meu corpo. Eu não os deixaria me ver estremecer diante de seus olhares penetrantes, ou dobrar minhas costas em qualquer aparência de submissão.

A Condessa Clarice levantou um único dedo, girando-o no ar. “Gire para nós.”

Eu fiz uma careta quando alguns homens e mulheres obedeceram, girando nos calcanhares em um círculo lento. O resto seguiu. Até Frank fez uma espécie de meio giro. Mas eu não. Pressionei meus pés descalços na pedra gelada e quando toda a família real voltou seu olhar para mim, lutei contra o lampejo de medo que atingiu meu coração.

“Vire-se”, Clarice me pediu, mais suavemente dessa vez.

Pensei em obedecer, pensei mesmo. Mas enquanto bebia da opulência deles, pensei nos cortes em nossas rações. Pensei no vampiro enfiando um bastão de gado nas minhas costas. Pensei em Callie e papai e nos olhos cansados das pessoas no Reino. Então, em vez de fazer o que essa *Condessa* disse, cuspi saliva no chão de pedra diante de mim.

O silêncio se estendeu tanto e tão amplamente que temi ter ficado surdo. Meu batimento cardíaco tiquetaqueava como um cronômetro na minha cabeça, contando regressivamente para a reação inevitável que eu certamente estava prestes a receber.

Erik, o Conde de aparência entediada com olhos penetrantes levantou a cabeça, diversão cintilando em seu olhar. “Isto é o que você chama de o melhor dos Reinos, Felicia?” ele riu.

Meus olhos se voltaram para Felicia, sua compostura se esvaindo da cabeça para a coluna enquanto ela se curvava em pedido de desculpas.

Fabian fez um muxoxo para Erik e então lhe deu as costas. “Faça sua escolha, Miles,” ele instruiu o Conde loiro.

A fila de garotas se moveu inquieta enquanto os olhos azuis brilhantes de Miles nos percorriam. Algumas delas abaixaram a cabeça ou apertaram as mãos das que estavam ao lado delas. Eu cerrei o maxilar, afastando meu medo enquanto tentava descobrir o que ser escolhida poderia significar.

Certamente nada de bom...

“Qual é o seu nome?” Miles chamou o grupo, apontando para uma garota de cabelos negros, pele de ébano e olhos grandes.

Ela deu um passo à frente, levantando o queixo e notei o desafio em sua postura. “Brianna,” ela respondeu, alisando seu vestido curto lilás.

“Prazer em conhecê-la, Brianna,” Miles disse com um sorriso de lado. Ele se virou para Felicia com um aceno de cabeça, mas Brianna falou novamente.

"Do que se trata isso?", ela perguntou e ouvimos conversas na multidão atrás de nós.

Lancei um olhar por cima do ombro, observando as arquibancadas cheias de vampiros. Eles não se pareciam em nada com aqueles que patrulhavam o Reino. Eles estavam sorrindo, se inclinando para perto um do outro, parecendo encantados com todo esse evento.

“Nós explicaremos tudo em breve,” Miles respondeu, seus olhos brilhando com gentileza. Mas eu não fui enganado. Havia algo assustador escondido atrás de sua expressão amável. Tinha que haver.

“Eu escolho Brianna,” Miles chamou Felicia e meu coração trovejou quando um guarda deu um passo à frente da beirada do pátio, pegando seu braço e guiando-a em direção a uma porta. Quando ela passou por ela, ela olhou para nós com um brilho de medo em seus olhos.

“Condessa, você está pronta?” Felicia perguntou a Clarice.

A vampira de cabelos dourados sorriu enquanto seus olhos se arrastavam pelo grupo de homens no pátio.

“Aqueles dois”, Clarice apontou para um homem alto com olhos ferozes e outro com ombros largos e cabeça raspada. “Ah, e jogue aquele ali.” Ela apontou para Frank e meu coração apertou. O pequeno momento de união que compartilhamos no avião ainda parecia importante para mim. E vê-lo escolhido fez meus ossos congelarem.

Dois guardas escoltaram os homens para fora, levando-os pela mesma porta que Brianna.

Ser escolhido era melhor do que não ser escolhido? Eu não tinha ideia, mas a forma como minha pele formigava por todo o corpo me disse que eu não queria ser escolhido.

“Conde Fabian, você já decidiu?” Felicia perguntou a ele e o vampiro real com o cabelo longo deu um passo à frente, seus olhos escuros nos percorrendo. Quando seu olhar caiu sobre mim, um fogo começou em minha barriga.

Meus ombros tremiam de raiva e rezei para que ele não interpretasse isso como um sinal de fraqueza.

Um pequeno sorriso puxou o canto da boca de Fabian, torcendo seu rosto anormalmente deslumbrante. Meu estômago se contorceu e olhei para as outras garotas, meus olhos caindo em Paige. Ela estava mordendo o lábio, olhando para mim com preocupação.

Fabian seguiu meu olhar até ela e suas sobrancelhas arquearam.

“Nome?” ele perguntou, apontando para ela.

As bochechas de Paige ficaram fantasmagoricamente brancas quando ela deu um passo à frente. O enjoo tomou conta do meu estômago. Eu tinha chamado atenção para ela?

Ela limpou a garganta e o som ecoou nas paredes de pedra. “Paige West.”

Fabian inclinou a cabeça, dando a ela um sorriso faminto antes de virar os olhos para Felicia. "Eu fiz minha escolha." Com suas palavras, um guarda correu para o lado de Paige, segurando seu braço.

Ela soltou um grito de susto quando ele a levou para longe e eu dei um passo em sua direção, meu coração me puxando atrás dela.

Por favor, não a machuque .

"De volta à fila!", um guarda gritou para mim e eu cerrei os punhos enquanto obedecia.

Felicia torceu as mãos enquanto seus olhos giravam para Erik. “Hum, Conde Erik, você vai fazer uma escolha este ano?”

Erik levantou os olhos do dispositivo em sua mão, tendo ignorado completamente o mundo ao seu redor em favor dele. "Hm?"

Fabian mostrou suas presas para ele. “Ela disse, você vai escolher este ano ou vai jogar seus jogos de sempre, irmão?” ele rosnou e Erik se endireitou, seus olhos frios queimando de irritação.

“Eu raramente jogo, Fabian,” Erik disse com um olhar furioso. “Mas quando jogo, eu sempre ganho.”

A tensão pairava no ar entre eles, a rivalidade era óbvia.

Lentamente, o olhar de Erik caiu para a fila de garotas e lançou-se brevemente sobre nós. Quando seus olhos pousaram em mim, cerrei os dentes, olhando calmamente de volta para ele.

Escolha-me e você vai se arrepender, vampiro.

Erik deu de ombros, sem fazer escolha, e uma pontada de alívio percorreu meu corpo.

Fabian olhou para Felicia com um sorriso educado. “Acho que terminamos aqui-”

"Aquele ali", Erik anunciou em voz alta e levei vários segundos para perceber que ele estava apontando para mim.

Meu coração trovejou em meus ouvidos enquanto seu olhar se fixava no meu e sua boca se curvava em um sorriso irônico. "Nome?", ele exigiu sem nenhuma farsa de doçura.

Eu não queria dar meu nome a ele. Fazer isso parecia oferecer a ele um pedaço de mim. Mas havia uma coisa que eu podia dar a ele e era uma razão para não me escolher. Porque qualquer coisa tinha que ser melhor do que ser escolhida por essa criatura formidável. "Eu sou a garota que fará da sua vida um inferno se você a escolher."

Os olhos de Erik brilharam com malícia. Ele olhou para Felicia com um aceno e o terror dedilhou uma melodia dolorosa em meu coração.

“Ela é claramente desobediente,” Fabian disse rapidamente, parecendo preocupado. “Escolha apropriadamente, Erik, ou não escolha nada.”

Minha frequência cardíaca disparou enquanto eu esperava que meu destino fosse decidido.

Não me escolha, não me escolha, não me escolha.

“Eu fiz minha escolha.” Erik deu de ombros. “Esta é a oferta e eu escolhi uma garota dela.”

Minha respiração ficou presa nos pulmões. *Por que eu? Por que ele me escolheria?*

Clarice se moveu entre os dois irmãos, colocando uma mão em seus peitos. “Ela é adorável, ela só precisa de um pouco de TLC.”

Erik sorriu e Fabian rosnou para ele, mostrando caninos afiados. Meu estômago deu um nó com a visão.

“Tudo bem,” Fabian rosnou, acenando para os guardas. Um deles se aproximou de mim em um ritmo rápido e eu recuei, balançando a cabeça.

Um medo selvagem tomou conta de mim.

Não gostei do jeito como os olhos metálicos de Erik me seguiram, ou do jeito como ele zombou na minha direção geral. E quando a mão do guarda se enrolou em volta do meu pulso, comecei a lutar, com muito medo do que aconteceria se eu o deixasse me levar.

Arranhei sua pele de aço, tentando arrancar sua mão de mim e parte da

multidão começou a vaiar. O pânico tomou conta dos meus ossos e fez meus músculos ficarem tensos.

Não, não, não, não.

Eu cravei meus calcanhares enquanto o guarda me arrastava pelo pátio e me empurrava pela porta. Eu tropecei em uma sala branca, encontrando os escolhidos esperando lá dentro.

Paige correu até mim, deslizando os braços em volta dos meus ombros. “Você está bem?”

Eu assenti, mas não estava. Nem um pouco.

“O que eles querem conosco?” Brianna perguntou, mas ninguém tinha uma resposta.

Meus olhos se fixaram em Frank, cujo rosto estava tenso de desespero.

Conforme o som da multidão morria além dos muros, o silêncio caiu sobre nós. Ninguém queria expressar suas preocupações. Todos estavam tensos de preocupação.

Eventualmente, uma porta se abriu do outro lado da sala e uma floresta se tornou visível além das cabeças de dois guardas homens. “Sigam-nos”, eles comandaram e Frank liderou o caminho enquanto saíamos da sala.

Fiquei perto de Paige e Brianna, seguindo-as por um caminho de pedra que desaparecia nas árvores. Marchamos em silêncio e olhei ao redor para o jardim amplo, me perguntando se valia a pena tentar correr. Mas os vampiros eram mais rápidos. Eu nunca os ultrapassaria.

Continuamos por vários minutos dolorosos, nossos passos eram o único ruído entre nós.

Por fim, um grande edifício construído em pedra marrom com paredes altas surgiu à vista. Uma série de degraus levava a uma porta de madeira em arco, ocupada por dois vampiros com espadas ameaçadoras nas costas.

Eles abriram as portas, observando-nos atentamente enquanto passávamos. Um lindo corredor de mármore nos recebeu; pilares sustentavam um teto antigo pintado com imagens intrincadas.

Mal tive tempo de absorver a visão antes de sermos levados por um corredor e guiados por uma escada em caracol adornada com carpete vermelho. Mais guardas nos cumprimentaram no topo da escada.

Um homem com olhos azuis frios agarrou meu braço, me levando para longe do grupo enquanto todos eram levados em direções diferentes. Meu coração triplicou de ritmo quando Paige desapareceu em uma esquina e meu acompanhante me direcionou para a direita.

Minha garganta inchou de ansiedade enquanto eu o seguia, sem saber o que mais fazer.

Se eu correr, eles vão me pegar. Se eu lutar, eles vão me machucar.

Logo chegamos a uma porta de madeira e ele a abriu, me empurrando para dentro. Quando entrei no quarto, a porta se fechou atrás de mim e uma chave girou na fechadura.

“Não!” Eu bati meu peso contra ela, batendo meu punho na porta. Mas nenhuma resposta veio. Eu estava preso aqui até que alguém decidisse me deixar sair.

Tremendo, virei-me para encarar minha prisão.

Meus cílios tremeram quando olhei para um quarto que era diferente de tudo que eu já tinha visto.

O espaço não era apenas grandioso, era quase ostentoso, estendendo-se para longe de mim em um espaço pelo menos duas vezes maior que o apartamento da minha família. Tapetes vermelhos finos e móveis esculpidos me encaravam.

Lençóis marrons espalhados sobre uma cama enorme, encontrando uma enorme cabeceira de madeira de carvalho preto. Ao lado da cama havia uma cômoda com um espelho oval incrustado com brilhantes pedras preciosas verdes.

Persianas escuras estavam fechadas sobre a única janela, impedindo a entrada de toda a luz do dia no quarto.

Fui até o armário e abri as portas, encontrando uma variedade de vestidos lindos lá dentro. Abaixo deles, havia um roupão branco como o que eu tinha antes. Agarrei-o, envolvendo meu corpo nu em seu abraço suave.

Meu coração gaguejou enquanto eu me movia em direção à cama, rastejando sobre ela e me enrolando em uma bola apertada. Fechei meus olhos, tentando afastar o medo que se infiltrava em meu corpo. Mas foi inútil. O que quer que aqueles membros da realeza quisessem conosco, não poderia ser nada bom. E quanto mais eu ficava ali esperando alguém vir, mais imagens vinham à mente do tipo de horrores que eu logo enfrentaria.

Só havia uma coisa da qual eu realmente podia ter certeza. Eu estava em sérios apuros.



Acordei quando o sol rompeu por entre as árvores e pisquei ao redor, confuso, para o meu estranho entorno. Por vinte e um anos, acordei na mesma cama todas as manhãs. Olhar para a pedra cinza do teto da caverna era mais do que um pouco desconcertante.

Rolei para o lado e pisquei para afastar o sono dos meus olhos enquanto olhava para as brasas da nossa fogueira na noite anterior. Senti falta do calor que ela havia me dado e, sem ele, a mordida gelada da pedra abaixo de mim havia penetrado nos meus ossos. Estremeci e estendi a mão esperançosamente em direção aos pedaços de madeira carbonizados que permaneceram na fuligem, mas nenhum calor me encontrou. Suspirei decepcionado e puxei minha mão de volta para dentro da manga do meu casaco.

Sentei-me ereto e uma capa de pele grossa escorregou de mim para cair no meu colo. Passei meus dedos sobre a pele cinza macia e franzi a testa para ela em surpresa. Eu tinha adormecido enrolado em meu casaco, mas me lembrava de tremer na noite enquanto o fogo se apagava. Magnar deve tê-lo colocado sobre mim. O gesto estava tão em desacordo com sua atitude pétrea em relação a mim que eu não tinha certeza do que fazer com isso.

Olhei em volta procurando por ele e o vi sentado na boca da caverna, olhando para a floresta além dela. Ele estava estranhamente parado e aproveitei a oportunidade para observá-lo sem ser notado. Agora que eu estava procurando por ele, tudo sobre suas roupas falava de outra época. Minhas roupas eram feitas de algodão e poliéster, mas ele usava um gibão de couro e calças presas com fivelas de prata.

Seu rosto era sombrio, mas estranhamente atraente também, embora muito dele estivesse escondido atrás da barba por fazer que era quase uma barba. E apesar do fato de que eu nunca o tinha visto sorrir, algo na curva natural de sua boca me fez pensar que costumava ser algo que ele fazia muito.

Imaginei sua voz profunda erguida em risadas antes que tudo tivesse sido roubado dele e minha própria dor por perder minha família apunhalou fortemente meu peito. Não conseguia imaginar acordar e perceber que todos e tudo que você conheceu morreram mil anos atrás. Como você começou a lamentar uma perda como essa?

Tudo em sua postura me fez pensar em algum tipo de fera selvagem. Ele estava alerta e pronto para atacar, embora estivesse sentado em silêncio. Duvidei que ele não tivesse percebido o som de mim acordando e percebi que isso

provavelmente significava que ele sabia que eu também estava olhando.

Limpei a garganta desconfortavelmente enquanto o sangue subia para minhas bochechas.

“Obrigada,” eu disse sem jeito enquanto dobrava a capa e a estendia para ele. Ele não se virou para mim, então eu a coloquei no chão. “Pela capa,” eu expliquei enquanto ele continuava a manter o silêncio.

“Você estava com frio.” Magnar ainda não se virou de sua observação das árvores e meu maxilar estalou de irritação. Eu sabia que ele estava infeliz, mas ele não precisava ser tão rude o tempo todo.

“Você dormiu bem?”, perguntei, continuando a conversa unilateral na esperança de que ele pudesse começar a falar um pouco mais. Não precisávamos ser amigos, mas seria mais fácil se fôssemos pelo menos civilizados.

“Descansei um pouco. Dormir não tem muito apelo ultimamente.”

“Eu posso imaginar”, respondi.

“Não. Você não pode.”

Voltando a ser um idiota hoje então. Eu bufei de irritação, me perguntando por que ele tinha me ajudado em primeiro lugar se minha presença o irritava tanto. Eu precisava dele se quisesse alguma chance de salvar papai e Montana, então guardei meus pensamentos sobre seu tom para mim.

“Você disse que me ajudaria a trazer minha família de volta”, comecei. “Mas como você sabe para onde eles foram levados?”

“Quando acordei, treze luas atrás, vasculhei a área em busca de sinais de meus parentes e encontrei meu inimigo. Eu os observei e vi o que eles fizeram com os mortais sob seus cuidados. Eu esperava rastrear meus irmãos antes de confrontá-los, mas com as notícias que você me deu, temo que todos eles tenham ido embora.

Sem mim, a Cruzada do Slayer estava fadada ao fracasso, mas eles teriam tentado de qualquer maneira. Meu povo não era do tipo que recuava de uma luta, não importava o quão provável fosse perder. Enquanto eu dormia, eles foram massacrados, eu sei disso em meu coração. A tarefa agora cabe somente a mim.” Magnar se levantou e se virou para olhar para mim. Ele parecia ainda mais intimidador da minha posição no chão enquanto se elevava sobre mim, sua forma musculosa bloqueando a maior parte da luz da entrada da caverna atrás dele.

“Sinto muito, mas você está me perdendo de novo. Que tarefa?”, perguntei com uma carranca.

“O único propósito dos assassinos é caçar e destruir as criaturas vis que escravizaram sua espécie. Embora essa tarefa seja mais difícil sozinho, eu ainda a assumirei. E começarei destruindo o lugar onde eles mantêm sua família.”

Embora eu já suspeitasse, suas palavras me fizeram fazer a pergunta que eu estava tentando evitar. Eu tinha que saber para onde estávamos indo, mesmo que isso confirmasse meus piores medos.

“Você quer dizer... que eles foram levados para o banco de sangue?”, perguntei, minha voz quase saindo de um sussurro.

“Não sei como eles chamam, mas esse nome parece se encaixar. É para onde eles levam todos os humanos que removem da cidade enjaulada. Eles os torturam e drenam seu sangue com as práticas mais vis. Eu estava com

dificuldade para segurar minha lâmina quando a descobri pela primeira vez, mas foi quando eu ainda tinha esperanças de encontrar minha espécie. Não vou me segurar dessa vez.”

"Bem, pelo pouco que isso significa, você não está sozinho." Levantei-me e ofereci a ele um sorriso que não tentava esconder o fato de que eu sabia que não seria de grande ajuda.

Magnar me examinou por um momento e pensei ter sentido a mais tênue rachadura na parede que ele havia construído atrás de seu olhar. Ele assentiu e puxou uma lâmina do cinto em seu quadril. “Aqui. Se você for um guerreiro, precisará de uma lâmina.”

Eu tentei aceitá-lo. O metal era dourado e o cabo parecia quente na minha palma. Era esculpido com runas, assim como aquelas em suas outras lâminas. Olhei atentamente para a beleza dos desenhos intrincados que eles formavam com apreciação.

Eu nunca tinha segurado uma arma antes e saber que estava prestes a quebrar outra lei dos vampiros me fez sentir um arrepio de rebelião.

Agarrei o punho e uma onda poderosa percorreu meu corpo, ressoando nas profundezas do meu peito. Soltei um pequeno suspiro quando a sensação mais estranha me inundou, como um déjà vu. Embora não houvesse nada de familiar para mim em ficar em uma caverna com um bárbaro enquanto empunhava uma adaga.

Algo sobre a pequena arma parecia *certo* contra minha pele. Como se estivesse chamando algo profundo dentro de mim. A sensação parecia familiar, embora não houvesse como ser. Como a lembrança de um sonho.

“Fúria”, murmurei, o nome saltando pela minha mente como o sussurro de um velho amigo.

“O que você disse?” Magnar deu um passo em minha direção de repente, pegando meu pulso em seu aperto. “Como você sabe esse nome?”

Meu coração pulou de surpresa e mais do que um pouco de medo quando seu olhar ardente rasgou o meu. Eu recuei dele, largando a lâmina e tentando puxar minha mão de seu aperto. Ele ignorou minha tentativa e torceu minha mão na sua, empurrando rudemente o material do meu casaco para cima para revelar meu antebraço.

Ele passou os dedos pela pele exposta do meu braço interno como se estivesse tentando remover algo da minha pele. Arrepios subiram pela minha carne em resposta ao seu toque e eu puxei meu braço com mais firmeza, finalmente conseguindo me soltar dele.

"Que diabos?", exigi com raiva enquanto recuava. Eu estava mais ciente do que nunca das diferenças entre nós. Se ele me atacasse, eu não teria chance de me defender. Ele era ainda mais formidável do que os vampiros; pelo menos com eles eu sabia que meu sangue era precioso demais para ser derramado.

“Perdoe-me.” Magnar abriu as mãos lentamente e deu um passo para trás. “Por um momento eu pensei...” Ele balançou a cabeça tristemente. “Eu estava tentando ver algo que não poderia estar ali. Eu perdi tanto e tirei a conclusão errada. Por favor, aceite minhas desculpas.” Ele se abaixou para pegar a lâmina que eu tinha deixado cair e me ofereceu o punho novamente.

Olhei para ela com desconfiança, mas havia algo reconfortante na arma.

Gostei da sensação que ela tinha na palma da minha mão. Estendi a mão lentamente para pegá-la e senti a mesma sensação de poder e alívio ao segurá-la novamente. Enquanto me concentrava na sensação, ouvi seu nome em minha mente mais uma vez. *Fúria* . Não tinha certeza de como sabia, mas era assim que essa lâmina havia sido nomeada por seu criador. Quase conseguia sentir o calor da fornalha, ouvir o som do martelo moldando o metal.

Enquanto eu me concentrava na sensação, outras imagens passaram pela minha mente. Eu vi a lâmina empunhada por muitos pares de mãos. Ela havia tirado vidas e as salvado, passando de mão em mão ao longo de centenas de anos. Ela havia matado vampiros antes. E eu sabia que ela poderia fazer isso de novo.

Olhei para Magnar com espanto, mas ele não parecia saber o que a lâmina tinha me mostrado e hesitei em contar a ele depois de sua reação ao saber seu nome.

“Obrigada”, eu suspirei.

Magnar inclinou a cabeça para mim e se virou. Ele pegou sua capa do chão e a envolveu em volta dos ombros, certificando-se de que ainda conseguia alcançar suas espadas. Ele pisou nas últimas brasas do fogo e saiu da caverna, golpeando sua lâmina através das runas que ele havia esculpido na soleira. Eu senti o poder delas sumindo do ar ao meu redor.

Ele continuou se afastando de mim, perdido em seus próprios pensamentos novamente enquanto eu me apressava para segui-lo. Ele pode ter sido todo tipo de assustador, mas ele era a melhor chance que eu tinha de tirar minha família do banco de sangue. Depois disso, poderíamos continuar com nosso plano de escapar deste lugar e ele poderia seguir seu caminho também.



UM joelho sacudiu em meu corpo. Então de novo. E de novo até que eu estremeci quando ele atingiu meu quadril.

“Eu sei que você está acordado”, uma voz sombria se derramou sobre mim como fogo líquido.

De alguma forma, eu tinha adormecido depois de horas sendo deixado sozinho no quarto fino e agora eu queria nunca ter que acordar. Mas não havia mais sentido em fingir dormir, então eu relutantemente abri meus olhos.

Meu coração batia forte quando descobri Erik se elevando acima de mim, sua capa removida para revelar uma camisa preta tão escura quanto seu cabelo. Recuei por instinto, meu pulso se elevando ainda mais quando vi o vampiro diabólico. Ele era o monstro mais cativante que eu já tinha visto. Nem mesmo a Elite parecia tão perfeita - e isso queria dizer alguma coisa. Seu rosto era todo de ângulos agudos, da ponta reta de sua sobrancelha às diagonais bem definidas de suas maçãs do rosto. A laca prateada de sua pele era pontuada pela sombra escura em sua mandíbula e pela fortaleza de ferro em seu olhar. O poder emanava dele de uma forma que me fazia sentir tão frágil quanto um galho. Pelo menos eu tive o bom senso de me enrolar em um vestido antes de adormecer; eu nunca queria ser exposta tão perto dessa fera formidável.

"Ei, Rebel, adivinha?", ele falou lentamente, movendo-se para sentar-se em uma poltrona de madeira escura e recostando-se em suas almofadas de veludo vermelho.

“O quê?” Eu disse, lutando muito para não perder a coragem. Eu nunca tinha estado em uma sala completamente sozinha com um vampiro antes. E se eu tivesse, eu não esperaria sair de lá com algum sangue sobrando em minhas veias.

“Agora você é minha propriedade. E se você tem alguma ideia de fuga, de revidar ou mesmo de cortar essas suas lindas veias para acabar com tudo, eu te peço que esqueça. Pelo menos até que esse ritual acabe.”

“Que ritual?”, sussurrei, me juntando à beira da cama e entrelaçando as mãos no meu vestido.

Erik soltou um suspiro de irritação. “Não me faça perguntas. Você pode pensar em si mesmo como um animal de estimação glorificado se isso ajudar. O que quer que o mantenha quieto e fazendo o que eu digo.”

“Não,” eu rosnei imediatamente. Conde ou não, realeza não significava nada para mim. Na verdade, a única coisa que significava era que essas pessoas não

eram apenas meus inimigos, mas eram elas que tinham decidido empurrar os humanos para os Reinos e nos tirar nossos direitos.

Meu lábio superior se curvou para trás. Eu posso não ter estado vivo quando os humanos estavam no topo da cadeia alimentar, mas qualquer força motriz que nos levou até lá ainda vivia em minhas veias.

“Não?” Erik ecoou, parecendo confuso com minha resposta. Em um segundo, ele estava ajeitando suas calças elegantes, no outro ele estava de pé acima de mim com um olhar penetrante. “Que tipo de humano diz não a um Belvedere Royal?”

“Uma sequestrada.” *Uma tirada de sua família à força.* Mas eu não expressei esse pensamento. Minha família estava trancada em segurança dentro do meu peito. E eu não queria que esse cara tivesse qualquer influência sobre mim.

Seu rosto celestial, que não sorria há anos, se ergueu em algo que lembrava um sorriso. “Sequestrado? Você é *comida* .” Ele balançou a cabeça em confusão e então bateu na minha testa com um dedo frio. “Isso é um privilégio, você percebe? Acho que os outros humanos entenderam, você é lento ou algo assim?”

Minha carranca cresceu e minha raiva seguiu. "Por que você me trouxe aqui? O que você quer?" Eu exigi, levantando meus pés para não me sentir tão pequena na cama. Era inútil considerando que ele tinha quinze centímetros de altura a mais que eu e mesmo que não tivesse, ele era um maldito vampiro. Então eu não tinha absolutamente nenhuma chance de lutar com ele.

“Duas razões...” Ele chegou um pouco mais perto. “A primeira não é da sua conta. E a segunda é porque você não queria ser escolhido. Então isso me intrigou.”

“Por quê?”, sibilei, endireitando minha coluna.

“Porque, por mais que os humanos tentem fingir que estão acima de ferrar com sua própria moral, eles raramente deixam passar uma chance de ganhar privilégios. Você, no entanto...” Ele soltou uma risada irônica. “Bem, ou você é estúpido ou tem mais coragem do que a maioria dos humanos que entram no palácio real.”

“E que bem isso faz a você?”, perguntei entre dentes.

“Você vai descobrir logo.” Ele deu de ombros. “Me esclareça... por que você entrou naquele pátio parecendo um rebelde hoje?”

“Talvez eu seja um”, sussurrei, sem saber de onde vinham as palavras. Eu sempre fui franco com os vampiros. Talvez tenham sido as histórias do meu pai sobre o velho mundo que acenderam tanto fogo de ódio em mim. Fosse o que fosse, estava com força total agora.

“Sorte minha, como rebelde é exatamente o que preciso.” Ele beliscou meu queixo entre o indicador e o polegar, seu aperto áspero e assustadoramente forte. Ele me inspecionou e eu me recusei a deixá-lo ver o quão abalada eu estava por ter as mãos geladas de um vampiro na minha pele. Mas por dentro, minha espinha virou mingau e meu coração zumbia como as asas de uma abelha.

“Meus irmãos escolheram gatinhos lindos para entretê-los, então eu escolhi um cachorrinho bravo para persegui-los.” Ele riu, me soltando finalmente e meu ódio por ele se aprofundou um pouco mais em meu peito.

“Oh, não fique tão triste, Rebel, se você entrar na brincadeira, talvez eu te coloque de volta no chiqueiro com o resto do bacon.”

Fogo subiu pela minha garganta e saiu pela minha boca, “Meu nome é Montana! E eu não sou um porco. Eu posso ser sua comida, mas você não seria nada sem humanos, então talvez você devesse nos mostrar um pouco de respeito!”

As palavras circulavam na minha mente há anos. A coisa que eu sonhava em gritar para um da Elite. De ver algum reconhecimento do erro que eles fizeram. Alguma pena, ou arrependimento, ou *algo assim* .

Os olhos de Erik estavam sombrios e vazios. Nem um pingo de arrependimento passou por seu rosto de pedra. Ele não se importava com a forma como os humanos eram tratados. Tudo o que importava era que nosso sangue, de alguma forma, chegasse ao seu estômago.

Fiquei furioso, olhei feio, pensei em tentar esculpir alguma emoção em seu rosto esculpido, mas foi tudo em vão.

Ele sorriu, movendo-se em direção à saída e suavemente virando as costas para mim. "Ei, Rebelde?" Ele olhou por cima do ombro enquanto sua mão pousava na maçaneta. "Da próxima vez que você quiser me ferir, não se incomode em mirar no meu coração. Ele é impenetrável para você ou qualquer outra pessoa, na verdade." Ele passou a língua pelos lábios, seus olhos vidrados contendo pouca emoção. "Eu sei que você não quer estar aqui, então faça o que eu digo e eu posso te mandar de volta para qualquer Reino de onde eles te tiraram."

A porta bateu entre nós e eu me joguei nela, batendo meu punho na madeira imaculada. Rosnei minha raiva enquanto meus dedos se curvavam e a dor queimava em meus nós dos dedos.

“Espero que você engasgue com sua próxima bebida, seu maluco!”

Ele não respondeu, mas deve ter me ouvido e isso me deu *alguma* satisfação.

Olhei para minha mão inchada, sacudindo-a enquanto comecei a andar de um lado para o outro no lindo quarto. Meus pés me levaram até as persianas da janela, que tentei abrir por vários longos minutos antes de desistir.

As gavetas estavam cheias de lingerie, vestidos e - felizmente - calças e camisas. Arrastei as roupas mais práticas que estavam apertadas em meu corpo, encontrando um suéter cinza para vestir por cima delas.

Por fim, eu estava vestida com algo que não me fazia sentir vulnerável. Indo até a cômoda do outro lado do quarto, examinei meu rosto que ainda estava manchado com o líquido preto dos meus cílios. Pegando um pacote de lenços umedecidos de uma gaveta, comecei a esfregar.

Se Erik queria um rebelde, ele ia conseguir um. Mas a preocupação de que ele não pudesse me mandar para casa se instalou em meu coração. Era tudo o que eu tinha para me segurar. O pensamento de encontrar Callie e papai.

Volte para o Reino. Descubra onde eles estão. Vá atrás deles.

Preocupações se contorciam na minha barriga como vermes. Depois de ficar horas a fio no quarto luxuoso, voltei a pensar no que essa realeza queria. Se fosse sangue, eles simplesmente pegariam. Então o que era?

Era um fato triste, mas eu sabia qual valor eu tinha neste mundo. Comida.

Nada mais, nada menos. Minha mente tinha sido sobrecarregada com essa verdade durante toda a minha existência, e agora esses vampiros estavam colocando isso em questão.

Para alguém que não tinha sido marcado como um suprimento de sangue desde a concepção, a resposta poderia ter sido mais óbvia. Mas isso estava abalando a fundação de tudo que eu sabia ser verdade.

1. Vampiros bebiam sangue humano.
2. Os humanos eram mais fracos e, portanto, incapazes de evitar o banquete de vampiros.
3. Os vampiros não davam a mínima para os direitos humanos além da possibilidade de continuarem respirando e produzindo suas deliciosas células sanguíneas.

Então, do que diabos se tratava?

Finalmente, alguém abriu a porta. Mas esse alguém não me encheu de nenhuma esperança de obter respostas.

Erik entrou no quarto, deixando a porta entreaberta, como se quisesse enfatizar sua capacidade de me pegar caso eu pensasse em tentar escapar.

Ele lançou um olhar rápido para minha vestimenta e então rosnou: " *Não* ".

“O quê?” Eu suspirei, cruzando os braços sobre o peito em uma tentativa patética de me proteger.

“Você será a beldade do baile hoje à noite, Srta. Rebel. Um suéter largo não vai dar conta.”

Ele se moveu ao meu redor e eu olhei para a porta aberta.

Eu poderia correr.

Ele me pegaria.

Mas talvez eu encontrasse uma janela para me lançar primeiro.

Então eu teria que tentar escalar aquele muro grande...

“Rebelde?” Erik questionou em um tom entediado. “Pare de olhar para a porta como se fosse correr.”

Minhas pernas se moveram e eu fugi. Por que diabos não? Eu era um maldito prisioneiro! E eu não seria um obediente.

BUM.

O peito de Erik colidiu com meu rosto. Ou talvez tenha sido o contrário. De qualquer forma, doeu pra caramba.

Algo em mim queria bater nele, mas anos vivendo sob o domínio dos vampiros me impediram. Eu não podia revidar, eu sabia disso muito bem. E um fio de medo rolou suavemente pela minha espinha enquanto eu me lembrava disso.

Erik pegou meu pulso e me forçou a girar enquanto me empurrava para dentro do quarto.

Sobre a cama havia um vestido vermelho-sangue que parecia mais adequado para a Condessa Clarice do que para mim.

“Coloque isso,” ele rosnou no meu ouvido, enviando um arrepio até meu âmago. “Não me teste. Eu mesmo coloco em você se for preciso.”

Ele se afastou e eu soltei o ar que estava preso em meus pulmões. Fiz uma careta para o vestido enquanto me arrastava em sua direção.

“Por quê?” Eu me virei, mas Erik já tinha ido embora, a porta estava firmemente fechada.

Meus dentes batiam juntos enquanto eu puxava o vestido, tentando decidir o que fazer. Não achei que Erik estivesse mentindo quando disse que me forçaria a vesti-lo. Mas vesti-lo parecia uma submissão.

Esfreguei os olhos, sentindo a tensão apertar cada músculo do meu corpo.

"Não consigo ouvir você se trocando, Rebel", Erik rosnou através da porta, me fazendo pular.

Eu me amaldiçoei enquanto tomava minha decisão, então arranquei minhas roupas e vesti a coisa de seda. Havia um zíper nas costas e eu não conseguia alcançá-lo, não importa o quanto eu torcesse meus braços.

Erik voltou a entrar na sala, caminhando em minha direção com determinação.

“Eu consigo”, insisti, dobrando meus braços até o limite. *Não me toque, seu nojento!*

“Pare com isso. Você parece o pior contorcionista da história.”

“Um o quê?” Eu retruquei, desistindo e abaixando minhas mãos.

Ele me ignorou, pegando o zíper e puxando-o para cima das minhas costas tão rápido que eu gritei. O vestido se agarrava à minha figura, mas estava solto em alguns lugares importantes.

Sua mão estava de repente na minha cintura, me beliscando através do material e eu lutei contra o instinto de me afastar. "Você não come no seu Reino?"

Soltei uma risada irônica, imaginando que ele estava brincando. E uma piada cruel.

"Vou considerar isso um não", ele murmurou, virando-me bruscamente para encará-lo.

“Rosto. Cabelo”, ele exigiu.

Balancei a cabeça em consternação e seus olhos se voltaram para o céu.

“Merda, o que os outros fazem?” ele murmurou para si mesmo, então uma ideia iluminou seus olhos de aço. “Espere aqui.”

"Para onde mais eu iria?", perguntei, impassível, mas ele já tinha saído da sala quando terminei de falar.

Olhei para o vestido deslumbrante que caía até meus tornozelos, franzindo o cenho para meus dedos descalços. O que diabos era isso?

A porta finalmente se abriu novamente e Erik apareceu empurrando uma vampira de aparência confusa para dentro do quarto. Ela era baixa, bonita e usava um avental branco sobre um uniforme preto.

“Oh, hum, Conde Belvedere, não tenho certeza se sou a escolha certa para-”

“Bobagem,” Erik a interrompeu, guiando-a em minha direção. “Seu cabelo e maquiagem estão sempre impecáveis e é isso que eu gostaria que você fornecesse para esse... desastre.”

Eu não tinha muita certeza do significado do insulto, mas sabia que era um.

"Ela já é muito bonita", comentou a vampira, colocando um cacho preto e sedoso atrás da orelha.

Os lábios de Erik se apertaram enquanto seu olhar pingava sobre mim. Ele grunhiu - o que poderia ter sido uma afirmação ou uma negação, eu realmente não me importava com qual.

“Tudo o que você precisa está na cômoda”, Erik ordenou e a garota fez uma reverência.

“Sim, senhor,” ela disse. Seus olhos permaneceram no chão até ele sair.

O clique agudo da porta pareceu ecoar por uma eternidade.

Ela olhou para cima, parecendo nervosa enquanto flutuava em direção à cômoda. "Então... você gosta do seu cabelo preso ou solto?"

Olhei feio, sem responder.

“Ok, vamos com o up.” Ela procurou nas gavetas, tirando um pouco de maquiagem – a mesma coisa que Felicia tinha pintado em mim – e uma escova de cabelo.

A garota deu um tapinha em um banco almofadado em frente à cômoda. “Sente-se.”

Cheguei mais perto, sabendo que teria que enfrentar a ira de Erik se não obedecesse.

"Meu nome é Nancy, qual é o seu?", ela perguntou enquanto pegava a escova dourada e começava a passá-la pelos meus cabelos escuros.

Pensei em não responder, mas imaginei que não tinha mais ninguém para conversar por aqui. “Montana.”

Ela sorriu, parecendo relaxar ao me ouvir falar. “Bem, Montana, acho que você vai gostar daqui.”

“Ha”, cuspi e ela pareceu um pouco magoada.

Nancy continuou a escovar meu cabelo, suas bochechas sugadas enquanto ela começava a trançá-lo. "Você é o primeiro humano que Erik escolheu, sabia?"

“Que sorte a minha”, murmurei.

Ela suspirou, evidentemente frustrada comigo. Bem, ela obviamente não sabia como era ser sequestrada, sabia? Aquilo foi frustração de verdade, *Nancy* .

Ficamos em silêncio enquanto ela enrolava minha trança e a prendia em um coque. Em seguida, ela começou a pintar meu rosto e eu relutantemente a deixei. A maciez de suas mãos frias não me enganou. Ela era uma vampira de cabo a rabo. E eu não ia baixar a guarda perto de ninguém naquele lugar.

Quando meu rosto se transformou em algo mais parecido com uma miragem do que minhas verdadeiras feições, Nancy se afastou para admirar seu trabalho.

“Você está perfeita, se é que posso dizer.” Ela sorriu e duas covinhas se formaram em suas bochechas. Ela era um lobo em pele de cordeiro. E eu não sorri de volta.

Nancy foi até o guarda-roupa e voltou com um par de sapatos com saltos ridículos.

“Não,” eu recusei, cruzando os braços. Eu não ia calçar nada que não pudesse correr.

“Ah…” Nancy pareceu preocupada, mas não forçou a situação, voltou ao guarda-roupa e pegou um delicado par de sapatos baixos.

Eles teriam que servir, então eu os peguei dela e os coloquei, descobrindo que eram do tamanho perfeito para meus pés. Eu me perguntei como era possível que esses vampiros soubessem minhas medidas e o desgosto tomou conta de mim quando percebi que eles devem ter sido tirados em algum momento durante meu sequestro.

Olhei para meu vestido elegante e para os sapatos delicados em meus pés,

meu estômago endurecendo como uma bola fria.

A porta se abriu e Erik voltou para o quarto, parecendo impaciente.

"Terminou?", ele perguntou a Nancy antes que seus olhos caíssem sobre mim.

Eu odiava o jeito como ele olhava para mim. Era como o sol encarando a terra. Importância todo-poderosa e radiante.

“Era isso que você tinha em mente?” Nancy perguntou quando ele não disse nada.

Ele sacudiu a cabeça em um aceno e então estendeu a mão para mim. Eu olhei para ela em confusão antes que ele revirasse os olhos, andasse para frente e pegasse minha mão.

De repente, senti falta do comportamento tranquilo de Nancy enquanto ele me arrastava para o corredor. Ele me soltou enquanto ajeitava seu fino paletó, então me ofereceu seu braço.

Meu nariz enrugou em resposta e ele olhou para meu rosto enrugado com irritação. "Isso é uma ordem, Rebelde."

“Montana,” corrigi duramente, mas peguei seu braço mesmo assim. Eu não estava prestes a começar uma briga de socos com um vampiro.

"Qualquer que seja."

Enquanto caminhávamos, ele estendeu o outro braço para revelar seu pulso, exibindo um relógio prateado berrante. No topo de uma grande escadaria, ele me puxou para parar, seus olhos firmemente no relógio. Meu olhar deslizou para o tapete vermelho que descia pelo centro da escada, curvando-se em um grande corredor de azulejos bege e branco.

Fiquei ansioso enquanto estávamos ali, sem saber o que diabos estávamos esperando. O relógio me lembrou do vampiro do Reino que enfiou um bastão de gado nas minhas costas. E quanto mais eu olhava para ele, mais eu desprezava esses membros da realeza e cada uma de suas posses luxuosas.

O olhar de ferro de Erik deslizou até meu rosto. “Você tem algum problema com meu relógio? Ou talvez suas pequenas células cerebrais estejam tentando descobrir o que é.”

“Eu sei o que é um relógio”, eu sibilei. “E é nojento.”

Uma nuvem de confusão cruzou seu olhar. “Essa é uma escolha estranha de palavra.”

Quase mordi a língua na minha próxima explosão, mas se ele queria saber, então por que manter isso em segredo? Ele obviamente não estava com pressa de me cortar e drenar meu sangue.

“É o princípio”, eu disse, endireitando minha coluna. “Meu pai me contou sobre o valor de coisas assim no velho mundo. E aquele relógio poderia ter alimentado uma família de dez pessoas.”

"O quê?", ele empacou, evidentemente tentando decifrar um enigma em minhas palavras que eu tinha certeza de que não estava lá. "Ah, você quer dizer uma família *humana* ." A ficha caiu, mas não vi nenhum arrependimento sobre esse fato em sua expressão. "Vocês todos são mantidos no luxo comparado ao que merecem, eu vi por mim mesmo. Vocês deveriam ser muito gratos a nós pela vida que lhes foi dada." Sua mandíbula se fechou como se o caso estivesse encerrado, mas estava longe de estar encerrado.

“ *Luxo* ?” Eu rosnei. “Você acha que deveríamos ser mantidos em condições

piores do que já estamos?”

Droga, esse cara era um sujeito desprezível. Como ele podia ostentar sua riqueza e não dar a mínima para o fato de que os humanos que o mantinham bem alimentado estavam meio famintos?

“É, sabe por quê?” Ele empurrou contra meu corpo, me prendendo ao corrimão com músculos impossivelmente duros e olhos furiosos. “Porque os humanos que acabam com meus irmãos e irmãs estão sempre choramingando e implorando por melhores condições. Na minha opinião, é ganância. Você vê o que temos aqui e quer mais. Nunca feliz. Você não ficaria satisfeito mesmo se eu lhe entregasse meu castelo.”

A última palavra me desequilibrou um pouco, apesar da torrente de insultos que ele tinha acabado de me lançar.

“Castelo?” murmurei, sentindo-me tolo, mas querendo saber exatamente o que era.

Suas belas feições se torceram novamente como se ele pensasse que eu era um idiota. "Está faltando à escola ultimamente, Rebel?"

Eu tive que rir disso: uma risada vazia e raivosa, é claro. Certamente ele estava me sacaneando?

Voltei ao sarcasmo, tentando evitar que a raiva subisse a um nível perigoso em meu corpo. "Ah, sim, somos bem-educados no Reino. Os vampiros adoram nos ensinar uma ou duas boas lições." *Com seus bastões de gado, suas ameaças constantes e presas à mostra.*

Os olhos de Erik estavam de volta ao seu relógio. "Uhuh", ele resmungou, evidentemente cansado dessa conversa. "Certo, já chega." Ele puxou meu braço e me guiou escada abaixo, me virando bruscamente enquanto empurrava um conjunto de portas duplas.

O cheiro de comida cozida me atingiu com tanta força que minha língua não estava pronta para isso. Salivei como um animal faminto ao ver um banquete se estendendo por uma grande mesa no centro da sala. Com um sobressalto, percebi que não comia desde a manhã de ontem.

Tapeçarias pendiam das paredes, um fogo crepitante dançava na lareira, mas tudo em que eu conseguia me concentrar era no banquete de dar água na boca diante de mim.

Os humanos que foram escolhidos pela realeza estavam sentados ao redor, os cinco ainda usando os mesmos vestidos e ternos de antes. Eu posso não ter comparecido a nenhum evento formal na minha vida, mas até eu podia dizer que meu vestido fino e meu cabelo perfeito eram um completo exagero. O que Erik estava pensando?

Os membros da realeza estavam no fundo da sala, em uma fila rígida, como se estivessem nos esperando.

“Atrasado como sempre. Você está me dando nos nervos, Erik,” Fabian rosnou, seu lábio superior se curvando para trás para revelar presas brilhantes.

“Flash: seu último nervo morreu há muito tempo.” Erik me guiou em direção à mesa de humanos, me colocando no único assento restante ao lado de Paige.

“Por que ela está vestida desse jeito?” Miles perguntou, passando a mão em seu cabelo loiro rebelde.

Erik se moveu em direção a eles, juntando-se à fila. “A flor mais fina merece

o vestido mais fino.” Seus olhos deslizaram para Fabian, cuja boca se contraiu de aborrecimento.

Paige pegou minha mão por baixo da mesa, desviando meus olhos da realeza. "Você está bem?", ela respirou e eu assenti firmemente.

"Você é?"

“Sim. Mas com fome.” Seus olhos verdes suaves caíram para a comida, mas meu olhar permaneceu em suas feições leves, meus pensamentos girando para Callie. A aparência dessa garota era mais afiada, mas tudo sobre sua coloração era o mesmo. Isso me fez gostar dela ainda mais.

“Comam”, Clarice encorajou e eu olhei para nossa estranha comitiva que estava em uma fila formal, nos observando.

Os homens e mulheres se acomodaram e o tilintar da porcelana fina era o único som que perturbava o ar silencioso.

“Música,” Miles gemeu. “É tão estranho sem música.” Ele olhou para um guarda em um canto da sala. Avistei mais deles escondidos nas sombras, imóveis como estátuas. Não é de se espantar que eu não os tivesse notado...

O guarda que Miles havia abordado moveu-se até uma grande coisa de madeira contra uma parede, levantando sua tampa e colocando um disco preto no centro dela. A música encheu o ar; uma suave peça instrumental que era tão estranha para mim. Tudo o que eu conhecia de música eram as canções cantadas pelas pessoas no Reino e o choque de instrumentos feitos de tambores de aço e utensílios de cozinha.

Comecei a encher meu prato com batatas e vegetais cozidos no vapor, meu estômago roncando demais para sequer considerar começar uma greve de fome. Além disso, por que os vampiros se importariam se eu não comesse? A única pessoa com quem eu estaria ferrando era eu mesmo.

Olhei para Frank do outro lado da mesa e ele me deu um pequeno aceno enquanto mastigava sua comida. "Você está bem?", ele perguntou quando engoliu. Os outros dois homens se mexeram em suas cadeiras, olhando para os membros da realeza, mas os vampiros não repreenderam Frank por falar.

Eu assenti, oferecendo a ele um fantasma de um sorriso enquanto eu me deliciava com minha refeição. Devorei um prato cheio de vegetais deliciosos, minhas papilas gustativas vivas com a comida perfeitamente salgada. Os outros conversaram educadamente enquanto comiam e eu logo descobri os nomes dos outros dois homens. O de ombros largos e pele bronzeada profunda era Luke e o outro de músculos grossos e barba acobreada era Justin.

Quando comi o suficiente, olhei para os membros da realeza que estavam falando em vozes tão baixas que não consegui entender uma palavra. Suas bocas mal se moviam enquanto sussurravam, apesar do fato de seus olhos estarem todos presos em nós. Era muito estranho e confirmava o rumor de que a audição de um vampiro era muito melhor do que a de um humano.

Criei coragem enquanto os observava e então me levantei do meu assento. Todos os olhos na sala se voltaram para mim e minha bravura diminuiu por um momento.

“Vamos ter uma explicação para o que está acontecendo?” Eu me forcei a dizer.

Paige e Brianna me lançaram um olhar esperançoso que me deu forças para

permanecer de pé.

Erik lançou um olhar entediado para Clarice, que prontamente deu um passo à frente.

“Vocês são os humanos mais sortudos dos Reinos,” ela anunciou com excitação indisfarçável. “Todo ano, um punhado de vocês é testado para verificar a qualidade do seu sangue. Todos vocês passaram com louvor, o que significa que são muito valiosos para nós.”

“De que maneira?”, Frank perguntou, aproveitando minha deixa para se levantar de seu assento também.

“Ao final do ritual formal, todas as meninas serão oficialmente pareadas com um Conde e os homens serão pareados comigo.” Clarice sorriu, mas os homens trocaram olhares ansiosos.

Olhei para as meninas que se moviam nervosamente em seus assentos.

Clarice continuou. “Para sermos justos, estamos dando a vocês quatro dias para fazerem suas próprias escolhas. Vocês não precisam escolher o Conde que as escolheu, moças, mas temo que os homens estejam presos a mim. No entanto, como prefiro ter um harém disposto, oferecerei aos homens outra escolha que será discutida em particular.” Ela sorriu maliciosamente.

"Por que escolheríamos qualquer um de vocês?" Minha mão apertou em torno de uma faca de jantar que eu não tinha percebido que estava segurando.

Os olhos de Erik se fixaram em mim, mas foi Clarice quem respondeu. “Porque se você escolher formar par com um dos Condes, um dia eles vão gerar você.”

As pessoas ao redor da mesa prenderam a respiração, mas eu não sabia o que isso significava e claramente alguns outros também não sabiam.

“O que isso significa?” Paige perguntou antes que eu pudesse.

Os olhos de Fabian arranharam-na. “Significa que nós os transformaremos em vampiros e lhes daremos a maior riqueza do Novo Império.”

Silêncio.

Meu coração batia dolorosamente em meus ouvidos. Pelas expressões nos rostos de Justin e Luke, essa possibilidade era uma dádiva de Deus. Mas Frank parecia bravo e Paige e Brianna compartilhavam um olhar de medo. A ideia de ser *gerado* me deixou enjoado. Tanto que minhas pernas ficaram fracas.

“E se ainda assim não escolhermos?”, insisti, lutando profundamente por minha coragem.

Um fantasma de confusão tomou conta das feições de Clarice antes que ela respondesse. “Bem...”

“Você será enviado para o banco de sangue mais próximo”, disse Erik com um olhar sombrio.

Meu queixo literalmente caiu. “Achei que você tivesse dito que eu poderia voltar para o Reino.”

“Eu menti”, Erik respondeu friamente.

"Então não temos escolha?" Eu engasguei, minha garganta apertando mais e mais.

“Você tem”, Miles respondeu com um sorriso encorajador. “Mas não um sorriso enorme. Todos nós entendemos a dificuldade da sua situação e não esperamos que você se aclimate imediatamente. Mas você deve tentar olhar para

os aspectos positivos da situação.”

“Positivos?” Paige sussurrou. “E nossas famílias? Minha mãe está de volta ao Reino, ela vai ficar doente de preocupação.”

“Se vocês cooperarem e escolherem bem, suas famílias podem ser transferidas para casas mais confortáveis na cidade”, Fabian disse em seu tom profundo. “Faremos o nosso melhor para tornar essa transição o mais fácil possível para vocês, mas regras são regras. Vocês farão sua escolha em quatro dias.”

“Como vamos escolher?” Brianna interrompeu, seus profundos olhos castanhos brilhando de preocupação.

“Você terá a oportunidade de passar um tempo com todos nós nos próximos dias”, respondeu Clarice com a expectativa transparecendo em sua expressão.

Meu olhar percorreu os três Condes à minha disposição. Eu já tinha tanto ódio por Erik que o descartei imediatamente. Dos dois restantes, eu preferia a aura de luz que Miles emitia. Fabian parecia muito frio, muito ameaçador.

Os ombros de Erik enrijeceram. “Você será cuidado pelo Conde ou Condessa que o selecionou inicialmente até o dia da escolha.”

As palavras foram ditas para a sala, mas seus olhos perfuraram os meus, confirmando que eram para mim. Era um aviso. Por alguma razão, ele era possessivo comigo. E eu suspeitava que havia muito mais no chamado presente de ser gerado do que os vampiros estavam deixando transparecer.

“Sim, eu estava chegando lá,” Clarice murmurou para ele, então seu sorriso de raio de sol foi direcionado a nós novamente. “Amanhã as meninas passarão o dia com sua realeza original, então a cada dia depois disso, os Condes se alternarão para que você tenha tempo com cada um de seus pretendentes em potencial. Cada um dos homens também terá um dia comigo. E no quarto dia, um baile será realizado onde todos vocês farão sua escolha oficial.” Ela saltou sobre os calcanhares, evidentemente animada com essa perspectiva.

Meus ombros caíram. As paredes pareciam se fechar sobre mim. Mas não tive tempo de processar a notícia quando a porta se abriu e um vampiro entrou, roubando a atenção de todos. Quando me virei para ele, o reconhecimento tirou meu fôlego.

O General Wolfe estava ladeado por dois oficiais uniformizados enquanto ele observava a sala com seus olhos infernais. "Perdoem-me, suas altezas, mas preciso falar com vocês sobre um assunto urgente." Seu olhar vasculhou o espaço e então pousou em mim. Sua mandíbula cerrou e sua expressão se transformou com a realização. Ele deu um passo decidido em minha direção, mas Erik voou para a vista a uma velocidade impossível, bloqueando seu caminho até mim.

“Você tem minha atenção, General. Agora saia ou eu o repreenderei por sua impertinência.”

“Sim, senhor”, Wolfe rosnou, virando-se e marchando para fora da porta.

Quando as portas se fecharam atrás deles, Clarice bateu palmas. “Os guardas vão escoltá-los de volta aos seus quartos. Certifiquem-se de ter uma boa noite de sono antes de amanhã.”

O barulho de cadeiras rangendo soou ao meu redor, mas meus pés estavam enraizados no lugar. Meu coração tremeu com o choque de ver Wolfe. O homem que me abordou e prendeu meu pai.

Ele deve saber onde minha família está.

Sem pensar, saí correndo da sala, correndo para o corredor reluzente onde Erik estava diante de Wolfe com os braços cruzados.

“-do Reino. Vai causar um escândalo se a notícia se espalhar-” As palavras de Wolfe morreram em seus lábios quando ele me viu.

Os guardas saíram da sala atrás de mim e corri em direção a Wolfe, com medo e raiva forçando minhas pernas a se moverem.

“Onde eles estão?!” Eu gritei para ele, sem me importar nem um pouco com a cena que eu estava causando.

Erik levantou a mão para deter os dois guardas que estavam a centímetros de me agarrar.

Os penetrantes olhos azuis de Wolfe percorreram meu rosto e uma carranca distorceu suas feições lindamente severas.

"Onde está minha família?", perguntei, meu corpo começando a tremer enquanto eu o encarava, desesperada para que ele respondesse.

“Do que se trata, General?” Erik rosnou.

“Essa garota é parente do fugitivo”, Wolfe respondeu em um tom gélido.

Cem emoções fluíram por mim. Fugitiva significava Callie. Tinha que ser. Eu tinha visto os vampiros pegarem o papai, então tinha que ser a ela que ele estava se referindo. Mas o que isso significava para o papai?

Meu coração explodiu de dor e eu me joguei em Wolfe, batendo em seu peito de ferro com meus punhos. “Onde está meu pai, o que você fez com ele?!”

Erik me agarrou por trás e me puxou para longe.

Wolfe me examinou com satisfação se espalhando em seus olhos frios. “No banco de sangue, é claro, para onde todos os traidores vão.” Seus olhos se voltaram para Erik atrás de mim. “Pode ajudar meu caso se eu puder falar com essa garota.”

"Interrogar-me, você quer dizer", eu rebati, uma onda de medo irradiando através de mim. Eu lutei contra os braços sólidos de Erik, mas não consegui me soltar.

Um momento de silêncio atingiu meus ouvidos antes de Erik responder. “Isso não será possível. Essa garota está sob proteção real.”

“Mas, senhor-” Wolfe começou.

“Não, General,” Erik rosnou. “Vá ao meu escritório se quiser discutir isso mais a fundo.”

Wolfe se afastou e Erik me soltou.

Lágrimas quentes escorreram dos meus olhos quando meus piores medos foram confirmados. Papai estava no banco de sangue. Callie estava livre. Mas por quanto tempo? E o que fariam com ela se a pegassem?

“Vá para o seu quarto”, Erik ordenou, empurrando-me em direção aos guardas reais.

Avistei os humanos sendo escoltados por nós escada acima e Paige me olhou preocupada.

Não o segui, determinado a permanecer ali até obter alguma resposta.

"Levem-na", Erik rosnou e os guardas me arrastaram para longe.

Meu corpo ficou frouxo enquanto eu cedia à força superior deles, soluçando enquanto eles me levavam de volta para o meu quarto e me empurravam para

dentro. Uma chave girou na fechadura, mas eu não me importei. Eu me joguei na cama, me enrolando em uma bola e chorando no meu travesseiro.

Apesar de quanto eu tentasse, não conseguia me acalmar. Eu estava preso aqui, incapaz de ajudar minha família.

A imagem do corpo forte do meu pai pendurado no banco de sangue encheu minha mente, completamente paralisado, mas inteiramente acordado. Era assim que era naquele lugar horrível?

Eu me desfiz ainda mais, odiando o quão fraco eu me sentia. O quão inútil eu era para ajudá-lo.

Oh, pai, espere. Eu vou te tirar daqui. Eu vou encontrar um jeito, eu prometo.



Nossa jornada pela floresta durou apenas algumas horas antes de encontrarmos os restos de uma cidade destruída pelas bombas.

Até onde eu podia ver, montes de entulho e prédios meio desmoronados enchiam a área. Pedaços de grama alta e várias mudas brotaram entre o concreto onde a natureza começou a recuperar o solo. Mas com o início do inverno, tudo estava morrendo e a paisagem era predominantemente cinza.

Era deprimentemente reminiscente de casa.

Olhei para a terra aberta com mais do que um pouco de medo. Até agora, tínhamos conseguido viajar dentro do abrigo das florestas, mas assim que entrássemos nas ruínas, ficaríamos muito mais expostos.

Magnar parou na orla das árvores, entre dois enormes pinheiros, e olhou para as ruínas com o cenho franzido.

“Eu cresci aprendendo tudo o que há para saber sobre vampiros e, ainda assim, nunca ouvi falar deles causando esse tipo de destruição antes. Como eles conseguiram tamanha devastação?”, ele perguntou.

Fiquei tão surpreso que ele me perguntou alguma coisa que levei vários segundos para formar uma resposta.

“Não foram os vampiros”, respondi. “Humanos fizeram isso uns aos outros na Guerra Final.”

Magnar virou seus olhos dourados para mim, procurando. “Como?”

Hesitei sob o calor do seu olhar. Ele era sempre tão intenso que tornava difícil responder. Senti muita pressão para não errar nada. “Terminou no ano antes de eu nascer e vivi minha vida inteira dentro do Reino”, comecei para que ele desculpasse as lacunas no meu conhecimento.

"Você nunca passou daquelas cercas antes?" ele perguntou com outra carranca.

“Eu... Não. Nos últimos dias, vi mais do mundo do que nos últimos vinte e um anos. É assim que os humanos vivem agora.” Dei de ombros defensivamente quando vi pena brilhar em seus olhos, mas ela se foi tão rápido quanto surgiu.

“Mas você sabe como o mundo veio a ser assim?” ele perguntou, seu tom um pouco mais gentil do que antes. Eu me irritei contra a mudança em sua atitude. Eu não queria que ele tivesse pena de mim. Eu tinha certeza de que ele já me via como fraco o suficiente sem sentir pena de mim também.

“Meu pai nos contou as histórias”, confirmei. “Sempre houve guerras, então tenho certeza de que você consegue entender isso. Ele disse que quanto mais poder as pessoas tinham, mais elas queriam e sacrificariam qualquer coisa para

obtê-lo.”

“Sempre foi assim que os homens se comportam”, Magnar rugiu. “Se eles tivessem se unido, poderiam ter eliminado os vampiros desta Terra há muito tempo, mas toda vez que se aproximavam, seus próprios desejos egoístas atrapalhavam. É por isso que os assassinos pararam de pedir ajuda. Os humanos não conseguem sair do próprio caminho por tempo suficiente para ver o que realmente importa.”

“Você está dizendo que não é humano?”, perguntei com uma carranca. Minhas memórias das histórias do meu pai foram empurradas para fora da minha mente enquanto sua história me intrigava mais uma vez.

“Slayers são algo mais que humanos e algo menos. Recebemos presentes dos deuses para nos ajudar a lutar contra os demônios com presas. Mas esses presentes têm um preço. Valorizamos nossa causa acima de nossas vidas individualmente. Nada é mais importante para nós do que destruir os vampiros. Damos nossas vidas a isso, mas isso significa que nem sempre podemos tomar nossas próprias decisões sobre coisas que a maioria dos humanos toma como certas.” Ele deu de ombros desdenhosamente como se esse fosse um preço que ele havia decidido pagar há muito tempo e não o incomodasse.

“Tipo o quê?”, perguntei, fascinada apesar de mim mesma. Eu estava fazendo um péssimo trabalho evitando fazer perguntas pessoais, mas nunca conheci ninguém como ele antes. Eu nunca quis saber sobre alguém do jeito que queria sobre ele.

“Amor. Família. Para onde vamos e quando. Você acha que eu queria dormir por cem anos? Quando eu acordasse, todos que eu já conheci já estariam mortos e eu teria que começar de novo com seus bisnetos. Na época, pensei que meu irmão se juntaria a mim em nosso sono, então eu teria um rosto familiar quando acordasse, mas agora... até ele foi tirado de mim.” Ele suspirou. “Mas é isso que é ser um caçador. Não podemos escolher o que fazer com nossas vidas. Nosso único propósito é a erradicação dos vampiros. É por isso que quero saber sobre o mundo como ele é agora. Preciso saber como eles tomaram esse poder.”

Eu queria dizer algo para confortá-lo sobre a perda de seu povo, mas eu nem sabia como começar. Eu o alcancei por instinto, meus dedos roçando as costas de sua mão por um momento antes de me afastar. Ele olhou para mim surpreso e eu senti o calor subindo em minhas bochechas. Eu me apressei para dizer a ele o que ele queria ouvir para que nenhum de nós tivesse muito tempo para pensar sobre o gesto estranho.

“Então, meu pai disse que a guerra se intensificou rapidamente. Havia muita política envolvida e um país ameaçando outro, o que durou anos, e então um dia alguém lançou um míssil. Ninguém sabe qual país atirou primeiro. Antes que a primeira bomba pudesse cair, todos os outros países apertaram o botão vermelho para disparar as suas. No espaço de algumas horas, praticamente todas as grandes cidades do mundo foram destruídas.

Bilhões de pessoas foram mortas. Só neste país, praticamente todos os estados do centro e do sul foram destruídos. Aparentemente, tudo é apenas um deserto árido agora. Os poucos sobreviventes vivem praticamente todos na costa oeste, como nós, ou na leste. Papai disse que os mísseis apontados para essas cidades foram interceptados.

E então, enquanto os sobreviventes tentavam salvar algo dos destroços, os vampiros apareceram. Papai disse que eles deviam estar esperando que fôssemos fracos o suficiente. Esperando até que o mundo estivesse de joelhos e eles pudessem entrar e assumir o controle."

Magnar suspirou pesadamente e eu franzi a testa para ele. "O quê?", perguntei, me perguntando por que ele parecia não entender o que eu disse.

Ele cruzou os braços e inclinou a cabeça antes de expressar a questão. "E o que, exatamente, é um míssil?"

Olhei para ele com os olhos arregalados por vários segundos e então soltei uma risada. "Certo. Provavelmente há algumas coisas assim das quais você não tem ideia."

Magnar grunhiu de irritação e começou a ir em direção aos destroços deixados pelas bombas. Corri para acompanhá-lo e comecei a andar ao seu lado.

"Posso tentar te atualizar sobre as coisas enquanto andamos. Se você quiser?", ofereci.

"Por favor", ele respondeu firmemente.

Dei a ele um sorriso encorajador enquanto tentava descobrir por onde começar. Mil anos era um inferno de um longo tempo para se perder e minha vida protegida dificilmente me tornava um especialista em muita coisa, mas eu estava disposto a tentar ajudá-lo a descobrir as coisas. Pelo menos isso ajudaria um pouco a retribuí-lo por me ajudar a encontrar minha família.

"Acho difícil acreditar que uma caixa de metal pudesse voar pelas nuvens", Magnar disse incrédulo várias horas depois. Eu estava tentando descrever um avião, o que era muito difícil considerando o fato de que eu nunca tinha visto um pessoalmente. Papai tinha sido inflexível de que eles realmente existiram um dia, então eu não duvidei. Assim como Magnar, eu sempre achei muito difícil imaginar também.

"É verdade", insisti com um sorriso irônico. Horas discutindo as coisas que ele havia perdido tinham contribuído muito para descongelar nosso relacionamento gelado. Não era como se ele tivesse começado a sorrir ou algo assim, mas minhas histórias definitivamente capturaram seu interesse e o ajudaram a esquecer um pouco de sua miséria por um tempo.

Ele até parecia ter superado o constrangimento de ter que pedir tantas explicações. Ele aceitou as lacunas no meu conhecimento sem julgamento também e eu estava grato a ele por isso. Minha vida tinha sido imensuravelmente protegida em comparação com a dele, mas em vez da pena que eu notei quando contei a ele pela primeira vez sobre minha existência encarcerada, agora parecia acender a raiva nele. Eu podia sentir sua raiva fervente pelo poder que os vampiros tinham sobre a população humana e isso estava atiçando as chamas da minha própria raiva também.

Por tantos anos eu tive que aceitar meu destino na vida. Sonhos de fuga vinham com frequência, mas eu nunca realmente acreditei que poderia viver para vê-los realizados. Eu sempre aceitei que meu destino não era meu para escolher. Minha vida acabaria quando os vampiros decidissem que deveria e nenhum momento dela jamais teria sido meu.

Pensar nisso agora me deixou mais irritado do que eu poderia descrever. Eu finalmente consegui sair das garras deles e eu preferia morrer do que permitir que eles me levassem de volta para o Reino ou qualquer outro lugar. Uma vez que eu tivesse tirado minha família deles, eu pretendia ficar o mais longe dos vampiros que fosse humanamente possível e viver meus dias sob o sol.

"E isso era usado para transporte?" Magnar confirmou, trazendo minha mente de volta à nossa conversa sobre o avião.

"Eles eram muito rápidos. Você podia ir de um lado do país para o outro em menos de um dia. E acho que isso é bem longe", confirmei.

"É mais longe do que você pode imaginar", ele respondeu. Era estranho que o conhecimento dele pudesse preencher algumas das lacunas no meu próprio conhecimento daquele jeito. De certa forma, nós dois éramos tão ignorantes quanto o outro sobre o mundo pelo qual agora viajávamos.

"E havia outra máquina voadora com grandes lâminas giratórias em cima, chamada de hoppercopper ou hopelcopter. Não, espera, era-"

"Silêncio." Magnar levantou uma mão para me parar e pressionou suas costas contra a parede de um prédio parcialmente desabado. Eu rapidamente o segui, meu coração batendo freneticamente enquanto ele inclinava a cabeça para ouvir algo. "Eles nos encontraram," ele respirou.

Pisquei para ele enquanto o medo se enrolava em meu intestino. Uma parte estúpida de mim esperava que os vampiros tivessem desistido de me caçar. Eu era apenas um humano insignificante, perdido em um mundo enorme. Por que desperdiçar seu tempo tentando me rastrear? Essa esperança tinha sido tola. Claro que eles iriam querer me encontrar. Eles iriam querer que todos no Reino vissem o que aconteceria com qualquer um que tentasse fugir. Gelo inundou minhas veias enquanto eu imaginava as coisas terríveis que eles poderiam fazer comigo para garantir que ninguém jamais tentasse seguir meus passos.

"Eles vão me matar," eu respirei horrorizada. "Eles vão me enforcar na frente de todo o Reino e drenar meu sangue para todo mundo ver. Eles vão fazer de mim um exemplo e-"

Magnar pegou meu rosto entre suas mãos e me forçou a olhar para ele, silenciando meu discurso em pânico. Olhei em seus olhos dourados, encontrando uma poça de força ali.

"Eles não vão te levar, Callie," ele prometeu. "Você está sob minha proteção e eu não vou permitir que eles coloquem a mão em você. Eu te dou minha palavra de que vou te manter segura."

Olhei para o rosto dele a poucos centímetros do meu e meu coração deu um salto que não tinha nada a ver com o perigo que nos esperava.

"Okay," eu respirei, empurrando meu medo de lado. Apesar de tudo que eu sabia sobre os vampiros, sua confiança me fez acreditar que ele poderia ser capaz de manter essa promessa.

Ele assentiu e me soltou, deixando uma linha de fogo na minha pele onde suas mãos estavam.

Magnar fechou os olhos e respirou fundo enquanto se concentrava. "Acredito que sejam apenas cinco deles," ele disse suavemente após vários longos minutos.

"Só?", gritei. Um era mais do que suficiente para me derrubar. Eu tinha quase a mesma chance de ficar contra cinco deles do que um rato contra um

lobo.

Magnar se virou para mim e colocou uma mão no meu braço. Eu levantei meus olhos para encontrar os dele. “Em seu peito bate o coração de um guerreiro. Você lutará por sua vida e vencerá ” , ele disse ferozmente. De repente, eu pude ver a razão pela qual ele havia liderado seu povo. A maneira como ele falou não deixou espaço para dúvidas. Eu podia imaginar homens e mulheres seguindo-o para a batalha sem um centímetro de medo em seus corações.

De alguma forma, encontrei alguns resquícios da minha própria coragem em seus olhos dourados e me agarrei a eles, construindo sobre eles minha própria resolução e determinação para sobreviver. Papai e Montana precisavam de mim. Eu não deixaria os vampiros me levarem. Eu não deixaria que eles me impedissem de chegar à minha família.

“Diga”, Magnar rosnou.

“Eu vencerei”, respondi com toda a coragem que consegui reunir.

Ele soltou meu braço e puxou a lâmina que me dera do cinto, empurrando-a para minha mão. “Então prepare-se para ficar de pé e lutar. Eles estão quase sobre nós.”

Quando o punho se conectou com minha palma, eu poderia jurar que senti uma espécie de energia excitada percorrendo-a. Era para isso que ela havia sido feita. Ela tinha fome do sangue das criaturas que me caçavam. Queria encontrar um lar em sua carne. *Fúria*. Sua voz sedosa me chamou para me juntar a ela e eu me vi quase ansioso pela chegada dos vampiros.

Magnar levantou os braços até os ombros e desabotoou sua capa, deixando-a cair no chão e revelando os couros que ele usava por baixo. Embora ele tivesse me chamado de guerreiro, isso parecia algum tipo de piada em comparação a ele. Ele era a personificação do poder. Uma arma que ganhou carne. Eu tinha pena de qualquer um que tentasse enfrentá-lo.

“Venha, boneca,” uma voz fria arrulhou de algum lugar além do nosso esconderijo. Uma grande parte da minha confiança se virou e correu gritando para as colinas ao som daquela voz, mas uma pequena parte dela ficou comigo.

“Faz muito tempo que alguém me chamou de poppet,” Magnar respondeu rispidamente enquanto saía do nosso esconderijo e puxava uma de suas lâminas das costas. Ela pendia frouxamente em sua mão enquanto ele se movia para o espaço aberto diante de nós, onde quatro vampiros estavam esperando.

Eu o segui, deixando espaço suficiente para ele empunhar suas armas sem tirar minha cabeça dos ombros, mas não permitindo que a distância entre nós aumentasse muito. Ele pode ter me chamado de guerreiro, mas eu não tinha ideia de como empunhar qualquer tipo de arma. E embora eu pudesse estar disposto a tentar me defender, eu sabia que não era páreo para os seres imortais que tinham vindo atrás de mim.

Os vampiros recuaram alguns passos, sibilando como gatos de rua enquanto observavam Magnar se aproximar.

“Matador,” cuspiu um homem com cabelo longo, loiro-branco. “Não é possível.”

“Eu estava lá quando o último de vocês morreu!” amaldiçoou uma mulher incrivelmente linda com pele escura e olhos azuis penetrantes. “Os Belvederes

estriparam cada um de vocês!”

“Então eu devo ser um fantasma,” Magnar respondeu calmamente, nem mesmo demonstrando um lampejo de emoção com as palavras que ela proferiu. “Embora eu não me sinta morta.”

“Você logo estará.” A um sinal que mal registrei, os quatro pularam em sua direção ao mesmo tempo.

Magnar nem sequer vacilou enquanto eles o cercavam, cada um balançando suas armas de lados diferentes para tentar dominá-lo.

Ele fez um amplo arco com sua lâmina, aparando duas delas e conseguindo cortar a perna do homem loiro.

Eles vieram em sua direção novamente, movendo-se tão rápido que eu mal conseguia acompanhá-los, e ainda assim ele conseguiu desviar dos golpes, dançando entre eles como se estivesse brincando com eles.

Ele pegou sua segunda lâmina das costas e a jogou, pegando o homem de olhos verdes no peito. A lâmina deve ter perfurado seu coração porque ele soltou um grito de gelar o sangue. Seu rosto se desintegrou e caiu em pó que foi levado pelo vento através da clareira antes que o som de sua voz desaparecesse completamente.

A briga deles começou a se aproximar de mim e eu cambaleei para trás, desejando poder fazer algo para ajudar, mas sabendo que só atrapalharia se tentasse.

Enquanto os três vampiros restantes corriam para Magnar novamente, o punho da minha lâmina começou a ficar quente sob minha palma e fui atingido pela vontade de me virar. Girei nos calcanhares, lembrando de repente que Magnar havia dito que havia cinco vampiros vindo atrás de nós.

Ela correu para mim como uma maré que se aproxima. Eu gritei enquanto me jogava para o lado e suas unhas arranhavam meu casaco sem conseguir ganhar apoio. Ela veio para mim novamente, seu cabelo castanho espesso voando ao redor de seu rosto lindo demais enquanto ela se aproximava de mim.

Eu me abaixei sob suas mãos agarradoras mais uma vez e a cortei com Fury. A lâmina parecia viva sob minha palma, quase como se eu pudesse sentir um coração batendo dentro do metal anormalmente quente. Ele ansiava por seu sangue e eu ansiava por dar a ele o que ele desejava.

Na terceira vez que tentei evitá-la, falhei. Ela sorriu maliciosamente enquanto sua mão se fechava em volta da minha garganta e ela me levantou do chão.

Eu me debatia descontroladamente em seu aperto, meus pés chutando desesperadamente enquanto eu tentava lutar contra ela. Ela era ainda mais forte do que eu imaginava. Seu sorriso se alargou enquanto ela me levantava acima de sua cabeça. Pontos pretos começaram a dançar diante dos meus olhos enquanto eu lutava por oxigênio.

Comecei a entrar em pânico, mas Fury me chamou, me pedindo para usá-la. Com cada grama de energia que consegui reunir, cortei a lâmina para baixo, cravando-a em seu braço. Ela me largou com um grito de surpresa e eu bati com força no concreto, a dor percorrendo meu corpo.

Ela uivou de raiva enquanto sangue vermelho brilhante jorrava de seu braço e respingava no pavimento. Fumaça subia do ferimento e o cheiro de carne

queimada contaminava o ar.

Eu me afastei, tentando fugir, mas ela pulou em cima de mim, tirando o ar dos meus pulmões.

"Não se preocupe, querido; eles querem você vivo", ela sibilou.

Ela me deu um soco no estômago e agarrou minha garganta novamente com a outra mão, me esmagando no concreto. Eu já estaria morto se ela quisesse me matar, mas por algum milagre ela tinha ordens de poupar minha vida. Isso me deu uma vantagem clara; eu poderia continuar lutando pela minha liberdade, mas ela não poderia acabar comigo. Eu lutei no que teria sido uma tentativa inútil de me libertar, exceto que consegui colocar Fury no pequeno espaço entre nossos corpos.

Com cada gota de força que eu tinha, enfiei a lâmina para cima e para baixo de suas costelas. Seus olhos castanhos se arregalaram em surpresa horrorizada um momento antes de virarem pó e se desintegrarem. A fúria cantou com vitória em minha palma e uma dor lancinante passou pelo interior do meu antebraço.

Eu apertei meus olhos e apertei minha boca enquanto os restos do vampiro se espalhavam sobre mim. Eu rolei rapidamente, limpando meu rosto com o braço do meu casaco e cuspindo no chão para ter certeza de que não ingeriria nada dela. Eu chutei suas roupas para longe e me levantei.

Enquanto eu me levantava, observei Magnar trocando golpes com os dois vampiros restantes. Eu não o tinha visto matar o outro, mas uma pilha de roupas manchadas de sangue marcava onde isso tinha acontecido.

Fiquei olhando, querendo ajudar, mas sem saber como, enquanto o barulho de metal ecoava repetidamente.

A vampira fintou para a esquerda antes de recuar. Ela conseguiu passar pela guarda de Magnar, desferindo um golpe que cortou a carne do braço dele.

Ele gritou de raiva e dor quando ela veio até ele mais uma vez. O vampiro macho cambaleou para frente quando Magnar expôs suas costas para ele.

Eu joguei meu braço para trás e deixei Fury voar. Minha mira estava certa e a lâmina encontrou seu lugar na coxa do vampiro, fazendo-o gritar de dor. Sua cabeça girou e ele arrancou a lâmina de sua perna. Ele gritou novamente quando a fumaça subiu de sua palma e o fedor de carne queimada me alcançou mais uma vez. Ele jogou Fury para o lado em horror antes de vir para mim.

Eu tropecei para trás, desarmado e completamente à sua mercê enquanto meu coração batia num ritmo violento contra minhas costelas.

Meus olhos se arregalaram quando avistei Magnar atrás dele. Ele balançou sua lâmina com força feroz e arrancou a cabeça do vampiro. Sem me dar um olhar, ele retornou à sua batalha com a fêmea, finalmente capaz de dar a ela toda a sua atenção.

Eu contornei o corpo decapitado e corri para pegar minha lâmina. Quando a peguei do chão, eu poderia jurar que ela estava feliz em me ver. O punho zumbia com energia enquanto eu corria de volta para o corpo se contorcendo e enfiava a lâmina em seu coração. Fury pareceu suspirar de satisfação quando o vampiro caiu em pó abaixo de mim. *Eu esperei tanto tempo.* As palavras passaram pela minha mente e eu nem estava convencido de que realmente as tinha ouvido. Talvez eu estivesse ficando louco.

O som de espadas se chocando havia parado e eu olhei para cima para

encontrar Magnar lutando com o último vampiro. Suas lâminas estavam no chão e ela o arranhava enquanto ele dava socos. Ele a pegou pela garganta e a jogou contra uma parede em ruínas, fazendo tijolos caírem dela.

Antes que ela pudesse lutar contra ele, ele pegou uma adaga do cinto e a esfaqueou no estômago. Ela gritou enquanto ele a esfaqueava de novo e de novo, encontrando seu coração no quarto golpe. O punho dele que estava em volta da garganta dela fechou em pó enquanto ela se desintegrava.

Ele se virou para mim com o peito arfando e um fogo queimando em seu olhar que eu não tinha visto antes.

"Então é para isso que você vive, hein?", provoquei enquanto a adrenalina drenava do meu corpo e a realidade do que tinha acabado de acontecer começou a me pressionar. "Posso ver por que você gosta tanto disso." Desisti de tentar ficar de pé e afundei no chão, colocando meus dedos trêmulos contra o concreto frio.

Magnar olhou para mim por vários segundos e soltou uma risada estrondosa. Não pude deixar de sorrir em resposta. Se havia uma coisa que podia fazer você esquecer seus problemas por um tempo, era encarar sua própria morte e dizer foda-se.



Meus olhos estavam doloridos de tanto chorar, mas eu finalmente consegui me controlar. Fiquei com um vazio no peito que aumentava quanto mais eu ficava ali. Mesmo no Reino, eu nunca me senti tão impotente. Eu estava preso em um jogo que não queria jogar enquanto Callie estava sendo caçada por vampiros e meu pai estava com problemas demais para sequer pensar nisso.

A porta clicou ao destrancar, mas eu não me movi da minha posição fetal na cama, me sentindo muito pesada. Muito sem esperança.

“Você já se acalmou?” O tom monótono de Erik chegou aos meus ouvidos.

Fiquei tenso, mas não respondi.

“Eu sabia que você era um rebelde, pequeno humano, mas Wolfe agora me informou o quão profunda é essa veia rebelde. Uma irmã em fuga... seu pai no banco de sangue. Que caótico.” Seu peso pressionou a cama e meu corpo se contraiu com sua proximidade.

“Não posso ajudá-los”, eu suspirei. “Estou completamente sozinho aqui.” Expressar meus medos me deixou tenso e imediatamente desejei ter permanecido em silêncio.

“Você tem outros humanos aqui para lhe fazer companhia”, ele disse, com a voz concisa.

"Eu não os quero, eu quero minha família", eu sibilei, a raiva jorrando como água quente no meu peito.

Erik suspirou. “Não quero que suas emoções afetem o ritual.”

“Dane-se seu ritual.” Eu rolei rápido, sentando e olhando para ele. Eu devia estar parecendo uma bagunça com meu cabelo emaranhado e bochechas avermelhadas, mas eu não dei a mínima. “E dane-se você e seus irmãos e irmãs parasitas.” Meu coração estava mais forte de novo, mas ficar cara a cara com ele ameaçou quebrar as paredes frágeis ao redor dele.

O rosto de Erik permaneceu inalterado, mas ele coçou a espessa barba por fazer no queixo enquanto pensava em como responder. “Se você apenas respirasse um pouco-”

Lancei um travesseiro nele e ele o pegou com facilidade, jogando-o no chão.

"Você está agindo de forma muito infantil", ele comentou e meu corpo ardeu com o comentário.

Eu cerrei os dentes, lutando por minha determinação. “Não vou entrar nessa. Não farei nada até que meu pai esteja seguro e seu General cruel pare de caçar minha irmã.”

A demanda estava circulando na minha mente por horas. Era a única alavanca que eu tinha para jogar.

Erik soltou um suspiro de aborrecimento. “Isso não é para você decidir. Você fará o que eu disser.”

"Não, não vou", rosnei e a tensão se espalhou pelo ar enquanto nossos olhares se encontraram. O medo ameaçou me fazer recuar, mas eu não conseguia. A única coisa que me restava para segurar era minha resiliência, e eu não deixaria esse vampiro roubá-la de mim.

Erik se levantou. “Não consigo lidar com essas emoções, Rebel. Não é meu lugar confortar você.”

“Não, mas aparentemente é sua função me manter prisioneiro aqui para você fazer o que quiser comigo.”

“Não vou falar com você a menos que controle seu tom. Sou um Conde e você vai se dirigir a mim com respeito.” Erik marchou para fora da porta, batendo-a atrás de si.

Bom, eu o irritei. Isso era algo para se orgulhar, pelo menos.

Os minutos se estenderam para uma hora e comecei a me perguntar como Erik responderia à minha explosão. Ele me puniria? Me machucaria?

Estremeci, puxando as pernas até o peito e apoiando o queixo nos joelhos.

Machuque-me o quanto quiser, vampiro, não obedecerei às suas ordens.

Vozes baixas soaram do outro lado da porta, fazendo meus ouvidos ficarem atentos.

“Só fale com ela. Pelo amor dos deuses, Clarice, não sei mais o que fazer. Ela vai causar problemas se continuar o ritual dessa maneira.”

“Você é tão idiota às vezes,” Clarice respondeu e meu coração bateu mais forte ao pensar nela entrando e tentando me dar uma conversa estimulante. Não ia funcionar. Ela não ia me fazer obedecer. Eu já estava farto das ordens deles.

“O que isso quer dizer?” Erik rosnou.

“Ela precisa de apoio nessa transição, Erik. Você precisa aprender a cuidar dela se quiser ter alguma chance de ela escolher você no baile.”

Era só com isso que eles se importavam? Uma bola? E para que diabos eles queriam que os escolhêssemos, afinal?

Seja o que for, eles estavam se enganando se achavam que eu escolheria qualquer um deles de bom grado.

Erik soltou um grunhido de frustração. “Eu não a entendo, como eu vou ajudar?”

“É realmente tão difícil?” Clarice cortou. “A família dela está em apuros. Você se importaria se fosse a sua família, não é?”

Erik não respondeu e eu levantei a cabeça quando a porta se abriu e Clarice entrou na sala com uma expressão triste.

“Oi, Montana,” ela disse suavemente. “Esse é seu nome, certo?”

Eu assenti quando avistei Erik andando de um lado para o outro no corredor. Clarice empurrou a porta para fechá-la e eu olhei para seu lindo vestido creme com renda dourada adornando o espartilho.

Ela estava parada diante de mim, deixando as mãos caírem ao lado do corpo. Ela era realmente deslumbrante, sua pele brilhava como se estivesse mergulhada no orvalho da manhã.

“Ouvi dizer que você está um pouco chateado com o General Wolfe”, ela disse.

Uma lâmina cravou-se em meu coração ao ouvir seu nome. "É o que ele fez que me deixa chateado." Mordi meu lábio inferior, pois ele ameaçava tremer.

“Eu nunca gostei daquele homem”, Clarice comentou, me surpreendendo. Ela lutou contra um sorriso, caindo na beirada da minha cama. Algo nela não era tão assustador quanto os outros vampiros. Ela quase parecia... humana. Em seu jeito, pelo menos. Não em sua aparência etérea.

“Sim... bem, talvez Erik possa ajudar sua família. Tenho certeza de que ele ajudará se você pedir.” Seus olhos cerúleos se iluminaram, me enchendo de esperança. Era tão estranho ter esse sentimento de um vampiro.

“Você realmente acha isso?”, sussurrei, ciente de que ele provavelmente ainda estava andando de um lado para o outro da porta.

“Sim, mas...” Ela franziu a testa e um pequeno vinco se formou entre seus olhos. “Você tem que se esforçar com Erik. Faça o que ele pede. Não morda de volta. Não muito, de qualquer forma.” Ela me deu uma piscadela e eu lutei muito para não sorrir. Não havia a mínima chance de eu gostar desse vampiro. Nenhuma chance no inferno.

“Não quero fazer o que ele diz,” eu suspirei. “Quero ir para casa e encontrar minha família.”

Um pequeno suspiro saiu de seus lábios. Ela estendeu a mão e eu me afastei bruscamente enquanto ela tentava tocar meu cabelo. Ela deixou a mão cair e ela caiu entre nós na cama. “Isso não é possível, Montana. Esta é sua única opção. Você foi bem-vinda à nossa família, então por que não tentar aproveitar ao máximo?”

Considerei suas palavras. E se Erik *pudesse* ajudar minha família? Ele realmente faria uma coisa dessas?

A única coisa que eu podia fazer era tentar a abordagem sugerida por Clarice. As vidas da minha família valiam a pena engolir algumas palavras de ódio.

“Ok”, concordei finalmente.

Clarice sorriu enquanto se levantava. “Ótimo. Vejo você em breve, Montana.”

Ela saiu do quarto, me deixando com a sensação de que eu tinha acabado de ser colocado sob um feitiço muito poderoso. Mas o feitiço foi quebrado completamente quando Erik voltou a entrar, descansando as costas contra a porta.

Seu maxilar estalava enquanto ele me examinava e o silêncio construía um muro entre nós. Era uma batalha de vontades para ver quem cederia primeiro. Então eu mordi a bala e segui o conselho de Clarice.

"Já me acalmei", eu disse, forçando meu tom a permanecer calmo e tentando não deixar minha voz muito sarcástica.

“Que alívio”, ele murmurou. “Então você vai me perguntar, ou vamos continuar fingindo que eu não ouvi a conversa inteira?”

Garras rasgaram meu estômago. Mordi o interior das minhas bochechas enquanto tentava com muita força não gritar com ele. Reunindo todo o autocontrole que eu tinha, engoli meu orgulho e perguntei: "Você pode ajudar minha família, sua alteza real?" As últimas palavras foram ditas com um pouco de desdém, mas foi uma melhora definitiva no meu tom usual.

Sua boca se levantou em um sorriso zombeteiro. “Assim está melhor.”

Eu me encolhi, fechando os olhos, me sentindo como um cachorro que acabou de ser acariciado pelo dono. "E daí?", pressionei entre os dentes.

“Bem, isso depende, Rebel.” Ele se deixou cair na poltrona de veludo, esticando os braços sobre o encosto.

"Sobre?", perguntei, sabendo que não iria gostar das próximas palavras que sairiam de sua boca.

“Como você se comporta bem. Veja, eu tenho um pequeno trabalho para você. E se você fizer isso sem reclamar, eu *talvez* pense em ajudar sua família.”

“Preciso de mais do que talvez”, exigi, embora não bruscamente. Uma pequena voz no fundo da minha cabeça me lembrou de quão louco era negociar com um vampiro. Mas muitas coisas loucas aconteceram nos últimos dias para que eu me importasse.

“Tudo bem.” Erik passou a mão em seu cabelo de ébano, desgrenhando-o. “Eu te dou minha palavra de que se você fizer o que eu pedir, eu vou libertar seu pai do banco de sangue.”

Meu intestino se apertou fortemente, meu pulso batia uma batida frenética. Ele realmente faria isso? A palavra de um vampiro era sujeira para mim, mas que outra escolha eu tinha?

“E a minha irmã?”, perguntei friamente.

Ele deu de ombros. “Quando ela for pega, eu vou garantir que ela não acabe no banco de sangue também.”

“Ou machucado,” eu rosnei. “Ou punido de qualquer forma.”

O canto da boca dele se contraiu. “Concordo.”

Uma carranca pesou em minhas sobrancelhas enquanto eu considerava o que ele estava oferecendo. Eu poderia confiar nele? Talvez não. Mas se houvesse uma pequena chance de que ele mantivesse sua palavra, eu tinha que fazer o que ele disse.

Eu levantei meu queixo, minha decisão tomada. “O que você quer que eu faça?”

O rosto de Erik se abriu em um sorriso sombrio. “Você vai escolher Fabian no baile. Mas antes disso, você vai fazer com que ele te queira tanto, que ele vai implorar para você escolher ele.”

Olhei para ele por vários segundos enquanto essas palavras iam sendo absorvidas. Primeiro, o alívio tomou conta de mim ao saber que essa fera sem coração não me queria de fato. Mas então a realidade do que ele estava pedindo desceu sobre mim. Eu mal tinha flertado com um garoto em toda a minha vida. Desde muito jovem, eu sabia que nunca escolheria trazer filhos ao mundo. E a ideia de me apaixonar por alguém que poderia ser arrastado para o banco de sangue em cima da hora nunca esteve na minha lista de afazeres. Então, como diabos eu iria fazer isso?

Você tem que fazer isso, Montana. Isso pode salvar o papai e a Callie.

Respirei fundo e então assenti. “Ok, mas eu não, hum... não tenho certeza de como fazer o que você está pedindo.”

Ele levantou uma sobrancelha em diversão. “Eu adoro quando você fica na defensiva, Rebel. É bem divertido. Você está me dizendo que não sabe como seduzir um cara?”

Meu coração bateu a toda velocidade em questão de segundos. Minhas bochechas coraram apesar do absurdo de ficar envergonhada sobre isso na frente de um maldito sanguessuga. Por que eu me importava com o que ele pensava das minhas habilidades de flerte? Mas meu rosto em chamas me disse que sim.

Eu tateei pela resposta certa na minha cabeça, tentando recuperar um pouco do meu orgulho. "Bem, ele não é um cara qualquer. Ele é um vampiro real."

Erik esfregou o queixo eriçado, seus dedos mal escondendo outro sorriso. Eu queria dar um tapa em seu rosto sorridente, mas provavelmente teria acabado com mais do que uma mão machucada por isso.

"Bem, você vai passar o dia todo comigo amanhã, então vou me certificar de lhe dar algumas dicas." Ele se levantou, me dando uma piscadela que era mais humilhante do que sedutora.

“Oh, quão grato eu sou, sua grandeza”, murmurei.

“O prazer será todo meu, tenho certeza.” Seu sorriso de menino cresceu e uma luz brilhou em seus olhos pela primeira vez desde que o conheci. Este era um sorriso de verdade, nada como os sorrisos vazios que ele lançava para as pessoas. E isso acendeu um pequeno fogo em meu intestino.

Enquanto ele se dirigia para a porta, eu me joguei de volta nos travesseiros, resignando-me a uma noite de sono interrompida e à promessa de outro dia infernal na companhia de Erik. Não havia muito o que esperar, mas agora que eu tinha esperanças de salvar minha família, o vazio no meu peito havia se manifestado novamente. E era nisso que eu tinha que me agarrar.



O som de água corrente me chamou alegremente e consegui encontrar energia para aumentar meu ritmo, apesar da fadiga que estava me atrasando nos últimos quilômetros. A cidade em ruínas havia dado lugar a campos ondulados intercalados com bosques. Minha garganta estava muito ressecada e tínhamos bebido a última gota de água potável depois do nosso encontro com os vampiros no dia anterior.

"Além da próxima crista," Magnar prometeu. Mordi minha língua para não apontar que ele tinha dito isso sobre a última crista também. A água definitivamente parecia mais perto agora, então eu estava inclinado a acreditar nele dessa vez.

Subimos a colina ladeada por grama marrom e lama grossa e finalmente encontramos o riacho do outro lado.

Deixei cair minha bolsa com um gemido de desejo e me agachei para pegar a água gelada na boca. Magnar seguiu o exemplo ao meu lado e saciamos nossa sede em silêncio.

Sentei-me e suspirei enquanto minha barriga chapinhava de contentamento. Meu couro cabeludo estava coçando por dias deixando meu cabelo bem trançado, então me inclinei para trás contra uma árvore e comecei a desembaraçá-lo.

Quando terminei, passei meus dedos por ele e o deixei solto em volta dos meus ombros. Olhei para cima e vi Magnar me observando e calor arranhou minhas bochechas inesperadamente.

"Você tem o sol no seu cabelo", ele comentou. Eu tinha quase certeza de que era para ser um elogio, mas não entendi.

"O quê?" Eu franzi a testa para ele. Nos últimos dias, eu tinha me acostumado com o jeito estranho como ele dizia as coisas, mas algumas das coisas que ele dizia ainda me deixavam completamente confusa.

"Seu cabelo é da cor do sol. Você não deve escondê-lo, ele lhe trará sorte."

"Mas não vai se eu amarrar?", provoquei. "Isso parece uma sorte bem duvidosa para mim."

Ele deu de ombros e me ofereceu um meio sorriso, então puxou sua capa das costas e removeu suas lâminas, colocando-as cuidadosamente em cima dela. Eu levantei uma sobrancelha quando ele começou a desabotoar seu gibão e o puxou para revelar seu corpo tonificado e musculoso. Sua pele bronzeada estava

marcada com várias cicatrizes e tatuagens e eu estava ansioso para perguntar a ele sobre elas.

Ele notou minha atenção e parou com a mão no cinto. “Você se ofende se eu tomar banho? Parece que deveríamos aproveitar a oportunidade enquanto a temos.”

Tentei limpar a garganta e então balancei a cabeça. “Não, quero dizer sim, lavar. Esse é um bom plano.”

Ele tirou as botas e tirou as calças em seguida. Quando ele fez um movimento para tirar a cueca também, eu o interrompi rapidamente. "Talvez deixe algo para a imaginação aí, Magnar", eu ri. "Não tenho certeza se estou pronta para ver *todos* vocês." Acenei minha mão na direção vaga de sua virilha e ri de novo, esperando que ele entendesse a mensagem sobre nudez desnecessária sem sentir a necessidade de me questionar sobre o que eu quis dizer. Calor percorreu minhas bochechas e eu tinha certeza de que ele podia ver claramente o rubor que as marcava.

Seus olhos brilharam com o que parecia quase travessura, mas ele piscou e desapareceu. Ele assentiu, deixando a cueca enquanto entrava na água e fiquei me perguntando se eu tinha imaginado.

Ele chegou ao meio do riacho gelado e se agachou para mergulhar a cabeça na água. Lancei olhares furtivos para ele por baixo dos meus cílios enquanto a água corria sobre seu corpo. Não era como se isso significasse alguma coisa; eu teria que ser cega para não notar o quão atraente ele era e não era como se eu gostasse dele além de apreciar o formato de seu corpo.

Ele ainda era um babaca total na maior parte do tempo, mesmo que tivesse salvado minha vida mais de uma vez. As poucas coisas que tínhamos em comum eram superadas em muito pelas nossas diferenças. Nós literalmente crescemos em mundos diferentes. Quando ficamos sem coisas para contar um ao outro sobre os lugares de onde viemos, duvidei que encontraríamos mais alguma coisa para discutir.

Ele se virou para longe de mim e eu dei uma olhada em suas costas largas. As tatuagens que marcavam sua pele quase falavam comigo. Como se estivessem escritas em uma língua que eu costumava entender. Eu franzi a testa com o pensamento ridículo; eu não conseguia nem ler palavras escritas em inglês, então eu sabia que não havia como ler aqueles símbolos.

Enquanto eu continuava a encará-lo, fiquei mais certo de minha compreensão delas. Eram runas exatamente como aquelas esculpidas nos punhos de suas lâminas. Elas falavam de poder, devoção, honra e amor.

Magnar se virou para mim e eu segui o caminho das tatuagens que marcavam seu peito. Elas se curvavam ao redor de seus músculos como se ele tivesse nascido com elas modelando sua pele em vez de tê-las adicionado em tinta.

Franzi a testa em concentração enquanto estudava uma pequena linha de runas que corria abaixo do coração dele. As palavras *promessa* e *vinculado* encheram minha mente enquanto eu olhava para elas e mordi meu lábio em confusão.

“Callie?”, perguntou Magnar.

Eu estremeci e olhei para ele com culpa enquanto ele inclinava a cabeça de um jeito que me fez sentir como se tivesse acabado de ser pego olhando. O que

eu suponho que tenha sido.

“Desculpe,” eu tossi sem jeito. “Eu estava apenas tentando decifrar suas tatuagens e não consegui descobrir o que aquela significava.” Eu apontei para o peito dele e ele olhou para a que eu tinha selecionado.

Ele franziu o lábio em desgosto e esfregou o polegar sobre a tatuagem como se desejasse poder removê-la da pele.

“Essa é a marca de uma decisão que não tomei por mim mesmo. Eu esperava que depois de acordar do meu sono a mancha dela pudesse ter sido removida da minha pele. De qualquer forma, não posso mais manter essa promessa. Mas parece que os deuses ainda me cobram, apesar do fato de que não posso mais seguir em frente com isso. Ou talvez eles apenas a tenham deixado lá para me lembrar.”

“Que promessa?”, perguntei antes que pudesse me conter.

Magnar hesitou como se não conseguisse decidir se me contaria, então balançou a cabeça. “Não importa agora. A pessoa para quem eu fiz isso já morreu há muito tempo, então talvez algo de bom tenha surgido da minha situação, afinal. Você não está tomando banho também?”

A mudança repentina na conversa foi o suficiente para me fazer mudar de assunto. Ele claramente não queria falar sobre isso e não havia razão para eu pressioná-lo. Meus olhos caíram para o meu colo enquanto eu tentava me concentrar em sua pergunta e arranquei um pedaço de grama da margem do rio, girando-o entre meus dedos. "Ah, eu só pensei em esperar até você terminar." *E até você ter ido para outro lugar para não ficar olhando para mim.*

“Não devemos demorar muito; o sol vai se pôr em breve e precisamos encontrar um lugar para passar a noite.” Ele começou a esfregar seu cabelo longo e eu assenti em derrota enquanto tirava meu casaco.

Eu não estava ansioso para mergulhar na corrente gelada, mas só tínhamos água fria para lavar no Reino, então não era nenhuma novidade.

Tirei minha camisa rapidamente, tentando ignorar a mordida do vento frio contra minha pele exposta. Segui meu próprio conselho e deixei minha calcinha, silenciosamente grata por ser preta e não ficar transparente em mim.

Eu respirei fundo e segurei enquanto mergulhava na água congelante. Eu sabia por experiência que era melhor acabar com o mergulho rápido, então ignorei os protestos do meu corpo trêmulo e me abaixei para que cada parte de mim ficasse submersa.

Fiquei sem fôlego quando minha cabeça emergiu novamente e rapidamente comecei a esfregar meu cabelo e pele para remover qualquer sujeira.

Fiquei de costas para Magnar, não querendo saber se ele estava tentado a olhar para mim também. Eu estava dolorosamente ciente da maneira como meus ossos apareciam através da minha pele e duvidava que ele estivesse muito interessado em olhar para as consequências das rações ruins que eu comi no Reino.

Mergulhei-me na água mais uma vez para remover qualquer sujeira restante e rapidamente penteei meu cabelo longo.

Assim que terminei, corri de volta para o banco e me arrastei para fora novamente. Gritei de surpresa quando fiquei cara a cara com Magnar, mas seus olhos estavam presos no meu braço.

Eu segui seu olhar e franzi a testa quando avistei a estranha marca vermelha na parte interna do meu antebraço direito. Era como uma lâmina curva com um pequeno diamante abaixo dela. Quase parecia que tinha sido queimada na minha pele.

"O que-" comecei, mas Magnar pegou minha mão na dele antes que eu pudesse continuar e a levantou para olhar a marca.

"Eu sabia que sentia isso", ele murmurou enquanto traçava os dedos sobre a pele avermelhada. Eu estremeci quando ele tocou, esperando que doesse, mas ele foi gentil, olhando para a marca como se não acreditasse muito que estava vendo.

“O quê?”, perguntei frustrada. Eu meio que queria puxar meu braço para fora de seu aperto, mas fiquei parada enquanto seus dedos deslizavam pela minha pele novamente, causando arrepios em seu rastro.

Um vento congelante soprava ao nosso redor e eu comecei a tremer violentamente. Eu estava encharcado e quase nu. Não era a maneira mais ideal de ficar parado nas profundezas do inverno.

Magnar me soltou e apontou para minhas roupas. “Vista-se. Precisamos encontrar abrigo para a noite e então temos muito o que discutir.”

Não precisei de mais incentivo para vestir minhas roupas de volta enquanto outro vento soprava ao nosso redor. Rapidamente pesquei roupas íntimas limpas da minha mochila e virei as costas para ele para trocá-las antes de vestir o resto das minhas roupas por cima. Fechei o zíper do meu casaco por último e puxei o capuz bem apertado em volta do meu rosto, mais grata do que nunca pela vestimenta incrivelmente quente.

“Venha.” Magnar se virou e liderou o caminho ao longo do riacho em silêncio. Eu queria perguntar a ele o que diabos o estava incomodando, mas a postura de seus ombros me disse que eu não obteria nenhuma resposta ainda.

Ele estabeleceu um ritmo ainda mais rápido do que o normal e a diferença em nossos passos me fez meio que correr para acompanhá-lo. Eu o amaldiçoei baixinho, sabendo que ele podia me ouvir e não me importando enquanto ele avançava.

Finalmente, uma pequena casa apareceu à vista ao longo da margem do riacho, perto do sopé do vale.

A luz do dia estava desaparecendo rapidamente do céu e não demoraria muito para que a noite caísse ao nosso redor.

Conforme nos aproximamos do pequeno prédio, começamos a juntar lenha para passar a noite. O silêncio era tenso entre nós, pois Magnar se recusava a discutir o que quer que estivesse em sua mente e eu ficava mais irritado por ter que esperar por respostas.

Finalmente chegamos ao prédio e entramos. Tudo estava coberto por uma camada de poeira, mas, fora isso, era confortável o suficiente. Havia uma pequena lareira na sala de estar e Magnar me deixou para acender o fogo enquanto ele voltava para fora para colocar proteções em todas as entradas para manter os vampiros longe.

Enquanto eu esperava por ele, eu procurei na pequena cozinha e encontrei algumas latas de milho doce e feijão vermelho, assim como um saco lacrado de cereal matinal que nem tinha gosto de velho. Eu esquentei o feijão e o milho no

fogo em uma tentativa de torná-los mais apetitosos e os servi com o cereal para criar uma refeição estranha, mas perfeitamente comestível.

Magnar reapareceu e aceitou sua refeição com um aceno de agradecimento. Esperei que ele terminasse de comer, mas quando ele ainda não começou a falar, eu desabei.

"Você vai explicar o que isso significa então?", perguntei, levantando a manga da minha camisa e brandindo a marca para ele, temendo que ele negasse que estava ali se eu não provasse.

Em resposta, Magnar puxou seu gibão sobre a cabeça e estendeu seu próprio braço para me mostrar. Em seu antebraço interno, a mesma marca exata se destacava contra sua pele. A dele era pálida, quase prateada como uma cicatriz antiga com um toque de algo mais poderoso.

"Esta é a marca de um assassino", ele disse lentamente, dando-me um momento para absorver suas palavras.

“Você quer dizer que eu... você...” Eu franzi a testa para a marca no meu braço. Além da aparência rosa, era uma gêmea exata da que estava na pele dele. “Mas como? Quero dizer que meu pai é apenas... pai. E a mamãe nunca tentou lutar contra os vampiros. Nem mesmo quando ela estava morrendo e eles vieram atrás dela. Nenhum deles era um caçador secreto de vampiros-”

“Você tem sangue de caçador correndo em suas veias de um dos pais ou de outro. Eles provavelmente nem sabiam que tinham. Nem todos com nosso sangue escolhem se juntar à ordem. Alguns caçadores natos nos deixaram e se casaram com humanos, tiveram vidas normais. Você provavelmente descende de um deles. Mas para sua marca ter despertado, o chamado dela deve ser forte em seu sangue.”

“Senti uma dor no braço logo depois de matar aquele vampiro que estava tentando me pegar”, eu disse, lembrando da queimadura escaldante. Na época, não consegui dar atenção a isso e depois tanta coisa aconteceu que isso foi tirado da minha mente completamente.

“Abraçar sua natureza assassina despertou alguns de seus dons.”

“Presentes?” Eu não tinha certeza de como me sentia ao descobrir que meu sangue era diferente do das outras pessoas, mas não podia negar a centelha de excitação que isso acendeu. Se eu fosse um pouquinho como Magnar, então eu poderia ter uma chance de lutar contra os vampiros. Poderia ser o suficiente para manter minha família segura e longe deles.

“Até certo ponto, cada geração de caçadores passa seu próprio conhecimento e treinamento para a próxima por meio do sangue. Se você treinar, sentirá *coisas* que não lhe foram ensinadas. Seus sentidos se intensificarão, suas reações ficarão mais rápidas e, quando aprender a confiar nos instintos de seus ancestrais, será capaz de lutar contra os vampiros como um igual.” Seu olhar queimava com propósito e eu podia dizer que ele esperava que eu abraçasse essa parte de mim.

“Você diz *se* eu treinar?” Perguntei cuidadosamente.

“Até certo ponto, esse dom é seu, quer você abrace seu chamado ou não. Posso ajudá-lo a aprender a usá-lo e você será mais forte por isso. Mas não posso treiná-lo completamente a menos que decida fazer o voto. A verdadeira extensão de seus dons não será percebida até então.”

“Voto?” Minha voz era baixa e minha mente girava com as estranhas possibilidades que de repente estavam diante de mim.

“Se você escolher abraçar sua natureza de caçadora, você terá que fazer um voto para colocar a destruição dos vampiros acima de tudo. O propósito da sua vida será derrubá-los e destruí-los. Isso não é algo para escolher levianamente. Há repercussões; você pode não ser capaz de escolher seu próprio marido ou tomar suas próprias decisões sobre ter filhos. Você pode ser forçada a sacrificar sua própria vida ou a de outros pelo bem da causa.”

“Eu não quero um marido de qualquer jeito e definitivamente não quero filhos,” eu disse firmemente. A parte de me sacrificar eu não tinha tanta certeza.

Magnar suspirou e desviou o olhar de mim para o fogo. “Você também pode não ser capaz de escolher não tê-los. Se a causa exigir que você tome um marido e produza mais filhos para herdar o presente, então você seria obrigado a fazê-lo.”

Você não é a causa? Quero dizer, não parece que há mais nenhum caçador sobrando, então acho que essas decisões caberiam a você.”

Magnar deu de ombros. “As runas ainda têm poder. É possível que haja mais de nós por aí. Os deuses podem decidir falar conosco e nos contar seus desejos. Ou uma profecia pode vir à tona que exija tais coisas de você. Ou de nós.”

“ *Nós?”* Eu o encarei por vários segundos antes de perceber o que ele estava insinuando. Nós poderíamos ser os únicos dois caçadores existentes, então se alguma profecia exigisse bebês caçadores... Eu me levantei rapidamente e me afastei dele para ficar perto da pequena janela que dava para o riacho. “De jeito nenhum. Eu não sou um idiota infeliz que você pode usar para ter pequenos descendentes matadores de vampiros.

Além disso, isso não significa que você pode ser meu tataravô ou algo assim?” Eu balancei minha cabeça. “Já estou mais do que farto de ouvir como vou viver minha vida. Vinte e um anos na prisão é mais do que suficiente, é demais, na verdade. De agora em diante, tomarei minhas próprias decisões e nenhuma profecia, vampiro ou qualquer outra besteira sobrenatural decidirá por mim.” Meu peito arfava com o ataque repentino de emoção e balancei minha cabeça com raiva.

Magnar olhou para mim com curiosidade, a luz do fogo projetando sombras dançando em seu peito nu e fazendo com que algumas de suas cicatrizes se destacassem intensamente.

“Eu não quis dizer isso *para nós ”*, ele disse e um traço de irritação passou por seu rosto. “Se eu aceitar seu treinamento, então tal coisa nunca poderia acontecer entre nós de qualquer maneira. Então seu desgosto com a ideia é injustificado.”

Abri a boca para protestar. Não era isso que eu queria dizer. Não era a ideia de eu e ele o problema, era o fato de que eu poderia não conseguir escolher por mim mesma. Quem iria querer ficar com alguém sem tomar a decisão de fazê-lo por livre e espontânea vontade? Antes que eu pudesse pensar na maneira certa de corrigir seu mal-entendido, Magnar se levantou.

“Vou verificar as enfermarias novamente. Nós dois temos muito em que pensar.” Ele saiu da pequena sala e eu o observei ir embora sem dizer mais nada.

Bom trabalho, Callie.

A culpa me puxou, mas eu não tinha certeza do que deveria fazer sobre isso.

Tudo o que Magnar queria era encontrar alguns de seus parentes e agora eu estava bem na frente dele, dizendo que não queria ser um deles. Ou eu queria? O pensamento de ter até mesmo uma fração de seus dons definitivamente me chamava, mas a troca contra meu próprio livre-arbítrio parecia um preço muito alto a pagar.

Eu só tive a liberdade em minhas mãos por alguns dias e agora estava sendo questionado se deveria considerar me escravizar a alguma causa pelo resto da minha vida?

Sem chance.

Eu me movi em direção ao fogo e me abaixei diante dele, deixando o calor das chamas me aquecer enquanto eu revirava tudo em minha mente. Um sussurro fraco ecoou na borda dos meus pensamentos e minha mão foi até a lâmina em meu quadril.

Fury suspirou de satisfação enquanto eu agarrava seu punho. Talvez eu não estivesse ficando louco, afinal. Talvez as coisas que eu senti da lâmina tivessem algo a ver com o sangue de assassino que corria em minhas veias. Magnar disse que tudo o que é inato em meu sangue veio das memórias dos meus ancestrais, então talvez a lâmina pudesse me ajudar a entender isso.

Concentrei-me na sensação da lâmina na minha mão enquanto a colocava sobre meu colo e fechava meus olhos. *Mostre-me,* perguntei, imaginando se eu realmente estava ficando louco.

A lâmina ficou quente sob meus dedos e eu podia sentir sua ânsia de compartilhar sua vida comigo. Imagens começaram a passar pela minha mente de pessoas empunhando Fury diante de mim. Eu era um homem rastejando por uma caverna escura. Uma mulher de pele escura lutando com minhas costas contra uma parede enquanto mais vampiros do que eu poderia contar vinham até mim. Uma criança aprendendo a caçar em uma floresta. Uma velha defendendo seus netos de um lobo faminto.

Mais imagens do que eu poderia contar. Mais pessoas do que eu teria pensado ser possível. Ano após ano, a lâmina passou de mão em mão. Eu senti seu amor por aqueles que a empunharam, seu ódio pelos vampiros que ela derrotou. E de alguma forma eles eram todos uma parte de mim e ainda assim não eram eu.

Não tinha certeza de quanto tempo fiquei sentado ali, observando meus ancestrais lutarem e morrerem. Amavam, viviam e passavam a lâmina através das gerações.

Minhas palmas estavam frias e levei um momento para perceber que Fury não estava mais em meu alcance. Abri meus olhos em confusão e encontrei Magnar ajoelhado diante de mim.

Que diabos foi isso?

Ele estava olhando fixamente para os meus olhos com uma intensidade feroz. “O que você viu?” ele exigiu.

“Tudo, todos que vieram antes de mim.” Franzi a testa, sem saber como descrever de outra forma.

“Você tem certeza de que era antes?”, ele perguntou. “Não era ainda para vir?”

“Não. Definitivamente foi antes.” Eu sabia disso bem no fundo de mim.

Ele estendeu a mão e pegou a minha na dele. "Você está congelando", ele

disse irritado. "Você foi fundo demais." Ele me soltou e se moveu para pegar sua capa do encosto do sofá comido por traças antes de colocá-la em volta de mim. Ele deixou o braço em volta dos meus ombros, me puxando para mais perto para me emprestar um pouco do seu calor.

“Muito fundo?” Balancei a cabeça enquanto minha mente voltava lentamente ao presente. Virei-me para olhá-lo, seu rosto a poucos centímetros do meu e ele parou sob meu escrutínio. “Você se barbeou.” Ainda havia uma barba por fazer revestindo seu maxilar, mas a barba tinha sumido.

Ele suspirou e me soltou, afastando-se um pouco e inclinando-se em direção ao fogo. “A barba estava me irritando”, ele respondeu vagamente.

Eu o observei enquanto ele trabalhava para reacender o fogo. Sem a barba, ele parecia mais jovem do que eu havia presumido antes. Seu rosto parecia um pouco mais suave também e eu podia ver mais de sua mandíbula forte. Eu me perguntei quantos anos ele realmente tinha. Sem contar os mil anos que ele passou dormindo.

“Quantos anos você tem, você tinha… você sabe o que quero dizer…”

Sua boca se contraiu em diversão. “Descontando os mil anos que passei em um sono eterno? Vivi vinte e sete anos com meus parentes e passei dez deles como um conde caçando os Belvederes até os confins da terra.”

Eu assenti, tentando fingir que sabia o que ele queria dizer com isso. Eu tinha certeza de que ser um Earl significava que ele tinha sido um líder. Ele certamente era mandão o suficiente para eu acreditar que ele estava acostumado a estar no comando das pessoas.

Quando ele ficou satisfeito com o fogo, Magnar voltou seu olhar para mim e o calor nele me fez contorcer internamente.

“Se você não estiver muito cansado, eu gostaria de tentar uma coisa”, ele disse sério.

“Ok”, eu disse em resposta, incapaz de me afastar dele.

Ele se inclinou em volta de mim e eu congelei quando ele se aproximou o suficiente para me tocar, mas, em vez disso, ele puxou uma das longas lâminas que normalmente usava nas costas para o colo.

“Você pode sentir uma conexão com Fury. Quero que você veja o que pode sentir com isso.” Ele estendeu a arma pesada para mim e eu a olhei nervosamente. Eu já podia sentir a energia saindo dela. Fury era uma lâmina muito menor e seu poder quase me subjugou. Eu não tinha certeza do que aconteceria quando eu aceitasse aquela arma.

Lambi meus lábios e cautelosamente estendi minhas mãos, palmas para cima. Magnar abaixou sua lâmina sobre elas e o peso sólido dela me pegou de surpresa. Eu não tinha ideia de como ele conseguia empunhar armas tão pesadas com a velocidade que ele tinha.

A espada não cantou para mim como Fury fez. Sua resposta foi lenta e resistente. Corri meus dedos pelas runas esculpidas no punho, tentando sentir mais dela.

“Tempestade”, sussurrei, embora o nome não tivesse me ocorrido voluntariamente.

Eu insisti para que a lâmina me mostrasse mais, mas ela resistiu. O poder nela parecia escuro e turbulento, esperando para ser liberado. Conforme eu

empurrava mais forte, ela finalmente me mostrou alguns restos.

Eu era Magnar, lutando ombro a ombro com muitos homens e mulheres vestidos como gladiadores. Nós cortamos vampiros como se fossem lâminas de grama.

Tudo ao meu redor mudou, mas eu ainda era Magnar, costas com costas com um homem que eu sabia que era seu irmão enquanto enfrentávamos uma caverna cheia de vampiros. Em menor número, mas não em menor número.

Eu o vi caçando um vampiro macho de cabelos negros pela terra e pelo mar, seu coração doendo por vingança enquanto a tristeza por seu pai o impulsionava. Sua sede pela morte daquele vampiro o motivou como nada mais. Tentei pressionar por mais informações sobre sua identidade, mas a lâmina me afastou.

Eu era Magnar decapitando o vampiro ruivo que tinha vindo atrás de mim depois que meu pai e Montana foram capturados. Eu me vi através dos olhos dele enquanto o encarava com gratidão e medo. Ele sentiu uma vontade avassaladora de me proteger, mas eu não sabia o porquê.

Magnar puxou a lâmina da minha mão. “Bem?”

“Tempest,” eu disse novamente, limpando minha garganta antes de continuar. “Eu acho que essa lâmina é muito mais leal a você do que Fury. Ela não queria me mostrar nada e tudo o que eu vi foi você.”

Ele assentiu. “A fúria me foi dada como um presente pelo líder do Clã dos Sonhos. Ela foi forjada para ser empunhada por aqueles de sua linhagem e nunca se conectou a mim como se conectou a você.”

“O que isso significa?”

“Que eu não sou seu tataravô, embora eu pudesse ter dito isso a você, já que não me casei nem tive filhos antes de dormir”, ele respondeu com meio sorriso. “Sua linhagem é do Clã dos Sonhos. Eu sou do Clã da Guerra.”

Não pude deixar de rir. “Claro que sim.”

Ele sorriu em resposta. “Você não precisa ter medo dessa parte de si mesmo. E não pense no voto por enquanto. Nunca conheci alguém que descobrisse sobre seu sangue na sua idade. Nossos filhos sempre souberam o que eram. Eles sabiam que poderiam fazer o voto quando fizessem dezoito anos e tivessem todo esse tempo para tomar sua decisão. Você não deve sentir pressão de qualquer maneira. É uma decisão que você deve tomar por conta própria.”

“Obrigado.” Estendi a mão e peguei a dele por um momento e ele olhou para o ponto onde nossas peles se encontravam.

O corte fresco em seu braço já parecia estar meio curado e eu franzi a testa enquanto o apontava. "Você não fez isso ontem?", perguntei, puxando minha outra mão da dele.

Ele olhou para o longo ferimento e grunhiu desdenhosamente. “Foi um corte limpo. Vai sarar bem.”

“Mas já parece que tem uma semana”, insisti.

“Aqueles da linhagem do meu clã se curam mais rápido do que a maioria dos mortais. Ferimentos são um perigo de guerra.”

“Certo.” Minha cabeça estava começando a ficar confusa com todas as informações que ele estava me passando. “Hoje foi... muita coisa para assimilar.”

“Durma. Deixe sua mente e seu corpo descansarem. Podemos conversar mais sobre isso amanhã.”

Eu queria protestar e fazer a ele outra das mil perguntas que corriam pela minha mente, mas a exaustão me puxou. Eu me acomodei em frente ao fogo e deixei meus olhos se fecharem.

Apesar de todas as preocupações que ser um assassino levantou, eu tinha certeza de uma coisa. Isso só poderia me ajudar quando se tratasse de tirar papai e Montana do banco de sangue e isso era realmente tudo o que importava.



Quando acordei, encontrei um longo vestido branco me esperando estendido sobre a cadeira de veludo. Um bilhete escrito à mão por Erik estava preso a ele. Meu pai tentou ensinar Callie e eu a ler, mas eu sempre fui melhor nisso do que ela. Eu ainda lutava para decifrar a caligrafia curvada de Erik, mas eventualmente consegui.

Se você não estiver usando isso quando eu bater na sua porta esta manhã, você vai conhecer meu lado raivoso. E não, você ainda não o conheceu.
Seu humilde governante, Conde Erik.

Deus, eu o odiava. Ele se contorcia em mim como uma coisa viva. Eu sempre odiei os vampiros, mas isso era pessoal.

Alguém bateu na porta e me fez pular.

Merda, eu tinha prometido fazer o que Erik disse. E se ele fosse ajudar minha família, eu precisava manter minha palavra. Arrancando minha roupa de dormir, peguei o vestido e joguei sobre mim. Minha cabeça ficou presa e percebi que havia botões no pescoço me impedindo de vesti-lo. Eu me debati, tentando desesperadamente desfazê-los e passar pelo buraco da cabeça.

Droga, droga, droga!

A risada estridente de Erik ecoou em meus ouvidos e fiquei vermelha da cabeça aos pés.

"Socorro", eu disse fracamente, desistindo e ficando de pé com a coisa meio ligada, sabendo que eu parecia um completo idiota.

Mãos fortes me agarraram e em instantes o vestido foi puxado para baixo até meus calcanhares. Eu estava no nível dos olhos de um broche brilhante segurando uma capa no lugar em volta do pescoço de Erik. Ele me empurrou um passo para trás e eu finalmente ousei olhar para ele direito. Ele estava vestido regiamente em um fino uniforme preto com bordados prateados nas lapelas.

“Aquela nota valeu muito a pena”, comentou Erik.

“Eu te odeio”, eu disse, mas se meu comentário o afetou, seu rosto não demonstrou isso.

“Lembra do que eu disse sobre seu tom?” Ele me virou bruscamente, fechando os botões até meu pescoço, seus dedos frios roçando minha pele. Um arrepio tomou conta de minha espinha e eu lutei muito para não me afastar de seu toque elétrico.

“Algo sobre respeito?” Eu disse bruscamente. *O que não tenho para você.*

“Ah, ótimo, ele escuta.”

Franzi os lábios, lutando contra uma torrente de linguagem abusiva enquanto ele me virava para encará-lo mais uma vez.

Seus olhos se voltaram rapidamente para o meu cabelo bagunçado e ele olhou para uma escova como se realmente estivesse pensando em fazer isso por mim.

“Eu consigo”, eu disse rapidamente, caso ele desse continuidade ao meu pensamento.

Indo até a cômoda, peguei-o e comecei a pentear os nós da minha juba. Meus cachos logo se soltaram em volta dos meus ombros, mas meu cabelo nunca fez o que eu pedi por muito tempo. Não que eu me importasse.

Erik ficou tão silencioso enquanto eu esfregava o sono dos meus olhos e beliscava a vida nas minhas bochechas que eu quase esqueci que ele estava lá. Além do fato de que sua aura era como um sino tocando em meus ouvidos.

Meus olhos encontraram os dele no espelho quando o descobri me observando. *Acho que vampiros têm reflexos então...*

Sua expressão era impassível, mas seus olhos vagamente curiosos.

“Isso é bom o bastante para você, sua alteza?”, perguntei docemente, erguendo as sobrancelhas. *É melhor você manter sua parte do acordo, seu babaca real.*

“Passável,” ele murmurou, desviando o olhar. “Vamos então, não vamos ficar aqui até virarmos pó.”

Eu queria que você virasse pó. "Okay", eu disse em vez disso com um sorriso forçado que não o enganou nem um pouco. Calçando os sapatos delicados que eu tinha usado na noite anterior, eu me olhei no espelho. Eu tive a estranha visão de mim mesma parecendo quase tão boa quanto uma vampira em meu vestido fino.

Ele me ofereceu seu braço e eu o aceitei sem hesitação dessa vez. Seus dedos se curvaram firmemente em volta do meu pulso, me lembrando bruscamente que eu ainda era sua prisioneira.

Entramos no corredor e ele me guiou escada abaixo e por um corredor de mármore. Chegamos à entrada expansiva com pilares de pedra cruzando um piso de mármore brilhante.

Dois guardas estavam de sentinela de cada lado da porta em arco. Eles saudaram Erik antes de abrir as portas para nós e saímos para a luz do dia. Luz do dia nublada, mas eu supus que Erik não sairia de sua porta da frente sob o sol do meio-dia. Não que isso fosse uma ocorrência comum. Mesmo durante os meses de verão, eu raramente testemunhava o sol forte. Eu me perguntei se os rumores eram verdadeiros de que o sol poderia matar os vampiros. Decidi expor meus pensamentos enquanto descíamos a série de degraus de pedra em direção à bela floresta.

“O que você faz no verão, Erik? Vive dentro de casa?” Eu permiti um pouco de zombaria na minha voz. Eu estava obedecendo, mas não estava me curvando.

“Eu me tranco em um caixão e assisto TV no meu tablet.”

Olhei para ele, tentando discernir sua expressão plana. Não entendi a última palavra, mas meio que consegui entender. Eu sabia o que era TV por causa das histórias do papai.

“Você está brincando, não é?” Eu imaginei.

“Sim.” Ele sorriu.

Idiota.

Continuamos andando em silêncio, indo para um caminho de pedra que serpenteava pela grama. "E daí?", pressionei, não querendo ser dispensado tão facilmente.

“O sol não nos mata, se é isso que você esperava. Mas ele nos deixa fracos. Mas temos um jeito de manter a luz do sol afastada nesta parte do país.”

“O que você quer dizer?”, perguntei, surpreso com o quão sincero ele estava sendo e esperando que ele pudesse me esclarecer mais.

Erik limpou a garganta, parecendo em conflito. “É difícil explicar para alguém que não tem ideia sobre os verdadeiros poderes do mundo.”

Estreitei os olhos, a curiosidade ardendo dentro de mim. “Você pode tentar explicar?”

Ele suspirou, franzindo a testa pesadamente. “Vampiros não são as únicas criaturas poderosas na Terra. Existem outras. Ou havia. Agora só resta uma e ela nos ajuda a fugir do sol.”

Franzi a testa. Ele estava falando em enigmas, mas o medo cresceu em mim ao saber que havia outros seres como os vampiros. “Não tenho certeza se entendi.”

Erik me puxou para parar quando encontramos uma estrada de pedra lisa. Eu segui a linha dela com meus olhos enquanto ela desaparecia na floresta, imaginando o que estávamos esperando.

“Você não precisa entender. Porque isso, Rebel, é a última coisa que vou dizer sobre o assunto. Hoje é sobre preparar você para seu tempo com Fabian amanhã, não discutir coisas que não são da sua conta.”

Meu estômago deu um nó forte quando a realidade bateu em casa. Eu olhei feio, permanecendo em silêncio enquanto continuávamos parados na beira da estrada.

Um barulho encheu meus ouvidos. Um clip-clopping persistente. Quando o som se revelou, todos os pensamentos me abandonaram. Dois garanhões brancos apareceram puxando uma linda carruagem preta atrás deles. Eu tinha visto os animais ocasionalmente; vampiros os usavam para passar mensagens entre si no Reino. Mas esses cavalos eram magníficos. Eles estavam vestidos com rédeas douradas com brilhantes pedras preciosas vermelhas na ponta de seus freios.

Meu coração batia uma melodia animada. Eu não sabia por que, mas a ideia de andar naquela carruagem parecia meio... agradável. Não percebi que um sorriso se espalhou em meu rosto até que Erik o notou com uma sobrancelha levantada.

Eu me virei e avistei um vampiro com um casaco fino e chapéu sentado em um poleiro na frente da carruagem.

“Bom dia, Conde Erik,” ele chamou, parando a carruagem na nossa frente. Ele olhou para mim, então tirou o chapéu em reconhecimento. Foi provavelmente uma das saudações mais respeitosas que já recebi de um vampiro. E foi muito estranho.

O homem pulou do assento, abriu a porta da carruagem e fez uma reverência. Erik soltou meu braço e aproveitei a oportunidade para me aproximar do cavalo mais próximo. Eu sempre quis tocar em um, para ver como era a pelagem

deles...

Enquanto eu me movia na frente dele, o cavalo soltou um bufo suave e eu sorri. Estendendo minha palma, falei baixinho com a criatura deslumbrante. "Olá, qual é seu nome?"

O cavalo empurrou o focinho na minha palma e foi a coisa mais macia que eu já senti. Minha boca se abriu quando deslizei minha mão entre seus olhos, esfregando gentilmente o pedaço de pelo aveludado.

“Esse é Caim e o outro é Abel”, o motorista me disse.

Olhei para ele com um aceno e vi Erik me observando como se eu tivesse enlouquecido. Sua expressão rapidamente se transformou em desinteresse, então ele voltou seu olhar para as árvores. "Não temos o dia todo."

“Achei que tínhamos feito isso?”, provoquei, mas Erik não respondeu. O Sr. Bossy claramente não iria me dar ao luxo de perder tempo por muito mais tempo.

Eu me afastei do cavalo, retornando para o lado de Erik. Pegando minha mão, ele me puxou em direção à porta aberta e gesticulou para que eu fosse primeiro.

Olhei por cima do ombro, surpresa, enquanto ele empurrava minha palma, me ajudando a subir. Que diabos? O Conde sem coração realmente tinha modos? E modos que ele dava a um humano, nada menos.

Lá dentro havia um espaço luxuoso com assentos de couro escuro e uma lanterna brilhante pendurada em uma parede. Janelas de cada lado nos permitiam uma visão além dela e eu me acomodei ao lado de uma delas, olhando para as árvores. Meu coração pulou e saltou quando percebi que estávamos prestes a ver mais da paisagem.

Erik se sentou ao meu lado, sua perna pressionando forte contra a minha. Minha garganta ficou seca com sua proximidade e eu não sabia se era de medo ou não. Minha antecipação estava engolindo todo o resto.

“Para onde estamos indo?”, perguntei, virando-me para ele com os olhos arregalados.

Sua boca se contraiu em um canto. “Para a cidade,” ele disse e então se virou. Evidentemente essa era a maior quantidade de informação que eu conseguiria, mas foi o suficiente para fazer meu pulso acelerar.

A carruagem partiu em ritmo constante e eu me maravilhei com o mundo se desenrolando além da janela. A floresta se estendia para longe de nós em uma paisagem de conto de fadas. Folhas flutuavam dos galhos, girando ao vento e se espalhando pelo chão. Dourado, âmbar queimado, laranja ardente e amarelo-limão. Mais cores do que eu já tinha visto de uma vez.

Seguimos o caminho sinuoso por um tempo e então passamos por uma pequena ponte com um rio brilhante fluindo abaixo dela. Patos gordos nadavam nela, descendo o rio em um ritmo vagaroso. Folhas em forma de estrela se retorciam na superfície, girando sob a força da corrente. Era tão tranquilo de assistir e fiquei feliz quando o caminho virou e começamos a seguir a linha do rio para que eu pudesse continuar bebendo a visão dele.

As árvores finalmente rarearam e emergimos em um trecho limpo de grama que levava direto para o enorme muro branco à frente. Além dele, arranha-céus ameaçadores refletiam as nuvens escuras de volta para nós, parecendo conter um céu inteiro dentro deles.

A carruagem diminuiu a velocidade quando nos aproximamos do portão de ferro e dois guardas se apressaram com espadas amarradas aos quadris. Eles verificaram a carruagem antes de olhar para dentro. Erik não lhes deu atenção, seus olhos estavam em um estranho dispositivo em sua mão. Era como uma TV em miniatura e eu me perguntei se era isso que papai chamava de telefone.

Perdendo o interesse, voltei meu olhar para a vista enquanto os guardas abriam os portões e nós passamos por eles. Nós seguimos para uma rua que era tão larga que era grande o suficiente para cinco carruagens lado a lado. Alguns carros pretos brilhantes passavam pela estrada e alguns vampiros vestidos de verde estavam a cavalo, trotando por uma pista que parecia ser especificamente para os animais. A carruagem entrou nela e eu pressionei minha bochecha na janela enquanto tentava olhar para o topo dos edifícios. Eu me senti como uma criança imersa em um novo mundo. Era emocionante e assustador ao mesmo tempo.

Eu queria ver mais. Saber mais. Eu nunca tive esses desejos antes. As histórias do papai sempre foram divertidas, mas elas dependiam da nossa imaginação. Isso era tão real. Eu podia estender a mão e tocar, sentir, *vivenciar* .

Eu estava quase saindo do meu assento quando dobramos uma esquina para uma estrada mais estreita, passando por imponentes blocos de torres pretas marcados com a bandeira real vermelha, branca e azul. Vampiros vagavam pelas ruas à vontade, parecendo surpreendentemente normais em meio aos arredores estranhos. Avistei casais de mãos dadas, uma mulher admirando uma fonte de água brilhante, um homem lendo um livro em um banco. Eu deveria estar bravo com tudo isso, mas era como observar animais em seu habitat natural. Estranhamente fascinante.

Erik puxou meu vestido, então eu caí de volta no meu assento. Virei-me para ele com irritação, mas ele apenas sorriu e gesticulou para que eu continuasse.

“É tão... grande”, murmurei para mim mesmo.

"Chama-se Nova York", Erik respondeu e eu tentei pronunciar as palavras em meus lábios em voz baixa.

Ele me lançou um olhar confuso, balançando a cabeça antes de continuar a olhar para o celular.

“Como funciona?”, perguntei, olhando para o objeto.

Erik franziu a testa e prontamente o passou.

Pesei a coisa legal na palma da minha mão, sem saber o que fazer com ela.

“Pressione a tela”, Erik ordenou.

Fiz o que ele disse e o aparelho se iluminou, revelando uma série de quadrados coloridos.

Erik estendeu a mão, apertando um botão com um crescente nele. “Você pode ligar para as pessoas daqui.”

Minhas sobrancelhas se ergueram enquanto eu pensava em Callie. "Como?" Eu exigi e ele bufou com minha expressão.

“Só vampiros. Humanos não têm telefones. E mesmo se tivessem, você não pode ligar para alguém sem um número.”

“Oh,” eu suspirei, vagamente desapontado, mas não realmente surpreso.

Vi os nomes de sua família entre suas ligações recentes e meu dedo pairou sobre Clarice.

“Você pode me mostrar?” Eu suspirei, tentado a digitar o nome dela.

“Você quer ligar para minha irmã?” Ele soltou uma risada, arrancando o telefone da minha palma. “Outra hora, Rebel. Chegamos.”

Eu nem tinha percebido que a carruagem tinha parado. O cocheiro abriu a porta e Erik saiu primeiro, me oferecendo sua mão.

Minha língua ficou desesperadamente seca quando peguei sua grande palma e ele me guiou escada abaixo até a calçada. Estiquei meu pescoço enquanto olhava para o enorme edifício de pedra se elevando acima de nós, afinando até um ponto no topo.

“Este é o novo edifício Empire State”, Erik me informou, acenando para nosso motorista enquanto me puxava em direção a um conjunto de portas de vidro que pareciam girar.

Agarrei-me ao seu braço, ansiosa enquanto ele me guiava para uma. Estávamos pressionados juntos, movendo-nos através dela enquanto ela circulava, permitindo-nos entrar.

"Nervoso, Rebelde?" ele murmurou quando saímos.

“Algo assim,” eu sussurrei. Eu era um humano no coração de um ninho de vampiros. Como eu *deveria* me sentir sobre isso?

Um salão brilhante nos recebeu, onde vários guardas estavam nos cantos. Uma Elite em vestes escuras saiu correndo de trás de uma mesa, curvando-se profundamente. Foi sua beleza superior que entregou a Elite. Em comparação com a realeza, no entanto, eles quase empalideceram em relação à normalidade.

“Alteza, não estávamos esperando você”, disse o vampiro, parecendo nervoso.

“Isso é um problema?” Erik exigiu.

“Não, senhor”, ele respondeu. Suas bochechas estavam fundas e seus olhos eram tão brilhantes quanto o luar. “Eu vou preparar uma mesa para você imediatamente.”

“Obrigado, Angus”, Erik disse com um breve aceno de cabeça.

Angus sorriu, gesticulando para que o seguíssemos enquanto ele se dirigia para um conjunto de portas de metal. Ele apertou um botão ao lado delas e as portas se abriram, revelando uma grande caixa de metal.

Eu torci o nariz quando entramos, observando nosso reflexo em um espelho enorme no fundo. Eu não parecia nada comigo mesma no vestido lindo com um vampiro real no meu braço. Era um paradoxo completo.

Erik me virou para as portas enquanto elas se fechavam e eu olhei ao redor, sentindo que estava perdendo alguma coisa.

"Como vão os negócios, Angus?" Erik perguntou enquanto o chão parecia sacudir para cima e um peso estranho pressionava meus ombros.

O que diabos está acontecendo?

“Fantástico, senhor. Acabei de abrir outro bar no Brooklyn que está bombando. Você deveria vir aqui um dia desses.”

"Eu vou garantir isso." Erik lançou-lhe um pequeno sorriso e se eu não estivesse tão confuso sobre o que estava acontecendo, eu poderia ter ficado mais surpreso com seu comportamento mais caloroso.

As portas se abriram novamente e meu coração bateu forte na garganta. Estávamos em uma sala completamente diferente. Meus pés estavam colados no lugar enquanto eu observava o enorme espaço com mesas pretas altas. Além

delas, havia janelas enormes, olhando para o céu. Finalmente juntei dois e dois. A caixa de metal devia ser um elevador. Eu quase tinha me esquecido deles, mas havia poços antigos em alguns dos apartamentos do Reino que já foram projetados para essa coisa exata. Então agora devíamos estar em algum lugar bem lá em cima dentro do prédio.

Erik me levou para a sala que estava cheia de vampiros, de pé nas mesas com taças de prata nas mãos.

Angus nos guiou por eles e os olhos nos seguiram enquanto os vampiros notavam Erik. Muitos deles sussurravam e apontavam. E de repente seus olhos estavam vagando por mim também, me vasculhando, me despedaçando, me avaliando. Meu estômago se apertou e eu voltei aos meus velhos hábitos, lançando-lhes carrancas escuras.

Angus nos levou até uma corda de veludo, além da qual havia um sofá de couro em forma de crescente, apontando para uma grande janela. Dois Elite estavam sentados ali, vestidos com roupas finas, seus rostos celestiais fixos com surpresa ao nos ver.

Angus estalou os dedos para eles. “Sinto muito que vocês tenham que desocupar a área VIP, nossa alteza real está aqui.”

Os dois homens se levantaram, olhando para Erik antes de se curvarem. Eles passaram por nós e Erik me puxou em direção aos assentos que eles tinham acabado de desocupar.

“Um cálice do Reino A,” Erik ordenou e então olhou para mim. “E comida e água para meu Cortesão.”

“Comida?” Angus guinchou e Erik se virou para ele com um sorriso sombrio.

“Sim, comida humana. Isso é um problema?” Erik perguntou casualmente, de costas para mim agora.

“N-não, senhor”, disse Angus, curvando-se tão baixo que seu nariz quase tocou o chão.

“Estou acostumado a não tomar café da manhã”, eu disse rapidamente. “Não é um problema.”

Angus se endireitou, olhando-me esperançoso.

"Bobagem", Erik disse, conduzindo Angus para longe.

Ele saiu correndo e Erik se virou para mim com uma carranca. "De que Reino você é?", ele perguntou enquanto eu me movia para a janela.

Esqueci sua pergunta em um instante, respirando fundo enquanto olhava a cidade se desdobrando abaixo de mim. Estávamos tão alto que eu conseguia enxergar por quilômetros. Era mais do que meus olhos já tinham visto de uma só vez. Além dos arranha-céus brilhantes, havia ruínas, restos bombardeados de uma grande parte da cidade velha. E além disso havia um toque de verde. Uma floresta, talvez? Ou outra coisa?

Minhas veias cantavam com energia. Era meio alarmante. Os vampiros viviam em tanto luxo, era difícil acreditar que eu estava realmente vendo isso por mim mesmo. Vivendo entre eles...

“Rebelde?” Erik murmurou, movendo-se para o meu lado. “Seu Reino?”

Pensei nisso. Eu realmente não sabia muito sobre os outros Reinos, mas me lembrei do que um dos vampiros disse durante minha jornada aqui.

“Reino G, eu acho”, respondi.

“Costa oeste”, ele disse para si mesmo. “Realm G é uma marca inferior de sangue. Algo a ver com o clima, eu suponho. O tipo de comida que você recebe, talvez...” Ele ficou quieto em pensamento e meu pescoço formigou com suas palavras. Havia classes de qualidade de sangue? Nojento.

“Um cálice do Reino A para sua alteza.” Angus reapareceu, passando a Erik uma taça de prata ornamentada. Enquanto Erik a pegava com um aceno de agradecimento, avistei o líquido vermelho escuro dentro.

Realm A… urgh, essa era uma boa marca? O pensamento me deixou doente e eu me arrastei em direção ao sofá, caindo enquanto um peso pendia do meu coração.

“A comida humana chegará em breve”, Angus prometeu antes de sair correndo novamente.

Erik tomou um gole de sua xícara chique, observando a vista. Minha garganta apertou. Em toda a minha vida, raramente vi vampiros realmente beberem sangue. Humanos davam a cada poucos meses e então era engarrafado e mandado embora. Eles nunca bebiam diretamente de nós. Mas vê-lo beber daquele copo parecia de alguma forma pior.

De quem era o sangue? De um homem? De uma mulher? De uma *criança* ?

Erik não sabia nem se importava. E isso tornou tudo muito mais distorcido. Se ele visse o sangue jorrando das veias de um humano, isso o deixaria com fome?

Fechei os olhos, sentindo-me enjoada, não querendo mais ver Erik beber.

“Algo errado?” Erik perguntou, seu peso pressionando o assento ao meu lado.

O cheiro metálico da sua xícara chegou até meu nariz e uma náusea tomou conta do meu estômago.

“Onde fica o banheiro?”, perguntei, lutando contra uma náusea.

“Ali.” Ele apontou para o outro lado da sala em direção a um conjunto de portas.

Levantei-me, pressionando minha língua no céu da boca. Calor inundou minha espinha, seguido por uma onda de gelo. Minhas pernas não me seguraram e eu bati no chão antes de saber o que estava acontecendo.

Minha visão escureceu e quando recuperei a visão, eu estava deitado no sofá com a cabeça no colo de Erik.

“Você desmaiou”, ele disse e notei que seu cálice havia sumido.

Olhei para seu maxilar cinzelado, incapaz de acreditar que estava realmente descansando no colo de um vampiro. Eu me levantei rapidamente, me afastando dele e ele enfiou um copo de água sob meu nariz. Eu o engoli, a bebida gelada acalmando meu estômago embrulhado.

“O sangue te incomoda”, Erik comentou.

Minha ousadia cresceu novamente, seguida por uma onda de constrangimento por ter desmaiado. Mas era demais. Ao vê-los beber sangue na minha frente, eu poderia muito bem ter minhas próprias veias conectadas aos seus malditos cálices.

Eu sou comida. Nunca serei outra coisa para essas criaturas vis. O sangue da minha família desceu por suas gargantas. Meu sangue também...

“Se eu sentasse aqui bebendo o sangue dos seus amigos, você não ficaria um pouco chateado?” Eu o mordi. Deus, como eu poderia estar animado em vir aqui? O que eu estava pensando?

Os lábios de Erik franziram, mas ele não me mordeu de volta. “Posso evitar beber na sua frente, se preferir.”

Eu preferiria que você parasse de beber completamente e se transformasse numa pilha de fuligem.

Eu simplesmente dei de ombros, ficando mais bravo com ele. Com todos eles.

“É algo a que você terá que se acostumar”, Erik murmurou.

Continuei ignorando-o, inclinando a cabeça para longe dele para não ter que pensar no sangue que ele tinha acabado de engolir.

Meu pai foi enforcado em um banco de sangue em algum lugar e era aqui que seu sangue acabaria. Em bares chamativos projetados para os vampiros se alimentarem. Era nojento.

A mão de Erik pousou no meu braço e eu estremeci de surpresa, virando-me para ele. Seu rosto estava contorcido em uma expressão estranha, como se ele nem mesmo entendesse a emoção que estava tentando expressar. "Quando o ritual acabar, você será transformado em um vampiro e o sangue não será mais desagradável para você", ele disse e eu podia sentir meu rosto empalidecendo a cada segundo.

“Eu não quero isso. Por favor, não deixe ninguém fazer isso comigo.” Minha boca estava dolorida e a bile estava empurrando a base da minha língua.

Erik me deu uma carranca preocupada, seus dedos apertando meu braço. “Não desejo lançar essa maldição em ninguém, mas é assim que as coisas são agora.”

Fiquei boquiaberto, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Ele cerrou o maxilar, olhando para os outros vampiros, parecendo preocupado que eles pudessem tê-lo ouvido.

“Você acha que é uma maldição?” Eu sibilei, meu coração dedilhando uma melodia frenética.

“Eu *sei* que é uma maldição,” ele riu secamente, então uma tristeza pesada encheu seus olhos. “Talvez trazer você aqui tenha sido um pouco... insensível.” ele falou a última palavra como se não tivesse certeza. Ele estava realmente se sentindo mal sobre isso? Ele realmente tinha um coração naquele peito gelado? E o que ele quis dizer sobre ser amaldiçoado? Ele realmente acreditava nisso?

Eu assenti com firmeza e ele pareceu relaxar.

“Você é o primeiro humano que escolhi”, ele disse. “Não tenho certeza do que é apropriado e do que não é, mas tentarei aprender.”

Minhas sobrancelhas levantaram-se em surpresa e minha garganta finalmente se soltou o suficiente para que eu pudesse responder.

“Obrigada,” forcei a saída. Não porque eu estava grata, mas porque eu precisava que ele soubesse que isso não estava certo. E se ele estava disposto a tentar ter empatia com a minha situação, então eu tinha que encorajar isso.

“Então,” ele disse, mais afiado. “Vamos discutir Fabian.”

Suspirei. Era disso que se tratava hoje. Eu tinha que ser forte e cumprir minha parte do acordo para garantir que Erik cumprisse a dele.

“Ok”, concordei.

Uma máscara de formalidade deslizou sobre suas feições. “Meu irmão é um homem altamente político. Mas ele tem suas fraquezas. Uma garota bonita pode capturar sua atenção por um tempo, mas é uma certa raça rara que pode cativá-lo completamente. Acredito que você seja dessa raça.”

Eu bufei em descrença. “Por quê?”

Ele sorriu sombriamente. “Você é linda, para começar. Mas você também é ardente. E esse tipo de faísca é o que alguns homens gostam em suas mulheres. Fabian incluído. Eu sabia disso quando você entrou no pátio vestida apenas com sua roupa íntima e seu rosto manchado de rímel. Embora Fabian nunca tivesse escolhido você na frente de toda a nossa corte real por uma questão de decoro, eu poderia dizer que ele estava tentado.”

Limpei a garganta, tentando não focar no fato de que ele tinha me chamado de linda. Um garoto no Reino uma vez me chamou assim e eu fiquei longe dele por um mês para garantir que ele nunca mais dissesse isso. Mas ouvir isso de Erik era algo completamente diferente. Como um vampiro poderia me admirar quando eu deveria ser seu lanche?

“Mas você também tem muito trabalho a fazer. Fabian não vai querer ser visto com você se achar que isso vai prejudicar sua reputação. Então temos algum controle de danos a fazer.”

“Como o quê?”, perguntei.

“Amanhã, você não só estará vestido respeitosamente, mas também mostrará o tipo certo de interesse por Fabian.”

“O que você quer dizer?” Estreitei os olhos.

“Ele deve se sentir desejado por você, mas você também deve se fazer de difícil. Algo que as garotas não costumam fazer. Se você capturar a atenção dele, ele vai esquecer tudo sobre sua má conduta inicial.”

Meus dedos do pé se amassaram com suas palavras e meu pescoço esquentou rápido. Eu gemi em resposta e Erik riu em um estrondo profundo.

"Venha aqui." Ele deu um tapinha no espaço entre nós e eu relutantemente deslizei para mais perto. Ele colocou um braço em volta dos meus ombros, segurou meu rosto e me inclinou em direção a um casal do outro lado da sala. Tentei ignorar seu toque frio enquanto olhava para a vampira vestida com um vestido preto justo que exibia suas curvas. Ela estava passando a mão pelo braço do homem, rindo de algo enquanto ele falava.

“Você vê o que ela está fazendo?” Erik perguntou.

"Sim..."

“É assim que você deve se comportar.”

Respirei fundo, concordando com a cabeça. Isso seria degradante.

Enquanto eu observava, o homem se inclinou para um beijo e a mulher ofereceu sua bochecha no último segundo.

Erik sorriu, colocando a mão no meu joelho. Eu quase pulei do meu assento, mas ele a manteve firme no lugar.

“O que você está fazendo?” Eu sibilei.

Ele se virou para mim, tirando uma mecha de cabelo da minha orelha enquanto sussurrava: "A Elite está observando. Eu deveria estar cortejando você. Eles não devem saber o que estou realmente planejando."

Eu reprimi minha vontade de perguntar mais sobre Fabian. Eu só tinha me preocupado em *como* eu deveria fazer isso até agora, mas o *porquê* de repente estava me devorando. Por que Erik queria que eu seduzisse seu irmão? Qual era o sentido disso?

Os dedos de Erik percorreram meu pescoço e cada fibra do meu corpo ganhou

vida com sua carícia. Parte de mim queria se afastar, mas eu estava presa no lugar e quanto mais tempo suas mãos permaneciam em mim, mais eu gostava.

O que há de errado com você? Ele é um vampiro!

“Tenho uma reunião em uma hora,” Erik ronronou no meu ouvido, causando arrepios no meu pescoço. “Você vai me acompanhar.”

Angus chegou com minha comida e eu aproveitei a oportunidade para me afastar de Erik. Olhei para o estranho arranjo de pão, um nabo, uma batata crua e alguns morangos misturados com alguns rabanetes. Minhas feições se distorceram quando Angus olhou para mim em busca de aprovação. Eu supus que ele tinha tentado o seu melhor...

"Coma", Erik ordenou enquanto Angus colocava o prato na mesa diante de nós com outra reverência.

Apesar de não sentir nenhuma fome, peguei o prato e forcei algumas mordidas. Uma vida inteira de rações me deixou tudo, menos complacente. E eu tinha que manter minha força.

Erik se recostou em seu assento, pegando seu telefone novamente e me dando um pouco de semi-privacidade enquanto eu comia. Eu vi a Elite me observando e ofereci a eles carrancas quando Erik não estava olhando. Ele pode ter querido manter as aparências, mas eu não me importava com o que eles pensavam. E Erik não tinha pedido especificamente que eu fingisse estar interessado nele, então eu, claro, não faria isso.



Eu *estava preso, empurrando faixas de material branco enquanto um homem ria. Não havia alegria em seu tom de zombaria.*

Se me encontrassem aqui, eu estaria morto.

Comida. Eu sou apenas comida.

Eu chorei, tentando correr enquanto o material infinito se prendia em minhas pernas, me fazendo tropeçar. Cabelo de ébano se espalhava ao meu redor. Cabelo de Montana.

Eu era um cativo. Eu nunca me livraria deste lugar.

Olhos escuros dançaram de alegria quando ele me encontrou e eu fiquei congelada no lugar, o material envolvendo meu corpo. Ele observou enquanto ele me esmagava. Apertando e apertando até que eu não conseguia respirar. Ele observou e riu.

Eu não sabia quem ele era ou por que ele me queria. Eu só sabia de uma coisa.

Eu era dele.

“Callie?” Mãos fortes apertaram meus braços, me sacudindo rudemente. “Está na hora de acordar.”

Abri os olhos, lutando contra o sonho estranho enquanto o medo dele se agarrava a mim. Apesar da estranheza, eu o achei estranhamente reconfortante. Como se eu estivesse *com* minha irmã, não apenas sonhando com ela.

"Tudo bem, estou acordado", murmurei enquanto olhava para Magnar, cujo rosto estava desconcertantemente perto do meu.

Ele me ofereceu uma mão e me puxou para cima. “Você estava tendo um pesadelo?”, ele perguntou.

“Não exatamente... Tive um sonho estranho sobre Montana.”

“Sua irmã? Talvez ela esteja lhe enviando uma mensagem.”

"Um o quê?"

“Ela é sua gêmea, então ela também tem sangue de caçadora. Vocês dois são do Clã dos Sonhos e, como tal, seus dons inatos têm o poder de se comunicar enquanto dormem. É improvável que qualquer um de vocês seja forte o suficiente para fazer isso de forma totalmente consciente sem fazer seus votos. E mesmo assim é duvidoso que vocês sejam fortes o suficiente, considerando o fato de que não são caçadores de sangue puro. Mas tudo é possível.” Ele deu de ombros.

“Você quer dizer que eu poderia falar com ela dormindo?”

“Talvez. Sempre que eu era visitado por um membro não relacionado do seu

clã em meus sonhos, me eram mostradas apenas imagens. Mas minha mãe era do seu Clã e quando ela me visitava, podíamos ter uma conversa completa. Isso pode ter sido devido ao nosso laço de sangue. Ou pode ter sido devido à sua força considerável. Ela foi, sem dúvida, a Dreamer mais forte que já viveu no meu tempo."

"Por que suas respostas sempre me deixam com mais perguntas?", perguntei. Mesmo que os sonhos se revelassem algum tipo de conexão estranha com Montana, isso não me ajudou muito. Eles eram bobagens. Não consegui extrair nenhuma informação deles além da esperança de que ela ainda estivesse viva.

"Temos um problema", disse Magnar, preferindo ignorar meu comentário. "Algo tentou quebrar nossas proteções ontem à noite."

"Ah?", perguntei, tentando soar super casual, mas parecendo mais um rato assustado.

"Não é possível para um vampiro menor sequer detectar as proteções, muito menos lutar contra elas. Qualquer um que se aproximasse delas se veria indo embora novamente e nem perceberia que foi influenciado a fazer isso. O fato de alguém ter pressionado tanto contra esses impulsos me preocupa. Alguém de muito mais importância deve estar nos caçando agora."

"Mas isso não é problema para você, certo?", perguntei. "Quero dizer, você é o cara que disse 'só tem cinco' da última vez que vieram nos buscar."

"Sua fé em minha habilidade é bastante lisonjeira", ele respondeu, colocando uma mão em meu ombro. "Mas eu sou apenas um homem. E todos os homens morrem."

"Uau. Obrigado pelo discurso motivacional. Você está realmente tão preocupado?" Meu coração palpitou desconfortavelmente ao pensar que ele estava preocupado com isso.

"Não. Mas não desejo que pense em mim como imortal. A morte é uma possibilidade constante. Toda vez que eu solto minhas espadas, sei que pode ser minha última luta. Isso é algo que você deve aceitar se quiser ser um matador."

"Entendi. Você pode morrer, eu posso morrer, a imortalidade é só para babacas. E falando em babacas imortais, você tem alguma ideia *de quem* anda farejando ao nosso redor?" Minha mente foi para o General Wolfe e meu estômago despencou. Eu nunca tinha visto um vampiro se alimentar de um humano antes, mas a maneira como ele tinha dilacerado meu pai era algo que eu nunca poderia banir da minha memória. Era como assistir a algum tipo de ataque animal enlouquecido.

"É certamente um da Elite. Temo que se continuarmos em nosso curso para o banco de sangue como estamos, então aquele que nos segue descobrirá nosso destino. Com a melhor vontade do mundo, um único matador não terá chance de tomar aquele lugar se souber que estou chegando."

"Um caçador e meio", provoquei.

Magnar inclinou a cabeça para mim e sorriu. "Talvez um e um quarto."

"Duro. Mas provavelmente mais preciso," eu concedi. "Então o que torna a Elite mais formidável do que os vampiros menores, afinal?"

Magnar empurrou seu longo cabelo para trás enquanto considerava sua resposta. "Essencialmente, é por causa de quem os criou. A força de um vampiro vem de quem os gerou, então quanto mais próximos eles estão da linhagem

original, mais fortes eles são. Aqueles que foram transformados por um vampiro original são os mais fortes da Elite e qualquer um que eles geram é um pouco mais fraco, então qualquer um gerado por eles é mais fraco novamente."

"Então é como se cada geração fosse menos poderosa que a anterior?", perguntei, tentando entender o que ele estava dizendo.

Ele assentiu. "Você se lembra do que eu te contei sobre os Belvederes?"

"Aqueles que se dizem realeza?", perguntei.

"Eles são a família original dos vampiros. Nós os chamávamos de Revenants uma vez, mas os deuses decidiram uni-los sob esse nome falso." Seu lábio se curvou em desgosto e eu podia dizer que seu ódio por eles era mais do que apenas por causa do que eles eram. Era pessoal.

"Você quer dizer que eles são os que começaram tudo isso? Como? De onde eles vieram?", perguntei, me aproximando um pouco mais dele.

"Há muitas histórias sobre isso. Muitas teorias. Suponho que os únicos que realmente sabem são os quatro. Mas se eu chegar perto o suficiente para perguntar, não vou perder tempo com perguntas," ele rosnou.

Fiquei com vontade de perguntar por que ele os odiava tanto, mas a escuridão em seus olhos me deixou com medo da resposta.

"Então você disse que eles são uma família?", perguntei, buscando uma pergunta mais segura.

"Sim, mais ou menos. Embora a família geralmente seja unida pelo amor e esses monstros sejam incapazes de tal emoção. A lealdade deles um ao outro nasce mais de uma ânsia por poder. Eles são irmãos, ou assim dizem, embora tenham pouca semelhança um com o outro. Não acredito que eles realmente compartilhassem os mesmos pais quando eram humanos. São três homens e uma mulher. E eles se chamam de realeza", ele riu como se fosse algum tipo de piada distorcida e eu me mexi desconfortavelmente.

Se ele sabia tanto sobre eles, então significava que eles tinham esse poder desde o tempo dele. Eles tiveram mais de mil anos para solidificar sua influência e controle antes de assumirem o poder. Como deveríamos ter uma chance contra um poder tão antigo?

"O que mais você sabe sobre eles?", perguntei, sem saber se realmente queria saber a resposta.

Magnar franziu o cenho enquanto pensava sobre isso. "A mulher, Clarice, era conhecida como a Prostituta Dourada na minha época. Ela é linda além das palavras, embora a visão de seu rosto de porcelana sempre me revirasse o estômago. Ela reuniu um exército ao seu redor que ela chama de harém. Homens que ela seduziu enquanto ainda eram humanos e levou para sua cama antes de transformá-los em um de sua espécie.

Ela aparecia em vilas humanas, exibindo-se para homens que achava desejáveis e os encorajava a persegui-la até que caíssem implorando a seus pés. Havia quase uma centena dessas criaturas patéticas seguindo-a, doloridas por seu toque e dispostas a dar suas vidas por um tempo entre suas pernas."

"E eles simplesmente concordaram com isso? Eles estavam felizes em se tornar como ela? Em deixar suas vidas para trás por um monstro sem alma?" Eu perguntei com desgosto. Eu sabia que os vampiros eram mais do que lindos de se olhar, mas isso nunca me fez desejá-los. A beleza deles era artificial e fria. A

ideia de ir para a cama com um deles me fez sentir mal. “Nenhum deles recusou?”

“Acho que eles estavam tão profundamente sob o feitiço dela que a ideia de recusar não lhes teria ocorrido.”

“E os outros?”, perguntei, me perguntando se eu realmente queria saber.

“Os irmãos. Fabian, a Serpente, Miles, o Falso Deus e *Erik* ,” ele cuspiu o nome final com veneno. “Assassino de Mil Almas.”

Olhei para ele com os olhos arregalados, esperando que ele continuasse.

“Fabian criou os Familiares. Ele encontrou uma maneira dos vampiros enfiarem um pedaço de sua alma nos corações e mentes de criaturas inconscientes. Eles se tornariam seus olhos e ouvidos. A luz do sol não os machucava, então eles podiam nos espionar mesmo quando acreditávamos que estávamos seguros.

Isso causou devastação. Os vampiros apareciam quando menos esperávamos, sempre sabendo dos nossos planos e esperando. Nós até executamos alguns dos nossos, acreditando erroneamente que eles nos traíram antes que um dos profetas descobrisse o que Fabian tinha feito. Acreditávamos que as colônias de morcegos que enxameavam sobre nossos acampamentos à noite só vinham atrás dos insetos atraídos pela luz de nossas fogueiras. Quando percebemos o que ele tinha feito, muitas almas já estavam perdidas.”

Minha mente girou com a ideia dos assassinos tendo que aceitar o fato de que eles tinham sacrificado injustamente alguns dos seus por causa da astúcia dos vampiros. Isso me fez pensar se os Reinos não eram tão ruins quanto eu pensava. Pelo menos eles não nos matavam mais. Eles nos faziam dar sangue a eles, mas nossas vidas tinham valor para eles agora. Parecia que nem sempre tinha sido assim.

“Miles era um tipo diferente de monstro”, continuou Magnar. “Ele se autointitulou um deus, oferecendo vida eterna a qualquer um que provasse sua devoção a ele. As pessoas construíram templos em sua homenagem e o cobriram de presentes na esperança de que ele lhes concedesse a imortalidade. Mas é claro que a vida eterna tem um preço que deve ser pago em sangue.

Depois que ele transformou aquelas pobres almas em vampiros, ele os libertou alegando querer que eles desfrutassem da liberdade da eternidade. Mas eles ansiavam por sangue acima de tudo. Muitas vezes, eles retornavam para suas cidades natais na esperança de ver suas famílias, apenas para serem dominados por sua sede. Parece que a maioria dos que são recém-gerados tem pouco controle sobre a sede de sangue que os move. Eles perderiam o controle, matando aqueles que amavam e qualquer outra pessoa azarada o suficiente para cruzar seus caminhos em sua necessidade desesperada de saciar seu desejo por sangue. Magnar ficou quieto e eu me aproximei dele, minha coxa roçando na dele enquanto eu tentava oferecer a ele algum conforto das memórias terríveis.

O silêncio se estendeu e percebi que ele não queria falar sobre o último irmão, mas eu precisava saber.

“E... o último irmão?” perguntei timidamente.

“Erik,” Magnar rosnou. “Se eu fizer uma coisa com meu tempo nesta terra, será removê-lo dela.”

“O que ele fez?”, perguntei, minha voz quase um sussurro.

“Muitas coisas. Incontáveis atrocidades. Foi ele quem matou meu pai na Batalha de Atbringer. Os clãs foram quase destruídos naquele dia. Ele matou centenas de nós com seu exército de monstros.

Ao contrário de seus irmãos, Erik sempre foi mais exigente com aqueles que ele gera. Ele procura os maiores guerreiros, os políticos mais implacáveis, apenas o melhor dos melhores para seu exército. Os Belvederes foram as únicas criaturas a deixar aquele campo de batalha com suas vidas. Embora meu pai tenha retornado para nós também. Mas ele não estava mais vivo. Aquele monstro o transformou em um deles, esperando corromper sua alma e usá-lo para seus próprios propósitos vis.

Meu pai tinha o suficiente de si mesmo para retornar e nos contar o que tinha acontecido com ele. Ele se despediu da minha mãe e do meu irmão e me implorou para acabar com seu sofrimento. Aquela criatura maligna matou meu pai uma vez e então me forçou a fazer isso uma segunda vez. Eu tinha dezessete anos.

"Ainda posso vê-lo ajoelhado diante de mim, implorando para que eu lidere os clãs para a vitória contra os Revenants. Ele me deu sua lâmina, Venom, para que eu pudesse tirar sua vida e liberar sua alma para a proteção de nossos ancestrais."

"Sinto muito, Magnar", sussurrei, colocando minha mão em seu braço, meus dedos roçando a marca do assassino em sua pele.

Ele se virou para me olhar nos olhos e meu coração disparou, incerto.

“Estava previsto que eu acabaria com aquela família. Posso estar novecentos anos atrasado, mas pretendo cumprir meu destino.”

Seu olhar era tão intenso que tive dificuldade em sustentá-lo.

“Então o que você sugere que façamos sobre a Elite que está nos rastreando agora?” Eu perguntei, quebrando o contato visual com ele enquanto meu coração batia fora de ritmo.

“Precisamos criar uma distração e preparar uma armadilha.”

Sorri com a ideia de fazer o jogo dos vampiros e assenti encorajadoramente.

“Diga-me o que fazer.”



Fiquei eternamente aliviado quando deixamos o bar de vampiros para trás, pegando a carruagem mais para dentro da cidade. Eu nunca mais quis chegar perto daquele lugar e não olhei mais pela janela com qualquer tipo de alegria. Um sentimento de desânimo estava descendo sobre mim enquanto eu olhava os vampiros vivendo suas vidas.

Crescer no Reino pelo menos me impressionou com a importância do meu sangue. Não era muito, mas os humanos tinham valor lá. Aqui, os Reinos eram ignorados. Nosso sangue era colhido para os vampiros beberem. Éramos uma refeição estranha no dia deles e não tínhamos impacto em nenhuma outra parte dele. Sempre pareceu degradante, mas agora era pior do que isso. Como se fôssemos apenas um pontinho no radar deles. E perguntas começaram a surgir em mim novamente sobre toda essa coisa de ritual real.

Olhei para Erik, que estava me observando com uma expressão examinadora. “Por que ainda não sou um vampiro, Erik? Você diz que é uma maldição, mas é para isso que você nos quer, não é? Então por que fazer assim? Com cortejo e formalidades. Não entendo.”

A garganta de Erik balançou enquanto ele pensava na minha pergunta. “Há uma razão, Rebelde. Mas não falamos sobre isso até depois da cerimônia de escolha.”

Meus lábios franziram fortemente. “Só me diga.”

“Não,” ele disse simplesmente, seus olhos ficando mais duros. “Não me pergunte de novo.” Eu esperava que ele se virasse, mas ele não o fez. Em vez disso, seu olhar perfurou o meu como se ele estivesse tentando me fazer submeter. Mas eu olhei de volta com igual ferocidade, recusando-me a ceder.

A carruagem parou e olhei para a porta quando ela se abriu. O motorista fez uma reverência, esperando que saíssemos.

“Feche a porta”, Erik gritou para ele e um tremor sacudiu meu coração.

A porta se fechou bruscamente e o terror percorreu minhas veias enquanto Erik se aproximava de mim. Seus olhos eram dois lagos de gelo capazes de congelar meu coração.

“Quando subirmos, preciso que você seja obediente. A mulher que estamos vendo poderá ajudar você com Fabian.”

Minha garganta ficou seca e me forcei a concordar. Ele se virou, mas as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las. "Você já libertou meu pai?"

A pergunta pairou no ar. Seus ombros enrijeceram enquanto ele permanecia

com os dedos na maçaneta da porta. “Eu vou lidar com isso.”

"Então isso é um não", eu rosnei, o calor percorrendo minhas veias.

Fechei os punhos enquanto olhava para a parte de trás da cabeça dele.

“Se você se sair bem com Fabian amanhã, farei disso uma prioridade.” Ele abriu a porta, descendo rapidamente da carruagem para que eu não pudesse fazer mais perguntas.

Ele não me ofereceu a mão dessa vez. Quaisquer pontes frágeis que eu pensei que tínhamos começado a construir entre nós eram uma ilusão. E eu me lembrei de não esquecer disso.

Desci os degraus, cruzando os braços enquanto observava a rua sombria e um alto bloco de apartamentos à nossa frente. Estremeci quando um vento cortante soprou ao meu redor, abraçando meu peito para tentar manter o frio do lado de fora.

Erik permaneceu em silêncio enquanto caminhava até uma grande porta e apertava o dedo em um botão ao lado dela.

“Sim?” respondeu uma voz feminina.

“É Erik,” ele disse e um zumbido soou antes da porta se abrir. Eu imaginei pela maneira informal como ele se anunciou que ele tinha relações próximas com quem quer que estivesse esperando lá dentro.

Eu o segui até uma escadaria antes que a porta se fechasse na minha cara. Ele mal me lançou um olhar antes de subir a escadaria de mármore em um ritmo tão feroz que não havia como eu acompanhar.

Decidi não persegui-lo como um cachorro de rua e continuei subindo no meu próprio ritmo.

Conforme eu subia nível após nível, eu me lembrava do quanto eu o desprezava. Com sua estúpida boa aparência e dons sobre-humanos.

Espero que você caia e quebre o pescoço nessas escadas, Conde Erik.

Lembrei-me de como reagi ao seu toque no bar e cerrei os dentes, odiando-me por isso. Eu não acreditaria em seu charme falso sempre que ele decidisse ligá-lo. Ele era como o olho de uma tempestade. Você pensava que estava segura até que os ventos aumentassem novamente. E os ventos estavam definitivamente aumentando.

Finalmente o alcancei, ofegante enquanto me juntava a ele na escada. Ele estava encostado na parede, olhando para o celular, mas claramente esperando por mim.

Quando o alcancei, seus olhos se arrastaram para cima para encontrar os meus. “Meu tempo é valioso, pare de desperdiçá-lo.”

"Não consigo me mover tão rápido quanto você", eu rebati, meu temperamento transbordando. Como ele poderia estar bravo comigo? Eu tinha feito tudo o que ele queria. Então, qual era o problema?

“Eu percebi”, ele rosnou.

“Qual é o seu problema?”, perguntei.

Ele acelerou em um borrão de movimento até que ele estava bem na minha frente. “O que eu te disse sobre a maneira como você deveria falar comigo?”

Fiquei boquiaberta, completamente perplexa com suas mudanças de humor. Ele empurrou para cima em meu espaço pessoal e eu bati uma mão em seu peito para mantê-lo para trás. Não que eu pudesse realmente pará-lo. "Mas você pode

falar comigo como quiser?"

Ele tirou meus dedos de sua jaqueta, mantendo minha mão em um aperto de torno. “Sim, porque eu sou seu superior.”

Meu lábio superior se curvou para trás. "Do que se trata realmente?", sussurrei com uma voz mortal. Não era sobre meu tom. Eu estava agindo bem legal o dia todo.

Seus olhos percorreram meu rosto. Seu maxilar estalou com fúria. "Nada", ele cortou. "Apenas se comporte."

Balancei a cabeça para ele em consternação, recuando para colocar alguma distância entre nós. Meu coração estava batendo descontroladamente desafinado. Por que ele me afetava tanto?

Erik se virou para a única porta no corredor e bateu os nós dos dedos com força contra ela.

A porta se abriu um momento depois e uma mulher devastadoramente linda apareceu. A vampira era alta, esbelta, com cabelos castanhos dourados que caíam retos até a barriga. Seus olhos eram terrosos e convidativos e sua pele era brilhantemente pálida. Mas, apesar do fascínio de seu rosto e sua aura convidativa, ela parecia algo... diferente. Eu não tinha ideia de por que tinha certeza de que ela era diferente, mas algo em meus ossos me dizia que ela era.

“Mestre.” Ela sorriu para Erik. “É tão bom ver você.” Num piscar de olhos, seus braços brilhantes estavam em volta do pescoço dele. Seu rosto estava tão perto do dele, que por um segundo pensei que eles iriam se beijar. Mas Erik permaneceu rígido durante toda a exibição.

“Valentina,” Erik rosnou. “Como você está?”

“Fantástico, Erik. Entre.” Ela o puxou pela mão e foi só então que seus olhos caíram sobre mim. Sua boca se abriu, franzindo em um O perfeito. “Pelos deuses, Erik, você não me disse que estava trazendo um deles *com* você.”

Eu imediatamente não gostei dela, embora eu não tivesse planos de gostar dela.

Erik soltou a mão do aperto de Valentina, virando-se para mim. "Venha aqui", ele me chamou como um cachorro e eu engoli cada gota de orgulho que eu tinha e me movi para o lado dele. Seu braço deslizou em volta dos meus ombros, mas não havia calor nele como havia no bar. Eu me senti como uma posse sendo exibida na frente desse vampiro.

“Meu primeiro humano,” Erik anunciou enquanto me guiava para um corredor bem iluminado. “O que você acha?”

Ele me empurrou em direção a Valentina e ela imediatamente estendeu a mão para mim, passando os dedos pelo meu cabelo, respirando meu cheiro e então puxando meu vestido. "Ela é um pouco magricela. Por que você escolheu essa?"

Contando até dez mentalmente, tentei bloquear a conversa deles.

“Este aqui é particularmente obediente”, Erik disse e eu tive que segurar uma risada. Ele sabia tão bem quanto eu que isso era a última coisa que eu era. Parecia uma piada particular entre nós, mas eu me recusei a deixar isso mover o gelo ao redor do meu coração.

"Você percebe que tem que se casar com ela se ela escolher você na cerimônia?" As palavras de Valentina me atingiram no estômago tão rápido que eu não estava nem um pouco preparado.

Era isso que Erik estava escondendo? Isso significava que ele queria que eu me *casasse* com Fabian?

“Eu percebo isso, obrigado”, Erik respondeu secamente.

Senti repulsa quando Valentina entrou na nossa frente em outra sala e olhei feio para Erik.

Ele pegou meu braço, abaixando a cabeça para que sua boca ficasse perto do meu ouvido. "Uma palavra sua e você vai se arrepender." Ele me puxou e eu imaginei arranhar seus olhos para saciar minha fúria.

Chegamos a uma grande sala de estar cheia de móveis brancos e uma TV enorme na parede. Janelas do chão ao teto davam para um bloco de torres de tijolos vermelhos emoldurado pelo céu nublado.

Valentina apareceu com dois copos na mão, ambos nadando em sangue. Eu cerrei meus dentes quando os dois caíram no sofá imaculado e ela passou um copo para Erik. Valentina me olhou de cima a baixo como se estivesse tentando resolver alguma coisa. Evidentemente, eu não fui convidado a sentar.

Erik colocou sua bebida em uma mesa lateral e não tocou mais nela.

“Achei que você estava aqui por causa da nossa linha de trabalho”, Valentina perguntou a Erik.

“Mais tarde. Gostaria que você me ajudasse com um probleminha que estou tendo com meu Cortesão primeiro.”

Lá estava aquela palavra novamente. *Cortesão* . O que quer que significasse, eu sabia que se referia a mim.

“Oh?” ela riu, parecendo encantada. “Que tipo de problema, mestre?”

Por que ela continuava chamando ele assim? Era muito estranho.

Minha pele formigava de raiva e uma dor cresceu no meu antebraço direito. Esfreguei o local, tentando descobrir qual era o problema, mas não parecia haver nenhum.

“Ela não sabe nada sobre homens, Valentina. Ela é protegida e reprimida. Eu gostaria que você a soltasse um pouco.”

Humilhante. Era isso que era. O sentimento correu pelo meu corpo como formigas famintas.

“Talvez você não esteja pronta para esse tipo de compromisso”, disse Valentina e um relâmpago pareceu brilhar em seus olhos.

"É uma ordem, Valentina", Erik rosnou, sua paciência se esgotando.

Ela se levantou, revirando os olhos enquanto se movia em minha direção com a graça de um gato. Quando ela pegou meu queixo na palma da mão, minha pele correu com uma energia estranha. O céu além da janela escureceu e uma presença pesada pareceu preencher o quarto.

O que...?

“Ok, vamos ver...” Ela inclinou minha cabeça de um lado para o outro e eu lutei contra a vontade de me afastar dela. “Vá sentar no colo do Erik,” ela murmurou, um sorriso malicioso se formando em seus lábios carnudos.

Eu olhei feio, tentado a desobedecer. Mas então pensei no papai no banco de sangue e no que Erik tinha dito sobre meu "comportamento". O que ele faria se eu não fizesse um esforço?

Com um gemido interno, fiz o que ela disse, me movendo na frente de Erik. Ele abriu os braços com uma expressão de escárnio e eu me abaixei em seu colo,

lutando contra todos os meus instintos.

“É isso,” Valentina encorajou. “Agora mostre a ele como você o adora. Coloque suas mãos em seus cabelos e olhe amorosamente em seus olhos.”

Sim, era oficial. Eu ia vomitar.

Com meus dentes rangendo até virar pó na boca, fiz o que ela disse, alcançando o cabelo de Erik. Macio como penas, é claro. Nada como seu olhar de aço, que era penetrante e formidável. Se isso era para ser romântico, Valentina estava iludida.

“ *Suavemente* ,” Valentina cortou e percebi que meus dedos estavam firmemente presos no cabelo de Erik como se eu estivesse tentando arrancar sua cabeça. Ele levantou uma sobrancelha, parecendo divertido com meus esforços.

Fechei os olhos enquanto lutava para fazer isso. Suavizando minhas mãos, segui as instruções de Valentina até que minhas palmas estavam em concha ao redor das bochechas frias de Erik.

“É isso, agora beije-o. Cuidado, não vamos nos precipitar.”

Meu coração bateu forte na caixa torácica. Minhas mãos caíram dramaticamente para os lados. Eu me inclinei para trás, balançando a cabeça freneticamente. Erik começou a rir.

Olhando por cima do meu ombro, vi Valentina nos dando uma carranca confusa. "Algum problema?"

"Ela é tímida", Erik respondeu por mim com um sorriso malicioso.

Se olhares pudessem matar, o meu já o teria desmembrado.

“Tudo bem.” Valentina parecia frustrada. “Vou me virar.”

Enquanto ela se virava, pensei que deveríamos apenas fingir um beijo, mas Erik bateu sua boca contra a minha.

Ácido quente desceu pela minha espinha. Meu estômago deu um nó em uma bola apertada e meu coração queimou.

O aperto de Erik na minha cintura me manteve no lugar.

Eu poderia ter me recostado. *Por que não estava me recostando?*

Puxei minha cabeça para longe e Erik sorriu como o próprio diabo.

Desgraçado!

“Bom, é um começo”, Valentina disse e eu me perguntei quando ela tinha parado de nos dar privacidade. “Mas você não pode forçar a química a existir. Sinto muito, Erik, ela não é muito boa nisso.”

Erik não olhou para ela, em vez disso me empurrou do seu colo, então eu tropecei e fiquei de pé. "Ela vai ficar bem."

“Podemos conversar em particular agora?” Valentina perguntou, parecendo frustrada.

A chuva começou a bater na janela e um trovão soou à distância.

"Valentina", Erik rosnou em um aviso, mas eu não tinha certeza do porquê.

Ela suspirou e seus olhos brilharam para a janela. A chuva diminuiu para uma garoa lenta e as nuvens pareceram clarear. Se eu não soubesse que era loucura, eu quase teria pensado que Valentina era responsável pela mudança do tempo.

Erik me conduziu para fora da sala e meu corpo estava muito quente quando recuei, pensando naquele beijo.

Fiquei mais do que feliz em escapar, praticamente correndo da sala e me encontrando em uma cozinha. Só que não era bem uma cozinha. Havia uma pia

com alguns produtos de limpeza ao lado e uma única geladeira enorme de prata. Era mais ou menos isso.

Eu poderia ter adivinhado o que havia na geladeira, mas ainda assim a abri. Dentro, havia uma centena de garrafas vermelhas brilhantes, todas etiquetadas com os nomes dos Reinos. Fiquei tentada a destruir todo o estoque, mas Valentina apenas o repôs. Fechando a porta da geladeira, pressionei minhas costas contra ela e me vi deslizando para o chão. Abracei meus joelhos, enterrando meu rosto nas dobras do meu vestido.

Ele me beijou. Aquele animal realmente me beijou.

Meu corpo era como uma fornalha do encontro. Minha boca formigava como se tivesse congelado. E talvez tenha depois daquele beijo gelado de Satanás.

Olhei para meus joelhos, meu estômago endurecendo como uma bola apertada.

Certo. Chega de ficar deprimido. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Levantei-me, fui até a pia e abri a torneira branca e elegante. Segurando a água na mão, enxaguei a boca, cuspindo de volta na bacia em uma tentativa de me livrar da sensação da boca de Erik. Eu esperava que isso também pudesse causar um curto-circuito na energia elétrica que circulava pelas minhas veias.

Erik escolheu aquele momento específico para entrar na sala e fiquei feliz quando seus olhos ficaram escuros.

Sim, seus beijos são cuspidos, Erik. É o quanto eu os quero.

“Estamos indo embora”, ele anunciou, virando as costas para mim.

Quando ele sumiu de vista, soltei um suspiro e comecei a segui-lo, mas de repente meu caminho foi bloqueado por Valentina.

Ela sorriu para mim, mas não havia gentileza alguma nisso. Quando tentei passar por ela, ela pegou meu braço direito, puxando a manga do meu vestido para cima como se estivesse tentando me pegar em algo.

“O que você está fazendo?” Eu me afastei dela enquanto seus dedos frios percorriam a parte interna do meu antebraço. Onde ela tocou, minha pele começou a queimar.

Seus lábios franziram, então ela deu de ombros, me soltando. "Nada. Pode ir." Ela se afastou o suficiente para que eu tivesse que me espremer para passar por ela, puxando minha manga para baixo enquanto eu ia.

Que diabos foi isso?

Ela se inclinou quando passei e sussurrou diretamente no meu ouvido: "Se você quer um conselho real sobre Erik, sugiro que não confie em uma palavra do que ele diz."

Eu me afastei para o corredor, meu coração martelando. Qualquer que fosse a intenção de suas palavras, isso me fez questionar a promessa que Erik tinha me feito. Ele tinha discutido isso com Valentina? Talvez eles tivessem rido muito às minhas custas quando Erik revelou que não tinha intenção alguma de ajudar meu pai. Mas então por que Valentina tentaria me avisar disso?

Senti um nó no estômago quando saí do apartamento e encontrei Erik me esperando na escada.

“Não fique tão triste, ainda temos horas de diversão pela frente.” Erik desceu as escadas e eu o segui, com uma carranca crescendo em meu rosto.

“Se essa é sua ideia de diversão, imagino que você não tenha muitos amigos.”

Erik olhou para mim, seu ritmo combinando com o meu enquanto descíamos os degraus. “Ah, que bom, Rebel está de volta,” ele disse sem expressão.

Minha mente mudou de marcha para o que eu tinha quase certeza de ter testemunhado no apartamento de Valentina. Rezei para que Erik não risse de mim quando eu expressasse meus pensamentos. "Diga-me se estou bravo, mas Valentina..." *Fez chover?* Não consegui dizer as palavras, sabendo o quão insanas elas soariam.

“Controlar o clima?” Erik ofereceu e eu fiquei boquiaberta, incapaz de acreditar que eu estava realmente certa.

“Ela fez isso?” Eu engasguei.

Ele assentiu, um lindo sorriso se espalhando por seu rosto. “Estou impressionado, Rebel. Você é mais esperto do que eu pensava.”

“Como isso é possível?”, perguntei.

“Eu disse que temos uma maneira de evitar que o sol brilhe aqui”, disse Erik.

“Mas... mágica?”, sussurrei, me sentindo tola. Mas era isso mesmo. As histórias do papai eram cheias de todos os tipos de seres estranhos, como bruxas e magos. Ele disse que não era real, mas isso sugeria o contrário.

“Imagino que você poderia chamar assim”, Erik refletiu. “É um presente dos deuses. Valentina já foi um tipo de ser muito diferente dos vampiros. Desde que a gerei, ela manteve muitos de seus antigos poderes.”

“O que ela era... antes?”, perguntei, meu pulso trovejando em meus ouvidos.

Sua resposta foi outro enigma para eu refletir. E isso me deu uma sensação estranha no fundo do estômago.

“Nosso inimigo. Um matador do Clã das Tempestades.”



Agarrei Fury firmemente e forcei minhas mãos a pararem de tremer. Eu não tinha percebido o quão fortemente minha própria bravura estava ligada à presença de Magnar até que ele me deixou empoleirado nesta maldita árvore.

A fumaça subia em espiral para o sul, me deixando saber que ele tinha conseguido acender o fogo. Espero que os vampiros que nos rastreavam também tenham visto.

Mordi o lábio enquanto examinava o horizonte em busca de qualquer sinal de Magnar. Ele disse que se tivesse tempo suficiente, voltaria para mim antes que eles chegassem. Se não, eu estava por minha conta.

Meu coração batia em um ritmo instável contra minhas costelas. Eu ainda não conseguia vê-lo.

A fúria ficou mais quente na minha palma e minha boca ficou seca. Ele me garantiu que os vampiros não me procurariam nos galhos no topo de um pinheiro. Eles estariam muito distraídos com o fogo para perder tempo caçando a folhagem acima deles.

Para cima, para cima! Fury sussurrou em minha mente e eu franzi a testa em confusão enquanto a vontade de olhar para o céu me dominava. Eu apertei os olhos para os galhos acima da minha cabeça, tentando localizar qualquer coisa entre eles.

Levei um momento para identificar o grande rato marrom escondido entre os galhos grossos. Ele inclinou a cabeça para mim em um gesto que parecia tudo menos natural e eu cambaleei em sua direção, golpeando minha lâmina.

O rato soltou um guincho agudo e pulou para outro galho enquanto eu brandia minha lâmina novamente.

Fury doía para acabar com o Familiar, mas minha posição estranha na árvore tornou impossível chegar perto dele. O rato correu pelos galhos, desviando de todas as minhas tentativas de cortá-lo antes de finalmente passar por mim e pular para o chão.

A indecisão me paralisou enquanto o roedor corria para fora de vista na grama alta na base da árvore. Eu sabia que não conseguiria pegá-lo e qualquer vampiro ao qual ele estava ligado agora sabia exatamente onde eu estava.

Onde diabos você está, Magnar?

Se eu ficasse aqui, seria apenas uma questão de tempo até que me encontrassem. E eu ficaria preso à mercê deles.

Meu estômago deu um nó quando tomei minha decisão, embainhando Fury e começando minha escalada desajeitada para fora da árvore. Desci o mais rápido

que pude, esfolando as palmas das mãos na casca áspera. Rolei ao atingir o chão e rapidamente me levantei, procurando na área ao redor pelos vampiros que me caçavam.

Não havia sinal de nada abaixo das árvores, mas quando agarrei Fury novamente, o calor de seu punho praticamente me queimou. A lâmina zumbia com a promessa de derramamento de sangue e eu a segurei enquanto começava a correr.

Magnar disse que se os vampiros estivessem muito perto para ele se juntar a mim antes da chegada deles, ele tomaria posição a favor do vento do fogo. A fumaça soprava firmemente para a esquerda, então eu fui atrás dela o mais rápido que minhas pernas podiam me levar.

Fiquei tentado a gritar por ele, mas não tinha certeza de quem me ouviria primeiro. Desejei que Fury me avisasse de que lado eles estavam vindo, mas não me deu nada. Era como se estivesse me dizendo que eles estavam se aproximando de todas as direções ao mesmo tempo.

Parei cambaleando quando percebi o que aquilo significava. A lâmina não estava se recusando a me ajudar, ela estava me dizendo exatamente o que eu havia pedido. Eu estava cercado.

O silêncio me pressionava por todos os lados, fazendo meus braços se arrepiarem.

Olhei ao redor cautelosamente, segurando a lâmina defensivamente. Minha pele formigou desconfortavelmente. Agora que eu estava prestando atenção, o silêncio total foi mais do que suficiente para me avisar que havia muito mais vampiros chegando do que pensávamos. Em vez de preparar uma armadilha para eles, parecia que nós mesmos tínhamos caído em uma.

Amaldiçoei minha sorte enquanto o silêncio se estendia. Eu tinha sido estúpido em acreditar que poderíamos ser mais espertos que eles. Claro que eles tinham jogado tudo em nós dessa vez. Nós tínhamos matado cinco vampiros dois dias atrás. Eu duvidava que qualquer humano tivesse conseguido tal coisa nos últimos vinte e um anos. Eles dificilmente arriscariam enviar um pequeno grupo uma segunda vez. Dessa vez eles teriam certeza de me pegar, me arrastariam para o banco de sangue e me drenariam junto com minha família.

Meus membros começaram a tremer com o pensamento e eu me forcei a pensar do jeito que Magnar me ensinou. Eu tinha o sangue de um guerreiro. Eu ficaria de pé e os enfrentaria como um.

Cerrei os dentes e segurei Fury na minha frente, desafiando o primeiro deles a vir e esperando que Magnar aparecesse antes que eles chegassem até mim.

Enquanto o silêncio se arrastava e a tensão me consumia, levantei meu queixo e olhei para a grama balançando ao meu redor.

“O que você está esperando?”, gritei quando não aguentei mais. “Certamente você não tem medo de uma garota humana?”

A fúria pulsava de excitação quando a primeira vampira finalmente se levantou da grama alta. Ela era mais alta do que qualquer mulher que eu já tinha visto e seu cabelo liso e preto caía como uma folha de tinta até a cintura. Ela caminhou em minha direção, me examinando com os olhos semicerrados.

Eu me senti como um rato esperando o gato atacar. Eu podia dizer imediatamente que ela era uma Elite. Mesmo que não fosse por suas roupas

finas, havia algo na maneira como ela se portava que gritava poder. Seu rosto era tão devastadoramente lindo que era quase difícil de olhar. Sua pele parecia brilhar e seus lábios eram do mais profundo vermelho sangue. A cor me fez pensar sobre a última vez que ela se alimentou e eu me forcei a engolir o nó na garganta.

“Você está sozinha aqui fora, doce menina?” ela perguntou, sua voz quase tão atraente quanto seu rosto. A perfeição deles me repulsou. Todo aquele mal envolto em uma linda mentira.

“Sozinha? Estou aqui com você, não estou?” Estreitei os olhos para ela enquanto ela parava a alguns metros de mim. Seu olhar se concentrou na lâmina dourada em minha mão e eu sorri para ela com conhecimento de causa.

“Matador de vampiros”, ela sibilou, seus olhos ainda fixos na arma.

Sim, Fury respondeu profundamente dentro dos meus ossos. Ele ansiava por conhecê-la adequadamente e eu podia sentir sua morte serpenteando através dos desejos mais profundos da lâmina.

"Sinto muito, alguns daqueles sugadores de sangue mortos eram seus amigos?" Eu não tinha certeza do porquê estava provocando esse vampiro, mas algo na energia excitada de Fury estava me contagiando.

"Você espera que eu acredite *que você* os matou?" ela cuspiu, seu comportamento escorregando enquanto o monstro dentro dela sacudia sua gaiola, desejando ser solto.

“Você já acredita. Senão, você chegaria um pouco mais perto.” Dei um passo decidido em direção a ela e um arrepio correu pela minha espinha quando ela deu um passo para trás.

Fiquei pensando por quanto tempo eu conseguiria manter isso. Talvez desse tempo suficiente para Magnar chegar até mim.

Dei mais um passo em sua direção, um sorriso arrogante encontrando seu caminho para meu rosto enquanto eu a provocava. A vampira recuou novamente e eu segurei Fury um pouco mais alto enquanto avançava.

“Talvez você os tenha matado”, ela admitiu. “Mas viemos preparados caso isso fosse verdade.” Ela parou de recuar e sorriu para mim ironicamente enquanto levantava os braços.

Vampiros se ergueram da grama alta ao meu redor em uma onda silenciosa de movimento. Fiz uma contagem rápida e cheguei a vinte. Eu não estava apenas em menor número, eu estava totalmente ferrado.

Tentei não deixar meu pânico transparecer em meu rosto. *Eles não vão me matar. Meu sangue vale mais que minha vida.*

Plantei meus pés firmemente e esperei que eles atacassem. Meu coração acelerou como um pássaro em uma gaiola.

Fury zumbia de excitação. Isso fez um de nós. Mas como lâminas não podiam exatamente morrer, imaginei que não havia espaço para medo.

A Elite acenou com a mão e todos correram para a frente ao mesmo tempo.

Eu queria ficar de pé e lutar, mas nem sabia para que lado me virar. Girei descontroladamente, cortando Fury diante de mim em uma vã esperança de afastá-los. Alguns deles se esquivaram da lâmina, outros levaram os ferimentos que ela distribuiu.

Curvei meu braço livre sobre a cabeça enquanto mais mãos do que eu

conseguia contar agarravam qualquer parte do meu corpo que pudessem alcançar.

De alguma forma, meu braço direito encontrou o menor espaço para se mover e deixei Fury guiar minha mão enquanto eu a empurrava para o céu. Um grito soou e vários vampiros recuaram horrorizados enquanto a poeira caía em uma torrente pelo meu braço.

Tive meio segundo para sorrir de satisfação antes que um punho de ferro se fechasse em meu pulso e se torcesse violentamente, forçando-me a soltar minha arma.

Enquanto Fury caía das minhas mãos, minha própria coragem se afundou pateticamente. Fui jogado de costas na grama, cada um dos meus membros preso no lugar por um vampiro diferente.

Assim que tiveram certeza de que eu estava preso, os outros se afastaram, permitindo que a Elite se aproximasse.

Meu peito subia e descia rapidamente enquanto eu olhava para ela por entre as mechas do meu cabelo dourado que caíam sobre meu rosto.

Ela se abaixou para resgatar Fury do chão, mas xingou e o soltou novamente com a mesma rapidez. Fumaça subiu de sua mão e notei uma marca das runas de Fury queimadas na carne de sua palma.

Sorri triunfantemente para ela, apesar dos quatro vampiros que me mantinham preso à sua mercê.

"Mostre-me o braço direito dela", ela retrucou com raiva e o vampiro que segurava aquele membro puxou a manga do meu casaco para trás para revelar minha marca.

A Elite sibilou ao avistá-lo. “Matadora,” ela rosnou, fazendo a palavra soar como uma maldição.

Meu coração começou a bater mais rápido enquanto a dúvida se insinuava. Os vampiros nunca desperdiçariam sangue humano me matando, mas eles sentiriam o mesmo por um assassino? E se suas leis dissessem para eles matarem assassinos ao vê-los?

Sempre que você quiser intervir e me salvar, Magnar, seria ótimo.

A Elite se inclinou para me encarar, seu cabelo preto pendurado a uma polegada do meu rosto. "Os Belvederes ficarão *muito* felizes em ver você, matador de vampiros", ela sibilou e o brilho em seus olhos enviou uma adaga de medo cortando meu peito.

Ela tirou um quadrado de plástico de um bolso dentro de suas vestes e apertou um botão nele, acendendo uma tela. Eu olhei para ele em confusão enquanto ela apertava mais alguns botões e então o pressionava em seu ouvido.

“General Wolfe?” ela disse e meu coração congelou no meu peito quando percebi que o que ela segurava era um celular. O vampiro do outro lado da conversa era o monstro que havia destruído minha família. Se ela me levasse até ele…

“É Eve. Eu-” a Elite tirou o celular do ouvido e olhou feio para ele. “Maldição! O sinal caiu de novo. Eu *odeio* a costa oeste. Vamos carregá-la e voltar, eu informarei o General do nosso sucesso quando os deuses se dignarem a devolver o serviço de celular.”

A Elite saiu furiosa de mim e eu soltei um suspiro trêmulo. Wolfe ainda não

sabia que ela me tinha. Eu estava a salvo de suas garras sádicas por um pouco mais de tempo, eu só tinha que esperar que Magnar retornasse antes que ele colocasse as mãos em mim.

Os vampiros me colocaram de pé e começaram a me arrastar de volta colina acima.

Procurei o espaço ao redor de nós desesperadamente, esperando desesperadamente ver qualquer indício de Magnar vindo me libertar. Mas não havia sinal dele.

Meu coração batia forte de pânico enquanto cada passo me afastava mais do assassino a quem eu havia confiado minha vida. E se ele não soubesse que eles me capturaram? Ou se esse grupo fosse grande demais para ele lidar? Talvez ele simplesmente não achasse que eu valia o risco...

E se ele me deixou enfrentar isso sozinha?



O passeio de carruagem foi dolorosamente silencioso enquanto dirigíamos de volta pela cidade. A luz do dia estava se esvaindo do céu e o mundo de concreto parecia mais sombrio do que nunca além da janela.

As palavras de Valentina rastejaram em meus ouvidos novamente. *“ Se você quer um conselho real sobre Erik, eu sugiro que você não confie em uma palavra que ele diz.”*

Eu não sabia em quem confiar. Erik tinha me dito que Valentina já tinha sido inimiga deles. Mas, apesar de tentar obter mais respostas dele, ele tinha ficado teimosamente em silêncio sobre o assunto desde então. Talvez ela realmente estivesse tentando me ajudar. Mas algo no meu intestino me disse para ter cuidado.

A única coisa que eu sabia com certeza era que eu precisava ter certeza de que Erik iria manter sua parte do acordo. Nada mais importava além disso. Eu só precisava de um tempo sozinha para descobrir como fazer isso.

Quando voltamos para os terrenos reais, me perguntei se Erik tinha decidido não passar mais tempo comigo, afinal.

Uma garota pode sonhar.

Logo, saímos da carruagem do lado de fora do castelo e eu olhei para suas paredes imponentes. Nosso silêncio continuou enquanto caminhávamos em direção à entrada, mas antes de chegarmos lá, o Conde Fabian saiu pela porta em um uniforme vermelho escuro.

Erik me puxou para seu quadril tão rápido que gritei de alarme.

“Boa noite, Erik,” Fabian disse secamente enquanto nos aproximávamos. “Como foi seu dia de namoro?”

“Melhor que o seu, aparentemente. Já está saindo?” Erik zombou.

Fabian soltou um suspiro, seus olhos escuros caindo sobre mim. “Ele foi um babaca?”

“Sim, o dia todo,” eu disse, um pequeno sorriso se formando em minha boca. *Tome isso, Conde Erik.*

Os dedos de Erik cravaram em meu quadril. "Bem, você estava passando as mãos em mim há meia hora, então eu não posso ter sido tão ruim." Ele me deu uma piscadela e minha testa franziu.

“Ela estava agora?” Fabian falou lentamente, me lançando um olhar curioso antes de voltar seu olhar para Erik. “Então você vai ver o ritual até o fim, não é? Tenho que dizer, estou bastante surpreso que você finalmente esteja aceitando

seus deveres.”

“Acho que eu estava esperando pela garota certa.” Erik apertou meu braço e eu lutei contra a vontade de revirar os olhos. A vontade ficou ainda mais forte quando ele se inclinou e deu um beijo na minha têmpora.

Exagero, muito?

Decidi me vingar um pouco. "Acho que *foi* bem fofo quando você percebeu que sua braguilha estava aberta durante todo o almoço", eu disse com um sorriso doce. Minha tentativa de humilhar Erik fez Fabian latir uma risada. Bem, eu deveria fazê-lo gostar de mim, então por que perder uma oportunidade de jogar Erik aos lobos ao mesmo tempo?

O aperto de Erik aumentou dolorosamente.

“Que vergonha, espero que alguém tire uma foto para o Royal Times amanhã.” Fabian sorriu, olhando para mim novamente. “Talvez possamos ler isso juntos durante o café da manhã?”

“Estou ansiosa por isso.” Dei-lhe um sorriso feminino, mantendo minha palavra de flertar com ele.

O aperto de Erik em mim estava ficando desconfortável demais para suportar.

“A noite ainda é uma criança, irmão,” Erik disse a Fabian, sem mostrar sinais visíveis de constrangimento. “Talvez ela não queira passar o dia com você depois de terminar a noite comigo.”

Mordi o lábio do jeito que vi o vampiro fazer no bar, olhando por entre os cílios para Fabian. “Duvido muito disso.”

Erik pressionou sua boca em meu ouvido e o calor subiu até meus dedos dos pés. Eu estava dividida em querer me afastar e ficar ali para sempre absorvendo aquela sensação.

“Vamos, vamos te levar para um lugar mais tranquilo onde você possa me beijar de novo.”

Mordi a língua enquanto ele me afastava de Fabian, quase me arrastando em direção ao castelo.

"Ria, querida", Erik rosnou e eu forcei uma risadinha quando ele me puxou para dentro.

Meu sorriso desapareceu quando passamos pelas portas e Erik imediatamente me soltou.

Esta foi uma farsa de proporções épicas. Nenhum de nós sorriu enquanto subíamos as escadas e Erik me acompanhou de volta ao meu quarto. Pelo menos eu teria uma noite para mim sem ter que respirar o mesmo ar que ele. Ou talvez ele não respirasse nada. De qualquer forma, eu queria sair do seu espaço geral.

Erik abriu a porta para mim e fiquei mais do que um pouco irritado quando ele me seguiu para dentro.

Ele soltou um suspiro pesado, caindo na cadeira de veludo. “Isso não vai funcionar se você me odiar, Rebel.”

Sentei-me na beirada da cama, minha garganta ficando seca. “Então por que você tem trabalhado tanto o dia todo para me *fazer* odiar você?”

Seus lábios se apertaram. “Essa não era minha intenção.”

“Bem, deve ser sua personalidade então,” eu disse, fervendo de raiva de novo. Quanto tempo eu teria que viver assim? Ter que passar tempo com esse bastardo de vampiro que parecia ter prazer em me atormentar.

Erik abriu a boca, parecendo pronto para me repreender, mas eu o interrompi antes que ele pudesse fazer isso.

“Oh, não comece com meu tom de novo. Se você quer que eu te odeie menos, pelo menos deixe-me falar o que penso.”

Seu maxilar estalou, então, eventualmente, ele assentiu. “Tudo bem. Mas não na frente da minha família. Não serei desrespeitado. E eu suspeito que o jogo que você jogou com Fabian agora mesmo funcionou muito bem. Então sinta-se à vontade para falar mal de mim para ele o quanto quiser amanhã.”

Balancei a cabeça, confusa com ele de novo. “Por que, Erik? Para que tudo isso? Por que diabos você quer que seu irmão goste de mim?”

“O porquê não é da sua conta”, ele disse, com um tom mais suave.

“Talvez não, mas isso me deixaria tranquilo. Você sabe o quão frustrante é ficar preso aqui e não me contarem absolutamente nada sobre nada?”

Ele me examinou como se eu fosse um quebra-cabeça a ser resolvido. Inclinando-se para frente na cadeira, ele apoiou os cotovelos nos joelhos e juntou as mãos. “Acho que, talvez, eu tenha subestimado você.”

Minhas sobrancelhas levantaram-se para o céu.

Ele continuou, “Você é mais curioso do que eu esperava. E nem de longe tão medroso quanto eu preferiria.”

“Você quer que eu tenha medo de você?”, perguntei, meu coração acelerando. Era cruel. Por que ele iria querer uma coisa dessas?

“Só em nome do controle,” ele murmurou. “Não tenho prazer em ver você se contorcer se é isso que você está pensando.”

“Não sei o que pensar”, eu suspirei. “Não confio em você nem um pouco. Passei minha vida sendo encurralado por sua espécie, menosprezado e magoado quando eu falava contra eles. E agora você está fazendo isso também, só que de uma forma diferente. E eu não consigo parar de lutar, Erik, não até que você me mostre alguma decência. Algo que possa me garantir que você manterá sua parte do acordo.”

Seus olhos percorreram meu rosto por alguns segundos eternos, trazendo calor às minhas bochechas. "Fabian busca assumir o controle", ele disse finalmente e eu mal podia acreditar que ele estava se abrindo para mim. "Por enquanto, nós quatro temos poder igual sobre o Novo Império. Mas esse tempo está se esgotando. E Fabian tem ideias que são... diferentes das minhas. Nosso propósito aqui como governantes nunca foi criar uma tirania. Já foi longe demais nesse caminho. Então, desejo minar os planos de Fabian, mas não posso fazer isso até saber quais são."

Meu coração estremeceu no peito enquanto eu entendia o que ele queria dizer. "Você quer que eu o espione?"

“Sim,” ele confirmou, assentindo. “Um humano é o espião mais perfeito que eu poderia desejar. Nenhum vampiro jamais suspeitaria de você, Fabian incluído. Estamos todos muito presos em nossa superioridade para prestar atenção ao que você pode ser capaz.”

Foi um tipo de elogio distorcido. Fiquei feliz que ele estivesse abraçando o fato de que humanos não eram apenas uma fonte de alimento sem cérebro.

Ele continuou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. “Assim que eu souber quais são os planos de Fabian, serei capaz de atacá-lo. Desejo destituí-lo

do poder. Miles e Clarice se curvarão facilmente ao meu capricho, mas Fabian não. E quando ele for derrotado, assumirei o controle total do Novo Império e me concentrarei no que é realmente importante para nossa espécie."

"Qual é?"

Sua garganta balançou enquanto ele considerava se deveria responder. "Isso não é relevante. Fui o mais sincero que pude por enquanto. E isso terá que ser o suficiente."

Meu coração batia mais rápido, mas decidi deixar para lá quando uma ideia me ocorreu. "Então, se você assumir o controle, poderá fazer qualquer lei que quiser? Até mesmo uma que beneficie os humanos?"

Erik bufou, balançando a cabeça. "O que você está sugerindo, que eu ofereça algo para sua espécie se você me ajudar?"

Levantei o queixo, percebendo que aquilo era muito maior que meu pai.

"Sim", respondi e ele começou a rir.

"Rebel, você realmente é um sujeito incrível", ele comentou quando sua alegria diminuiu.

Cruzei os braços, sem recuar. "Você quer minha ajuda, não é? Então me ofereça algo que valha a pena ajudar você."

"Já concordei em libertar seu pai e perdoar sua irmã quando ela for encontrada", disse ele, com os olhos brilhando.

"Sim, mas agora eu sei do seu plano, então você tem que fazer o que eu peço." Um sorriso cresceu no meu rosto enquanto ele me lançou um olhar confuso.

"Ah, eu? E por que isso?"

"Porque eu vou contar a Fabian o que você me disse e seu plano irá para o inferno-"

"Então seu pai nunca será libertado", ele me interrompeu bruscamente.

Meu intestino se contorceu, mas eu tinha que jogar essa mão o melhor que eu pudesse. "Ou talvez Fabian seja tão grato a mim que *ele* o liberte para mim."

Erik pressionou a língua na bochecha e então se levantou. Ele levantou um dedo, apontando-o para o meu rosto. "Você está em território perigoso, Rebel. Você tem alguma ideia do que aconteceria com você se eu o declarasse para minha família como um espião?"

"E o que você diria a eles exatamente? Que eu revelaria seus planos de ferrar com seu irmão? Imagino que eles me manteriam vivo o suficiente para ouvir essa pepita de verdade."

"Inacreditável," Erik exclamou. "Você recebeu comida, roupas finas, uma cama no castelo da minha família e ainda está ameaçando me trair!"

"Não, estou tentando negociar."

"Você está tentando me chantagear", ele retaliou. "Um humano provocando um Conde do Novo Império, é ridículo!" Ele começou a andar de um lado para o outro na minha frente, ficando furioso, seu corpo preparado como o de um animal.

"Você está tentando me fazer fazer o que você quer e me oferecer o mínimo possível em troca. Só estou pedindo para ser ouvido. Para que os humanos recebam alguma aparência de decência!"

"Decência? Do que você *está* falando?" Ele me encarou por vários segundos, então uma decisão brilhou em seus olhos de aço. "Vá se trocar. Vamos sair. Vista

algo quente.” Com isso, ele saiu do quarto e bateu a porta.

Minha boca se abriu enquanto eu olhava para a porta. Calor inundou minhas veias, me fazendo querer rasgar o quarto inteiro. Como ele podia ser tão teimoso? Ele não se importava que humanos estivessem sendo tratados como lixo bem debaixo do seu nariz?

E provavelmente por ordem dele.

Suspirei, percebendo que estava lutando uma guerra sem sentido. Erik não se importava, esse era o problema. Eu nunca conseguiria me comunicar com alguém que mal conseguia reconhecer que eu era um ser vivo e sensível.

Enquanto eu tirava meu vestido e vestia uma calça jeans e um suéter quente, avistei um objeto na cadeira. Com um sobressalto, percebi que era o telefone de Erik.

Corri em sua direção, agarrando-o e pressionando meu polegar na tela. Um monte de números acendeu e, apesar de tocar em vários deles, só fiz a coisa vibrar com raiva. Palavras acenderam no topo do dispositivo.

Senha inválida.

Eu estava prestes a desistir quando o telefone tocou novamente e uma mensagem de Valentina apareceu.

Acho que você deveria deixá-la livre, como discutimos. Ela dá mais trabalho do que vale. Encontre um novo humano para trabalhar.

O tempo pareceu passar mais devagar enquanto eu relia a mensagem, certificando-me de que tinha entendido direito. Erik havia discutido seu plano com Valentina. Então ela sabia que tudo isso era uma farsa e que eu era apenas um peão no centro do jogo deles. E não só isso, ela estava tentando me ferrar.

Apertei o telefone na minha mão enquanto o medo me invadia. E se Erik fizesse o que ela disse e se livrasse de mim? Eu nunca salvaria meu pai se isso acontecesse. E se eles pegassem Callie...?

Sem pensar, joguei o telefone na parede com toda a força que pude. Ele quicou de volta, batendo no chão aos meus pés.

Uma rachadura irregular brilhou para mim na tela agora em branco. Minha respiração desacelerou enquanto eu olhava para ela. Erik pode estar bravo, mas pelo menos isso o impediria de ler aquela mensagem.

Peguei-o e coloquei-o de volta no assento de veludo onde o havia encontrado, mordendo meu lábio inferior.

Merda, Montana, e agora?

Devo esconder isso?

Fingir que nunca vi isso?

Erik voltou para o quarto e eu não tive tempo de fazer nada sobre o celular. Meu corpo nervoso imediatamente revelou que eu estava ansioso. Os olhos de Erik deslizaram para o assento e sua mandíbula endureceu.

Eu me recompus enquanto ele o tirava da cadeira, virando-se para mim e segurando-o para me mostrar a tela.

“O que é isso?” ele rosnou.

Limpei a garganta, imaginando que era melhor continuar com a provocação. “Um telefone?”

“Pare de brincar. Diga-me o que é *isso* .” Ele apontou para a enorme rachadura e eu dei de ombros inocentemente.

“Uma rachadura?”

“E como chegou lá, Rebelde?”

Bati no meu queixo, continuando com meu jogo. Ele brincou comigo o dia todo, então eu iria brincar com ele de volta. "Bem, não tenho certeza, sua alteza. Talvez você tenha se sentado nele com sua bunda real."

Sua boca se contraiu e eu tinha quase certeza de que ele estava prestes a sorrir. Em vez disso, ele guardou o telefone no bolso e me lançou um olhar penetrante. "Engraçado, eu não sabia que minha bunda real podia ser tão destrutiva."

“Oh, eu suspeito que as bundas reais podem ser bem destrutivas quando querem. Arrogantes também.”

Ele riu, e o som não foi cruel ou zombeteiro pela primeira vez. Foi estrondoso e suave e me fez tremer. "Muito engraçado, Rebel, agora vista um casaco ou você vai congelar aí fora."

"Não queremos isso", comentei, indo até o armário, mal conseguindo acreditar que tinha conseguido destruir sua propriedade. Peguei uma jaqueta forrada de pele e a vesti. Quando fechei o zíper, fui até o lado de Erik, observando sua expressão menos imponente.

“Para onde estamos indo?”, perguntei.

“Você verá”, ele respondeu, pegando meu braço e me guiando para fora da sala.

Quando saímos e o luar leitoso fluiu sobre nós, eu esperava encontrar outra carruagem esperando, mas dessa vez um carro preto brilhante estava estacionado na estrada.

Ele abriu a porta traseira para mim e eu deslizei pelos assentos de couro macio para abrir espaço para ele. O motorista educadamente deu as boas-vindas a Erik e então saiu pela estrada, sabendo exatamente para onde estávamos indo. Ao contrário de mim.

Nós dirigimos por quase uma hora e Erik se recusou a me dizer para onde estávamos indo. Fiquei confuso quando entramos na ponte enorme que levava para fora da cidade e meu coração tropeçou de trepidação.

Logo passamos por uma parte em ruínas do que eu presumi que ainda fosse Nova York. Olhei para as sombras enormes de prédios quebrados e casas dizimadas, avistando um guaxinim cavando em alguns dos escombros.

Luzes nos chamavam à distância e minha curiosidade aumentou quando nos aproximamos de um conjunto de enormes cercas de metal. Um holofote brilhou sobre nós e avistei uma placa pendurada sob uma torre de madeira. No topo dela havia um vampiro segurando uma arma grande. Eu raramente via armas assim; os vampiros geralmente carregavam lâminas, mas eu já tinha visto uma pistola estranha na minha época. Isso era outra coisa. Uma coisa enorme amarrada ao corpo do vampiro, apontada diretamente para nós.

Erik saiu do carro e foi imediatamente recebido por um Elite em vestes escuras, seu rosto surpreendentemente lindo. Não consegui ouvir a conversa deles, mas um momento depois um portão de metal se abriu à nossa frente e Erik pulou de volta para o carro.

“Onde estamos?”, sussurrei, o lugar estranho fazendo meus sentidos formigarem de medo.

“Reino A,” Erik anunciou e meu coração triplicou de ritmo.

O que diabos estávamos fazendo aqui?

“Eu tinha planejado uma noite mais divertida, mas já que você insiste em falar de política, decidi que uma mudança de planos seria necessária.”

“Por quê?” Eu engasguei, não querendo ser exibido na frente das pessoas fracas de um Reino. Ver seus rostos vazios e olhos assombrados. Eles me desprezariam por ser visto com um vampiro?

Ao passarmos pelo portão e seguirmos para uma rua tão lisa quanto a que tínhamos deixado, fui atingido por um choque completo. Este não era como o Reino que eu conhecia. As casas eram recém-construídas, com janelas brilhantes e varandas imponentes.

Humanos vagavam pela calçada, conversando e rindo. Crianças brincavam em jardins bem cuidados com brinquedos. Brinquedos de verdade. Piões de madeira e bolas de plástico. Uma delas até tinha um carrinho minúsculo que parecia estar controlando com um controle remoto.

“Erik...” sussurrei. “Que diabos é isso?”

“Eu acabei de te dizer,” ele murmurou e sua mão deslizou para a minha, envolvendo-a em sua palma. “Eu não vou ouvir outra reclamação vaga sua sobre as condições dos humanos. Então eu quero que você aponte o que há de tão terrível na maneira como administramos esses lugares e eu decidirei se isso precisa ser resolvido.”

Balancei a cabeça, incapaz de encontrar as palavras para responder enquanto virávamos em outra rua e um belo edifício antigo surgiu à vista com um grande relógio embutido na parede. Pelas histórias do meu pai, eu me perguntava se isso poderia ser uma prefeitura. Conforme nosso carro se aproximava, uma multidão de pessoas saiu pela porta em arco vestidas com roupas quentes.

Erik abaixou a janela quando nos aproximamos do grupo e, quando o avistaram, alguns gritaram enquanto outros cobriram a boca em alarme.

“É o Conde Erik!” uma mulher gritou.

“Erik, nós te amamos!” outro gritou e eu olhei para ela como se ela tivesse enlouquecido.

“Meu Deus, ele vai sair?” um homem murmurou, recuando um pouco.

Meu mundo desabou sobre si mesmo. Coloquei uma mão no meu coração enquanto Erik saía do carro e começou a conversar com as pessoas como se ele não fosse um monstro completo. Alguns deles se seguraram e o medo ondulou em seus olhos, mas respeito também.

Erik olhou por cima do ombro quando percebeu que eu não tinha seguido, mas eu não conseguia fazer nada além de ficar sentado ali, congelado no lugar enquanto a compreensão me martelava. Isso era uma mentira. Eu não sabia quem tinha inventado isso, mas alguém definitivamente tinha. Isso não era como o meu Reino, e pelo olhar abatido dos homens e mulheres que tinham viajado para o castelo real comigo, eu não achava que fosse como nenhum deles também. Era uma farsa. Uma doce falsidade para os vampiros engolirem para que eles não precisassem sentir nenhum desconforto sobre o tratamento que nos deram.

Erik insistiu que eu era ingrato sobre minhas condições porque ele não sabia

sobre elas. Ele não podia. Essa era a única verdade que ele via. Que os humanos eram mantidos em cidades tão luxuosas quanto as deles. E apesar das cercas, eles pareciam felizes. Talvez eu também tivesse sido feliz crescendo em um lugar como esse. Talvez eu não tivesse lutado tanto. Talvez eu nunca tivesse questionado o governo dos vampiros...

Erik abaixou a cabeça para dentro do carro. “Você vai sair?”

Balancei a cabeça, incapaz de dizer não.

Ele franziu a testa e então caiu de volta em seu assento. “Então? O que exatamente você gostaria que eu melhorasse?”

Cerrei os dentes, incapaz de dizer a verdade. Ele nunca acreditaria em mim de qualquer maneira. "Eu só quero voltar para o castelo", eu disse, sem olhar para ele.

O ar crepitava com tensão. “Rebelde, isso não é algo que eu ofereço diariamente.”

Balancei a cabeça, emocionada demais para responder.

“O que há de errado, o que eu fiz agora?” ele perguntou, parecendo completamente perplexo.

Soltei um suspiro, abaixando a cabeça para que meu cabelo caísse para frente e criasse uma cortina entre nós. “Nada, Erik. Só quero voltar.”

Silêncio seguiu minhas palavras, então Erik ordenou que o motorista se virasse em um tom áspero. Torci minhas mãos no colo, me sentindo sufocado pelo que eu tinha aprendido.

Desviei meu olhar para a janela para evitar olhar para Erik. Lágrimas picaram meus olhos, mas tentei contê-las. Eu poderia ter tentado convencê-lo da verdade, mas por que ele acreditaria em mim?

Enquanto navegávamos em direção à saída, avistei uma escola ao lado de um grande restaurante. Meu coração estava destruído. Foi por isso que ele pensou que eu tinha pulado refeições para ficar tão magra e por isso ele questionou minha ignorância sobre o mundo.

“A maioria dos humanos não quer ser livre, Rebelde,” Erik disse enquanto saíamos do portão. “Qualquer causa pela qual você acha que está lutando é uma ilusão. Sua espécie está segura, abrigada e recebe comida de graça. Tudo o que exigimos de você é doações de sangue. Isso é realmente tão ruim?”

Uma lágrima escorreu do meu olho e fiquei feliz que a escuridão a escondesse. Deixei-a pingar no meu colo, mantendo minha cabeça virada para longe enquanto me recusava a responder.

A situação dos humanos era pior do que eu jamais poderia imaginar. Até os próprios vampiros não sabiam a extensão da nossa dor. Algo se estilhaçou dentro de mim e eu ansiava por ver minha família mais do que qualquer coisa no mundo.

Eu não podia confiar em Erik. Ele não sabia a verdade e nunca saberia. Para ele, eu era apenas um humano ingrato de uma cidade como o Reino A. Então por que ele me ajudaria?

Talvez ele não fizesse isso. E mesmo que fizesse, ele mandaria papai e Callie de volta para o nosso Reino e eles ficariam presos na miséria pelo resto dos seus dias.

"Estou começando a achar que escolher você foi uma má ideia", Erik rosnou e

seu tom áspero cravou punhais em meu coração.

O medo correu por minhas veias. De repente, tive certeza de que quando Erik falasse com Valentina, ele me soltaria. Ela o convenceria a se livrar de mim em favor de alguém mais dócil.

Eu não podia correr esse risco, então tomei uma decisão terrível.

Eu tive que escapar.



A carruagem balançava ritmicamente abaixo de mim enquanto os vampiros a levavam para o norte. Para longe do banco de sangue. Para longe da minha família. Para longe de Magnar. Eu não conseguia entender o que isso significava. Eles estavam me levando para o General Wolfe? Ou de volta para o Reino para fazer de mim um exemplo na frente de todos?

As possibilidades aterrorizantes eram infinitas e cada vez que eu me convencia a descartar uma delas, outra perspectiva terrível preenchia seu lugar. O que quer que eles quisessem de mim, não podia ser bom. Você não algemava alguém e o trancava em uma gaiola a menos que estivesse planejando fazer algo indizível a ele.

A escuridão opressiva da noite foi quebrada pelo luar prateado.

No Reino, sempre estávamos em casa antes da lua nascer, com medo de sermos encontrados por um vampiro na escuridão. Era como se o sol ajudasse os vampiros a se lembrarem de sua humanidade, pelo menos o suficiente para nos deixar em paz. Mas depois que anoitecia, todas as apostas eram canceladas.

As pessoas que saíam não tinham certeza de que voltariam. Nunca descobrimos o que aconteceu com elas. Talvez elas tenham sido simplesmente levadas para o banco de sangue, mas no meu íntimo eu sempre temi que fosse algo muito pior. Imaginei que as criaturas da noite eram mais perigosas no escuro e estar cercado por elas agora me deixava com mais do que um pouco de medo.

Apesar da proximidade dos vampiros, não pude deixar de encarar a beleza do ser lunar. Parecia tão alienígena, tão separado de tudo o que fazíamos abaixo dele e, ainda assim, ele nos observava do mesmo jeito. Imaginei que a lua fosse uma das poucas coisas que não haviam mudado para Magnar enquanto ele dormia.

Pensar no assassino fez com que uma dor se formasse em meu peito. Fazia horas desde que ele me deixara esperando naquela árvore. Ele sabia que eu seria pego? Ele tinha decidido que cuidar de mim era muito trabalhoso, afinal?

Eu não queria duvidar do vínculo frágil que eu pensava que sentia entre nós, mas era difícil não duvidar enquanto eu tremia no escuro. Eu nunca me senti tão sozinha em toda a minha vida. E se ele realmente tivesse me abandonado, então meu destino já estava selado. Ninguém mais viria.

Montana e papai já estavam nas mãos dos vampiros. E nenhuma outra alma neste mundo dava a mínima para mim. Sempre foi assim que eu preferi. Minha

família era a única pessoa que importava para mim, então não havia mais ninguém para eu perder. Enquanto eu os tivesse, eu tinha tudo. Ou pelo menos era isso que eu tentava me convencer.

Mas agora que eu estava sentado sozinho no escuro, sabendo que ninguém no Reino sequer se importava onde eu estava, eu me perguntava se essa tinha sido a maneira certa de viver. Talvez me isolar não tivesse me protegido de nada. Só garantiu que eu não tivesse realmente vivido nada. E agora, se acontecesse de eu morrer ou viver o resto dos meus dias no banco de sangue, isso significava apenas que a pequena medida de liberdade que eu tinha experimentado na minha vida tinha sido desperdiçada.

Se por algum milagre eu conseguisse sair dessa confusão, então talvez fosse hora de começar a olhar as coisas de forma diferente. Os vampiros nos deixaram com tanto medo de perder um ao outro que não ousávamos mais nos importar um com o outro do jeito que deveríamos. Era apenas mais uma arma que eles usavam para nos controlar. Mas eu me recusei a continuar vivendo na sombra desse medo. De agora em diante, todas as minhas escolhas seriam minhas. Eu as faria por mim mesmo. E não por medo.

Eu gemi com os muitos pequenos ferimentos e hematomas que os vampiros me infligiram quando me revistaram e me jogaram naquela gaiola. Eu não tinha certeza de como me chutar nas costelas era para ajudá-los a garantir que eu não tivesse mais armas comigo. Eu imaginei que eles pensaram que eu merecia o tratamento quando matei o amigo deles. Não que eu lamentasse o mundo ter um sugador de sangue a menos nele.

A caixa de madeira estava aparafusada na parte traseira de uma grande carruagem puxada por cavalos e não era alta o suficiente para que eu pudesse ficar de pé.

Eu estava empoleirado desajeitadamente em um banco duro que corria ao longo do lado esquerdo dele. Eles tinham levado meu casaco e minhas botas, me deixando tremendo no ar congelante do inverno que ondulava entre as barras da única janela na porta traseira. Eu me agachei no canto de trás, desejando poder envolver meus braços em volta de mim para me manter aquecido, mas as correntes pesadas que eles usaram para prender meus pulsos impediram isso.

O clip-clop abafado dos cascos dos dois cavalos de shire era o único som além do rangido da carruagem de madeira. Eu me perguntei por que nenhum dos vampiros falava um com o outro. Ou se eles ainda estavam me acompanhando. Pelo que eu sabia, metade deles poderia ter ido embora agora que me pegaram. Não era como se o ritmo lento definido pelos cavalos fosse sua velocidade preferida de viagem.

Eu só conseguia ver quatro dos vampiros andando a uma distância atrás da carruagem. Seus olhos estavam alertas e suas espadas estavam em mãos enquanto eles forjavam caminhos pela grama alta que chegava até suas cinturas.

Eu podia sentir o gosto de sangue e minha língua estava inchada de um dos golpes que recebi das mãos dos meus captores. O gosto férreo disso me fez pensar no banco de sangue e uma lasca de medo percorreu meu corpo. Houve centenas de rumores sobre aquele lugar, mas ninguém nunca voltou de lá para confirmá-los ou negá-los.

Algumas pessoas disseram que eles iriam te pendurar de cabeça para baixo e

cortar sua garganta acima de um enorme tanque projetado para coletar cada gota de sangue. Outros disseram que eles usavam os humanos lá por esporte, forçando-os a lutar uns contra os outros e tirando sangue dos perdedores.

Eu também tinha ouvido histórias de que os vampiros de lá se alimentavam diretamente de humanos, mordendo-os para ganhar acesso ao seu sangue. A ideia disso me aterrorizava. Eu tinha ouvido o jeito que meu pai tinha gritado quando o General Wolfe e seus lacaios o tinham mordido. Ele era um homem forte, nunca alguém que reclamava de dor ou exagerava, e o horror que eu tinha ouvido em seus gritos me disse tudo o que eu precisava saber sobre a agonia que isso tinha infligido.

Havia histórias envolvendo todas as formas imagináveis de tortura e todos nós ouvíamos os gritos carregados pelo vento de tempos em tempos. Eu não tinha certeza no que acreditar, mas sabia que nada que acontecesse lá poderia ser bom.

Vasculhei os campos abertos além da minha gaiola móvel com esperanças esmaecidas. Magnar realmente me abandonou? Eu estava começando a acreditar que ele tinha me deixado para o meu destino, apesar de suas promessas. Não era como se ele me devesse alguma coisa, de qualquer forma. Por que arriscar seu próprio pescoço por uma garota que ele tinha acabado de conhecer? Mesmo que houvesse *uma* chance de que eu pudesse me tornar um assassino como ele...

“Isso é ridículo,” murmurou a vampira Elite, Eve, sua voz cadenciada fácil de reconhecer mesmo através da madeira que nos separava. “Vou mandar uma mensagem para Wolfe assim que tiver sinal, exigindo que eles nos forneçam veículos off-road e motocicletas. Quer dizer, uma carruagem puxada por cavalos? É arcaico. É um insulto.”

“Sim, minha senhora,” um vampiro respondeu. “Certamente tornaria nosso trabalho mais fácil se nos dessem veículos mais modernos. Mas como há tão poucos na costa oeste-”

Ouviu-se um som parecido com um tapa e o vampiro parou de falar.

“Eu estava expressando uma reclamação, não pedindo a opinião de alguém *inferior* como você”, Eve cuspiu.

“Desculpas”, ele disse com um sorriso afetado e a conversa chegou ao fim.

Os guardas vampiros continuaram a rondar atrás da carruagem, espalhados o suficiente para criar um perímetro amplo e impenetrável ao meu redor.

Eu os observei silenciosamente enquanto eles lutavam para forçar um caminho entre as gramas que estavam ficando mais longas quanto mais longe viajávamos. Os caules marrons e verdes balançando eram tão altos que roçavam seus peitos em alguns lugares.

Enquanto eu estudava suas feições quase impecáveis, era estranho pensar que eles eram apenas vampiros inferiores. Embora fossem anormalmente atraentes, eles ainda tinham imperfeições. Um deles tinha um nariz adunco, os lábios de outro eram muito cheios em comparação com o resto de suas feições. Embora pequenas, as imperfeições me permitiram ver os humanos que eles já foram por baixo do rosto.

A Elite, por outro lado, não era nada menos que a perfeição. Olhar para Eve era como ver uma estátua ganhando vida. Algo tão perfeito não poderia ser natural. Suas feições eram simétricas de uma forma que desafiava a natureza.

Comparar os vampiros menores a uma Elite era como comparar o sol às estrelas: embora fossem iguais, uma brilhava muito mais.

Se o que Magnar me dissera estava certo, então a Elite eram aqueles que tinham sido transformados em vampiros por um dos Belvederes diretamente. Isso também significava que os vampiros que se autodenominavam realeza deviam ser ainda mais impressionantes do que a Elite. Tal coisa nem parecia possível para mim.

Eu alternei meu olhar entre os quatro guardas da retaguarda, uma espécie de fascinação mórbida me dominando enquanto eu estudava a maneira não natural como eles se moviam. Havia algo quase felino em seus passos enquanto eles rondavam, equilibrando o peso de suas armas em um aperto frouxo, mas pronto.

Suas capas longas ficavam presas na grama e eu não conseguia evitar sentir uma pontada de diversão enquanto eles lutavam com suas roupas pouco práticas. *Bem feito para você por andar por aí como um bando de babacas pomposos.*

UM Um homem com uma capa escarlate parou e arrancou a coisa dos ombros em frustração, pois ela ficou presa novamente. Eu o observei amaldiçoar o longo material e enrolá-lo em uma bola que ele enfiou sob o braço. Ele olhou para cima e me pegou olhando, o veneno em seu olhar me fez desviar o olhar rapidamente novamente. Eu dificilmente precisava de mais motivos para esses sugadores de sangue me odiarem e rir de um deles provavelmente não me faria nenhum favor.

Procurei o vampiro que estava caminhando para a direita da minha visão, mas ele não estava mais lá. Franzi a testa, vasculhando o campo em busca dele, mas não havia nada para ver. Imaginei se ele tinha caído mais para trás, a escuridão da noite o engolindo da minha vista.

Meu olhar viajou de volta para o homem com o manto vermelho assim que ele foi arrancado de vista sob a grama. Sentei-me ereto, inclinando-me ligeiramente para a frente para ver o que estava acontecendo. Houve um lampejo de movimento quando uma espada dourada balançou acima da grama, mas ela se foi novamente tão rápido.

Magnar. Meu coração pulou de excitação e sentei-me para frente ansiosamente. Os dois vampiros restantes que andavam atrás da carruagem ainda não tinham olhado para trás e seus companheiros caídos passaram despercebidos.

Mordi o lábio enquanto meu coração batia forte e o terceiro vampiro de repente se dissolveu em pó, que se espalhou em uma brisa suave enquanto suas roupas se amassavam na grama alta, fora de vista.

O último vampiro fez uma pausa, sua cabeça começou a virar quando percebeu que algo estava errado.

“Ei!” gritei alto, chamando sua atenção de volta para mim antes que ele pudesse se virar. “Posso pegar um pouco de água? Uma garota pode morrer de sede aqui!”

Eu me movi pelo banco duro, indo em direção às barras que ladeavam a janela. Uma batida alta soou no teto da minha gaiola e eu me encolhi de volta para o canto.

“Silêncio! Ou uma garganta seca será o menor dos seus problemas,” um vampiro gritou acima de mim. “Eu também posso acabar com sede.”

Eu me encolhi com a implicação, mas quando olhei de volta para fora entre as barras, o vampiro final tinha sumido. Um sorriso satisfeito surgiu em meus lábios.

A brisa aumentou, enviando uma onda de movimento farfalhando pela grama ao redor de nós. Um dos cavalos bufou incerto como se pudesse dizer que algo estava prestes a acontecer.

Movi-me lentamente em direção às barras, minhas correntes chacoalhando com o movimento enquanto me inclinava para olhar para fora.

O movimento da carruagem parou de repente e fui jogado contra a porta, minhas algemas batendo ruidosamente contra as barras enquanto eu tentava me segurar.

“Onde está a retaguarda?” a Elite retrucou, seu tom tentando mascarar uma ponta de preocupação.

"Eu os vi há um momento", outro vampiro respondeu. "Eles não podem-" Sua voz cortou de repente e algo de metal caiu no telhado acima da minha cabeça. A Elite gritou de raiva enquanto os outros vampiros começaram a gritar comandos.

O som de lâminas colidindo soou violentamente à minha frente e pressionei meu rosto contra as barras, na esperança de ver o que estava acontecendo na frente da carruagem.

Os vampiros praguejaram enquanto lutavam para responder ao ataque e ouvi a voz profunda de Magnar elevada em um rosnado desafiador.

“Vire essa coisa e tire a gente daqui!” Eve gritou.

Alguém chicoteou os cavalos para que se movimentassem e a carruagem girou, me jogando de volta no banco. Minha cabeça bateu na parede de madeira e eu xinguei enquanto a dor atravessava meu crânio.

A carruagem inclinou-se precariamente enquanto os cavalos a arrastavam e senti as rodas se levantarem do chão no lado esquerdo. Agarrei uma das barras da janela, segurando-a firmemente. Com meus pulsos presos pelas correntes, eu não conseguiria me salvar em uma queda.

A carruagem se endireitou com um baque pesado enquanto as rodas voltavam para o chão e eu quase perdi o controle enquanto me segurava com força. Começamos a correr de volta pelo caminho que tínhamos vindo, permitindo-me uma visão da batalha acontecendo atrás de nós.

Magnar estava entre oito vampiros, brandindo suas duas longas lâminas como um guerreiro das lendas que meu pai me contou. Ele dançava entre eles, cortando membros e desviando golpes como se não fossem nada.

O luar brilhava em suas espadas, brilhando fracamente na escuridão. O medo tomou conta de mim enquanto os monstros o cercavam, mas ele respondeu a cada golpe que tentavam desferir com um golpe de suas próprias armas. Era como se ele pudesse ver cada golpe chegando antes que acontecesse. Sua habilidade era surpreendente e meus lábios se separaram em admiração enquanto eu o observava.

Meu coração congelou no peito quando um vampiro saltou em suas costas expostas, espada erguida para matar, mas Magnar se desviou bem a tempo. Seu cabelo longo voou ao redor do rosto enquanto ele empurrava sua lâmina para cima e perfurava o coração do vampiro, fazendo-o se espalhar em pó.

Dois vampiros correram para frente de cada lado dele, tentando usar o ataque coordenado para derrubá-lo. Ele defendeu as duas lâminas de uma vez, balançando suas espadas entre os dois antes de saltar para frente, fazendo-os tropeçar no espaço que ele estava ocupando.

Ele lançou Tempest contra eles, a lâmina enorme se torcendo de ponta a ponta antes de cortar o pescoço de um e se cravar no peito do outro. Embora ambos tenham caído na grama alta, nenhum dos corpos se desintegrou, então ele não deve ter atingido seus corações.

Deixado com a espada de seu pai em suas mãos, ele mudou sua pegada para empunhá-la com as duas mãos, balançando-a com tanta ferocidade que os cinco vampiros restantes recuaram em vez de enfrentar os golpes. Um não foi rápido o suficiente, porém, e Magnar cortou seu peito em um único e selvagem golpe de sua lâmina, fazendo-a girar em pó antes que ele completasse o movimento.

Ao ver sua morte, um vampiro macho gritou em inegável angústia, atirando-se em Magnar com os dentes à mostra e a espada esquecida. O matador respondeu à sua fúria com um forte golpe de sua espada, fazendo-o correr para a morte atrás de sua companheira.

A carruagem bateu em uma pedra, fazendo-a quicar violentamente e eu perdi o controle das barras. Caí para trás, batendo no chão de madeira com força suficiente para tirar o ar dos meus pulmões.

As correntes que prendiam meus pulsos dificultavam recuperar o equilíbrio enquanto o veículo avançava pelo terreno irregular. O motorista chicoteava os cavalos sem piedade e eles relinchavam de dor e protestavam enquanto galopavam.

Finalmente consegui ficar de quatro e me levantar para agarrar as barras da janela novamente.

Chegamos ao topo de uma colina e o comprimento da grama tornou impossível ver o que havia acontecido com Magnar e os três vampiros restantes.

A carruagem seguiu em frente e eu me agarrei às barras de metal congelantes, forçando meus olhos em um esforço vão para localizar o assassino.

Mordi o lábio enquanto esperava, meu coração batendo ansiosamente por qualquer sinal de que ele estava bem.

Os cavalos bufavam de cansaço e a carruagem começou a desacelerar apesar do chiado contínuo do chicote.

“Mais rápido!” Eve gritou.

“Eles não foram feitos para velocidade,” uma voz masculina respondeu defensivamente. “A carruagem é muito pesada: se continuarmos assim, eles podem desabar!”

Os cavalos grunhiram e bufaram em protesto, como se reforçassem seu argumento, e a carruagem diminuiu um pouco mais a velocidade.

A Elite os amaldiçoou, mas isso não fez diferença em nossa velocidade.

Agarrei-me às barras enquanto o desespero fazia meu coração bater forte em meus ouvidos.

Onde você está, Magnar?

Meus olhos arderam com lágrimas inesperadas e um soluço grosso escapou da minha garganta. Ele não viria. E se ele não viria, isso só poderia significar uma coisa.

A dor cresceu em meu peito e meu aperto nas barras tornou-se frágil enquanto lágrimas enchiam meus olhos.

Percebi que *tinha* me deixado importar com alguém além da minha família. E agora ele também se foi.



Quando Erik me deixou no meu quarto, comecei a preparar uma mala com roupas quentes. Eu não tinha comida, mas poderia passar alguns dias sem ela. Meu estômago estava endurecido por anos de rações e, uma vez que eu estivesse fora da cidade, eu procuraria nas ruínas por nutrição. Callie tinha encontrado suprimentos dessa forma, então eu também poderia. Eu tirei forças da minha irmã, imaginando seus olhos ferozes e expressão determinada.

Estou indo, Callie. Vou te encontrar .

O rio que eu tinha cruzado para Nova York era bem guardado, isso eu lembrava da minha chegada. Mas eu tinha visto um vislumbre de árvores do bar arranha-céu na direção oposta. Era para lá que eu iria.

Corri para as persianas e tentei abri-las. Sem sucesso, fui até o armário e peguei um dos saltos altos, certamente projetados para aleijar os pés de uma mulher. Voltando para a janela, empurrei o salto fino na abertura das persianas e o puxei para o lado. Eles gemeram, então algo estalou e eles se abriram.

Com uma sensação de elevação no peito, puxei-as para abrir e revelar a janela. Era apenas um único painel sem maçaneta. Suspirei, imaginando que deveria saber que seria esse o caso.

Olhando para o terreno escuro, avistei os degraus de pedra que levavam para a floresta. Não havia guardas à vista, mas isso não significava muito. Provavelmente havia um punhado deles rastejando pelo castelo, mas eu só tinha que esperar conseguir passar furtivamente por eles.

Fui até a porta, girei a maçaneta e a encontrei trancada. Recusando-me a desistir, caí de joelhos e olhei pelo buraco da fechadura. Estava bloqueado pela chave, mas pelo menos estava perto. Indo até a cômoda, peguei um pincel fino de maquiagem e um pedaço de papel de um bloco de notas. Voltei para a porta e empurrei a página sob a borda da porta para o corredor.

Minha respiração ficou irregular enquanto eu enfiava o cabo do pincel no buraco da fechadura. Lentamente, eu tirei a chave e ela bateu no papel com um leve toque.

Coloquei a página de volta por baixo da porta, trazendo a chave com ela. A vitória arrebatou meu coração quando a agarrei e pressionei meu ouvido na porta, ouvindo sons de movimentos. Provavelmente era inútil, considerando que os vampiros eram tão silenciosos quanto o vento, mas eu tinha que tentar.

Depois de vários segundos, levantei-me, puxei a bolsa para as costas e deslizei a chave na fechadura. Dolorosamente devagar, girei-a até que um clique suave

soou, enviando um tremor através de mim. Com a mão trêmula, segurei a maçaneta e a abaixei até que a porta se abriu.

Abrindo-a, olhei para o corredor para verificar se estava livre.

Vazio.

Uma respiração trêmula passou pelos meus lábios enquanto eu me esgueirava para o corredor, um par de botas na mão enquanto eu me movia silenciosamente de meias pelo assoalho. Cheguei à escada, descendo em um ritmo constante, tentando lutar contra a vontade de correr.

Quando cheguei ao corredor escuro, virei-me na direção da entrada. Corri em direção a ela, mas, conforme me aproximava, vozes chamaram minha atenção e me encolhi rapidamente nas sombras de uma alcova.

Meu estômago se contraiu enquanto eu esperava.

“O Conde Erik se retirou para seu quarto”, disse uma voz masculina.

"Ele não se importará se eu for até ele", a voz de Valentina soou em resposta e eu enrijeci, pressionando-me com mais força contra a parede.

“Sinto muito, minha senhora, mas você terá que esperar até amanhã.”

Valentina resmungou. “Bobagem!” Sua voz estava mais próxima e eu me forcei a ir mais para o canto enquanto ela passava rapidamente pelo meu esconderijo com o guarda a tiracolo.

“Por favor, minha senhora, tenho que lhe pedir que respeite os desejos do Conde!” ele gritou, correndo atrás dela e tentando segurar seu braço.

Ela acelerou o passo, desaparecendo na direção da escada e eu aproveitei a oportunidade.

Saindo da escuridão, olhei para o hall de entrada, encontrando-o vazio com a porta escancarada. O ar da noite acenou e eu corri em sua direção, chegando aos degraus e correndo por eles em direção às árvores.

Não respirei até deslizar entre os galhos e a escuridão me envolver. Calçando minhas botas, escutei atentamente os passos se aproximando, mas apenas o som de pequenos animais chegou aos meus ouvidos.

Respirando fundo, abri caminho entre as folhas caídas que estalavam sob meus pés.

A lua estava escondida esta noite, me dando a cobertura extra que eu precisava para permanecer escondido. Talvez o destino estivesse do meu lado. Talvez eu continuasse tendo sorte até conseguir sair da cidade.

Cada som era aumentado em meus ouvidos. Cada galho quebrando e farfalhar de folhas me faziam correr mais rápido.

Logo, cheguei à parede. Ela se estendia acima de mim por quase seis metros, mas havia buracos entre os grandes tijolos brancos em alguns lugares. Nenhum perto do chão, no entanto...

Meu coração se encheu de alegria quando avistei uma árvore caída apoiada nele a algumas centenas de metros de distância.

A sorte está do meu lado. Vou sair daqui!

Corri em direção a ela, minha respiração embaçando diante de mim no ar congelante. A árvore quase alcançou o topo do muro. Rezei para conseguir subir. Talvez uma garota mais sensata nem tentasse. Mas eu não era qualquer garota. Eu era uma Ford. E a família Ford tinha corações de aço que não seriam mantidos acorrentados.

Eu me apoiei no tronco, encontrei um ponto de apoio e comecei minha subida. Colocando minhas mãos nos nós ásperos da casca, comecei a escalar.

Quando estava na metade do caminho, ouvi uma briga, seguida de vozes exaltadas.

“Ei, o que você está fazendo aqui?” um homem perguntou e por um momento temi ter sido visto.

Fiquei congelado, agarrado à casca e pressionando minha bochecha contra a madeira fria.

“Estou aqui para você”, respondeu outro homem em tom áspero.

“Não – ei. Para trás!”

Eles entraram em cena e eu avistei um vampiro com cabelo vermelho escuro empunhando sua espada na beira da linha das árvores. Uma figura sombria o seguiu, balançando preguiçosamente uma lâmina em sua mão.

O vampiro ruivo atacou com sua espada, mas o outro foi mais rápido, avançando em volta dele e cortando a garganta do vampiro.

O horror me afogou. Pressionei uma mão na boca enquanto o sangue jorrava e o ruivo batia no chão, agarrando o pescoço. Seu agressor deu um passo à frente, seu corpo escondido por uma túnica de ébano, mas eu podia dizer que ele era de um tamanho assustador. Ele agarrou a nuca do vampiro e o arrastou de volta para as árvores, esfaqueando-o repetidamente enquanto ia, em todos os lugares, menos no coração.

Fechei os olhos, desejando que meu pulso acelerado diminuísse.

E se aquele vampiro me pegar?

Enquanto eles desapareciam nas árvores, forcei minhas pernas a se moverem e comecei a escalar mais uma vez. Não conseguia me concentrar no que tinha acabado de testemunhar. Eu simplesmente tinha que sair dali.

Eu me movi o mais rápido que pude e logo estava abrindo caminho por um emaranhado de galhos que estavam esmagados contra a parede.

Olhei para os últimos cinco pés de tijolos que eu precisava escalar, procurando desesperadamente por um apoio para as mãos. Avistei um acima da minha cabeça e cuidadosamente me levantei, equilibrando-me precariamente no tronco. Meu coração gaguejou quando me inclinei para frente, meus dedos flexionando enquanto eu tentava alcançá-lo. Minhas mãos travaram nele e eu soltei um suspiro de alívio.

Olhando para cima, fixei minha mira no topo do muro.

Eu sou Montana Ford e sou forte o suficiente para escapar desta prisão.

Encontrei um ponto de apoio e empurrei com toda a minha força, encontrando outra pequena fenda para minhas mãos. Cravei minhas unhas enquanto a pedra desmoronava, segurando firme. Um pé de cada vez, levantei-me até finalmente agarrar o topo da parede. Meus braços doíam enquanto eu me erguia sobre ela e então me achatava na pedra, olhando por cima da borda.

Uma queda abrupta me encarou e meu coração forçou a passagem para a garganta.

Eu reuni meus pensamentos, olhando para cima e para baixo na parede, procurando uma maneira de descer. Não muito longe à frente havia uma estrutura alta abaixo de mim na rua. Estava a alguns metros da parede e cerca de um terço de sua altura, mas era melhor do que nada.

Minhas palmas estavam escorregadias enquanto eu me arrastava, finalmente chegando diante da estrutura. Agora que eu estava mais perto, eu podia ver que era apenas um abrigo de madeira com uma velha placa de metal ao lado.

A rua além estava escura, mas do outro lado da rua havia casas grandes com luzes acesas atrás das janelas.

Eu inalei uma lufada de ar frio e me forcei a ficar de pé. Eu não conseguia pular de joelhos, então tive que me mover rápido para garantir que ninguém me visse. Curvando-me, reuni toda a força que tinha e me joguei em direção ao telhado de madeira. Eu despenquei no ar, minhas pernas girando e chutando enquanto eu caía.

Bati nele com um estrondo alto e engasguei em agonia. Meus joelhos estavam rasgados na madeira áspera e a dor ricocheteou em minhas mãos. Soltei um gemido enquanto rastejava até a borda e me abaixei.

Caí em alguns arbustos e meus braços foram arranhados enquanto espinhos encontravam minha pele através das roupas. Eu me levantei deles para um pedaço de grama entre os arbustos e a parede, agachando-me fora de vista.

Meu jeans estava rasgado nos joelhos, revelando pele quebrada da minha queda. Sibilando entre os dentes, larguei minha mochila e a abri, tirando uma camiseta. Rasguei-a em dois, enrolando-a firmemente sobre os ferimentos, rezando para que fosse o suficiente para estancar o fluxo de sangue.

Com uma respiração firme, puxei minha mochila e me levantei, mantendo-me na sombra da parede. Eu me orientei e acelerei meu passo para uma corrida, pensando em minha família e nada mais.

Continue, Montana. Continue se movendo.



Um leve rugido masculino chegou aos meus ouvidos e eu agarrei a barra firmemente enquanto piscava para afastar as lágrimas não derramadas. Eu me levantei mais alto, desejando que não fosse minha imaginação enquanto o som se aproximava.

Os vampiros sentados acima de mim na carruagem começaram a xingar e dois deles pularam, com as espadas erguidas defensivamente, no momento em que Magnar chegava ao topo da colina.

Meu coração se encheu quando o vi, o terror que ameaçava me esmagar se desfez em pó quando olhei para seu rosto.

Ele estava correndo atrás de nós, com um grito de guerra saindo de seus lábios cheio de uma promessa aterrorizante.

O alívio me inundou e meus joelhos quase dobraram com o peso disso. *Ele está bem. E ele não vai deixar que me levem sem lutar.* O pensamento fez algo vibrar em minhas veias como um incêndio. Eu não estava sozinha.

Magnar correu com ambas as espadas prontas de cada lado, a luz fraca da lua conseguindo destacar o sangue vermelho dos vampiros caídos que as cobria.

Os dois vampiros menores saltaram para interceptá-lo, mas ele os cortou como se não fossem nada além de moscas, enviando seus restos em espiral no ar atrás dele antes de continuar sua perseguição à carruagem. Ele soltou outro rugido de raiva e um arrepio percorreu minha espinha.

Ele era magnífico. Uma lenda trazida à vida bem diante dos meus olhos.

A Elite deu um comando e os quatro últimos vampiros menores saltaram da carruagem para enfrentá-lo.

Por um momento, o olhar de Magnar encontrou o meu e pude ver um fogo dourado girando em seus olhos.

A carruagem virou para a direita e eu lutei para manter meu controle sobre as barras enquanto perdia o assassino de vista.

A Elite fez os cavalos recuarem a galope e eles relincharam em protesto enquanto lutavam para puxar a carruagem.

“Movam-se, grandes animais!” Eve gritou enquanto tentava forçá-los a aumentar o ritmo.

Um forte baque de madeira soou e a carruagem de repente deu um solavanco para frente antes de bater no chão. Minhas mãos foram arrancadas da barra e eu fui jogado ao redor do espaço confinado enquanto a carruagem tombava sobre o chão irregular antes de parar bruscamente. Eu caí no que tinha sido o teto

momentos antes e estremeci com a dor que floresceu na lateral da minha cabeça.

O som de cascos galopando se afastava rapidamente.

Algo molhado escorreu pela minha testa e eu levantei minhas mãos amarradas para investigar. Sangue manchou as pontas dos meus dedos e eu estremeci novamente quando o movimento enviou mais dor ressoando pelo meu crânio.

Eu rastejei para frente, encontrando a janela gradeada e espiando para ver o que tinha acontecido. Nós tínhamos voltado para a floresta antes de cair em uma pequena clareira. O luar brilhava no espaço aberto, mas as sombras entre as árvores eram de um preto profundo.

"Seus amigos estão mortos e isso foi fácil de fazer", Magnar zombou enquanto caminhava em direção à carruagem destruída. "Você acha que pode me dar um desafio maior?"

Agora que ele estava mais perto, eu podia ver sangue escorrendo dos ferimentos por todo o seu corpo, mas se eles o incomodavam, ele não demonstrava nenhum sinal.

"De onde você veio, caçadora?" Eve sibilou enquanto se movia para dentro da visão. Ela parou a alguns metros de Magnar e sua postura rígida exalava medo.

"Eu dormi longa e profundamente, esperando por esse momento," ele rugiu. "E nesse tempo vocês parasitas se esqueceram da minha espécie. Vocês ficaram gordos e preguiçosos presumindo que tínhamos ido embora. Eu destruí dezenove dos seus lacaios sem suar a camisa. No meu tempo, até mesmo vampiros menores eram bem treinados em esgrima e podiam representar *algum* desafio. É demais presumir que você pode tornar isso mais difícil para mim?" Ele deu um passo para a direita, balançando suas lâminas em um desafio preguiçoso e ela seguiu sua liderança, circulando no sentido horário para manter a distância entre eles.

"Aqueles tolos não eram nada comparados a mim", ela respondeu. "Meu tipo cantará canções sobre o último matador e como ele não conseguiu nem salvar sua pequena prostituta antes que eu acabasse com ele."

O olhar de Magnar deslizou para mim por um momento e meu aperto na barra aumentou. Eu não queria que minha presença o distraísse. A Elite notou sua atenção e riu.

"Depois que eu tiver cortado todos os seus membros, vou cortar a garganta dela e bebê-la até secar diante dos seus olhos enquanto você assiste. A última coisa que você verá será a morte dela. E seu ato final nesta terra será falhar em salvá-la." Ela sorriu amplamente, provocando-o enquanto ajustava o aperto em sua espada.

"Talvez." Magnar deu de ombros. "Ou talvez eu corte sua cabeça do pescoço e queime seu corpo. Tudo, menos seu coração, que deixarei batendo para que você possa existir como um crânio decapitado pelo resto dos tempos." Ele sorriu ferozmente para ela e eu pude ver uma selvageria em seus olhos.

Eu mal conseguia respirar enquanto a tensão aumentava e eles continuavam a circular um ao redor do outro lentamente, sem que nenhum deles desse o primeiro passo.

Finalmente, a Elite rachou. Ela soltou um grito agudo enquanto saltava para

frente, balançando sua espada direto para a garganta de Magnar. Ele desviou a lâmina com uma das suas e virou a outra bruscamente, cortando seu abdômen e derramando sangue.

Ela sibilou como uma fera selvagem e rapidamente girou para o lado, de modo que a segunda lâmina dele atravessou o ar vazio em vez de encontrar carne.

Ela mirou um golpe nas costas dele, mas ele se contorceu, levantando Tempest para receber o golpe de sua espada. O metal brilhou furiosamente onde eles se encontraram e eu pude ver seu braço se esforçando contra o poder do golpe dela. Antes que ela pudesse remover sua arma, ele girou Venom, prendendo sua lâmina entre as duas dele.

Eve rosnou enquanto lutava para recuperar sua lâmina e Magnar a chutou, pegando-a no estômago e fazendo-a voar. Ela conseguiu se virar e pousar de pé, mas perdeu o controle sobre sua arma e ela voou pelo ar para desaparecer nas árvores.

Os olhos dela dispararam descontroladamente e Magnar girou suas lâminas em suas mãos enquanto avançava em sua direção.

"Você é corajoso, assassino, vindo atrás da minha vida com duas lâminas nas mãos enquanto eu não tenho nenhuma", ela cuspiu com raiva.

Magnar interrompeu seu avanço e inclinou a cabeça enquanto considerava o vampiro. “Você me acha cruel, monstro? Você acha que é injusto?” Ele riu e então embainhou as duas lâminas em suas costas.

“Magnar, não!”, gritei, incapaz de segurar minha língua diante da loucura diante de mim. Ela o despedaçaria.

Ele nem sequer me olhou, seu olhar fixo e imóvel na Elite.

Um sorriso assombrosamente lindo cruzou seus lábios vermelhos enquanto ela dava um passo em direção a ele. “Sempre tão previsivelmente nobre,” ela zombou.

Eve correu e colidiu com Magnar com força suficiente para fazê-lo voar.

Magnar caiu no chão, derrapando na terra antes de rolar para cima de um joelho. O fogo em seus olhos dançava selvagemente e eu não conseguia afastar a sensação de que ele estava se divertindo.

A vampira deu a ele menos de um momento para se preparar enquanto ela saltava sobre ele novamente e ele levantou o braço para desviar do ataque dela. Os dentes dela afundaram em sua carne e ele soltou um grunhido de dor antes de bater o outro punho na lateral do crânio dela. Houve um estalo nauseante e ela foi lançada livre, deixando um conjunto de marcas de dentes sangrentas em sua pele.

Ela franziu o cenho, hesitando enquanto tocava a mão no queixo que não parecia mais estar pendurado direito. Ele começou a avançar em sua direção e ela apontou para cima enquanto soltava uma risada.

Um enorme corvo despencou do céu, mirando seu bico afiado direto no rosto de Magnar. Ele levantou os braços bem a tempo de se proteger e a Elite o atacou.

Eve o jogou no chão pesadamente, o impacto ressoando sob meus pés através da carruagem. Ela agarrou seu rosto com sua mão com garras, forçando seu queixo para cima antes de perfurar seu pescoço com seus dentes.

O corvo continuou seu ataque, evitando o Elite enquanto mirava seu bico e

garras ferozes nos braços e pernas de Magnar enquanto ele lutava sob o vampiro que se banqueteava.

Um grito escapou dos meus lábios enquanto eu batia contra as barras da minha gaiola em uma tentativa inútil de chegar até ele. Minhas correntes de metal batiam alto nas barras, mas elas não se moviam um centímetro.

Magnar agarrou um punhado cheio do cabelo longo e preto da Elite e a arrancou de si com um rugido de raiva. Ele a jogou para o lado como uma boneca de pano e se levantou de um salto, sangue escorrendo livremente do ferimento em sua garganta.

O corvo grasnou agressivamente enquanto voava em direção ao seu rosto novamente e ele o pegou, quebrando seu pescoço com um puxão forte e jogando o cadáver em seu mestre.

A Elite sibilou enquanto se lançava em sua direção, mas Magnar se esquivou. Antes que ela pudesse sair do alcance, ele agarrou um punhado de seu cabelo novamente e a puxou de volta para baixo.

Ela caiu de joelhos uivando de raiva enquanto tentava agarrar a mão que segurava seu cabelo, mas Magnar já havia desembainhado Tempest. Com um golpe feroz, ele tirou a cabeça dela dos ombros e tudo ficou em silêncio.

Ele abaixou a cabeça, deixando-a rolar para longe dele enquanto voltava seu olhar para mim.

Fiquei olhando para ele, incapaz de formar palavras enquanto ele se afastava do cadáver e caminhava em minha direção.

"Você veio me buscar", eu sussurrei enquanto ele se agachava diante da carruagem e me olhava.

“Claro que sim.” Ele alcançou entre as barras e afastou meu cabelo dourado do meu rosto enquanto me inspecionava. “Você está bem?”

“Além de ficar preso aqui.” Ofereci-lhe um sorriso fraco enquanto meus braços começaram a tremer.

“Eu posso consertar isso.” Ele se levantou e saiu de vista. Eu podia ouvi-lo vasculhando os suprimentos que os vampiros trouxeram com eles na carruagem. “Afaste-se.”

Eu me arrastei para longe da porta e o baque pesado de um machado bateu no cadeado de metal que me prendia. Foram necessários mais três golpes antes que a fechadura cedesse e Magnar jogasse a porta gradeada para o lado.

Saí correndo da gaiola e pulei nele, jogando-o para trás e sentando-se na grama. Consegui colocar meus braços sobre sua cabeça, apesar dos meus pulsos amarrados, e enrolei minhas pernas ao redor dele também, enquanto enterrava meu rosto em seu peito largo. Lágrimas aliviadas saíram dos meus olhos enquanto ele envolvia seus braços fortes ao meu redor.

"Estou tão feliz que você esteja bem", sussurrei enquanto sentia o cheiro da pele dele e pressionava meu ouvido contra seu coração acelerado.

“Fico feliz que você também esteja”, ele respondeu, me segurando com força.

Eu me inclinei para trás para olhar para ele, meus pulsos acorrentados atrás de seu pescoço mantendo nossos rostos próximos um do outro. Sua respiração dançava em minha pele e as palavras me fugiam enquanto eu me perdia nas profundezas de seus olhos. Suas mãos deslizaram mais para baixo em minhas

costas, encontrando seu lugar em meus quadris.

Segundos se estenderam infinitamente antes que o calor crescendo em minhas bochechas me fizesse baixar o olhar. Puxei meus braços para trás sobre sua cabeça e saí de seu colo me sentindo envergonhada com minha demonstração aberta de emoção.

Ele se levantou e olhou para mim por um momento, seus olhos se movendo para as correntes em meus pulsos.

“Deixe-me ajudá-lo com isso”, ele disse, afastando-se de mim, mas eu rapidamente estendi a mão para pegá-la.

“Obrigada”, eu disse, me forçando a encontrar seus olhos para que ele pudesse ver o quanto eu quis dizer isso. Ninguém nunca tinha feito algo assim por mim. Ele arriscou sua vida para salvar a minha e isso significou mais para mim do que eu poderia descrever.

Fiquei na ponta dos pés, querendo dar um beijo em sua bochecha, mas ele se virou para mim surpreso e meus lábios encontraram o canto de sua boca. Demorei-me um momento enquanto meu estômago tremia e meu coração disparava com uma intensidade inesperada.

Eu me forcei a me afastar, apesar da vontade que sentia de permanecer preso naquele momento.

Olhei para ele, absorvendo cada centímetro de seu rosto enquanto tentava decifrar o padrão estrondoso do meu batimento cardíaco. Eu meio que queria me inclinar para mais perto dele novamente, mas algo me impediu.

Quando tudo isso acabasse e tivéssemos tirado minha família do banco de sangue, eu pretendia correr para o sul com eles. Liberdade era o único sonho que tínhamos e só existia longe dos vampiros.

O chamado de Magnar o levaria na direção oposta. Ele precisava lutar contra eles. Ele daria qualquer coisa, incluindo sua própria vida em sua busca pelos Belvederes. Ele não ficaria comigo.

Embora eu tivesse decidido me deixar importar com ele, não tinha certeza se conseguiria lidar com a abertura completa do meu coração para ele. Eu tinha visto como o coração partido assombrava nosso pai por quinze anos e não tinha certeza se era forte o suficiente para suportar isso.

Eu não sabia o que queria dele, mas sabia que o queria perto de mim.

Magnar me observou atentamente por vários segundos como se estivesse procurando por algo. Não consegui dizer se ele encontrou ou não antes de virar as costas para mim e ir embora sem dizer uma palavra.

Eu o vi ir embora e mordi minha língua contra o desejo de chamá-lo de volta. Se eu tivesse alguma esperança de sobreviver depois que ele me deixasse, então eu tinha que manter essa distância entre nós.

Eu só queria que não doesse tanto.



Meus joelhos doíam enquanto eu me movia e eu podia sentir o sangue encharcando a fina camiseta enrolada neles. Vampiros podiam sentir o cheiro de sangue? E se pudessem, quão perto eles teriam que estar para senti-lo?

Corri na sombra escura da parede, forçando minha ansiedade para longe enquanto me movia. Eu tinha chegado até aqui e isso me deu esperança. Esperança de encontrar meu caminho de volta para Callie e papai. Esperança de viver a vida livre com a qual sonhamos por tantos anos.

Alguém colidiu comigo com tanta força que fui jogado no chão, meu rosto batendo contra o chão.

“Não!”, gritei com uma onda de horror. Eu me contorci sob o vampiro, desesperado para escapar. Eu me debati como um louco e meu agressor me deixou rolar sob eles. Meus olhos se encontraram com os de Erik e eu observei seus olhos ferozes e a barba escura em seu maxilar que se agarrava a ele como uma sombra.

A dor cresceu no meu peito. Embora eu soubesse que não conseguiria vencer uma luta contra ele, comecei a me debater para tentar me libertar.

“Me solte,” eu rosnei. “Pegue outro humano para te ajudar. É o que você quer de qualquer forma. Apenas me deixe ir.”

Ele agarrou meus pulsos, forçando-os a cair na grama macia e pressionando-os contra mim.

“Parem de lutar”, ele ordenou, seu hálito era uma mistura inebriante de doce e amargo.

Seus joelhos pressionaram com força cada lado das minhas coxas, me forçando a ficar parada, e eu cedi, sabendo que era inútil.

“Eu não quero outro humano,” Erik disse, sua voz assustadoramente nivelada. Ele realmente quis dizer isso? Ele me deixaria escapar tentando escapar? Ou ele iria me punir por isso?

“Por favor, eu não quero me tornar um vampiro,” eu sussurrei. “Eu não tenho utilidade para você de qualquer forma.”

"Isso não é verdade, Rebelde." Ele se levantou, me puxando para cima atrás dele e meu coração desmoronou como cinzas.

Ele segurou firme meu pulso, mas eu me afastei mesmo assim. “Eu li a mensagem de Valentina,” eu revelei, certa de que ela tinha falado com ele de qualquer forma. “Eu sei que ela quer que você se livre de mim.”

Sua testa franziu e ele balançou a cabeça. “Eu não dou a mínima para o que

ela quer. É por isso que você fugiu?”

Eu assenti, meu coração ainda batendo como um tambor no meu peito. “Eu não confio em você.”

Ele suspirou e então levantou os olhos para a parede. “Suba nas minhas costas.”

Quando não me movi, ele se virou e puxou meu braço por cima do ombro. Com um doloroso lampejo de aceitação, deslizei meu outro braço ao redor dele e ele me puxou para cima de suas costas. Quando prendi minhas pernas em volta de sua cintura, ele pulou, agarrando-se à parede e escalando-a com uma facilidade impossível. No topo, ele se levantou e eu olhei para as árvores por cima do ombro dele com medo escorrendo por minhas veias.

“Espere-” eu sibilei. “Havia alguém lá embaixo. Alguém que atacou um dos guardas.”

“O quê?” ele rosnou.

“Lá.” Apontei para a árvore que eu tinha escalado e Erik pulou para frente. Eu gritei enquanto despencamos em direção à terra. Seus pés atingiram o chão com um solavanco e ele me largou, agarrando meu braço.

“Mostre-me”, ele exigiu.

Eu tremia enquanto o levava para onde eu tinha visto os vampiros pela última vez. Conforme nos aproximávamos da densa floresta, Erik respirou fundo e então acelerou o passo, me arrastando atrás dele.

Um barulho de gotejamento soou à frente e eu estremeci quando avistei a fonte. O vampiro ruivo estava pendurado em uma das árvores. Suas mãos estavam acorrentadas atrás das costas e uma faca estava cravada profundamente no centro de seu peito. Sangue pingava em um fluxo constante abaixo dele. Sua boca estava amordaçada e ele chorou contra ela quando nos avistou.

Erik me soltou e correu em direção ao homem, olhando para as correntes que o prendiam.

“Espere, Faulkner, eu vou te tirar daqui.” Erik foi até o tronco da árvore, agarrou as correntes e as quebrou tão facilmente como se fossem feitas de linha.

Faulkner atingiu o chão com força e Erik correu para o seu lado e segurou o cabo da lâmina. Faulkner gritou contra sua mordaça, balançando a cabeça enquanto Erik a puxava para fora. A lâmina sacudiu contra algo e não se soltou.

Um segundo se transformou em uma eternidade enquanto Faulkner gemia e explodia em pó diante de nossos olhos. Eu tropecei para trás em horror enquanto os restos espalhados dele caíam em cascata ao redor de Erik, que ficou segurando a lâmina na palma da mão. Meu estômago revirou quando notei que a ponta dela havia se partido em quatro pontas serrilhadas.

“Abriu quando puxei”, Erik arfou. “Ele tentou me avisar.” Seu rosto se transformou em horror enquanto ele olhava para os restos de sua guarda morta. “Eu deveria ter tirado a mordaça.”

“Você não sabia,” eu sussurrei, tremendo da cabeça aos pés. Eu me aproximei furtivamente, impelida em direção a ele por um estranho puxão no meu peito.

Ele se virou para mim com olhos escuros. “Você viu quem fez isso.”

Balancei a cabeça, parando a um pé de distância dele. “Ele usava vestes escuras, foi tudo o que vi. Ele era grande, musculoso.”

Os olhos de Erik caíram para as roupas de Faulkner no chão, manchadas com

os fragmentos de seu corpo. Ele as juntou, levantando-se com um suspiro pesado. “Faulkner era um bom homem... um amigo. Eu o gerei.”

"Sinto muito", eu sussurrei e ele se virou para mim no momento em que a lua surgiu entre as nuvens acima.

“Você está?” ele perguntou, parecendo perdido e ansioso. “Por que estaria?”

Minha boca ficou seca enquanto eu o olhava. O luar iluminava sua pele perolada, fazendo-o parecer mais etéreo do que nunca.

“É só que... eu sei como é perder pessoas com quem você se importa.” Pensei na minha mãe. Nas pessoas no Reino que desapareceram sem deixar rastros. Vizinhos, amigos, os infratores e os idosos.

Minha garganta se encheu com as lembranças de tanta perda.

“Conde Erik!” Vários guardas irromperam por entre as árvores e Erik se virou para eles com um olhar duro.

“Faulkner está morto. Vasculhe o terreno. O assassino dele ainda pode estar aqui.”

Eles se curvaram rapidamente e Erik empurrou as roupas de Faulkner para os braços de um dos homens. Erik pegou minha mão, me guiando de volta para o castelo, tirando a poeira de sua jaqueta.

Quando entramos, Valentina veio correndo em nossa direção, seu vestido preto flutuando atrás dela.

“Pelos deuses, para onde você fugiu, Erik?” Seus olhos escuros caíram sobre mim, foram para minha bolsa e então se estreitaram. Ela diminuiu o passo para uma caminhada, cruzando os braços. “Ela correu.”

A declaração fez minha pele arrepiar.

"Ela foi dar uma volta", Erik resmungou, me puxando, mas Valentina segurou seu braço.

“Ela é problema. Faça o que combinamos,” ela sibilou.

"Estou bem aqui", respondi bruscamente, com a raiva aumentando.

Os olhos dela deslizaram para mim. “Sim, eu vejo isso. Mas você não ficará por muito tempo. Talvez a gente te mande para o banco de sangue local, onde ninguém nunca mais vai pensar em você.”

“Chega,” Erik rosnou para ela. “Vá para casa, Valentina. A garota fica. Mais uma palavra sobre dispensá-la e você será a única que eu vou soltar.”

Ela olhou para ele com horror e eu não consegui conter um sorriso quando ela passou por nós e saiu pela porta. Relâmpagos brilharam no céu enquanto seu humor feroz alterava o clima. A visão de seu poder rapidamente apagou o sorriso do meu rosto.

O aperto de Erik em minha mão se firmou enquanto ele me levava para cima na direção do meu quarto. Ele me acompanhou para dentro e então me plantou na cama, seu olhar caindo para as tiras de camiseta rasgada em volta dos meus joelhos.

Ele suspirou, abaixando-se no chão diante de mim e começando a desamarrá-los.

“Erik,” eu engasguei. “Está tudo bem, eu farei isso.”

“Fique parado”, ele insistiu, soltando as amarras e revelando a pele arranhada por baixo.

Ele franziu a testa, levantou-se dos joelhos e foi até o banheiro. Ele retornou

um momento depois com um pano quente e começou a limpar a sujeira dos cortes com mãos surpreendentemente gentis.

Estremeci quando a pele rasgada ardeu com o toque do pano quente.

“Você não teria ido longe assim. Há vampiros na cidade que não teriam agido tão gentilmente se tivessem encontrado você.” Seus olhos brilharam com alguma emoção que não consegui identificar.

"E você se importa com isso?", perguntei, confusa e abalada pela noite que tive.

Ele me examinou por tanto tempo que minhas entranhas se desgastaram e se desfizeram. “Sim, eu me importo.”

“Então por que você não escuta nada do que eu digo?” Eu suspirei, meu coração apertando dolorosamente.

Ele abaixou a cabeça, parecendo em conflito enquanto o silêncio se passava entre nós. “Eu vou ouvir. Vá em frente.”

Minha garganta esmagou minha caixa de voz enquanto eu lutava pelas palavras que eu queria que ele ouvisse. *Realmente* ouvisse. Mas ele acreditaria em mim?

“O Reino A é uma mentira”, sussurrei. “Meu Reino não é nada disso. Vivemos em prédios vazios, sem aquecimento e com eletricidade racionada. Recebemos um saco de comida por dia que mal dá para uma única refeição.” Meu coração batia mais forte e as palavras começaram a fluir mais rápido, liberando tudo o que eu tinha passado e rezando para que ele acreditasse. “As pessoas desaparecem e não voltam. Às vezes ouvimos os gritos do banco de sangue no sul. Qualquer um que desafie os vampiros é espancado na rua. Houve momentos em que eles amarravam as pessoas por dias e tiravam suas roupas... as chicoteavam diariamente.” Balancei a cabeça enquanto as lágrimas ardiam em meus olhos e borravam o mundo diante de mim. “Minha família e eu queríamos escapar por tantos anos. Depois do teste, sabíamos que seríamos dilacerados. Minha irmã e eu seríamos mandados embora e teríamos que deixar meu pai. Ele está ficando mais velho e, eventualmente, eles o levariam como fazem com todos os idosos. Eles desaparecem. Eu vejo isso nos olhos deles, o medo. A preocupação de que eles não viverão mais um dia. Que eles serão levados para o banco de sangue e drenados pelo pouco valor que lhes resta. De uma forma ou de outra, as únicas pessoas no mundo com quem eu já me importei seriam tiradas de mim, e eu não podia deixar isso acontecer...”

As lágrimas caíram e a palma fria de Erik veio até minha bochecha, enxugando-as. Minha visão foi restaurada e eu o encontrei diante de mim, inclinando-se tão perto que eu não conseguia respirar.

“Isso é verdade?” ele sussurrou, uma dor crescendo em seus olhos.

“Sim”, engasguei, outra lágrima caindo no meu colo.

“Fabian comanda os Reinos,” ele revelou com um rosnado. “Eles são responsabilidade dele. Não estou dizendo que não sou o culpado, mas se você me ajudar a derrubá-lo, não deixarei esses padrões continuarem.”

Minha mente nadou com suas palavras. Fabian era o culpado pelas condições dos Reinos? Se isso fosse verdade, então eu tinha uma oportunidade de fazer algo a respeito. Uma chance que nenhum humano jamais teve.

Engoli minhas lágrimas enquanto uma firme determinação crescia dentro de

mim. Pelo bem de todos nos Reinos, eu tinha que ajudar Erik. E em troca, eu estava começando a acreditar que Erik ajudaria a mim e minha família também.

Erik se inclinou para perto e minha respiração ficou presa em meus pulmões. Ele estava a uma polegada de mim, sua boca tão perto e o cheiro dele prendendo meus sentidos.

"Não fuja de novo", ele sussurrou e meu coração começou a bater forte contra o peito, como se estivesse lutando para se aproximar dele.

“Não vou”, concordei.

“Vamos fingir que esta noite não aconteceu,” Erik rosnou e eu assenti, incapaz de dizer outra palavra. “Incluindo isso.” Sua boca encontrou a minha e meu coração brilhante se partiu em mil cacos de poeira estelar. Eu me banhei na luz que ele acendeu dentro de mim, espalhando-se por todos os cantos do meu corpo.

Quando ele segurou minha cintura e seu beijo se aprofundou, três coisas ficaram claras para mim.

Eu sabia que seguiria o plano dele.

Eu sabia que faria qualquer coisa para salvar minha família.

E eu sabia que Erik Belvedere iria partir meu coração.

SOMBRA ETERNA (ERA DOS VAMPIROS, LIVRO 2)

CLIQUE AQUI PARA FAZER A PRÉ-ENCOMENDA AGORA (LANÇAMENTO EM 29 DE MARÇO) o (2019)



Gostou de Eternal Reign (A Era dos Vampiros, Livro 1)?
Então deixe um comentário!

Obrigado de Susanne e Caroline :)

Amazon.com

Amazon Reino Unido

Boas leituras

Se você quiser ficar atualizado sobre meus próximos lançamentos, adoraria que você se juntasse à minha lista de e-mails VIP.

LIVRO DE VAMPIROS GRÁTIS AO SE INSCREVER!

Clique aqui para assinar

TAMBÉM POR CAROLINE PECKHAM

NOVELAS DOS JOGOS DE VAMPIROS
A GAME OF VAMPIRES (PREQUELA DA SÉRIE)
– GRÁTIS AO SE INSCREVER NA MINHA LISTA DE CORREIO!
CLIQUE AQUI PARA ASSINAR

OS JOGOS DE VAMPIROS: TEMPORADA 1
JOGOS V
V GAMES: FRESCO DO TÚMULO
V GAMES: MORTO ANTES DO AMANHECER

OS JOGOS DE VAMPIROS: TEMPORADA 2
JOGOS DE LOBO
JOGOS DE LOBO: ILHA DA SOMBRA
JOGOS DE LOBO: DESTINOS SEVEROS

OS JOGOS DE VAMPIROS: TEMPORADA 3
ENSAIOS DE CAÇADORES
HUNTER TRIALS: INTO THE DARK (EM BREVE)

SAGA ERA DOS VAMPIROS

REINADO ETERNO

SOMBRA ETERNA

MALDIÇÃO ETERNA

A SÉRIE A ASCENSÃO DE ISAAC
SOMBRA RASTEJANTE
NEVE SANGRANDO
MARÉ MUDANDO
CÉU LAMENTANTE
LUZ FALTA

A ASCENSÃO DAS NOVELAS DE ISAAC
FOGO CAINDO (PARTE UM)
FOGO CAINDO (PARTE DOIS)

Se você quiser ficar atualizado sobre meus próximos lançamentos, adoraria que você se juntasse à minha lista de e-mails VIP.
LIVRO GRÁTIS AO SE INSCREVER!
Clique aqui para assinar

Clique aqui para encontrar as últimas informações e muito mais em www.carolinepeckham.com

C venha e diga oi no **Facebook**

Ou **me siga no Twitter @carolinepeckham**

Ou dê uma olhada na minha página no Goodreads

TAMBÉM POR SUSANNE VALENTI

SAGA GAIOLA DE MENTIRAS

Acorrentado

Ligado

Quebrado

Vinculado

Livre

Novelas da Gaiola das Mentiras:

Vidro cortado

Brasas

SAGA DA TERRA CONTAMINADA:

Aflito

Alterado

Adaptado

Avançado

SAGA ERA DOS VAMPIROS

REINADO ETERNO

SOMBRA ETERNA

MALDIÇÃO ETERNA

Descubra as últimas informações sobre novos lançamentos e muito mais em

www.susannevalenti.com

Visite Susanne no Facebook

Adicione os livros dela à sua lista de leitura no Goodreads